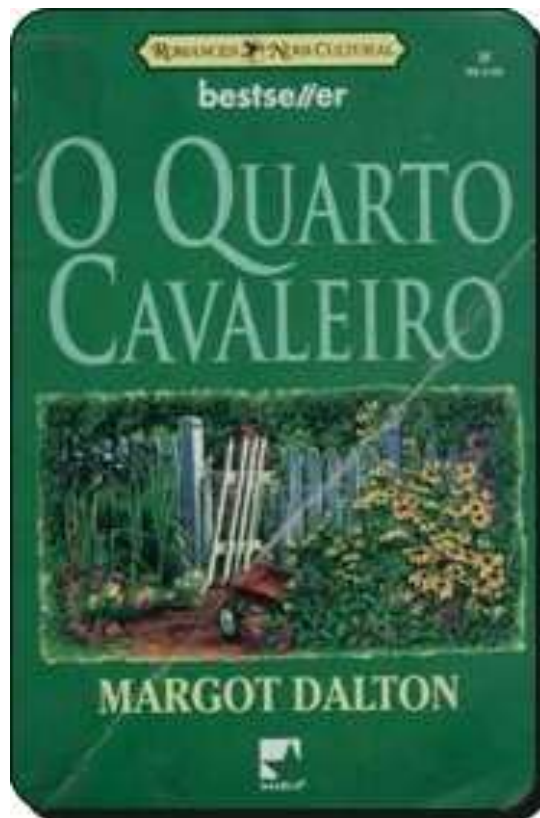




ADORO ROMANCES EM E-BOOKS APRESENTA!

O QUARTO CAVALEIRO

Fourth Horseman
MARGOT DALTON



BESTSELLER 38

Oficialmente ela ainda estava de licença maternidade.

Mas a investigadora Jackie Kaminski não podia deixar de lado aquele crime que aconteceu trinta anos atrás e que ainda não fora solucionado...

Jackie Kaminsk chega a um momento da vida em que seus instintos serão testados até o limite!

Como policial, suspeita que aquele bairro agradável e tranquilo esconde um segredo sinistro, e como mãe teme pela segurança do próprio filho.

As conversas informais como os vizinhos, a fim de reunir informações sobre um crime ocorrido há muitos anos, começam a perturbar alguém, e Jackie passa a receber ameaças. No entanto, quando ela descobre o diário da vítima.

DIGITALIZAÇÃO E REVISÃO: MARINA CAMPOS



CAPÍTULO I

Chovera durante a noite, uma chuva de primavera, rápida, mas forte, lavando as árvores e a planície dos últimos vestígios da neve do longo inverno. Ao amanhecer, as ruas de Spokane exalavam um perfume de frescor e limpeza, uma mistura da sálvia silvestre que o vento trazia do oeste e de grama nova rompendo a terra úmida.

Jackie Kaminski estava parada na esquina de um tranqüilo bairro residencial, encostada em seu carro e com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Ela era uma mulher alta, ainda esguia e atlética apesar de estar no final da gravidez. Os cabelos pretos e muito lisos emolduravam um rosto atraente que revelava a mistura de raças na pele dourada, nos olhos grandes e escuros.

Ela olhava fixamente para o pequeno sobrado com um diminuto jardim e uma cerca cuja pintura estava bastante descascada. A casa era de madeira, pintada de branco, com portas e venezianas verdes. De um dos lados, havia uma treliça coberta de hera e um portão que dava acesso ao quintal. Uma cerca-viva, bastante alta, cercava toda a propriedade.

Jackie respirou fundo e, automaticamente, colocou as mãos sobre o ventre. Ela estava entrando no oitavo mês de gravidez e tinha certeza de que podia sentir o contorno dos pés do bebê.

— Você gostou? — murmurou ela, para o filho ainda bem guardado em seu ventre. — O que você achou desta casa? Porque provavelmente será nossa, sabia? Decidi comprá-la para nós.

Ao ouvir as próprias palavras ecoando no silêncio daquela manhã de abril, Jackie sentiu uma súbita onda de pânico. Olhou ao seu redor, preocupada. Então, endireitou as costas ao ver que um outro carro estacionava atrás do seu.

Depois de apanhar uma pasta no banco de trás do carro, uma mulher desceu e caminhou na direção de Jackie. Ela era alta e de ossos grandes, provavelmente com quarenta e poucos anos, e vestia-se como uma executiva. O casaco preto longo e as meias pretas disfarçavam o excesso de peso, mas os cabelos de um tom de ruivo intenso demais para ser natural chamavam atenção para o rosto de traços fortes e pesados.

— Oi! Suponho que você seja a Srta. Kaminski, certo? — Ela estendeu a mão para Jackie. — Eu sou Lola Bridges.

— E eu sou Jackie.

Por um instante, as duas se examinaram em silêncio.

— Bem... Bom dia, Jackie. — A mulher remexia sem parar nos



bolsos do casaco. — É só eu encontrar a chave e...

Um veículo bastante veloz passou por elas, breiou e, fazendo a curva na interseção das duas ruas, estacionou na frente do carro de Jackie. Ela ficou tensa e apertou mais as mãos sobre o ventre.

Era uma caminhonete grande e coberta de lama. Enquanto as duas observavam, um homem desceu e veio em direção a elas.

O recém-chegado era alto e o sol pálido da manhã dava um tom ainda mais dourado aos cabelos loiros e à pele bronzada do rosto de traços fortes. Mesmo com uma calça jeans descorada, botas velhas e um casaco de couro forrado de carneiro que já vira melhores dias, ele não escondia a elegância inata que parecia contrastar com o ar de poder contido que tanto atraía Jackie.

Ela o viu se aproximar e, como de costume, teve a estranha sensação de que o amava tanto que até lhe faltava o ar. Sua primeira reação era jogar-se nos braços dele e não sair mais dessa prisão excitante. Mas, como sempre, o medo de Jackie, diante dessa emoção excessivamente forte, falou mais alto. Controlando-se, cumprimentou-o com um sorriso quase formal.

O olhar dele tinha uma intensidade perturbadora e se deteve por alguns segundos a mais no ventre de Jackie, para depois examinar-lhe o rosto, revelando desejo e paixão. Quando percebeu que estava sendo observado pelas duas mulheres, controlou-se com extrema rapidez e cumprimentou a desconhecida com um gesto de cabeça.

— Este é Paul Arnussen — disse Jackie à corretora de imóveis. — Ele é... Um amigo meu que veio dar uma olhada na casa, para verificar se não há nenhum problema com os alicerces e com a construção. Paul... Esta é Lola Bridges.

Ele cumprimentou a corretora, que o fitava nitidamente fascinada. Suas bochechas gordas e a boca entreaberta a faziam se parecer demais com um peixe de aquário usando maquiagem. Escondendo um sorriso, Jackie se encaminhou na direção da casa.

— Que tal nos apressarmos? — pediu ela, sem olhar para trás. — Estou aproveitando o intervalo do café e preciso voltar para o trabalho o mais depressa possível.

A corretora caiu em si e, recuperando em parte seu ar profissional, apressou-se a acompanhar Jackie. Paul as seguiu, olhando atentamente o exterior da casa.

— Pelo que eu soube, você já conhece a propriedade, certo?

— comentou Lola Bridges.

— Conheço — respondeu Jackie. — Estive aqui ontem à tarde, quando abriram a casa para visitas e passei mais de uma hora examinando tudo.

— Oh, sim! Meu assistente ficou encarregado de receber os interessados.
— Lola deu um sorriso profissional.

— Ele me disse que não teve um minuto de sossego a tarde inteira.

— Enquanto estive aqui, o movimento foi grande mesmo. Aparentemente, muitas pessoas estão procurando casa nessa época do ano.

Jackie afastou-se um pouco para permitir que Lola destrancasse a porta e, como o terraço da frente era mínimo, ficou quase encostada em Paul.

Como sempre acontecia quando Paul estava bem perto, o bebê começou a se mexer vigorosamente em sua barriga, como se pressentisse a proximidade dele e quisesse se mostrar.

Finalmente os três entraram na casa e Lola se afastou para acender todas as luzes. Sozinha com Paul, Jackie voltou a colocar as mãos sobre o ventre e suspirou.

— Acho que esse menino está dando saltos de acrobata de circo dentro da minha barriga. Estou quase maluca com os pulos dele!

Afastando o casaco, Paul colocou a mão sobre a barriga de Jackie. Quando o bebê, ao sentir a pressão da mão, se mexeu e deu um chute, o rosto dele relaxou, deixando aparecer aquele raro sorriso de encantamento que o transformava em um menino travesso.

A emoção veio à tona por um momento muito breve e foi rapidamente controlada. Retirando a mão, ele analisou o rosto de Jackie.

— Você está bem? Não tem ficado cansada demais?

— Estou ótima. Nesses últimos dias, tenho comido toneladas de espinafre e de fígado, até ficar enjoada — brincou ela, tentando parecer descontraída. — E tomo outras tantas toneladas de vitaminas e ácido fólico. Provavelmente este bebê vai ser a criança mais saudável do mundo.

Paul fez um ligeiro movimento, como se fosse tocar novamente a barriga dela ou falar algo de extrema importância. Para alívio de Jackie, a corretora voltava para junto deles, com uma pasta de papéis.

— E tudo muito simples — declarou Lola, olhando com indisfarçável curiosidade para os dois, que continuavam parados no diminuto vestíbulo de entrada. — Trata-se de uma casa encantadora e, por ser pequena, é ainda mais aconchegante e com tudo que uma família precisa... A moradia ideal para quem

está começando a vida de casado. A escritura não apresenta nenhum problema e não existe nenhuma hipoteca sobre ela. Pena que esteja vazia no momento. Os últimos moradores tinham feito uma decoração muito charmosa.

— Vou descer para ver o porão? — A pergunta de

Paul tinha mais um tom de afirmação. — Quero examinar os alicerces.

A corretora indicou uma porta ao lado dela e Paul se afastou, parecendo mais alto e com ombros ainda mais largos naquele vestíbulo estreito.

Lola continuava a olhá-lo, fascinada, e só depois que ele desapareceu, voltou a encarar Jackie. Sua expressão era nitidamente interrogativa.

— Preciso saber a quanto montam os impostos e as contas de água e de luz.
— Jackie ignorou deliberadamente a curiosidade evidente da corretora.

— Todas as informações que precisa estão nesta pasta. Podemos nos sentar e lhe explicarei o que não entender, depois que você e seu... — Lola hesitou, olhando para os papéis em sua mão.

— Depois que vocês dois tiverem olhado toda a casa.

— Obrigada.

Jackie entrou na sala de visitas, onde havia uma lareira antiquada, mas de linhas graciosas. Pela janela, via-se a varanda da frente e os galhos de uma árvore que quase tocavam a balaustrada.

— É uma sorveira, um tipo de eucalipto — explicou Lola, seguindo o olhar de Jackie. — No verão, ela sombreia toda a parte da frente da casa e a deixa mais escura, mas muito fresca.

Jackie imaginou os galhos cobertos de folhas verdes simbolicamente abraçando a casa e alegrando-a com o canto dos pássaros que a procurariam como um refúgio de frescor e paz. Então, virou-se para esconder sua expressão de encantamento e tocou o revestimento de carvalho trabalhado que chegava até a altura da lareira, à volta de todo o aposento.

— É um trabalho rebuscado demais, concorda? Sempre achei que não combinava nem um pouco com uma casa tão modesta.

Jackie estranhou o comentário depreciativo da corretora. Será que ela tinha algum outro comprador em vista e queria desencorajá-la?

— Você parece saber muito a respeito desta casa — comentou Jackie, tentando se mostrar despreocupada.

— Bem, na verdade, sei muito mesmo.

— Lola faz um gesto na direção da janela. — Meu pai mora na casa ao lado. Está aqui há vinte e cinco anos. Aliás, foi por isso que consegui ser a corretora encarregada de vendê-la. Papai era muito amigo dos proprietários, um casal ainda jovem.

— Verdade? Então você cresceu neste bairro? A mulher deu um sorriso irônico.

— Agradeço-lhe o elogio, mas você me julga mais jovem do que sou. Eu já estava na faculdade quando meu pai se mudou para cá.

Naquele instante, Jackie ouviu os passos de Paul subindo a escada do porão e se dirigindo para o segundo andar. Tensa, esperou que ele examinasse tudo e viesse novamente ao encontro delas.

— Então? — perguntou, vendo que ele parará no arco que dava acesso à sala e a olhava em silêncio.

— Parece que está tudo bem. Encontrei duas ou três rachaduras no porão, mas isso seria de esperar em uma casa dessa idade. Por sorte, são verticais e não devem causar nenhum transtorno. O problema são as horizontais, que acabam fazendo você gastar uma montanha de dinheiro.

Jackie sentiu-se extremamente aliviada.

— Você poderia nos desculpar por um momento? Paul se dirigiu à corretora e, com um gesto de cabeça, indicou a Jackie que o acompanhasse até a cozinha. Ela o seguiu, sentindo a tensão aumentar. Durante alguns minutos ele apenas a fitou, em silêncio.

— Você tem mesmo certeza do que está fazendo, Jackie?

— perguntou ele, finalmente. — É isso que realmente quer?

— Por favor, Paul! Eu não suporto falar sobre isso de novo. Já discutimos centenas de vezes esse assunto e nunca chegamos a conclusão alguma.

— Não chegamos porque você se recusa... — ele parou de falar, nitidamente aborrecido, e virou o rosto, olhando para o quintal através da janela da cozinha.

A proximidade de Paul invariavelmente despertava em Jackie um desejo sexual de uma intensidade perturbadora. Como sempre, se seguisse seu impulso, se aninharia nos braços dele, envolvida pelos braços fortes, pelo cheiro másculo, e se esqueceria do mundo. Era preciso um esforço deliberado e quase sobre-

humano para controlar suas emoções a fim de evitar que ele visse sua fraqueza.

— Não estou preparada para ir viver com você na fazenda, Paul. E... Não sei se estarei algum dia.

— Por que não? — insistiu ele, encarando-a novamente.

— Você sempre me diz que gosta de estar no campo.

— Não seja obtuso, Paul! Você sabe que não se trata de uma questão de morar na cidade ou no campo. É...

— É uma questão de compromisso, certo? Não estou sendo obtuso, apenas insistente, porque você já deixou bem claro... Claro demais, que tem pavor de se comprometer a passar o resto da vida ao meu lado. Só Deus sabe quantas vezes brigamos por causa disso! Mas eu não pensei que você fosse tão longe assim.

— Tão longe?

— A ponto de preferir criar seu filho sem um pai.

— Mas não tenho a menor intenção de criar o bebê sem você!

— exclamou ela, horrorizada. — Quero que veja seu filho quantas vezes quiser.

— Ainda bem que você me deu permissão! Vai ser ótimo vê-lo apenas nos fins de semana, conversar com ele ocasionalmente pelo telefone... Vai ser uma vida maravilhosa!

Jackie ignorou o sarcasmo, acostumada aos argumentos de Paul, pois já haviam discutido exaustivamente aquele assunto.

— Não quero criar meu filho dentro de um apartamento

— prosseguiu ela, como se não tivesse ouvido o comentário de Paul. — É por isso que decidi comprar esta casa, Achei que seria a solução ideal.

— Pois eu ainda acho que é a pior solução. Vocês dois deveriam viver comigo. Quero que meu filho cresça em uma casa onde moram o pai e a mãe. Quero me casar com você... Sempre quis e não vou mudar de idéia.

— Olhe, não tem o menor cabimento ficarmos discutindo aqui...

— Eu sei — interrompeu ele, com uma expressão desanimada.

— Aliás, estou cansado de saber! E também já não agüento mais discutir. Não agüento mais esses seus medos, esses demônios com os quais vem lutando desde a infância e perdendo sempre. Só queria que você me desse à chance de lhe mostrar que tenho condições de lhe dar segurança. Não pode ao menos

tentar, Jackie?

Por um instante, ela se deixou seduzir pela idéia de viver na mesma casa que Paul, imaginando-se dormir e acordar na mesma cama que ele. Logo a imagem idílica foi afastada pela familiar onda de medo.

Jackie Kaminski sempre preferira a solidão. Sozinha, ela conseguia cuidar de si mesmo e não viveria atormentada pelo pavor de ser abandonada. A perspectiva de colocar sua vida nas mãos de alguém, mesmo que fossem as do homem que amava, era apavorante demais.

— Por favor, Paul... Nós estamos ferindo um ao outro sem necessidade — murmurou ela, desviando o olhar.

— Será que não podemos falar sobre a casa?

— Claro — declarou ele, com voz fria. — É uma casa bastante boa. Se quer mesmo comprá-la, vá em frente. Eu diria que é um ótimo negócio pelo preço que estão pedindo.

Paul virou-se e saiu da cozinha. Jackie o seguiu alguns segundos depois e o viu despedir-se rapidamente de Lola Bridges. Sem se virar para trás, ele saiu da casa e caminhou para sua caminhonete.

— Oh, meu Deus! Que homem maravilhoso!

— exclamou a corretora, correndo para a janela a fim de vê-lo entrar no carro. — Ele é um... Amigo?

— É o pai do meu filho — declarou Jackie, com um tom de voz que indicava o fim daquele assunto.

— Agora será que podemos ver essa pasta com os documentos da casa? Não tenho muito tempo.

As duas sentaram-se no banco traseiro do carro de Lola, com os papéis e os formulários espalhados entre elas. A corretora era quem fazia as perguntas, sempre com a máquina de calcular na mão.

— E onde você trabalha, Jackie?

— Sou investigadora do Departamento de Polícia de Spokane.

— Verdade? — Lola demonstrou sua surpresa. — E há quanto tempo tem esse emprego?

— Fui promovida a investigadora quatro anos atrás, mas já estou na polícia há quatorze anos, desde os meus vinte anos.

— Todo esse tempo em Spokane?

— Comecei minha carreira como policial em Los Angeles, onde fui criada. Depois de cinco anos, mudei-me para Spokane.

— Que fascinante! — declarou Lola, escrevendo sem parar.

— E de quanto seria seu salário anual? Preciso saber a fim de calcular se você tem garantia de renda suficiente para conseguir uma hipoteca no banco.

— O salário base é de quarenta e um mil dólares por ano, mas as horas extras ajudam a aumentá-lo bastante. De maneira geral, retiro dois mil e quinhentos dólares por mês, depois de todos os descontos.

— Quanto poderia dar de entrada, Jackie?

— Tenho onze mil dólares em minha poupança, mas gostaria de reservar uma quantia para comprar o que for necessário quando o bebê nascer.

— Claro! Uma entrada de nove mil dólares é mais do que adequada. — Lola fez algumas contas na calculadora.

— Portanto, se conseguirmos um pequeno desconto, você precisaria de uma hipoteca sobre o valor de oitenta mil dólares. Incluindo-se juros e impostos, você teria de assumir um pagamento mensal ao redor de setecentos dólares, o que representa pouco mais de vinte e cinco por cento de seu salário.

— Acha que o banco me fará esse empréstimo?

— Tenho certeza que sim! Na verdade, você poderia até conseguir uma soma bem maior, se quisesse comprar uma casa mais... — Lola hesitou como se tivesse receio de ser ofensiva.

— Uma casa mais nova.

— Não quero uma casa mais nova!

— exclamou Jackie, aliviada. — Quero esta.

— Tem certeza? Não compensa comprar qualquer propriedade, só porque ela está barata, entende? Você tem um bom salário e pode dar uma entrada razoável. Eu bem que lhe poderia mostrar casas muito mais atraentes.

— Mas eu quero esta casa.

Lola franziu a testa. Ela parecia prestes a continuar enumerando argumentos, mas deu um sorriso e desistiu.

— Está bem. Então, teremos de preencher este formulário com sua proposta e esperar que a aceitem certo?

— Certo — murmurou Jackie, olhando para a casa pequena e velha, mas que tanto a agradava.

Na verdade, a insistência e o ar superior de Lola a irritavam, mas não queria se mostrar hostil com a corretora. No momento, tinha a desagradável sensação de que o seu futuro e o do bebê estavam nas mãos gordas e cheias de anéis daquela mulher pouco simpática.

— Quando devo ir ao banco?

— O mais depressa possível — aconselhou Lola.

— Que tal hoje mesmo? Se os proprietários aceitarem sua proposta, precisaremos da anuência do banco a respeito da hipoteca a fim de podermos fechar o negócio.

Jackie sentiu o estômago se contrair de ansiedade, um nervosismo que se originava de sua insegurança a respeito de dinheiro e era uma herança de sua infância muito pobre.

— Acha mesmo que o banco não colocará nenhum obstáculo ao meu pedido de empréstimo?

— Não me parece haver nenhum problema a esse respeito. A não ser que você tenha muitas outras dívidas ou pagamentos mensais fixos.

— Só tenho a prestação do carro, que é de trezentos dólares por mês, mas restam apenas alguns meses para pagar.

— Nenhuma dívida referente aos seus cartões de crédito?

— Não. Só tenho um cartão de crédito e sempre pago o total. Sou muito disciplinada a respeito de dinheiro.

Era realmente verdade. A única extravagância de Jackie era a quantia mensal que enviava para a avó, em Los Angeles.

Só Deus sabia o que a velha senhora fazia com os seus cheques!

Irene Kaminski jurava que havia parado de beber, que o dinheiro ia direto para o banco, de onde era retirado para comprar comida, pagar as contas dos médicos e melhorar um pouco a qualidade de vida dela e dos dois primos de Jackie, Joey e Carmelo, dois malandros desocupados que viviam com a avó apesar de já terem mais de vinte e cinco anos.

Jackie também passara sua infância naquele apartamento esquálido na parte sul de Los Angeles, depois que seu pai desaparecera no mundo e sua mãe morrera de overdose, quando ela era apenas um bebê.

Irene Kaminski assumira a responsabilidade por sua criação e foi sempre aumentando o número de netos que viviam sob sua tutela, um bando de crianças indisciplinadas que ajudavam a tornar ainda pior o temperamento ranzinza e

neurastênico da avó.

Entretanto, quando Jackie visitava Irene, o que estava se tornando mais raro nos últimos anos, ela não via nenhuma evidência do dinheiro que enviava. Os poucos aparelhos domésticos continuavam os mesmos, sempre velhos e problemáticos, e a janela, cujos vidros haviam sido quebrados durante um tiroteio entre vizinhos, há alguns anos, ainda estava coberta por um papelão.

Sem dúvida sua avó gastava todo o dinheiro em vodca e no bingo. Se Jackie demorava um pouco para enviar o cheque, recebia um telefonema abusivo. Apesar de se considerar adulta, não conseguia se defender dos ataques verbais de excessiva violência da velha Irene.

Na verdade, esse era um dos motivos de muitas brigas entre ela e Paul.

— O que disse? — perguntou ela, percebendo que Lola falara com ela e esperava uma resposta.

— Eu só pedi que assinasse a proposta.

Jackie olhou para o papel e estremeceu. Subitamente, sentiu um medo incontrollável de dar aquele passo. Jackie Kaminski... Proprietária de uma casa? Era absurdo!

Procurando não demonstrar o quanto estava apavorada, ela assinou o formulário e o devolveu à corretora.

— Ótimo! — exclamou Lola, enfiando o papel em sua pasta.

— Agora voltarei para meu escritório e apresentarei sua proposta aos proprietários do imóvel. Ligo para você assim que tiver uma resposta.

— Obrigada. Espero seu telefonema.

— Aquele homem... O seu amigo...

— Lola parecia disposta a prolongar a conversa.

— Sim?

— Bem, desculpe minha curiosidade, sim? Você disse que ele é o pai do bebê. Mas, pelo que pude perceber, não pretendem morar juntos, certo?

— Certo — respondeu Jackie, secamente.

Evitando olhar para a corretora, ela viu um gato preto, bastante magro, se esgueirar por debaixo da treliça lateral e, depois de cruzar o terraço muito calmamente, desaparecer entre os arbustos junto da cerca.

— Não quero ser intrometida, mas se você não se incomoda em falar sobre

o assunto... Por que não?

Na verdade, falar sobre aquele assunto incomodava Jackie, incomodava muito! Ela examinou a outra mulher, com sua maquiagem exagerada, cabelos tingidos de uma cor gritante e roupas que chamavam atenção e suspirou. Como Lola tinha coragem de fazer uma pergunta tão pessoal?

— Sabe... Se eu tivesse um homem lindo como ele, — Lola suspirou desanimada, não o perderia de vista nem um só minuto!

Jackie olhou novamente para as mãos da corretora. Entre os inúmeros anéis faiscantes não havia nenhuma aliança de casamento. Subitamente, sua irritação deu lugar à pena e a uma simpatia um tanto relutante. Aquela pobre mulher parecia ser muito solitária e ela sabia tudo sobre solidão.

— Paul e eu temos diferenças irreconciliáveis — disse ela, finalmente. — Ele mora em uma fazenda, perto de Reardan. Eu teria muitas dificuldades em morar longe da cidade. Minhas horas de trabalho são fora do padrão e, muitas vezes, fico de plantão. Além disso, ele não acha nada agradável que sua esposa seja uma policial, porque considera uma ocupação perigosa demais. Se morássemos juntos, certamente iria me pressionar a deixar o emprego. Em especial agora que estou grávida.

— Mas vocês continuam amigos?

Jackie lembrou a expressão magoada de Paul, a raiva dele diante da compra de casa e... O olhar de desejo que nunca diminuía de intensidade. A tensão entre eles aumentara muito nos últimos dias. Realmente, parecia-lhe impossível que qualquer outra pessoa conseguisse compreender a complexidade do relacionamento deles, essa luta feroz entre a atração potente e duradoura que os unia e os medos, incertezas e as diferenças de opinião que impediriam uma convivência harmoniosa.

— Sem dúvida — murmurou ela, depois de alguns minutos de silêncio. — Continuamos amigos.

— Acho tão romântico! — Lola exclamou, suspirando.

— Romântico? — Jackie sorriu contrafeita.

— Não acho que essa palavra seja adequada para descrever nosso relacionamento.

— Ah, ele a ama muito! Aquele homem está louco por você. Basta ver a forma como ele a olha. Só um cego não veria...

— Bem, eu preciso ir — disse Jackie, cansada de discutir aquele assunto. — Mas... Será que pode deixar a chave comigo? Eu gostaria de visitar novamente a casa... Sozinha.

— Normalmente isso não é permitido, sabe?

— Lola deu um sorriso de cumplicidade. — Entrarei com você na casa e depois saio, como se não soubesse de nada. Não se esqueça de trancar a porta quando for embora.

— Muito obrigada. Agradeço sua compreensão.

Ela seguiu a corretora até a porta de entrada, mas só entrou na casa quando viu o carro de Lola desaparecer no fim da rua.

Finalmente ela colocou os pés dentro da casa e sentiu o bebê se mexer em sua barriga.

— Parece que vai mesmo acontecer, querido — murmurou ela, falando com o filho. — E sabe do que mais? Já temos um gato!

Apesar do gato preto não estar à vista, Jackie notara o comportamento de proprietário do felino ao passar debaixo da treliça e caminhar pelo terraço.

Mas gatos pretos supostamente trazem muito azar, não é?

Era impossível não lembrar-se da avó, sempre profundamente supersticiosa. *Um gato preto é um terrível presságio, Jackie. Se avistar um, quando está começando alguma coisa nova em sua vida, pode desistir porque não vai dar certo.*

Ela forçou-se a não pensar na amargura da avó diante de tudo e começou a percorrer os cômodos, sentindo a euforia crescer.

Era verdade e ia acontecer! Ela estava prestes a se tornar dona dessa casa. Pela primeira vez em sua vida, teria uma propriedade apenas sua!

A janela em arco, combatentes de carvalho, o papel de ramalhetes de flores que cobria a sala de visitas, o banheiro com uma imensa banheira antiga e a árvore frondosa que lhe daria sombra no verão... Tudo isso seria seu.

Jackie já se apaixonara pela casa. Eufórica, subiu as escadas a fim de examinar novamente o quarto que seria do bebê. O papel de parede estava descorado e manchado, deixando entrever a madeira sobre a qual fora colado.

Ela e Paul haviam empapelado a sala e o quarto da fazenda, quando ele reformara a casa. Talvez lhe pedisse para ajudá-la, pois trabalhavam bem juntas. Então lembrou-se da raiva e da frustração dele naquela manhã e desistiu.

— Estamos por conta própria, filhote. Seu pai não gostou nada de minha insistência em vir morar nesta casa, sabe? Não seria justo pedir-lhe para nos ajudar a colocar o papel.

Jackie se moveu pelo quarto, decidindo onde colocaria o berço, o trocador e a pequena cômoda, com desenhos de ursinhos nas gavetas, que já comprara há algum tempo.

Ao se aproximar da janela, sentiu um vento gelado em seu pescoço. Surpresa examinou os vidros e os batentes a fim de descobrir de onde viera o sopro de ar frio. Mas não havia nada aberto e a cortina, gasta e amarelada, permanecia imóvel.

Então, ela sentiu novamente o frio excessivo do quarto e não controlou um arrepio de medo, como se estivesse na presença de algo muito maligno. Voltou a procurar uma fresta na janela e, mais uma vez, não encontrou nada.

Naquele instante, a cortina oscilou, como se uma brisa leve a movesse.

Quando uma cortina se mexe e não há vento... Significa um azar terrível, Jackie! Quer dizer que alguém vai morrer naquele quarto muito em breve...

Jackie assustou-se com sua própria sensação de pânico irracional. Nunca prestara a menor atenção nas superstições da avó, mas a lembrança das palavras dela a aterrorizaram. Sem dúvida, só podia estar sensível assim por causa da gravidez.

Sem olhar para trás, ela saiu do quarto e desceu as escadas, com passos firmes. Não pretendia se tornar uma mulher cheia de manias só porque ia ter um filho!

Entretanto, sua mão permaneceu sobre o ventre, como se precisasse proteger o bebê. Mas a sensação de tragédia iminente não desapareceu nem mesmo depois de trancar a porta e parar na calçada sob o luminoso sol de abril.

CAPITULO II

Já passava do meio dia quando Jackie chegou à delegacia, com os

sanduíches que comprara para o almoço, e entrou na sala privativa dos investigadores. Brian Wardlow estava sentado à escrivaninha, em mangas de camisa, com o revólver no coldre que prendia debaixo do braço. Pendurara, no encosto da cadeira, o paletó xadrez e a gravata com listras azuis. A sua frente, havia uma pilha desorganizada de pastas e relatórios que cobria toda a superfície da mesa. O rosto normalmente alegre e bem-humorado estava pálido de cansaço e as sardas pareciam salientes e mais escuras.

— Trouxe seu almoço — disse Jackie, colocando sobre a escrivaninha o saco de papel com o hambúrguer e as batatas fritas que comprara para ele.

Sem desviar os olhos do relatório que estava lendo, Brian pegou o sanduíche e começou a comê-lo.

— A sua gratidão me comove, Brian!

Jackie sentou-se na escrivaninha ao lado dele e, depois de abrir o recipiente de plástico com a salada verde que abria seu almoço, ligou o computador.

Wardlow continuava mergulhado na leitura do relatório, mastigando o sanduíche, sem erguer a cabeça.

Perdendo a paciência, ela arrancou a pasta da mão dele.

— Ei, Kaminsky! — protestou ele. — O que está fazendo?

— O mundo não vai acabar se você parar por cinco minutos para almoçar em paz. Provavelmente está aqui desde... talvez desde as cinco da manhã?

— É, mas ainda tenho de verificar...

— Cale a boca.

Jackie foi até a máquina de café e encheu uma caneca para Brian, parando também para pegar um copo de água para si mesma.

Wardlow espreguiçou-se, esticando os braços sobre a cabeça e depois apanhou um punhado de batatas fritas.

— Eu odeio este trabalho!

— Não pense que vou ter pena de você, boneco.

Ele deu um sorriso malicioso e começou a voltar ao normal.

— Está ficando louca com o trabalho de escritório?

A pilha de pastas junto do computador aumentava a cada dia e o desânimo de Jackie também.

— Estou amarrada nesse serviço interno há quase três meses. Desde

então, não participei mais de nenhuma missão externa.

— Bem, foi você quem inventou de ficar grávida, garota.

— Rindo, Wardlow apanhou mais um punhado de batatas fritas e tomou um gole de café.

— Mas essa regra é absurdamente arcaica! Por que essa idéia ridícula de colocar uma policial fazendo trabalho interno tão logo a barriga comece a aparecer? Que mal poderia causar uma investigadora grávida, entrevistando uma testemunha? Tenho certeza de que todos sabem de onde vêm os bebês.

Wardlow encolheu os ombros e não disfarçou o tédio.

Ele ouvira essas mesmas queixas de Jackie dezenas de vezes desde que seu superior, o sargento Lew Michelson, a afastara das investigações quando ela completara o quinto mês de gravidez.

— Obrigado pela comida, Kaminsky.

— Ele desembulhou o segundo hambúrguer.

— Sinta-se à vontade — resmungou ela.

— E o que esteve fazendo esta manhã? Adrienne tentou entrar em contato com você e não conseguiu.

— Adrienne? — Jackie parou de comer a salada e, limpando a maionese da boca, apanhou o telefone.

— Por Deus, Brian! Por que não me disse antes?

— Não fique em pânico porque não é nada urgente. Ela só queria que você passasse na casa dela para tomar um leite com biscoitos quando sair do trabalho... se der tempo, é claro.

— Ainda bem — murmurou Jackie, aliviada, e recomeçou a comer a salada.

Sua melhor amiga, Adrienne Calder, estava prestes a dar a luz. Jackie esperava, a qualquer momento, que ela fosse para a maternidade e seu nervosismo tinha um motivo concreto. Adrienne também ia ter o primeiro filho e estava quase com quarenta anos. Apesar da situação causar certas preocupações, sua amiga parecia indiferente a tudo, movendo-se serenamente e com um brilho de intensa felicidade no rosto já maternal.

— Você vai sair da delegacia no meio da tarde, não? — perguntou Wardlow, terminado de tomar o café. — Achei que teria de ir ao fórum para o julgamento do assassino de Daria Drake.

— Exatamente! Meu depoimento foi marcado para as três da tarde. Mas não vai ter a menor graça, sabe?

Eu preferia ficar aqui mesmo pondo em dia essa maldita papelada.

— É mesmo impossível agradar esta mulher! — Wardlow deu uma risada maliciosa. — Então? Que tal me contar o que andou fazendo esta manhã?

— Comprei uma casa — disse Jackie, separando uma das pastas que teria de levar para o julgamento, na qual se viam fotos da jovem que fora esfaqueada.

— Kaminsky! — Ele a encarou, boquiaberto.

— Está brincando?

— Não, estou tremendo de medo.

— Realmente comprou uma casa? Onde?

— Fica perto do parque Corbin. Na verdade, é na rua em que Maribel Lewis vivia. Lembra-se qual é o bairro?

— E como eu poderia esquecer? Foi nosso primeiro homicídio! Além disso, foi onde conheci Chris. — ele suspirou.

— Nós nos divertimos muito juntos, não é verdade, Kaminsky?

Jackie ergueu a cabeça, surpreendendo-se com aquela manifestação de um sentimento pessoal, tão pouco comum

O QUARTO CAVALEIRO

— Sem dúvida, Brian. Sempre nos divertimos muito e mal posso esperar pela hora de voltar a ativa.

— Mas talvez eu não a aceite de volta. Enquanto você estiver gozando sua licença maternidade e eu tiver maiores chances de me entender com Pringle, pode ser que queira mantê-lo como meu parceiro. Ele é tão divertido!

Jackie caiu na gargalhada e fingiu dar um soco no braço de Brian.

— Oh, você vai me aceitar de volta, sim, companheiro. Dave Pringle começara sua carreira na polícia fazendo

a ronda das ruas de Spokane e recentemente passara no exame de investigador. Fora designado para parceiro de Wardlow, enquanto Jackie estivesse de licença. Ele era um jovem competente, mas conhecido por ser calado demais e por sua falta absoluta de senso de humor.

Na verdade, Pringle só falava mesmo quando alguém lhe fazia uma pergunta. Esse temperamento um tanto soturno e nada comunicativo frustrava Wardlow que era exuberante e animado.

— Fale-me sobre essa casa, Kaminsky.

Animada, Jackie descreveu o pequeno sobrado branco com janelas verdes.

— E você já fez uma oferta para comprá-la?

— Bem... eu assinei a proposta há cerca de uma hora. A corretora deve me ligar à tarde, a fim de me comunicar se os proprietários aceitaram ou não minha oferta. Ainda preciso ir ao banco para preencher uma ficha e saber se estou qualificada para fazer uma hipoteca.

— Claro que você é qualificada — declarou Wardlow, tranquilizando Jackie. — A casa é pequena e não vai haver problema algum.

— Estou bem mais sossegada, pois você agora é uma autoridade em assuntos financeiros — brincou ela.

O parceiro de Jackie também acabara de comprar uma casa nova. Wardlow e sua namorada, Christine Lewis, iam se casar no começo do outono, mas já haviam somado seus recursos para adquirir uma boa área fora da cidade, onde Chris e o filho poderiam criar cavalos.

— Eu não poderia assumir uma prestação mensal tão alta quanto a sua.

— Eu e Chris temos bons salários.

— Sorrindo, ele tocou o ventre de Jackie. — Desde que eu consiga impedir *isso* de acontecer, não terei problemas para pagar a hipoteca.

— Você não quer ter filhos... Nunca?

— Claro que quero. Só estava provocando você, Kaminsky. Mas, falando sério... Alguém foi ver a casa para verificar se está tudo em ordem com os alicerces, as calhas de escoamento de água e a fiação elétrica?

— Paul foi até lá hoje da manhã e verificou tudo para mim.

— Ele foi mesmo? — Wardlow a encarou, surpreso. — Você está brincando...

— Nós somos amigos, Wardlow. Afinal, ele é o pai do meu bebê.

— Claro que é, mas não pode estar nem um pouco feliz com essa sua idéia de comprar uma casa. Paul pode considerar essa decisão como a morte de sua última esperança, certo?

Jackie mudou de posição na cadeira, sentindo-se desconfortável por causa do ventre volumoso e também por causa da pergunta de Wardlow.

— Olhe, eu não quero falar sobre esse assunto, entendeu? Você é tão intrometido quanto a corretora de imóveis. Ela queria saber porque eu e Paul não

estamos vivendo juntos.

— E não lhe disse que não era absolutamente da conta dela?

— perguntou Brian, rindo.

— Tive vontade de dar essa resposta, num tom de voz bem malcriado, mas ela estava preenchendo a minha proposta de compra. Fiquei completamente intimidada.

— A maternidade está deixando você muito mole, Kaminsky. Em outras épocas, você teria mandado a intrumetida para o inferno!

— É provável que sim — respondeu Jackie, rindo e devolvendo a Brian a pasta que arrancara das mãos dele, ao chegar com os sanduíches. — Como vai indo esta investigação?

— Não vai nada bem — disse ele, suspirando de desânimo.

— Quatro joalherias foram assaltadas e o ladrão levou todas as peças mais valiosas que havia nelas. Até agora, os prejuízos superam meio milhão de dólares e não existe uma única evidência de entrada forçada. O indivíduo entra e sai das lojas sem deixar pistas.

— Então você acha que é alguém de dentro que está tramando tudo?

— Só poderia ser isso, certo? Mas não encontramos nenhuma conexão entre as equipes que trabalham nas quatro joalherias, portanto essa hipótese não tem fundamento. Estou ficando maluco!

Jackie olhou para a pasta de Brian e depois para a pilha de papéis sobre sua escrivaninha. Eram processos administrativos, entediantes e repetitivos, algo que qualquer principiante poderia dar conta sem ter de pensar muito.

— Deixe-me ver o que você já conseguiu até agora.

— Ela olhou para o relógio. — Ainda estou na minha hora do almoço e posso fazer o que tiver vontade, concorda?

— Grande Kaminsky! — exclamou ele, nitidamente agradecido e mais animado. — Você faria isso por mim? Como sabe Pringle não é uma fonte de boas idéias em circunstância alguma, quanto mais em uma investigação que envolva o raciocínio.

Ela fez um sinal com a mão para que ele calasse a boca e se concentrou nos detalhes da investigação. O mistério da falta de evidências de entrada forçada a intrigava.

— Como eu adoraria estar fazendo essa investigação com você, Wardlow — disse ela, suspirando.

— Se estivesse ao seu lado, interrogando e conversando com os funcionários e os donos das lojas, teria uma idéia muito mais clara da situação.

— Sem sombra de dúvida, seria bem mais clara do que a de Pringle — resmungou Brian, irritado.

Jackie tornou a ler cada um dos assaltos, fixando-se mais nas conclusões dos técnicos de criminalística e depois olhou para Wardlow.

— Alguém já foi verificar o telhado?

— O telhado? — perguntou ele, sem entender o motivo da pergunta.

— Talvez não seja o caso de um assalto tramado por alguém de dentro, Wardlow. Todas as joalherias ficam em prédios de apenas um andar, certo? E se o indivíduo examina os locais previamente, a fim de verificar se oferecem as condições que ele precisa para o roubo, e entra por algum dueto de ar condicionado ou algo semelhante? Dessa forma, não haveria nenhum sinal de entrada forçada.

Wardlow a encarou, fascinado, e ergueu-se da cadeira, quase dando um salto. Aflito, vestiu o paletó, colocou a gravata e enfiou os papéis referente ao caso em sua pasta.

— Kaminsky — gritou ele, já perto da porta, você é um gênio!

— Não seja bobo! — murmurou ela, envergonhada.

Na verdade, Jackie sentia-se incrivelmente satisfeita por ter decifrado aquele mistério, mas sua alegria durou apenas até iniciar o trabalho na primeira das intermináveis e entediantes pastas de multas de trânsito.

No meio da tarde, Jackie desceu até o subsolo, onde ficavam os armários. Trocou a camisa confortavelmente larga e a calça de veludo pela única roupa mais formal em que ainda cabia àquela altura. Era um conjunto preto, que comprara em uma loja para grávidas, de calça comprida e túnica... Infelizmente de lãzinha. Olhando-se ao espelho, ela franziu a testa, insatisfeita.

Desde que Michelson a afastara das investigações, relegando-a ao insuportável trabalho de escritório, Jackie deixara de usar o revólver que, em outros tempos, era parte integrante de seu vestuário.

Mesmo agora, alguns meses depois, ainda se sentia estranha e quase nua ao sair da delegacia sem o reconfortante volume do coldre preso na cintura.

Não que estivesse faltando volume em sua cintura nos últimos tempos!

Depois de escovar rapidamente os cabelos e passar batom, ela apressou-se

a ir para o fórum, mesmo sabendo que, depois de ter corrido tanto para ser pontual, teria de esperar um bom tempo antes de ser chamada a depor.

Na verdade, foi obrigada a esperar mais de uma hora na sala de testemunhas, sentindo a irritação crescer a cada minuto que passava.

A polícia de todo o país gastava milhões de dólares pagando policiais que perdiam seu valioso tempo, esperando para poder testemunhar nos julgamentos de casos que eram, com muita frequência, adiados ou mesmo cancelados.

Como se não bastasse, ainda era necessário pagar hora extra para que esses mesmos policiais pudessem colocar em dia o trabalho atrasado, graças às horas perdidas no fórum.

Na opinião de Jackie, todo o sistema judiciário estava ultrapassado e era um poço sem fundo que engolia o dinheiro dos contribuintes, sem grandes resultados, práticos.

Ela já estava profundamente irritada, e o calor provocado pelo conjunto de lã não ajudava em nada seu humor, quando foi chamada para depor.

O promotor perdeu um tempo ridiculamente longo estabelecendo a identidade e as credenciais de Jackie, como se ela fosse uma perita em algum aspecto técnico da investigação, e não apenas a investigadora que acompanhara o caso.

Toda aquela formalidade tinha um motivo concreto: o caso a ser julgado envolvia pessoas poderosas e tanto o promotor quanto o advogado de defesa estavam tomando todos os cuidados possíveis a fim de não cometer erros que recairiam sobre suas próprias cabeças na hora da apelação.

Enquanto Jackie respondia calmamente as perguntas, Jason Burkett, o candidato a um lugar no Congresso e o acusado do crime a ser julgado, se mexia, inquieto, rodeado por sua equipe de advogados. Pálido e tenso, ele parecia procurar por alguém, mas a bela e glamorosa Sra. Burkett não estava entre as pessoas que enchiam a sala de julgamento.

Segundo as fofocas que circulavam pela delegacia, Norine Burkett não perdera tempo para consertar sua vida e já se envolvera com outro homem poderoso e a caminho de uma brilhante carreira na política.

O testemunho de Jackie girava em torno de uma tarde muito fria de dezembro do ano anterior, quando ela e Wardlow haviam descoberto o corpo de Daria Drake, e sobre os detalhes da cena do crime e da autópsia.

Mal Jackie iniciara seu testemunho, os trabalhos foram interrompidos por aquele dia e ainda não haviam sido abordados os aspectos mais terríveis do crime

cometido. Ela teria de retornar na tarde seguinte e relatar ao júri o que acontecera naquela cabana isolada à beira do rio Spokane. Como ela detestava ter de reviver a sensação de horror, de voltar a sentir o cheiro de pólvora e de sangue!

Mesmo depois de sair do prédio antigo e abafado e respirar o ar fresco da praça em frente ao fórum, ela ainda revia, em sua mente, aquela cena trágica, que sempre a fazia se sentir vulnerável, frágil e ligeiramente nauseada, apesar dos enjoos de gravidez terem terminado há muitos meses.

Eram quase quatro e meia. Jackie relutava em retornar à delegacia, pois terminara quase todo o trabalho daquele dia e faltavam apenas quarenta minutos para o final de seu turno. E ela estava vestida para sair e não para trabalhar!

Respirando fundo, criou coragem para ir até o banco. Depois de estacionar o carro, olhou-se criticamente no espelho retrovisor e desceu, levando consigo, a pasta cheia de documentos, entre os quais estavam os comprovantes de seu salário dos últimos anos, declarações de imposto de renda e a cópia da proposta de compra da casa.

Ela sentou-se em um dos sofás do saguão, esperando ser notada pela recepcionista que a conduziria até a pessoa encarregada das hipotecas e dos empréstimos. Suas mãos estavam molhadas de suor e agarrava a pasta como se temesse que alguém a roubasse.

Aliviada, descobriu que o encarregado de conceder hipotecas era um jovem de expressão aberta, provavelmente alguns anos mais novo do que ela, que usava terno e... Tênis.

— Eu jogo squash na hora do almoço — confessou ele, percebendo o olhar dirigido a seus pés.

— E esqueci de trazer sapatos para trocar.

— Ora, não é preciso se desculpar. — Jackie sorriu, sentindo muito mais à vontade. — Eu acho que é um estilo muito simpático. Casual mas sofisticado.

— O seu estilo também é muito simpático — disse ele, olhando para a enorme barriga de Jackie.

Ela o fitou, surpresa.

— Minha esposa também está grávida, sabe? Já completou o sexto mês e nunca a vi tão linda antes. Não consigo desviar os olhos dela.

— Sua esposa é uma mulher de sorte. Aliás, vocês dois são.

— Jackie abriu a pasta que carregava. — Bem, não sei por onde começar...

— Deixe comigo. Mostre-me os documentos e resolverei tudo. Afinal, sou pago para entender desse assunto.

Em poucos minutos, o jovem, que se transformara em um eficiente profissional, verificou os documentos e calculou a quantia que o banco poderia lhe conceder.

Logo Jackie percebeu que ficara desnecessariamente ansiosa. O processo foi mais rápido e menos penoso do que imaginara. Cerca de quarenta minutos depois, estava pronta para sair do banco, com um empréstimo de oitenta e cinco mil dólares e a leveza de quem flutua em pleno ar.

Seu celular tocou quando estava abrindo a porta do carro.

— Jackie? Aqui é Lola... acho que poderemos fechar o negócio, se você acrescentar novecentos dólares à entrada que oferece. Acha possível? Os proprietários já fizeram um bom desconto na parcela à vista.

— Não tem problema — exclamou Jackie, ligeiramente eufórica. — Acabo de sair do banco e consegui uma hipoteca no valor de oitenta e cinco mil dólares!

— Ótimo. Farei as mudanças na proposta inicial e levarei a nova para que você assine, ainda hoje. Poderia me dar seu endereço residencial? Pretendo ir à noite.

Jackie esperou que Lola anotasse seu endereço antes de se manifestar.

— Eu estarei em casa a partir das seis horas e... Muito obrigada, Lola!

— Eu é que lhe agradeço. Você acaba de comprar uma casa. Como se sente?

— É maravilhoso — exclamou Jackie, emocionada.

— Sinto-me *maravilhosa*.

Na verdade, a emoção era tão intensa que Jackie desejou ter alguém com quem partilhar aquele momento importante de sua vida. Embora sempre preferisse a solidão, não queria ficar sozinha naquele instante.

Para sua surpresa a imagem que veio à sua mente foi a da fazenda de Paul. Imaginou as construções sólidas que adquiriam um brilho quase perolado àquela hora do dia. No final da tarde, o ar parecia mais perfumado, envolvendo a tudo e a todos com uma nuance de mistério e encantamento. O vento devia estar soprando, fresco e recendendo a ervas silvestres e, aos poucos, as sombras começariam a preencher as depressões no contorno ondulado da planície, transformando-as em manchas de prata líquida. Os coiotes logo começariam seu coro dissonante, anunciando a noite.

Paul estaria terminando as últimas tarefas do dia e logo iria para casa, a fim de preparar sua refeição solitária. Comería na cozinha mesmo, sentada à mesa de madeira rústica, rodeado por um mundo mergulhado nas trevas, enquanto ele lia, com o livro apoiado no bule de café.

Ela sentiu uma necessidade tão intensa de estar junto de Paul que quase parou de respirar. Não era a mesma onda de desejo físico que a envolvera naquela manhã, forte e quase irresistível. Esse tipo de sensação era mais fácil de explicar e aceitar, pois a considerava um resultado de hormônios descontrolados pela gravidez.

Naquele instante, Jackie queria, com uma intensidade quase dolorosa, a presença dele ao seu lado. Queria conversar, rir e talvez jogar uma partida de xadrez, quem sabe junto da lareira, como haviam feito tantas vezes. Queria falar sobre o bebê, fazer planos para o futuro e relembrar os sonhos que ambos tinham para a vida do filho por nascer.

Mas, obviamente, nada disso seria possível. Se ela não queria viver com Paul, não era justo usá-lo para servir-lhe de companhia em uma noite em que se sentia solitária.

CAPITULO III

Durante as seis semanas seguintes, Jackie mal teve tempo de descansar, ocupada com uma infinidade de compromissos referentes à compra da casa, com os preparativos para a mudança e a chegada de um outro bebê.

Três semanas após Jackie ter fechado a compra da casa, sua amiga Adrienne Calder deu à luz um garoto de quatro quilos.

Jackie foi visitá-la na maternidade e voltou para casa fascinada e ao mesmo tempo assustada diante do momento em que também se tornaria mãe.

Sua gravidez não fora planejada como a de Adrienne. Na verdade, durante os primeiros meses após descobrir que estava grávida, tinha sido difícil aceitar e se adaptar à nova realidade e às responsabilidades que a vinda de um filho representavam. Não fora uma adaptação fácil para uma pessoa que vivera mais de

trinta anos sozinha, cuidando de si mesma apenas e sem ter de dar satisfações a ninguém mais. Os meses daquele inverno, ainda mais forte do que de costume em Spokane, pareciam se arrastar, intermináveis.

Faltavam poucos meses para o nascimento e, após a compra da casa, o tempo começou a voar.

Durante o dia, não lhe sobrava nenhum minuto, pois continuava a trabalhar e não pretendia parar antes da última semana de gravidez. As férias que não gozara, somadas à licença maternidade, lhe permitiriam ficar em casa, cuidando pessoalmente do bebê, até o Natal.

Tantas mudanças estavam prestes a acontecer que não se sentia em condições de fazer nenhum plano para além do final do ano em curso.

Na verdade, queria ação! Precisava se ocupar com algo que fizesse o tempo andar mais depressa, aproximando-a do final de semana em que se mudaria para a casa nova e do dia em que seu filho viria ao mundo.

Em uma tarde de sábado, três semanas após o nascimento do filho de Adrienne, Jackie começou a colocar em caixas as roupas do bebê e, inevitavelmente, pensou em Paul e no relacionamento dos dois.

Adrienne tinha certa razão quando dizia que Jackie, além de sentir medo de ser abandonada, também se apavorava diante da necessidade de estabelecer um elo de total intimidade.

Na verdade, ela se apavorava ao pensar que qualquer relacionamento completo envolvia a necessidade de mergulhar em um espaço dominado pelas emoções, um vazio sem limites previsíveis, confiando que os braços de alguém a acolheriam após essa queda livre. Nenhum acontecimento de sua vida a tornara disposta a acreditar que sobreviveria a esse mergulho fatal.

Ela dobrou uma manta de algodão e a colocou junto dos casaquinhos.

Mas havia ainda outro detalhe, que a maioria das pessoas ignorava, no relacionamento entre ela e Paul que a impedia de se comprometer e de se arriscar.

Uma parte de sua impossibilidade de assumir o relacionamento era justamente Paul. Na verdade, ele também tinha os mesmos desajustes emocionais que dificultariam a convivência entre ambos. A mãe dele morrera, um ano após seu nascimento, deixando-o aos cuidados de um pai insensível e alcoólatra, que perdeu a fazenda pertencente à família em jogos de pôquer e morreu em um

acidente de automóvel, deixando o filho, ainda adolescente, sozinho no mundo.

Os psicólogos diziam que as pessoas se sentem atraídas por companheiros com os mesmos defeitos de personalidade formando assim uma aliança que acabaria por destruir ambos.

Se essa teoria fosse verdadeira, Jackie Kaminsky e Paul Arnussen eram uns exemplos clássicos do casal destinado a uma destruição mútua. Os dois estariam bem melhor se dissessem adeus um ao outro em vez de passarem uma existência se odiando e se destruindo.

Só que agora havia o bebê e essa nova vida representava um elo mais forte.

Ela pegou um minúsculo macacão de lã e encostou em seu rosto. Parecia tão pequeno! Jackie levava bastante tempo até entender como funcionavam aquelas roupinhas cheias de botões de pressão e lacinhos! Só conseguira sentir-se mais à vontade manuseando-as, depois que começara a praticar, vestindo-as em um enorme urso de pelúcia que Alex, a jovem que vivia sob a tutela de Adrienne, lhe dera.

Ela sorriu ao ver o urso, com um macacão azul, encostado sobre as almofadas de sua cama. Provavelmente, o animal de pelúcia era maior do que um recém-nascido!

Sua mão tocou a barriga e, como sempre acontecia nas últimas semanas, o simples contato parecia despertar o bebê, que se moveu, como se acordasse de um cochilo. O amor que Jackie sentia por aquela criança, ainda por nascer, era tão intenso que chegava a assustá-la.

E esse terror de amar alguém com cada fibra de seu ser era um obstáculo que teria de superar. Esse tipo de emoção avassaladora enfraquecia as pessoas, tornando-as vulneráveis.

Subitamente, Jackie lembrou-se de que prometera visitar a amiga e, ao olhar para o relógio, viu que estava atrasada. Arrumando rapidamente o quarto, trocou de roupa e saiu do apartamento. Por sorte, o trânsito de sábado à tarde era tranqüilo e pôde dirigir com calma, apreciando o espetáculo dourado do pôr-do-sol.

Harlan atendeu à porta. Seu rosto atraente e sempre bem-humorado revelava sinais de um cansaço extremo. Jackie sentiu pena do pobre homem. Ele já tinha mais de cinquenta anos e se tornara pai pela primeira vez. Não devia ser nada fácil!

Ele a conduziu à saleta de estar, nos fundos da casa, onde Alex tocava sua flauta. A jovem, agora com dezesseis anos, era uma verdadeira beldade. As notas de uma melodia plangente e de inspiração céltica flutuavam pelo ar, melancólicas.

Alex era realmente um gênio musical! E também era uma garota sensível e amorosa, cuja vida estivera muito perto da destruição, quando Jackie a encontrara, trabalhando como prostituta em uma das ruas do centro velho, e a trouxera para a casa de Adrienne e de Harlan.

— Oi, garota! — disse Jackie, abraçando Alex que escondeu o rosto em seu ombro.

— Tudo bem com você?

— Estou tão feliz de ver você!

Jackie olhou para Harlan, à espera de alguma explicação para aquela inusitada demonstração de emoção, mas ele se jogara no sofá, parecendo à beira de um colapso.

— Continue tocando, Alex. As suas músicas sempre me deixam mais de bem com a vida.

Alex recomeçou a tocar e Jackie olhou novamente para Harlan, preocupada com a atmosfera da casa de Adrienne.

— Ela está na cozinha, — disse Harlan, sem abrir os olhos, dando de mamar para o bebê.

— Posso subir?

— Claro. Rennie ficará contente com sua visita. Jackie saiu da sala e subiu as escadas, acompanhada pela melodia insistentemente melancólica que parecia ser o tema constante das músicas de Alex naquele momento de sua vida.

Adrienne estava sentada em uma poltrona, com o bebê nos braços. Despenteada e parecendo exausta e subitamente envelhecida, ela dava de mamar para o filho.

Há alguns anos, quando investigara o rapto do sobrinho de Adrienne, Jackie não teria imaginado que se tornaria tão amiga da mulher elegante, rica e sedutora que ela fora naquela época.

Na verdade, sob o verniz de sofisticação e refinamento, Adrienne Calder tinha muito em comum com Jackie Kaminsky. As duas mulheres haviam sofrido muitas privações ao longo de suas adolescências cheias de problemas, criadas por familiares indiferentes ou hostis e suas rebeliões autodestrutivas contra a

autoridade que quase haviam destruído suas vidas.

Esses períodos de infelicidade e revolta agora pertenciam ao passado, mas tinham ajudado a fortalecer os elos de compreensão entre as duas mulheres, ajudando-as a enriquecer e a aprofundar sua amizade.

Jackie sentou-se em uma das cadeiras da mesa da cozinha, na frente da amiga, que lhe mostrou o bebê.

O pequeno Matthew Calder, agora com três semanas, tinha um rosto redondo e um tufo de cabelos castanhos que pareciam de seda.

— Oh, ele é um amor, Rennie! Cada vez que o vejo, parece ter ficado ainda mais bonitinho!

— E tem fome a cada dez minutos!

— lamentou-se Adrien-ne, quase chorando.

— De manhã e de noite! Estou começando a me sentir como uma vaca leiteira.

Jackie olhou para a amiga, preocupada.

— Continua muito cansada?

— Cada dia mais! Aliás, qualquer ser humano se sentiria exausto — declarou ela, com uma irritação inesperada, diante de uma criança que nunca dorme mais de uma hora seguida!

— Talvez... Se você parasse de amamentá-lo e lhe desse uma mamadeira...

Enquanto as duas conversavam, o pequeno Matthew fechou os olhos e adormeceu. Com gestos cuidadosos, Adrienne o colocou nos braços de Jackie e fechou a blusa.

— Se eu parar de amamentá-lo, terei admitido meu fracasso como mãe no primeiro mês. Aliás, eu já sabia que não me desempenharia com muito jeito essa função maternal. Não tenho um exemplo que possa seguir, entende? Como pude pensar que me sairia bem dessa missão?

Jackie encarou a amiga, chocada com a amargura e a derrota presentes na voz de Adrienne.

— Mas você é uma pessoa maravilhosa, Rennie. E sempre foi uma mãe perfeita para Alex. Por que está dizendo isso?

— Por nada — Adrienne levantou-se e pegou uma jarra de suco de laranja

na geladeira. — Esqueça o que eu disse. O que gostaria de beber? Suco?

Adrienne estava pegando os copos no armário, quando deixou cair os braços, subitamente desanimada.

— Droga! Se eu tomar um gole de qualquer suco cítrico, o bebê fica com manchas vermelhas por todo o corpo! Oh, meu Deus... Estou completamente desorientada, Jackie!

Ela estava cedendo ao desespero, quando viu Harlan chegar à porta da cozinha e disfarçou, dando um sorriso.

— Tenho que tirar a roupa da máquina de lavar, Harlan. Por favor, veja o que Jackie quer tomar.

— Claro...

Harlan olhou para o filho, adormecido nos braços de Jackie e sorriu. Então, desviando o olhar para a porta por onde a esposa acabara de sair, voltou a ficar profundamente perturbado.

— Ela logo voltará ao normal, Harlan — declarou Jackie, sentindo-se uma intrusa diante daquela crise familiar.

— Só está cansada e...

— Eu sei. — Ele retirou dois copos de cristal lapidado do armário e os encheu de suco de laranja, colocando um na frente de Jackie. — Sei muito bem o *quanto* ela está cansada.

Harlan sentou-se ao lado de Jackie, à mesa da cozinha, e os dois tomaram o suco em silêncio, enquanto o bebê dormia, com uma expressão angelical.

— Ele é tão lindo! Gordinho e bem-humorado... Quase não o ouvi chorar, sabe?

Havia se passado uma semana desde a visita a Adrienne e Jackie contava as novidades a Paul, que estava montando o berço.

— Como é mesmo o nome dele?

— perguntou Paul, alinhando as barras da grade.

— Harlan Matthew Mellon Calder. Mas eles o chamam só de Matt.

— Ainda bem. Matt Calder... Gosto do som desses nomes. É bem másculo.

O dia da mudança finalmente chegara e Jackie estava sentada no enorme baú que guardava toda a sua bagagem pessoal e a acompanhava desde o início de sua carreira na polícia de Los Angeles. Era azul, com cantoneiras e fechadura de

metal, mas estava velho e gasto. Ela planejava cobri-lo com uma colcha de retalhos a fim de usar esse espaço suplementar para as roupas do bebê.

— E como Harlan está se adaptando à paternidade?

— perguntou Paul.

— Ele é maravilhoso com o bebê. Se quer mesmo saber... Neste momento, provavelmente está sendo mais paciente do que Adrienne. A pobrezinha me pareceu esgotada. Foi um parto difícil, em especial para uma mulher que já tem mais de trinta e cinco anos.

Paul a fitou, procurando ler sua expressão facial.

— Você me parece realmente preocupada.

— Acho que estou mesmo. Rennie mudou completamente, nem parece a mesma pessoa.

— Mas Harlan tem jeito com o bebê, certo?

Depois de colocar a grade do berço, Paul testou o mecanismo, verificando que funcionava bem.

— Ele está sendo fantástico. — Jackie tocou a grade do berço, encantada.
— Este sistema é maravilhoso, não acha?

— Sem dúvida. — Paul não estava mais concentrado na grade, pois passara a fitar Jackie, atentamente. — Sabe o que me deixa realmente perplexo?

É o fato de você ter decidido criar sozinha o seu filho, depois de uma infância sem um pai.

Jackie ficou tensa diante daquela observação de Paul. Ambos sabiam que pais podiam desaparecer de um momento para o outro, deixando os filhos sozinhos no mundo. E que a dor que sobrevinha ao abandono era insuperável.

— O que você quer dizer com... Criar *sozinha* o meu filho?

— perguntou ela, tentando evitar que a tensão transparecesse em sua voz.
— Está pretendendo se mudar daqui eu...

— Não pretendo ir a lugar nenhum — resmungou ele.

— Você sabe muito bem o que eu quero dizer, Jackie. Paul continuou encarando-a, esperando por uma resposta.

Jackie começou a dobrar uma pilha de fraldas, mantendo o olhar no tecido macio.

— Você já viu, alguma vez, aquele exercício de confiança que se costuma fazer em certos grupos de terapia, Paul? Aquele em que as pessoas fecham os olhos e se deixam cair para trás, à espera que os parceiros às suas costas as amparem?

— Sim, eu já vi.

— Eu acho que morreria de pavor se tivesse de fazer algo assim. Não posso imaginar nada de mais terrível, sabe?

— Jackie finalmente ergueu os olhos para fitá-lo.

— E o pior é que você também deve ter esse mesmo terror... Sou capaz de apostar que você sente o mesmo que eu. Não é verdade?

Paul a fitava com um olhar tão penetrante que Jackie enrubesceu. Entretanto, ele não respondeu e começou a guardar suas ferramentas.

— Não é verdade? — insistiu ela.

— Pensei que tivéssemos concordado em parar de nos analisarmos a cada minuto!

— Mas... se não conversarmos, como iremos resolver nossos problemas?

— Você não quer resolver problema algum, Jackie. Na verdade, quer usar essas racionalizações pseudo-psicológicas para me manter a distância, mesmo agora que está esperando o meu filho.

— Pelo amor de Deus! — exclamou ela, irritada. — Se você não consegue nem responder a uma simples pergunta...

— Não existe uma maneira certa de responder a nenhuma de suas perguntas.

Se eu disser que seria capaz de sentir essa confiança de me jogar para trás, à espera de que meu parceiro me ampare, você afirmaria que estou negando a realidade. Se eu disser que não tenho coragem, você declararia que é mais um sinal de que não devemos viver juntos.

— Francamente, Paul! Você acha que sou tão irracional assim?

— Tem mais alguma coisa para consertar ou montar?

— perguntou ele, bruscamente. — Já que estou aqui, seria melhor fazer tudo que precisa ser feito.

Jackie encolheu os ombros, num gesto de derrota.

— Tudo bem... Se você acha assim... — Ela ergueu a cabeça, desanimada. — Talvez você pudesse dar um jeito nas prateleiras desse armário.

Ele examinou as prateleiras que mostravam nitidamente o quanto eram velhas. Todas estavam empenadas e os parafusos que as prendiam ao armário já não mais as seguravam com firmeza.

— Acho que já não têm mais conserto, Jackie. Os suportes também estão gastos e quase podres. Eu posso fazer a parte interna desse armário e depois venho colocá-la para você.

— Não há necessidade — declarou Jackie, friamente.

— Não acho justo tomar tanto do seu tempo. Pode deixar que eu mesma retiro as prateleiras.

— Eu não me incomodo de fazer prateleiras novas, Jackie. Algo mais a ser feito?

— Talvez alguma coisa na garagem e... Eu realmente gostaria que você preparasse o canteiro de flores ainda hoje. Mas vamos tomar um copo de leite, antes de continuar.

— Ela levantou-se com dificuldade do baú onde estava sentada.

— Você deve estar cansado de ficar fazendo consertos.

— Eu gosto desse tipo de trabalho. Não posso pensar em nada mais interessante para fazer durante o fim de semana.

Jackie o encarou, desconfiada, mas a voz de Paul era tranqüila e sem nenhum traço de ironia.

Aparentemente, essa atitude de distância calma e sem censura devia ser uma nova tática da parte dele. Com exceção do comentário sobre criar um filho sem pai, Paul não fizera referência alguma ao fato de viverem separados após o nascimento do bebê.

Talvez a estratégia de Paul fosse deixá-la à vontade, sem fazer nenhuma pressão, esperando que ela acabasse por ceder. Se deixasse de insistir, a situação se ajeitaria melhor.

Ou então começara a sentir-se secretamente aliviado por não terem decidido viver juntos. Assim, ele poderia usufruir os prazeres da paternidade, durante os fins de semana, enquanto passava os outros dias na privacidade confortável da fazenda...

Subitamente, Jackie estremeceu, sentindo um forte arrepio de frio.

— Você sente alguma coisa de estranho neste quarto, Paul?

— O que quer dizer com isso? Estranho como?

— Algo ligeiramente... Sinistro, apavorante. Às vezes, parece que o quarto é varrido por uma corrente de ar gélido, como se existisse alguma abertura por onde um vento estranho pudesse entrar. Mas sei que não está ventando lá fora, portanto... Quis saber se você também sentiu algo semelhante.

A pergunta não fora feita por mera curiosidade. Paul Arnussen era mais perceptivo e capaz de sentir vibrações invisíveis do que qualquer pessoa que Jackie já conhecesse. Na verdade, os dois haviam se conhecido por esse motivo, quando suas visões haviam ajudado a polícia a encontrar o sobrinho de Adrienne.

— Não tenho sentido nada desse tipo, nos últimos tempos.

E, quando pressinto algo, sempre é referente a pessoas que estão sofrendo ou que se feriram. Nunca fui capaz de ver fantasmas ou dobrar colheres com minha energia mental.

— Bem... — Jackie deu um sorriso encabulado. — Eu também não dobro colheres e provavelmente seria a última pessoa no mundo a ver fantasmas. Entretanto, tenho uma inexplicável sensação de desconforto, quando estou neste quarto. Mas isso só acontece de vez em quando...

— E o que você sente nessas ocasiões?

— Não sei como descrever exatamente, mas tenho a impressão de que o ar se torna carregado de angústia e sofrimento. É uma sensação de malignidade que me deixa apavorada.

— Eu sempre pensei que você não se apavorasse com nada

— disse ele, preocupado.

— Não tenho medo das coisas que posso ver.

— E o que mais existe além disso? — perguntou Paul, sendo racional.

— Vamos, Jackie! Você não é assim e, provavelmente, só está mais sensível e se sentindo vulnerável em função de sua gravidez.

Ele escancarou as portas do armário e virou-se, sorrindo.

— Está vendo? Não há nenhum monstro por aqui. Não existe nada oculto nas paredes nem por detrás do revestimento de madeira. Quando você tiver arrumado todas as coisas do bebê, vai adorar este quarto!

— Eu sei que vou. Você tem toda razão, Paul.

— Eu ouvi dizer que mulheres grávidas e que estão amamentando os filhos

adquirem uma sensibilidade psíquica quase sobrenatural, mesmo as que nunca tiveram a menor inclinação para esse tipo de manifestações. É algo primitivo e intuitivo.

— Então... Não estou ficando louca?

— Não mais do que você já é — brincou ele, sorrindo carinhosamente para Jackie.

Ela o seguiu em direção à cozinha, sentindo-se grata pela capacidade de Paul em compreender suas reações irracionais. Com um sorriso nos lábios, concentrou-se na alegria de guardar as roupinhas delicadas do bebê, na grade do berço, que subia e descia com precisão e suavidade...

CAPITULO IV

Emma Betker estava em de seus dias bons. Sentada junto da janela, em uma poltrona ampla e macia, acariciava Frosty, que se acomodara em seu colo. O gato, um persa branco e de olhos amarelos, era gordo, lerdo e muito velho.

Como Emma, Frosty se tornara mais plácido com o passar dos anos. Com a idade, ambos tinham mais dias bons do que maus, longos períodos de serenidade, em que permaneciam sentindo o sol em suas peles, saboreando o contentamento de não ter nada que os perturbasse.

Especialmente quando era primavera. Emma adorava o calor, o perfume do verde que brotava nos jardins e o alívio de saber que mais um inverno findara e ela tinha sobrevivido. Por algum tempo, poderia viver sem medo.

No jardim ao lado de sua casa, que ela podia ver por cima da cerca de madeira branca, logo brotariam os lilases e o ar se encheria de perfume.

Ela sempre adorara lilases...

— São lindos, Frosty — murmurou ela para o gato, acariciando-o com as mãos deformadas pela artrite. — Nós adoramos as flores bonitas e perfumadas, não é mesmo?

Emma estava perto dos setenta anos e era uma mulher de ossos delicados, frágil e de rosto delicado, com cabelos prateados e finos, que pareciam sempre estar despenteados. Os olhos azuis, muito grandes refletiam uma timidez sempre presente, mesmo quando ela estava sozinha, e transparecia nos gestos ligeiramente inseguros ao acariciar o gato ou afastar a cortina para observar o movimento no jardim da casa vizinha.

Duas pessoas haviam saído da casa e estavam no quintal. Emma as observava e, subitamente alarmada, segurou o gato com força, até que ele começou a se debater, obrigando-a a pedir-lhe desculpas pelo mau jeito.

Aquelas duas pessoas não pareciam ser ninguém que ela conhecesse. Ultimamente, estava se tornando cada vez mais difícil lembrar-se das fisionomias ou entender as conversas, mas Emma tinha quase certeza absoluta de que os últimos moradores da casa vizinha eram morenos e pequenos, um homem e uma mulher com duas crianças bonitas.

Esses dois eram completamente diferentes. O homem era alto e de ombros largos, com cabelos louros que brilhavam como ouro ao sol da manhã. A mulher parecia quase tão alta quanto ele, embora fosse muito gorda.

Emma franziu a testa, inclinando-se mais para a frente, a fim de observar melhor os dois, que estavam em pé no meio do quintal, conversando e gesticulando.

A mulher virou-se, pressionando as mãos nas costas, e indicou um ponto na grama junto da cerca. Emma percebeu, vagamente, que a vizinha de cabelos muito negros não estava gorda e sim grávida.

Ela foi envolvida por uma sensação de horror, que parecia vir de alguma lembrança antiga, e a certeza de que algo terrível estava prestes a acontecer... de novo.

Quando o homem entrou na garagem e saiu, instantes depois, carregando uma pá, as sombras cresceram em sua mente e começaram a se debater como asas negras de um morcego, tentando escapar de sua cabeça. Ela gemeu e cobriu o rosto com as mãos. Então, curvou-se ainda mais e apertou o gato contra si.

Frosty começou a miar, enfurecido, e se debateu até escapar daquela prisão incômoda. Correndo para longe de Emma, ele parou junto da porta, fitou-a com indignação felina, e saiu da sala.

Eleanor Betker apareceu à porta, com as mãos na cintura, e lançou um olhar de desaprovação para a irmã.

A aparência das duas mulheres era tão diferente que chegava a ser cômica. Eleanor era três anos mais velha, alta e corpulenta, com cabelos grisalhos cortados bem curtos e mãos grandes que mostravam o quanto eram capazes de realizar. Ela se aposentara, há alguns anos, de seu emprego como enfermeira cirúrgica e passara a dedicar todo o seu tempo a cuidar de Emma.

— O que está acontecendo?

— perguntou ela, aproximando-se da cadeira da irmã.

— O que você fez com o gato?

Emma agitou as mãos trêmulas na direção da janela e da terrível cena que ela entrevira no quintal vizinho.

— É... é horrível... — murmurou ela, pálida e de olhos arregalados de pavor.
— Olhe Ellie! Está acontecendo de novo! Como naquele dia, quando...

Eleanor colocou uma das mãos sobre a cabeça da irmã, acariciando os cabelos prateados e muito finos com um gesto automático mas reconfortante. Viu o homem loiro enfiar a pá no solo e retirar uma grande quantidade de terra e de grama, jogando depois em um barril junto da cerca.

— Aquela moça é nossa nova vizinha, Emma. Lola Bridges disse que ela trabalha na polícia. E eu suponho que o homem bonito seja o namorado dela. É loiro demais para ser da família.

— A polícia? — murmurou Emma, ainda mais apavorada.

— Sim, ela é uma investigadora. Parece que se tornou uma celebridade local, depois de ter se envolvido em vários casos famosos, há alguns anos. Seu nome é Jackie Kaminsky.

Mas Emma já não estava mais ouvindo a irmã. Ela começou a gemer, tomada por uma angústia intensa, enfiando as unhas nas mangas do casaco de lã.

Suspirando, Eleanor levantou a irmã da poltrona, carregando-a como se fosse uma criança, na direção da cozinha.

— Não há motivos para ter medo, Emma — declarou ela, com firmeza autoritária. — Esqueça o que a está deixando angustiada. Entendeu?

Mas Emma soluçava, enfiando o rosto no ombro da irmã mais velha.

— Você não ouviu o que eu disse? Pare já com isso!

A frágil e tímida Emma balançou a cabeça, num gesto de concordância, diante do tom de voz autoritário. Deixou-se acomodar em uma cadeira junto da mesa da cozinha e aceitou o copo de leite e o prato com biscoitos de aveia. Afinal, aquele era seu lanche favorito.

Entretanto, estava sendo difícil apagar a imagem horrível das duas pessoas no quintal vizinho, da pá que esburacava o chão e do som lúgubre dos torrões de terra caindo no barril de madeira.

— Eleanor... é igualzinho ao dia...

— Tome seu leite e coma mais um biscoito, querida — ordenou Eleanor, com um tom de voz menos ríspido, enquanto limpava a boca da irmã. — Depois que você comer, iremos dar um passeio bem gostoso. Não acha que vai ser bom?

Podemos ir até o parque, sentar na beira do rio e alimentar os patos.

Emma balançou a cabeça, animada, procurando se concentrar na imagem dos patos e de suas cabecinhas cobertas de penas de várias cores.

— Posso dar comida para eles, Ellie?

— Nós levaremos um saco cheio de pão amanhecido, está bem?

As mãos de Emma se ergueram e ela bateu palmas, como uma criança, diante do olhar mais carinhoso da irmã.

Por um instante, as asas negras do morcego preso em sua mente recomeçaram a bater, desesperadas para escapar da prisão. Emma tentou lembrar-se do motivo pelo qual estava tão apavorada.

Uma pá e alguém que cavava um buraco...

Mas Eleanor já estava forçando-a a colocar um outro casaco, enquanto falava ininterruptamente sobre os patos que nadavam no rio. As lembranças horríveis não ficavam imóveis nem por um segundo e por isso Emma não conseguia agarrá-las.

— Tenho a exata impressão de estamos sendo observados — disse Paul, enquanto continuava a cavar e a jogar no barril a terra retirada do chão. — Como se uma platéia de centenas de olhos estivesse seguindo cada um de nossos movimentos.

Jackie riu, sentando-se em uma pilha de tijolos junto da garagem.

— Há um bom número de pessoas idosas morando nesta rua. Acho que passam a maior parte de seu tempo espreitando, por uma fresta da cortina, para ver tudo o que acontece nas redondezas e para controlar cada movimento de seus vizinhos.

— Isso é bom, sabia? Vizinhos atentos representam mais segurança para o local.

— É... Talvez seja assim. — Jackie ergueu o rosto, ávida por receber os raios de sol em sua pele.

— Mas acho muito estranho. Viver em uma casa é muito diferente. Ao contrário do que eu pensava, tem-se mais privacidade morando em um apartamento, apesar dos vizinhos estarem muito próximos, a apenas dois ou três metros de você. Aqui, tenho sempre a sensação de que minhas idas e vindas estão sendo rigidamente monitoradas!

Endireitando-se, Paul limpou o suor da testa e olhou ao seu redor.

— Quem são seus vizinhos mais próximos?

Jackie apontou uma casa amarela, quase escondida atrás de arbustos altos que começavam a florir.

— Essa casa, bem ao lado da minha, pertence a John Caldwell. Ele é o pai de Lola Bridges.

— E quem é Lola Bridges?

— A corretora que me vendeu a casa — explicou Jackie, rindo.

— Lembra-se do dia em que veio ver se estava tudo em ordem com a estrutura, antes que eu a comprasse? A pobre Lola ficou tão fascinada com você que levou muitas semanas para perder o entusiasmo. Todas as vezes que nos encontrávamos, para tratar de negócios, ela só fazia perguntas a seu respeito e sobre nosso... Relacionamento.

Jackie parou de falar, enrubescendo e se culpando por ter voltado a tocar naquele assunto tão delicado. Ela arrancou um tufo de grama e jogou para cima, a fim de disfarçar seu embaraço.

— E como é o pai dela? — perguntou Paul, como se não tivesse percebido nada.

— John? Ele é um senhor muito simpático. Calado, careca e gorducho... Passa uma grande parte do tempo sentado no terraço, de chinelo e lendo a Bíblia. Às vezes, ele tricota.

— O seu vizinho faz... Tricô?

— E bem melhor do que eu! — Jackie sorriu, olhando para a casa amarela.
— Nós dois partilhamos um gato.

— Aquele bichano preto e magricela?

— Exatamente. Eu decidi chamá-lo de Shadow. O gato está sempre por aqui, como uma sombra, sabe? Um dia, vi John dando-lhe comida e perguntei se o bichinho era dele, mas soube que se trata de um animal sem dono que o visita de vez em quando. Como meu vizinho lhe oferece apenas ração, estou tentando conquistá-lo com peixe e leite.

Paul riu e olhou para a área já sem grama.

— Então... De que tamanho quer o seu canteiro?

— Só mais um passo para a esquerda, onde a cerca fica paralela à calçada. Mas não precisa terminar agora. Eu posso cavar o resto sozinha, se você retirar a parte de cima, que é mais dura.

— Não me parece que você esteja em condições de ficar cavando o chão.
— Ele pousou o olhar no ventre distendido de Jackie.

— Sabe alguma coisa sobre o plantio de flores?

— Não, absolutamente nada! — riu Jackie, animada. — Mas Harlan me disse que é muito fácil. Basta comprar as mudas, fazer buracos para colocá-las, cobrir de terra, regar e esperar que saiam as flores.

— E que tipo de flores pretende comprar? Existe uma infinidade de espécies.

— Ah, ainda não sei! Quando eu for à loja, pedirei que me dêem palpites. Não pode ser tão difícil assim, concorda? Basta olhar para a enorme quantidade de flores nesses jardins, Paul. Alguém as plantou, mas elas parecem estar crescendo sozinhas.

Ele caiu na gargalhada. Jackie acabou rindo também, feliz por estarem partilhando um momento de alegria. Era muito bom vê-lo tão relaxado, principalmente depois dos momentos de extrema intensidade emocional que haviam vivido nos últimos meses.

Se ela e Paul pudessem ser amigos e conviver harmoniosamente, pelo bem do bebê, a vida seria muito menos complicada!

— É uma atitude tipicamente sua — disse ele, apoiando-se no cabo da pá.
— Você tem total confiança em sua habilidade para resolver qualquer situação.

— Uma certeza que não tem nada a ver com a realidade?

— perguntou ela, secamente, sentindo que fora criticada.

— Pelo contrário, é quase sempre comprovada pela realidade. Você é uma mulher extremamente capaz, Jackie. E está linda, com o sol em seu rosto. Na verdade, nunca foi tão bonita assim, sabia? A gravidez só lhe faz bem.

O olhar direto e repleto de admiração a perturbou, em especial por despertar uma onda de desejo inesperado, uma sensação que a deixava desconfortável por estar grávida.

Seria de se esperar que a mulher, quando está com o corpo praticamente deformado pelo final de uma gravidez, não tivesse tempo, nem espaço, para sentir impulsos lascivos. Aparentemente, não era isso que acontecia.

Para disfarçar seu embaraço, Jackie tratou de mudar de assunto, apontando a casa do outro lado da rua. Era uma mansão em estilo vitoriano, um sobrado relativamente estreito, com pequenas torres, algumas cúpulas e uma enorme quantidade de arremates de madeira rendilhada. O jardim era impecável

e cada folha de grama parecia ter sido cortada com uma tesourinha de unhas.

— Voltando a falar dos vizinhos, Lola me informou bastante a respeito dos meus em especial dos que moram nessa casa enorme.

— Trata-se de um casal? — perguntou Paul, recomeçando a cavar.

— Não, são duas irmãs, solteironas, que vivem nessa casa desde que nasceram. O avô delas construiu a primeira estrada de ferro que chegou a esta região.

— Sério? — Paul voltou a olhar para a casa, agora com mais atenção. — É uma arquitetura bem vitoriana, não? Ou esses arremates de madeira foram refeitos ou cuidados com muito carinho.

— Eleanor cuida de tudo. Ela é enfermeira aposentada, uma mulher grande e forte, com músculos dignos de um atleta. Usa macacão, faz carpintaria, cuida do jardim e de Emma.

— E quem é Emma?

— A irmã mais nova. Emma deve ter no máximo sessenta e cinco anos e parece um passarinho frágil. Conversei com ela, do meu lado da cerca, quando a vi sentada em uma espreguiçadeira no quintal, onde Eleanor a colocou para tomar um pouco de sol. Deve sofrer do mal de Alzheimer, porque sua mente parece confusa a respeito de tudo que lhe perguntei. Mas é muito doce...

Paul examinou a rua calma e sombreada.

— Este bairro deve ter sido muito elegante, no passado. Ainda sobraram uma ou duas casas enormes dessa época. Alguns dos outros vizinhos vive aqui há muito tempo?

— Só alguns. A velha Sra. Weitzel, do outro lado da rua, mudou-se para cá quando se casou. Os moradores das duas casas que ladeiam a dela já estão neste bairro há trinta ou quarenta anos, pelo menos. Se não me falha a memória, Lola me disse que o pai dela comprou a casa vinte e cinco anos atrás, quando ela começou a faculdade.

— Então o pobre homem é apenas um recém-chegado!

— brincou Paul, rindo. — Ainda está se ambientando.

— Se ele é um recém-chegado, então o que eu seria?

— perguntou Jackie, subitamente preocupada. — Agora entendo por que tem me tratado com tanta formalidade e distância, quanto tento iniciar uma conversa mais descontraída

— Você é muito impaciente — disse Paul, num tom de voz delicado que suavizava a crítica. — Quer que tudo *m* sua vida esteja resolvido, classificado e finalizado dentro de quarenta e oito horas. E é preciso mais tempo do que apenas dois dias para se tornar parte de uma comunidade de bairro. Não pode esperar que isso aconteça da noite para o dia.

— Eu nunca tinha vivido em uma casa antes. Sabia disso, Paul? Morei no apartamento miserável da minha avó e depois na Academia de Polícia, enquanto faziam meu treinamento. A partir dessa época, sempre morei em algum tipo de sala e quarto!

— Você esteve na minha casa, algumas vezes. Mas acho que foram períodos de tempo muito curtos e nunca lhe deram a sensação de estar morando lá, certo?

— Ele continuava a cavar, sem nenhuma expressão no rosto impassível.

— Eram apenas visitas rápidas...

Jackie ficou tensa, à espera de mais uma discussão desagradável, mas ele apenas a fitou, com extrema seriedade.

— Era disso que precisava para se sentir feliz?

— perguntou ele, após um longo silêncio. — Uma casa pequenina, com uma lareira e um canteiro de flores? Depois de ter concretizado esse sonho, irá se sentir realizada?

Estranhamente, Paul não parecia estar fazendo mais uma de suas críticas severas e sim demonstrando interesse pelos projetos de vida dela. Respirando fundo, Jackie sentiu o filho se mexer em seu ventre e sorriu.

— Acho que é isso mesmo. Eu realmente precisava ter essa experiência. Queria ter o meu pedaço de terra, ser a dona de um espaço só meu e me convencer de que esse meu mundinho não desaparecerá no instante em que eu virar as costas. Era importante demais, para mim, encontrar uma sensação de permanência e continuidade segura que nunca tive antes.

— E realmente acha que a segurança pode ser encontrada em alguns metros de terra, um canteiro, paredes de madeira e chão de pedra?

Olhando ao seu redor, Jackie sorriu.

— Alguns dos moradores desta rua vivem aqui há mais de setenta anos. É a esse o tipo de segurança que estou me referindo. Quero que meu filho conheça e cresça com essa sensação de continuidades sem medos. Preciso descobrir a

serenidade que nasce da permanência, da estabilidade e do prazer de estar sempre em um ambiente conhecido e familiar. Minha vida foi muito...

— O que é isso? — resmungou Paul, empurrando a pá com mais força no chão.

— Paul?

— Desculpe-me, Jackie. Eu não queria interromper você, mas...

— Por que está olhando para dentro desse buraco?

— Bem, eu queria aprofundá-lo mais, a fim de ver que tipo de solo você iria encontrar para suas flores e bati em algo...

— Será um tesouro? — perguntou ela, rindo.

— Ou terá encontrado petróleo? Se for esse o caso, ficaremos todos milionários e poderei comprar fraldas descartáveis para o bebê!

— Não é petróleo. Parece...

— Uma arca de tesouro?

— Infelizmente, não é nada disso. Deve ser algum animal de estimação que o dono enterrou no jardim. Parece um punhado de ossos, embrulhado em algum tipo de lona plastificada.

Jackie olhou para a terra espalhada em volta da pequena vala que Paul tinha aberto no meio do canteiro. Subitamente, sentiu o mesmo arrepio de frio e a estranha certeza de tragédia iminente que sentira algumas vezes no quarto que seria do bebê.

— Não importa o que seja — declarou ela, com voz dura para esconder o medo inexplicável. — Quero isso fora do meu quintal.

Ele mexeu a pá, como se empurrasse algo.

— Com os diabos!

Movendo-se com dificuldade, Jackie levantou-se, aproximando-se da vala recém-aberta. No fundo do buraco, apenas parcialmente descoberto, havia um pedaço de lona plástica azul. O tecido apodrecido estava cheio de furos, por onde escapavam fiapos de algo semelhante a uma corda de sisal. O embrulho parecia conter algo de cerca de um metro e meio.

Paul e Jackie se entreolharam, tensos.

— Sabe de uma coisa? — perguntou ela, num fio de voz.

— Está me parecendo...

— Parece mesmo — concordou ele, assim que Jackie se calou, sem completar o pensamento. — O que devemos fazer agora? Você é a perita em assuntos desse tipo.

Ela se ajoelhou, desajeitadamente, e esticou o braço até tocar a trouxa de lona.

— Não temos motivos para suspeitar que sejam restos de um ser humano. Muitas coisas poderiam estar dentro de um pacote deste tamanho.

— Que coisas? Um enorme cão dinamarquês?

Jackie encontrou uma ponta de lona que parecia estar solta e a puxou, inicialmente com delicadeza e depois com bastante força. Alguns pedaços de tecido saíram em suas mãos.

— Está grudado demais.

— E por quê? Poderia ter sido colado por alguém?

— Não necessariamente, Paul. Os líquidos dos corpos em decomposição podem criar aderências no plástico, que acaba se fundindo com os restos mortais. Mas não sinto nenhum cheiro de podridão, portanto, se há realmente um corpo nesse pacote, deve estar enterrado há muito, muito tempo mesmo!

— Bem, isso é ótimo — resmungou Paul, com uma expressão preocupada.

Aflito, ele retirou uma faca de lâmina larga, de sua caixa de ferramentas, e a entregou a Jackie, que hesitou em tomar uma iniciativa.

— Tecnicamente, nós não deveríamos nem tocar no pacote. Teríamos de chamar a polícia técnica, que tiraria fotografias do local e...

— Coragem, Jackie. — Paul colocou a mão no ombro dela.

— Acho que você está sendo cautelosa demais diante de uma situação pouco importante.

Afinal, está na polícia de Spokane há mais de dez anos, certo?

Ela balançou a cabeça, num gesto afirmativo, mas continuou imóvel.

— E nesses dez anos, nunca ouviu falar de nenhum assassinato nessas redondezas, a não ser o caso de Maribel Lewis.

Mais uma vez, Jackie balançou a cabeça, sem coragem de agir.

— Portanto, as chances de que esse pacote contenha os restos mortais de um ser humano são extremamente remotas. Provavelmente devem ser os ossos de algum animal de estimação ou alguma ninhada de filhotes que o dono não queria.

— É... Acho que você tem razão — murmurou ela, ainda relutante.

— Claro que tenho! Vamos ver logo o que é, em vez de dar um alarme falso e antes que cheguem os carros de polícia e apavorem os velhos moradores desta rua pacífica. Quer que eu corte a lona?

— Não, é melhor que eu corte... No caso de termos algum problema posteriormente.

— Sempre uma policial exemplar, mesmo quando está de folga! — brincou Paul, rindo.

Jackie não estava mais ouvindo os comentários dele, concentrando-se em cortar a lona que, inicialmente, parecia resistir à lâmina da faca, mas enfim acabou sendo perfurada.

Deixando a faca de lado, ela afastou as duas partes do tecido e soltou uma exclamação abafada.

Um crânio indiscutivelmente humano parecia olhar para a claridade do dia ensolarado. Por um instante, um cheiro fétido se espalhou pelo jardim, mas desapareceu rapidamente.

Paul ajoelhou-se ao lado dela, olhando para o crânio, com um olhar quase hipnotizado.

— O que é isso?

— perguntou ele, apontando.

— Parecem pedaços de grama seca...

— Provavelmente são cabelos — murmurou Jackie.

— Cabelos humanos duram por muito tempo debaixo da terra, mesmo após terem desaparecido os líquidos e os tecidos. São mais resistentes até do que as cartilagens.

Respirando fundo para criar coragem, Jackie puxou a lona, expondo a totalidade dos ossos.

O esqueleto estava totalmente descarnado e parecia ter sofrido alguma espécie de violência, porque os ossos estavam jogados uns sobre os outros dentro do invólucro de lona que os envolvera.

Ela tentou pensar com lucidez, para se lembrar de quais deveriam ser os procedimentos em casos desse tipo. Mas, à medida que observava melhor os ossos amontoados, foi sentindo uma onda de horror se apoderando de seu

cérebro, incapacitando-a de racionar e até de reagir.

— Oh, meu Deus, Paul! — murmurou ela, encostando-se no peito dele, em busca de amparo.

— Jackie? O que foi? Por que você está assim? Ela soluçou incapaz de emitir um som.

— Você está tremendo, querida.

Paul a abraçou com força, procurando acalmar aquela inexplicável crise de pânico, tão pouco típica de Jackie.

Com muito esforço, ela conseguiu controlar-se e, limpando o suor frio que cobrira seu rosto, apontou a vala.

— Olhe Paul. Olhe com bastante atenção... Ali no meio. Entre os ossos, havia um pequeno objeto redondo, que

Jackie apontava com dedos trêmulos.

Finalmente Paul enxergou o que ela apontava e empalideceu. O pequeno objeto redondo era o crânio de um bebê.

— Por Deus... é um bebê, Jackie. E alguém o perfurou... Jackie balançou a cabeça, ainda incapaz de se livrar do terror quase paralisante que a envolvera. Sem ter consciência de seu gesto, tocou a barriga, onde o seu bebê flutuava tranqüilo, em um mundo de líquida segurança.— Não se trata de uma perfuração. É a moleira do bebê, o que indica que ele era um recém-nascido.

— Mas talvez ambos tenham morrido de forma natural

— declarou ele, incapaz de admitir algo mais trágico.

— Ela poderia ter morrido de parto, pois isso costumava acontecer muito, quando não existiam recursos.

— Sem dúvida, ela poderia ter morrido de parto, mas algo me diz que não foi assim.

Com a ajuda de Paul, Jackie conseguiu se erguer, mas ficou imóvel à beira da vala.— Agora tenho de chamar alguém do meu departamento— declarou ela, finalmente se encaminhando para a porta da cozinha. — Só existe uma certeza, Paul.

Ela não se enterrou sozinha no quintal.

CAPÍTULO V

Jackie iniciou sua licença-maternidade, atormentada pela visão dos dois

crânios envolvidos pela lona azul. Tinha pesadelos assustadores que a acordavam no meio da noite, banhada em suor frio e com o coração disparado pelo terror. Entretanto, durante o longo tempo em que permanecia acordada, incapaz de conciliar o sono por se sentir rodeada de sombras estranhas em um ambiente que ainda não lhe dava a segurança da familiaridade, não conseguia lembrar-se de um único detalhe do sonho mau que a despertara.

Agora faltava bem pouco tempo para o nascimento de seu filho e, a cada dia que passava mais difícil se tornava encontrar uma posição confortável para dormir. O bebê estava se mexendo bem menos, mas o médico a tranqüilizara, diante de seu pânico de mãe de primeira viagem, dizendo-lhe que era apenas um sinal da proximidade do parto.

Ela se sentiria muito mais confiante, se pudesse visitar Adrienne e discutir tudo que estava sentindo. Mas, pelo menos naquele momento, a amiga não poderia ajudá-la de forma alguma. Normalmente direta alegre e dona de um humor sarcástico, mas sem maldade, ela continuava mergulhada em um mundo sombrio, onde se mesclavam esgotamento físico e depressão, a tal ponto que não parecia ser mais a mesma pessoa.

Agora que Jackie já não ia mais para a delegada, sobrava-lhe tempo para organizar tudo em sua nova casa, inclusive cuidar do tão sonhado jardim.

Na quinta-feira, quatro dias depois de terem encontrado os dois corpos, ela criou coragem para voltar ao quintal. Usando um chapéu de aba larga para protegê-la do sol, agachou-se junto do canteiro e começou a cavar os buracos para colocar as mudas no canteiro que Paul deixara preparado para o plantio, no fim de semana.

O sol aquecia suas costas, o ar estava perfumado com o aroma dos lilases que desabrochavam e com o cheiro agreste de grama cortada. Até o bebê, ultimamente pouco agitado, se movia com mais entusiasmo naquele dia de primavera.

—Vai plantar petúnias? — perguntou uma voz bem próxima.

Jackie ergueu a cabeça e sorriu para John Caldwell, que se inclinava sobre a cerca de madeira, com um jornal debaixo do braço.

— Estou tentando — brincou ela, colocando uma das mudas no buraco que acabara de abrir. — Na verdade, não tenho muita noção de como devo proceder, mas...

Ele examinou o caixote das mudas, onde se mesclavam as cores intensas das flores.

— Bem, você teria começado melhor se tivesse escolhido mudas sem flores — explicou John. — Se as plantas já estão em um estágio adiantado, sofrem mais ao ser transplantadas e, às vezes, não vingam.

— Sério? — Ela olhou para as flores, desanimada. — Pois o vendedor disse que estas mudas eram o ideal para se ter um jardim... Instantâneo!

— Claro! — ele sorriu, mostrando os dentes de um branco pouco natural. — Os vendedores sempre tentam se livrar das mudas que estejam florescendo. São mais difíceis de vender, entende?

— A não ser que apareça alguém ignorante no assunto como eu — declarou Jackie, irritada.

— Mas você não tinha obrigação de saber. Algumas coisas só se aprendem através da experiência.

John Caldwell devia estar perto dos setenta anos. Apesar do calor, que chegara mais cedo naquele verão, ele usava uma camisa de mangas longas e uma calça que outrora fizera parte de um terno. Uma coroa de cabelos grisalhos rodeava-lhe a calva e seu rosto era redondo e afável como o de uma criança.

— Li que vocês encontraram algo estranho em seu quintal

— disse ele, mostrando o jornal. — Foi ontem, não é?

— Já saiu no jornal? Não tenho tido muito tempo para ler e por isso não vi a notícia.

— Bem, é apenas uma nota na última página da edição de ontem. Diz que você encontrou alguns ossos que parecem ser humanos.

— Não parecem apenas, são mesmo ossos humanos!

A expressão de Jackie ficou subitamente séria, ao lembrar-se dos dois crânios.

— E a quem pertencem? — perguntou John, inclinado-se mais sobre a cerca, como se esperasse uma confidência. — São parte de algum desses antigos túmulos de indígenas ou homens pré-históricos? Lembro-me que encontraram várias ossadas muito antigas em Coeur d'Alene, há alguns anos.

— Eu realmente não saberia dizer — declarou Jackie.

— O Departamento de Polícia de Spokane pediu que um antropólogo de Chicago viesse dar uma espiada nesses ossos.

— Que interessante! Então esse perito vera de Chicago?

— Ele deve estar chegando a Spokane hoje — disse Jackie, olhando para o

relógio. — Mas o patologista do hospital não acredita que os ossos sejam tão antigos. Ele aposta que não tem mais do que vinte ou trinta anos.

— Verdade? — A expressão de John revelava surpresa.

— Não é muito tempo... Moro aqui há vinte e cinco anos, sabia?

— Sim, Lola me contou. — Jackie tentou ver a fisionomia de John, mas o sol estava batendo em seu rosto.

— E nunca notou nada de estranho nesta casa?

— Nunca notei nenhuma atividade desse tipo. Quando me mudei para cá, Karl e Wilma Gottfriedson moravam nessa casa. Os dois tinham mais de setenta anos e ele morreu uns dois anos após minha vinda para esta rua. Ela continuou por aqui cerca de quinze anos e então seus filhos a levaram para uma residência de pessoas idosas.

— E sabe se esse casal já morava nesta casa há muito tempo, antes de você se mudar para cá?

— Não tenho muita certeza, mas me parece que estavam morando aqui há dois ou três anos apenas. Não eram como as irmãs Betker — declarou ele, sorrindo. — Aquelas duas vivem em seu castelo há uma eternidade! Ou como a Sra. Weitzel, que se mudou para esta rua mais de cinquenta anos atrás.

O velho senhor parou para pensar e Jackie não disse nada, à espera de mais informações.

— Se não me engano, o velho Karl me disse que a casa tinha sido alugada antes de ser comprada por ele. Lembro-me de que foi preciso uma boa reforma para consertar os inúmeros estragos. Depois que Wilma morreu, a propriedade mudou de mãos várias vezes, até cair nas suas.

— Mas nunca se ouviu nenhum boato estranho a respeito dos Gottfriedson ou de alguma das pessoas que morou na casa antes deles?

— Eu não me lembro de nada. — Ele sorriu encabulado.

— Mas não sou do tipo que inspira confidências de vizinhos, nem dou muita atenção a fofocas.

— Já percebi que não — brincou Jackie, sorrindo para ele.

Mas John não estava mais prestando atenção nela, pois

se virará ao ouvir o barulho de um carro. Era Lola que cruzava o jardim da casa ao lado, vindo na direção deles.

— Oi, Lola... Você vai bem?

— perguntou Jackie.

— Estou ótima.

A corretora juntou-se ao pai, do outro lado da cerca. Ela estava usando roupas mais esportivas e saltos baixos, o que lhe dava um ar muito mais jovem. Mas a maquiagem continuava bastante exagerada.

— Jackie está plantando algumas flores — disse John para a filha.

— Eu vi, papai — comentou ela, com impaciência, voltando-se para Jackie.
— Já está se sentindo em casa? Eu pretendia lhe telefonar para saber se tudo estava indo bem, mas não tenho tido um único minuto livre! Surgiu algum problema que eu possa resolver para você?

— Não, tudo vai indo muito bem.

— A não ser pelas coisas horríveis que você encontrou no quintal — comentou Lola, num tom de voz duro.

— Vi a notícia no jornal de ontem e mal pude acreditar no que estava lendo!

— É... Foi realmente perturbador.

— E você vai cuidar desse caso? — perguntou Lola, curiosa.

— Terá de descobrir a quem pertenciam os ossos e quem os enterrou em seu quintal? Deve ser divertido resolver esses mistérios!

Jackie balançou a cabeça, como sempre surpresa com a insaciável curiosidade das pessoas diante de qualquer detalhe que envolvesse o trabalho da polícia em casos misteriosos.

— Na verdade, não é nada divertido. Principalmente em um caso como esse, que envolve pistas antigas demais. Mas, mesmo se fosse algo muito recente, eu não faria nada, porque estou de licença.

— Quando deve nascer seu bebê?

— A qualquer hora. A data limite é dez de junho, mas o médico acha que pode ser um pouco antes.

Lola a encarava, fascinada.

— E você não está completamente apavorada?

Mais uma vez, Jackie se surpreendia com a franqueza infantil de Lola.

— Não — respondeu ela, rindo.

— Pelo menos, não sinto medo do parto. Gostaria até de apressar o nascimento e ficar logo livre desta barriga imensa.

— Posso imaginar! — declarou Lola, estremeando de horror diante daquela perspectiva.

— Mas tenho um certo receio em relação a ser mãe. Entretanto, acho que terei de resolver este problema só quando ele surgir, certo? Não adianta me preocupar com antecedência e... já não dá mais para voltar atrás!

— Bem... avise-nos se precisar de alguma coisa— declarou Lola. — Estamos à sua disposição. Não é mesmo, papai?

— Claro — murmurou John, timidamente.

—É só pedir.

— Eu agradeço a ambos — disse Jackie, comovida com a atenção dos dois.

Ela acabara de colocar a última muda no canteiro e levantou-se desajeitadamente.

— Acho melhor ir tomar um banho e trocar essas roupas cheias de terra. Paul deve chegar logo, com as compras. Hoje ele fará o jantar para mim.

A expressão de Lola se transformou ao ouvir o nome de Paul, ficando muito mais suave, quase sonhadora.

— Ah! Como ele é lindo! Eu realmente não entendo você, Jackie. Por que não...

Lola calou-se bruscamente ao ouvir algo que o pai lhe disse baixinho.

— Tem razão, papai. É mesmo hora de irmos para casa! Vamos tomar chá, pois assim eu paro de me intrometer na vida de Jackie. Ela deve ter milhares de coisas para fazer, visto que irá receber uma visita para jantar.

John seguiu a filha, com docilidade, mas parou à porta de sua casa e virou-se para Jackie.

— Tem visto o nosso gato preto, ultimamente, Jackie?

— Ele não tem aparecido muito — respondeu ela, procurando afastar-se logo da cerca.

— Às vezes aparece de manhã, para comer alguma coisa, mas logo vai embora.

Finalmente livre dos vizinhos, Jackie entrou em sua cozinha e viu o gato deitado no chão, na faixa de sol que entrava pela janela.

— Está vendo só o que você fez? — perguntou ela, abaixando-se para acariciar o animal. — Tive que mentir por sua causa, bichano, e justamente para o meu vizinho mais simpático!

O gato ronronou feliz com a atenção e as carícias inesperadas.

— Se você deixasse de ser boêmio e decidisse ficar comigo, eu admitiria o nosso relacionamento — continuou ela, rindo.

— Mas seus passeios noturnos continuam e ninguém sabe a quem pertence seu coração, não é?

Na sexta-feira de manhã, Jackie foi até a delegacia, depois de sua visita semanal ao médico. Ela entrou pela porta lateral, a fim de não ser vista pelas recepcionistas que sempre a recebiam com exclamações e gritinhos de espanto diante do tamanho de sua barriga e conseguiu chegar, sem ser vista, até a sala dos investigadores.

A sala estava silenciosa e vazia, um sinal evidente de que todos estavam ocupados. Ela olhou para as escrivaninhas de madeira, gastas e lascadas, cada uma com seu computador, para os cabides onde não havia nenhum casaco pendurado e para as pilhas de pastas que significam trabalho atrasado. Alguém, talvez Alice que era a secretária do departamento, havia colocado um vaso com lilases sobre um arquivo de metal e o aroma das flores perfumava o ambiente.

Jackie sentiu-se envolvida por uma sensação de isolamento e solidão. Só estava de licença há uma semana, mas já se sentia excluída do mundo ao qual sempre pertencera.

Após um minuto, ela atravessou a sala e foi até o escritório de Lew Michelson, separada do resto dos investigadores por paredes de vidro. O sargento estava sentado à sua escrivaninha, lendo uma das muitas pastas amontoadas sobre sua mesa.

O chefe dos investigadores era um homem de expressão bem-humorada e sorridente. Jackie bateu no vidro, sorrindo para ele, quando notou que Brian Wardlow estava sentado em uma das cadeiras em frente da escrivaninha.

— Estou interrompendo alguma reunião importante?

— perguntou ela.

— Não, não — respondeu Michelson, indicando-lhe que se sentasse na outra cadeira à sua frente.

— Na verdade, estávamos falando sobre você. Como está se sentindo?

Wardlow observava, fascinado, a dificuldade dela em se acomodar na

cadeira estreita.

— Céus! Você está positivamente perigosa, Kaminsky! Parece que vai explodir a qualquer momento.

— Acha mesmo? — Ela o encarou furiosa.

— Gostaria de carregar este volume por algum tempo só para ver como é bom?

— Deus me livre! — exclamou ele, horrorizado. — Nem morto!

— Então? Está tudo bem? — interferiu Michelson.

— Está... Acabei de chegar do médico e ele disse que o bebê deve chegar a qualquer momento.

— Nós todos aguardamos a chegada dele, ansiosamente

— declarou Michelson, sorrindo.

— Bem, eu só passei por aqui para saber se vocês têm alguma novidade a respeito dos meus esqueletos.

— *Seus* esqueletos? — resmungou Wardlow.

— Antes fosse assim!

— Ah! Então é você quem vai cuidar desse caso, Brian?

— perguntou ela, rindo.

— Estou até o pescoço de trabalho — lamentou-se ele.

— Temos uma gangue de motociclistas que quer se fixar na cidade, dois homicídios em uma loja de conveniência e aqueles malditos assaltos a joalherias... Além dos problemas rotineiros que continuam acontecendo diariamente. Pringle leva quatro horas para bater um relatório, o que não ajuda em nada! Como se não bastasse, agora terei de investigar um assassinato ocorrido há trinta anos.

— Então vocês conseguiram determinar a data? São mesmo trinta anos?

— Os ossos têm pouco mais de trinta anos — disse Wardlow, consultando uma das pastas.

— Puxa! — exclamou Jackie, admirada.

— Eu não sabia que se podia fazer uma análise tão precisa a esse respeito.

— E não se pode mesmo — respondeu Brian.

— Mas acontece que a prefeitura expandiu a rede de fornecimento de

água em 1965 e aquele bairro foi um dos que receberam esse benefício. O seu encanamento fica bem debaixo do lugar onde Paul encontrou os esqueletos. Portanto, não poderiam estar enterrados há mais tempo.

Jackie inclinou-se e bateu levemente no braço de seu companheiro de investigações.

— Meus parabéns, Brian. Estou realmente impressionada com seu talento investigativo.

Wardlow fez uma careta e continuou a consultar a pasta.

— O esqueleto maior pertence a uma mulher, provavelmente com menos de vinte e cinco anos.

— E como os patologistas podem ter certeza da idade dela?

— Há uma espécie de sulco nos ossos pélvicos que surge ao redor dos trinta anos e o esqueleto não apresentava essa característica.

— E você encontrou algum aviso de pessoa desaparecida que tivesse sido emitido nessa época?

Wardlow balançou a cabeça, desanimado.

— Não encontramos nada relativo à nossa região.

— Michelson tirou os óculos, esfregando os olhos cansados.

— Pedimos que o FBI verificasse seus arquivos, em âmbito nacional, mas trata-se de um desaparecimento muito antigo. Muitos desses arquivos nunca foram passados para o computadores e por isso leva um tempo enorme para que se faça uma pesquisa. Além disso, não se trata de um caso com prioridade.

— Ela foi morta com machadadas — interveio Wardlow.

— Foi decapitada e desmembrada... Um assassinato bastante macabro.

— Sério?! — exclamou Jackie, subitamente sentindo o mesmo frio que a envolvia quando entrava no quarto que seria do bebê. — Ela foi... Decapitada?

— O tal antropólogo de Chicago me mostrou as marcas, que são bastante características e nítidas. É possível ver onde a lâmina seccionou as vértebras do pescoço, os ossos do braço e das coxas. Também havia sinais em outras partes do corpo. Alguém passou um tempo enorme agredindo a vítima com um machado.

— Oh, meu Deus — murmurou Jackie, sentindo um arrepio de horror. — E o bebê? Também foi... Mutilado?

— Não há nenhuma marca no bebê — prosseguiu Wardlow.

— Na verdade, ele parece não ter sofrido trauma algum.

O pequeno esqueleto está perfeitamente articulado. O patologista deduziu que ele deve ter morrido por asfixia e depois enterrado com todo cuidado. Ou talvez tenha sido enterrado vivo... É um recém-nascido.

— Foi o que eu pensei — murmurou Jackie, penalizada.

Não acha estranho, Brian? O assassino foi tão selvagem com a mulher, mas não a ponto de destruir o filho dela?

— Não temos certeza de que o bebê seja dessa mulher

— explicou Brian. — Ela parece não apresentar nenhum sinal de que tenha dado a luz.

Jackie olhou para os dois homens, incapaz de esconder sua perplexidade.

— Mas... Eles não podem descobrir com toda certeza?

— Na verdade, trata-se de um processo bem interessante

— continuou Wardlow. — Colocaram todos os ossos em uma das mesas de autópsia do Dr. Klein. Aliás, ele mandou um abraço para você.

Jackie sorriu, ao lembrar-se do médico legista, gorducho e comunicativo, que adorava o próprio trabalho e conseguia transformar as autópsias em eventos interessantes para os investigadores.

— Então, juntaram os pedaços, como se estivessem fazendo um quebra-cabeças. Klein e o antropólogo de Chicago somaram seus talentos e praticamente nos disseram o que a vítima tinha tomado no café da manhã, só de olharem para os ossos!

— Eu gostaria de ter estado presente — queixou-se Jackie.

— Você devia ter me chamado Brian.

— O caso não é seu, Kaminsky. Mesmo você tendo desenterrado os esqueletos no seu quintal...

— Fale mais sobre a vítima, Brian. O que os leva a deduzir que o bebê não é dela?

— Não foi isso que eu disse.

— Wardlow consultou novamente a pasta.

— O esqueleto apresentava evidências de um dano no osso pélvico, resultante de algum trauma bastante anterior à morte da vítima. Dr. Klein disse que ela provavelmente mancava bastante. A natureza desse trauma parece tornar impossível detectar se ela teve uma gravidez normal, mas não invalida a certeza de que não deu a luz. Os ossos pélvicos não estavam separados o bastante para indicar um parto.

— Acho que não estou entendendo, Brian. Afinal, o bebê era dela ou não?

Os dois homens se entreolharam, preocupados, e Michelson tomou a iniciativa de explicar:

— Existem outras maneiras de dar a luz... Sem ser pelo canal pélvico, Jackie.

— Em especial se alguém está por perto... Com um machado

— completou Brian.

Ela estremeceu e, involuntariamente, cobriu a barriga com as mãos, num gesto de proteção.

— Jesus... — murmurou ela, horrorizada.

— Sinto muito, Kaminsky — disse Brian, antes de prosseguir.

— Enviei Pringle à sua rua, a fim de conversar com seus vizinhos, ontem. Obviamente, ele não conseguiu nada além de algumas informações vagas a respeito de um casal de idade que morou na casa que agora é sua.

— Eram os Gottfriedson, Brian. Eles compraram a casa no início da década de setenta, quando decidiram se aposentar e não mais se dedicar à agricultura.

Michelson voltou a colocar os óculos e a fitou, espantado.

— Bem... Eu conversei com um vizinho que mora na casa pegada à minha há cerca de vinte e cinco anos.

— Então, ele não vai ajudar muito — declarou Brian.

— Nossas estimativas indicam que os corpos foram enterrados naquele quintal em alguma data entre 1965 e 1972. Durante esse período de tempo, a casa pertenceu a um corretor imobiliário que a alugou para diversos inquilinos. E, de acordo com os registros da prefeitura, ficou vazia por um ano, no início da década de setenta, quando então foi comprada por esse casal idoso. Qualquer pessoa poderia ter entrado na propriedade para enterrar os corpos.

— E qual vai ser seu próximo passo, Brian? Wardlow olhou novamente para seu chefe.

— Nenhum.

— Como? Nenhum?

— Procure entender, Jackie. A não ser que o FBI encontre um caso de pessoa desaparecida que combine com as arcadas dentárias da nossa vítima... Não nos resta muito a fazer, pois os vizinhos não se lembram de nada.

Não temos nenhum desaparecimento local em nossos arquivos e as pistas, se é que existe alguma, têm trinta anos. Meu tempo é precioso e preciso dar conta de casos mais importantes.

— Eu tenho certeza de que os vizinhos sabem mais do que estão deixando transparecer — insistiu Jackie.

— Alguns deles moram naquela rua desde sempre! Além disso, passam o tempo todo espreitando as pessoas.

Wardlow esticou as pernas, soltando um suspiro.

— Se sabem, não estão dispostos a falar, Kaminsky.

— Francamente, Brian! Você acha que alguém se abriria com Pringle? Dois minutos de conversa com ele são um verdadeiro sonífero!

Michelson deu uma risada e depois voltou a ficar sério. ..

— Pringle trabalha duro — disse ele, com firmeza.

— Acho que ainda será um bom investigador.

— Talvez... — resmungou Brian. — Mas, por enquanto, ele só consegue me deixar com saudade de Kaminsky.

Jackie sorriu para ele, agradecida, e depois voltou a encarar o chefe.

— Por que não me deixa cuidar desse caso, sargento?

— Nem pense nisso. Você está de licença. .

— Mas não precisa ser uma missão oficial — pediu ela.

— Posso usar uma parte de meu tempo livre para interrogar os vizinhos e, de quando em quando, vir até aqui para relatar meu progresso. Vamos, sargento, concorde comigo!

Michelson estava nitidamente hesitante.

— Brian não terá nada a ver com a minha investigação paralela — insistiu Jackie, animada. — Será algo para me ocupar a fim de que eu não morra de tédio.

— Você logo não terá um minuto livre — declarou ele, apontando o ventre de Jackie.

— Mas eu só voltarei a trabalhar dentro de alguns meses e, se eu tiver uma investigação para me ocupar, não me sentirei tão exilada do meu mundo!

Ainda hesitante, Michelson olhou para Wardlow, em busca de ajuda para tomar uma decisão.

— O que você acha, Brian?

— Entregue o caso a ela, sargento... já que está se oferecendo voluntariamente! Como Kaminsky já disse, nós não pretendemos levar a investigação adiante.

Se a moça tem vontade de perder tempo conversando com os vizinhos, quem sou eu para me opor?

— E se o FBI encontrar algum arquivo que combine com o nosso? — perguntou Michelson, ainda relutante.

— Então, Brian volta a assumir o caso — apressou-se a dizer Jackie.

— Na verdade, ele continua sendo o investigador oficial. Eu apenas conversarei com os vizinhos, tentando garimpar alguma informação valiosa, além de pedir a meu amigo Karl Widmer, o dono do *Sentinel*, para me ajudar a pesquisar velhos arquivos de seu jornal.

Percebendo que Michelson ainda não se convencera, Jackie o encarou com determinação.

— Por favor, chefe!

— Eu não entendo — resmungou ele.

— Por que você quer se envolver com uma investigação sem futuro justamente quando tem todo o tempo livre para se preparar para a vinda do bebê?

Jackie pensou nos dois crânios, um deles tão pequenino, que não conseguia esquecer, nem enquanto dormia e sentiu uma onda de terror.

— Não quero que seja mais um caso sem solução... Não quando as vítimas foram enterradas no *meu* quintal!

— Está bem — cedeu Michelson, suspirando.

— Acho que você pode dar uma olhada no material recolhido por Brian e também não será nada mau se interrogar seus vizinhos a respeito do caso. Mas não se trata de uma investigação oficial, portanto não use seu distintivo, certo? Se conseguir informações que julga válidas, monte uma pasta e venha nos apresentar seus progressos semanalmente.

Sorrindo, Jackie levantou-se e foi abraçar Michelson.

— Muito obrigada! Você é um doce!

Rindo, Wardlow também se levantou e lhe entregou a pasta com as informações sobre o caso.

— Vamos gorducha! Já que você está tirando esta bomba das minhas mãos... o mínimo que posso fazer é lhe pagar o almoço!

CAPÍTULO VI

Jackie e Brian foram almoçar na Pizza Hut, um de seus restaurantes preferidos. Ele acomodou-se em uma das mesas que lhes proporcionariam mais privacidade, e esticou as longas pernas.

— Voltamos aos velhos tempos, Kaminsky! — disse ele, nitidamente feliz. — Como você está?

— Grávida — respondeu ela, sorrindo, enquanto colocava molho na salada. — E você?

— Definitivamente... Não grávido! — Ele tomou um gole do café e acrescentou mais creme de leite. — Só estou mesmo é apavorado.

— Mas está com medo de quê, Brian? Ele deu um sorriso envergonhado.

— Acho que é do casamento.

— Deixe de brincadeira, amigo! — Jackie começou a rir.

— Está querendo voltar atrás?

— Bem... é uma tremenda decisão, Kaminsky — esbravejou ele, numa atitude defensiva. — E minha experiência anterior não me tornou muito otimista a respeito de casamentos em geral.

— Chris é uma mulher completamente diferente de Sarah. Jackie nem gostava de se lembrar da ex-esposa de Brian,

uma mulher egoísta, gananciosa e problemática, que transformara a vida dele em um verdadeiro inferno na época do divórcio.

— Eu sei que Chris é diferente. — Ele pegou o saleiro e começou a observá-lo com atenção. — Por que põem esses grãos de arroz no meio do sal?

— É para evitar que o sal fique úmido e... Não mude de assunto, Brian.

— Que assunto? — perguntou ele, sorrindo para a garçonete que chegara com as pizzas que haviam pedido.

— Nós estávamos falando sobre casamento. Você tinha acabado de confessar que é um grande covarde.

— Ah! E você não é? Leva a vida com serenidade e nunca tem medo de nada, certo? A nossa querida JK não conhece o significado dessa palavra.

— Não estávamos discutindo a minha pessoa — declarou ela, espantada com aquele ataque inesperado.

— Pois então vamos discutir agora! Afinal, é você quem está imensa e prestes a ser mãe, mas ainda continua covarde demais para se casar com o pai da criança.

— Eu não sou covarde! — Ela parou de falar, por um instante, a fim de devorar um pedaço enorme de pizza. — As pessoas são mesmo ridículas! Por que assumem que uma mulher grávida tem, automaticamente, de se casar com o pai da criança?

— Porque, de uma maneira geral, acredita-se que a *criança* levará uma vida melhor se tiver mãe e pai.

— Eu sei que essa é a crença generalizada — replicou ela, franzindo a testa. — Mas, na minha opinião, é melhor ter só uma parte do casal, alguém confiante e alegre, do que as duas partes se enfrentando em uma guerra sem tréguas! Pai e mãe em eterno conflito acabam com a vida de qualquer filho.

— Sabe que eu nunca notei que você e Arnussen estivessem sempre em conflito? — declarou Brian, com uma expressão de inocência fingida. — Na verdade, vocês dois parecem se dar incrivelmente bem.

— Nós nos damos bem porque não moramos juntos.

Só Deus sabe o que aconteceria se nos casássemos!

— Você é realmente uma grande covarde, Kaminsky! A mulher mais corajosa em uma missão se transforma na criatura mais medrosa do mundo quando se trata de sua vida pessoal.

— Tudo bem, talvez eu seja mesmo medrosa — concordou ela, sem encontrar nenhum argumento em sua defesa.

— Mas se você tivesse vivido com a minha avó, aposto que também não teria a menor confiança em sua capacidade de manter um relacionamento estável e feliz.

— Então, você é incapaz de aceitar um compromisso mais durável como o casamento, só porque sua avó a fez se sentir insegura e infeliz?

— Quer fazer o favor de largar do meu pé, Brian? É você quem está

apavorado com o casamento e querendo cair fora do compromisso assumido!

Brian surpreendeu-a ao esticar o braço por cima da mesa e segurar-lhe a mão.

— Eu sinto mesmo muita falta da sua companhia, Kaminsky! O trabalho perde toda a graça sem você ao meu lado.

— Céus, Brian! Você está sendo tão simpático que nem sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada, nem ficar animada com a minha observação. Provavelmente, a culpa é do maldito Pringle. Qualquer pessoa seria fantástica, se fosse comparada com aquele palerma.

— Está mesmo muito ocupado, Brian? — perguntou ela, rindo do desespero do companheiro.

— A situação nunca esteve pior — lamentou-se ele.

— Nós poderíamos contratar mais seis investigadores e ainda seria difícil dar conta de tudo. O caso da gangue de motoqueiros exige que estejamos a postos dia e noite.

— Por que essa dedicação intensiva?

— Estamos fazendo uma política de prevenção. Procuramos por delitos antigos nas fichas deles, mantemos um grupo sempre de campana e conseguimos mandatos de apreensão pelos motivos mais insignificantes, a fim de desencorajar esses sujeitos de se estabelecerem na região.

— Em resumo, vocês estão pressionando-os de todas as maneiras... Com abuso de poder, certo?

— Talvez seja até um caso de abuso de poder, mas essas gangues estão de tal forma organizadas, nos dias de hoje, que qualquer atitude extrema é justificável. Eles têm ligações com o crime organizado e acesso a advogados de primeira linha, sabia?

Não é mais como antigamente.

— Eles parecem uns senhores de meia-idade, barrigudos e inofensivos, em suas motos Harley Davidson.

— Essa é a visão que gostariam de projetar... A de senhores não muito jovens, com aquelas barrigas enormes de tanto tomar cerveja, com roupas de couro preto e tatuagens espalhadas por todo o corpo. Enfim, uma espécie de caricatura cômica que nos foi legada pela turma da década de setenta. Mas essa imagem representa unicamente uma fachada, que esconde operações criminosas de incrível eficiência. Os caras mais graduados na organização estão ficando

milionários com dinheiro que vem da venda de drogas.

— É assustador — comentou ela.

— Sem dúvida. É por isso que os departamentos antidrogas de todas as cidades da região estão investindo muito dinheiro e muito material humano para manter essas gangues afastadas daqui.

— Ainda bem que alguém se deu conta do perigo e tomou uma atitude. Já não era sem tempo.

— Jackie olhou para o último pedaço de pizza em seu prato.

— Está tão deliciosa que não vou mesmo resistir. É melhor comer o mais possível agora porque, depois que o bebê nascer, terei de me afastar de comidas apimentadas por um bom tempo.

— Por quê?

— Porque todo tempero excessivo altera o leite — explicou ela, sorrindo.

— Você... Vai amamentar o bebê? — perguntou ele, nitidamente surpreso.

— Claro! E por que eu não o faria? É mais barato, melhor para o bebê e muito mais cômodo do que ficar às voltas com mamadeiras e latas de leite em pó!

— Jackie Kaminsky amamentando o filho!— Ele deu uma gargalhada. — Quem teria imaginado um absurdo desses?

— Tudo bem, ria à vontade. — Ela o encarou, sem se abalar.

— Eu pretendo ser a melhor mãe possível.

— E eu nunca tive dúvidas de que vote seria perfeita como mãe. — Ele cruzou os talheres sobre o prato vazio e a fitou curiosamente. — Realmente quer cuidar desse caso enquanto está de licença, Jackie?

— Eu quero mesmo, Brian. Você se esqueceu que estou afastada das investigações desde o começo do inverno? Vou me divertir, interrogando as pessoas, embora talvez me sinta uma amadora, como essas personagens de romances policiais que adoram fazer investigações por conta própria.

— E por que essa investigação a interessa tanto assim?

— Eu não sei exatamente o motivo, mas... — Ela cutucou os cogumelos da última fatia de pizza e os devorou, distraída.

— Senti alguma coisa diferente quando encontramos esses ossos. É como... Como se os dois crânios estivessem falando comigo.

— Falando... Com você?

— Tive alguns sonhos estranhos, em que esses crânios tentavam me dizer algo. Foram pesadelos assustadores. Só que, quando acordo, nunca consigo me lembrar o que eles queriam dizer.

Wardlow a fitava, preocupado, e Jackie se sentiu subitamente desconfortável.

— Talvez fosse melhor você descansar mais e não cuidar desse caso, Jackie. Nós poderíamos...

— Não ouse insinuar que estou me tornando histérica por causa da gravidez, Brian! Não há nada de errado comigo, sou a mesma pessoa que sempre fui.

— Claro que é. — Ele ergueu a xícara pedindo à garçonete que o servisse de mais café. — O que pretende fazer quando chegar a hora de ter o bebê, Jackie?

— Eu não pretendo fazer nada, Brian — respondeu ela, secamente. — O plano é deixar que a natureza se encarregue do processo.

— E se acordar no meio da noite, com contrações? Vai dirigir seu carro até o hospital? Chris está bastante preocupada com o fato de você morar sozinha e não ter ninguém ao seu lado nesses últimos dias antes do parto.

— Ela é um amor por se preocupar comigo, mas avise-a de que não haverá problema algum. Tomei as providências necessárias.

— E que providências são essas?

— Paul finalmente instalou um telefone na fazenda. Está até usando um bip nas ocasiões em que se afasta demais da sede. Quando as dores de parto começarem, ele vem imediatamente para minha casa.

— Mas... e se ele não chegar em tempo?

— É meu primeiro filho e o trabalho de parto, nesses casos, leva de dez a doze horas.

Os dois permaneceram em silêncio por algum tempo, enquanto terminavam de comer.

— Brian? — disse ela, finalmente.

— Sim? — Ele agradeceu a garçonete que acabara de servi-los de mais café.

— Eu ainda não pude ler as informações sobre o caso. O Dr. Klein e o

antropólogo disseram alguma coisa a mais sobre os esqueletos?

— Bem... — ele franziu a testa, num esforço de concentração.

— O Dr. Klein achou que a garota devia ter cabelos ruivos, embora os poucos fios restantes estivessem tão descolorados que mais pareciam capim seco. Provavelmente era miúda, com pouco mais de um metro e meio. Ah, os dentes eram muito bons, sem nenhuma cárie.

— Mais alguma coisa?

— Havia um anel junto com os ossos, um aro fino com um coração. Está na gaveta de evidências do departamento.

— Não poderia ser uma aliança de casamento?

— Não, mais parecia um anel de criança, sabe? Não tinha nenhuma inscrição. Se ela realmente estava usando-o, devia ser bem magra. Pedi a Alice que o experimentasse e não entrou nem em seu dedo minguinho!

Involuntariamente, Jackie visualizou uma garota esguia e de cabelos vermelhos, dando à luz, sendo assassinada e enterrada em uma cova rasa no quintal de casa, junto com seu filho recém-nascido e ainda vivo.

— Oh, meu Deus — murmurou ela, colocando as mãos sobre o ventre.

— Você está se sentindo bem?

— perguntou Brian, assustado.

— Estou muito bem, mas vou adorar o momento em que o bebê estiver bem acomodado em seu berçinho em vez de na minha barriga!

— Posso imaginar como ficará... Mais leve — declarou ele, respirando aliviado.

— Você compareceu à autópsia, Brian. Eles acham que existe a probabilidade de que o bebê não seja da vítima? Ou que ela não tenha dado à luz naturalmente? Isso me parece tão estranho!

— Eles realmente não sabiam. O Dr. Klein não quis nem mesmo formular uma hipótese e você sabe como ele costuma ser confiante em sua habilidade dedutiva. Só disse que o trauma no osso pélvico tornava impossível afirmar, com certeza, se a vítima poderia ter uma gravidez normal. Mas ele não tinha dúvidas de que o bebê não nasceu naturalmente.

— Ele tinha idéia do que poderia ter causado o trauma no osso pélvico?

— As informações técnicas estão todas na pasta, mas eles acharam que poderia ser um tombo feio, talvez de bicicleta. O mais provável, porém, é que

tivesse sido causado por violência.

— Que tipo de violência?

— O dr. Klein disse que havia uma fratura no osso pélvico. Ele encontrou esse tipo de trauma em inúmeras crianças que sofreram abusos por parte dos pais e nas quais fez a autópsia. Se tivessem sobrevivido, apresentariam o mesmo tipo de lesão.

— Como se alguém tivesse quebrado a perna dela, quando ainda era bebê? É isso que está querendo dizer, Brian?

— Algo assim — murmurou ele, desviando o olhar.

Jackie estremeceu, lembrando-se do crânio coberto de terra.

— A pobrezinha não teve uma vida fácil, concorda?

— Pare com isso, Kaminsky — esbravejou ele.

— Não comece a se envolver emocionalmente ou irá se frustrar muito! O caso tem trinta anos e pertence ao passado.

— Sei muito bem que é um caso antigo demais. Vamos mudar de assunto, sim? Conte-me quais são as últimas fofocas do departamento.

Ela esforçou-se bastante para prestar atenção na conversa de Brian, mas não conseguia se livrar da visão perturbadora de uma jovem mulher, provavelmente bonita e vaidosa de seus cabelos ruivos, sendo enterrada junto com o filho.

Jackie chegou em casa no começo da tarde e, depois de colocar um vestido largo e sandálias confortáveis, foi até o quarto do bebê. As roupinhas dobradas, as pilhas de fraldas muito brancas, o mobile sobre o berço e o balde de lixo colorido devolveram sua esperança no futuro.

— Eu vou cuidar muito bem de você, querido — disse para o bebê ainda em seu ventre. — Quero que tenha uma vida segura e feliz, sabe? E todos os dias, sem pular nenhum, vou abraçá-lo e repetir o quanto te amo!

Ainda inquieta Jackie desceu as escadas, percebendo que seus movimentos estavam se tornando mais desconfortáveis. Segundo o médico, o bebê "baixara", colocando-se na posição necessária para o início do processo de parto. Essa modificação aliviara a pressão no pulmão e nas costelas, mas tornara cada passo mais difícil. Parecia-lhe estar andando de lado!

Ela saiu de casa e sentou-se na cadeira de balanço que colocara no terraço.

A tarde estava agradável e o perfume das flores pairava no ar cálido. Os tordos voavam na direção do cedro junto do portão traseiro, carregando comida

em seus bicos. Paul lhe mostrara um ninho com cinco ovinhos e ela sorriu, feliz em pensar que novas famílias também começavam a existir entre os galhos frondosos daquela árvore majestosa.

Sentado ao pé do tronco, o gato observava o movimento dos pássaros e parecia lambe-los os beijos quando os via desaparecer no entre as folhas.

— Nem pense nisso, bichano! — Jackie balançou o dedo para o gato.

— Se você tocar em um desses passarinhos vai ter de se entender comigo!

O felino a fitou com seus olhos amarelos e, arqueando as costas, começou a lambe-la a pata, como se disfarçasse suas verdadeiras intenções.

Sorrindo, Jackie desviou o olhar, examinando o jardim da casa vizinha, e avistou Emma Betker.

A velha senhora estava usando um enorme chapéu de sol e com um xale envolvendo seus ombros. Na mesa à sua frente, havia uma jarra de limonada. Eleanor, a irmã mais velha, empurrava uma espécie de carrinho de mão sobre o gramado. Ela usava um macacão e camisas masculinas de mangas longas.

Enquanto observava as duas mulheres, Jackie tentava descobrir uma forma de se aproximar delas. Michelson a avisara para não se identificar como policial nem se arvorar em investigadora oficial do caso.

Compreendia muito bem os motivos dele, mas essas restrições dificultavam seu trabalho. Sem o respaldo do departamento, ela passava a ser apenas uma vizinha curiosa e intrometida. Jackie não se sentia nada bem nesse papel, principalmente por ter passado sua infância nos cortiços da área sul de Los Angeles. Ela aprendera bem cedo que não era seguro nem prudente nutrir qualquer curiosidade a respeito dos vizinhos!

Entretanto, a situação agora era diferente e sua posição não oficial poderia dar resultados positivos. As pessoas talvez fornecessem mais informações a uma vizinha grávida do que a uma policial.

Subitamente decidida, ela levantou-se da cadeira e atravessou seu jardim lateral, até alcançar um pequeno portão que separava as duas propriedades. Eleanor estava se aproximando, sempre empurrando seu carrinho de mão, e a cumprimentou.

— Como vai?

Para surpresa de Jackie, que esperava uma voz grossa e rude, Eleanor tinha um timbre delicado e feminino.

- Você deve ser Eleanor, certo?
- Sim, sou Eleanor Betker e aquela é minha irmã, Emma.

Jackie cumprimentou as duas e notou que Emma respondeu ao seu aceno com um sorriso tímido, para logo depois lançar um olhar assustado para a irmã.

— E eu sou Jackie Kaminsky. É um prazer conhecer vocês duas. Lola contou-me algo a respeito dos vizinhos, mas ainda não pude...

— Quem é Lola? — perguntou Eleanor, rispidamente.

— Lola Bridges é a filha de John Caldwell. É corretora de imóveis e foi ela que me vendeu a casa.

— Ah, sim!

O rosto de traços fortes revelava uma emoção contida que Jackie não conseguia identificar. Seria desprezo pela corretora?

Eleanor Betker poderia ser uma mulher ainda atraente se cuidasse mais de sua aparência. Os cabelos, embora grisalhos, eram volumosos e brilhantes, os olhos tinham um tom de azul intenso e as sobrancelhas eram arqueadas. Entretanto, a pele fora maltratada pelo sol e suas atitudes bruscas e desprovidas de delicadeza feminina davam-lhe um ar rude e agressivo.

Por alguns instantes, Jackie permaneceu em silêncio, sem saber de que forma abordar o assunto. Finalmente, decidiu usar de absoluta franqueza, pressentindo que seria a melhor estratégia a ser adotada com aquela mulher.

— Por acaso, você leu a notícia sobre os ossos encontrados...

— Fique quieta! — Depois de falar com rispidez, Eleanor se inclinou para mais perto de Jackie e falou em voz baixa.

— Não fale de coisas desse tipo perto de Emma, por favor. Ela fica terrivelmente nervosa e eu preciso acalmá-la durante vários dias, até que volte ao normal.

— Então me desculpe. — Jackie olhou para Emma, que parecia isolada em seu mundo particular. — Mas será que nós duas poderíamos conversar?

— Por quê? Você ainda está trabalhando para a polícia? Obviamente, toda a vizinhança já fora informada sobre sua profissão!

— Não se trata de nada oficial — explicou ela, disfarçando a surpresa. — Estou de licença, mas me pediram para fazer algumas perguntas informais aos vizinhos, a fim de descobrir alguma pista que possa ajudar a investigação.

— É... Acho que faz sentido. Afinal, você está por aqui.

Mas Eleanor ainda hesitava, olhando distraidamente para o carrinho de madeira que estivera empurrando através do gramado. Era uma espécie de caixote, com rodas e uma lâmina rotatória.

— É um carrinho para espalhar fertilizante no gramado

— explicou ela, percebendo o olhar interrogativo de Jackie.

— Eu o desenhei e construí sozinha. Todos os aparelhos desse tipo que existem no mercado são um verdadeiro lixo! Quebram, entopem e distribuem mal o produto sobre a grama, que acaba crescendo em tiras. O meu funciona perfeitamente bem.

Inclinando-se sobre o portão, Jackie examinou o estranho aparelho de madeira.

— Eu também gosto de construir coisas — declarou ela.

— Fiz um curso de carpintaria na escola e o resultado foram as mesas laterais da minha sala de visitas.

Eleanor a encarou, surpresa, e sorriu. Jackie se deu conta de que passara em algum obscuro teste e fora aprovada. O importante agora era usar essa vantagem!

— Acha que poderia encontrar alguns minutos para conversar comigo, Eleanor? Eu realmente gostaria de saber mais a respeito das pessoas que moraram em minha casa no final da década de sessenta e no início da de setenta.

— No final da década de sessenta?

— perguntou Eleanor, lançando um olhar preocupado na direção da irmã.

Emma permanecia imóvel em sua poltrona, mas Jackie teve a impressão de que a frágil senhora tentava escutar o que estava sendo dito.

— Pode ser. — Eleanor se inclinou até chegar bem perto de Jackie. — Está na hora de Emma repousar, como faz todas as tardes. Venha até nossa casa e, depois que eu a tiver acomodado, conversaremos à vontade.

— Muito obrigada — disse Jackie, abrindo o portão que separava as duas casas.

— Fui eu que instalei esse portão, sabia? Houve um período de tempo em que eu tive de cuidar dos dois jardins e era mais fácil passar por aqui do que dar

a volta pela rua.

— Quando foi isso?

A pergunta de Jackie ficou sem resposta, pois Eleanor já se afastara, caminhando para junto da irmã. Com uma incrível facilidade, carregou a frágil Emma nos braços e dirigiu-se para a casa.

Segurando o chapéu de palha para evitar que caísse de sua cabeça, Emma virou-se para Jackie e deu um sorriso tímido.

— Você é nossa nova vizinha.

— Sim — respondeu Jackie, devolvendo o sorriso. Emma Betker ainda era encantadora, apesar da idade.

Sua aparência de fragilidade lhe dava um ar etéreo, como se fosse uma escultura de cristal, que se desfaria ao menor toque descuidado. Essa impressão de delicadeza extrema era realçada pela solidez da irmã que a segurava como se protegesse um tesouro precioso.

— E você vai ter um bebê! — prosseguiu Emma, com uma expressão de curiosidade nos olhos quase infantis por não disfarçarem o interesse que sentia sobre o assunto.

— É verdade. Ele está para chegar a qualquer momento agora.

As três haviam alcançado a porta dos fundos. A um sinal de Eleanor, Jackie a abriu e as três entraram na ampla cozinha, cujo assoalho de madeira polida parecia clarear

ainda mais o ambiente.

— Quando vai chegar o seu bebê? — perguntou Emma, depois que a irmã a colocou em uma cadeira junto da mesa.

— A qualquer hora — repetiu Jackie, com paciência.

— Um bebê! — Ela bateu palmas, entusiasmada.

— Mas você precisa ter muito cuidado, sabe? Pessoas maldosas podem tentar roubar o seu bebê... Podem levá-lo embora e...

Ela parou de falar e lágrimas escorriam por seu rosto.

— Chega de tolices, Emma! — Cruzando a cozinha com passos determinados, Eleanor voltou a carregar a irmã.

— Com licença... Vou acomodá-la e voltarei logo.

— Eu agradeço muito a sua gentileza.

Jackie viu a silhueta forte e sólida de Eleanor se afastar e decidiu que faria o possível para encontrar a frágil Emma a sós, a fim de terem uma conversinha particular.

CAPÍTULO VII

Ao ficar sozinha, Jackie examinou a cozinha e se deu conta de que era inesperadamente linda.

Ela nunca tivera a oportunidade de educar seu gosto em estilos de decoração. Raramente freqüentara casas requintadas, a não ser a de Adrienne, e sua experiência de ambientes finos se limitava aos que surgiam no seu caminho em função do trabalho de policial. Entretanto, sabia muito bem que preferia um estilo simples e sem rebuscamentos, onde o excesso de enfeites era suprimido a fim de deixar à vista a graça essencial das estruturas.

E essa era a descrição mais perfeita da casa das irmãs Betker. O chão da cozinha era de carvalho polido, as paredes haviam sido pintadas de branco, assim como o teto, onde se destacavam traves da mesma madeira do assoalho. Os armários tinham portas de vidro e o único toque de cor no ambiente vinha dos azulejos verdes sobre a pia, da coleção de porcelana exibida em uma das prateleiras junto da janela e das plantas, entre elas uma luxuriante avenca que parecia uma cortina de renda.

O efeito era de uma austeridade solene, mas ao mesmo tempo acolhedora.

Curiosa, Jackie aproximou-se da passagem, aberta em arco, para ver o outro aposento. Uma mesa oval, com dez cadeiras de espaldar alto e uma cristaleira com uma bela coleção de porcelanas formavam a sala de jantar. Um sofá e algumas poltronas estofadas de chintz azul formavam um semicírculo junto da janela e por toda parte viam-se magníficos vasos de avencas e samambaias. As paredes das duas salas também eram muito alvas, mas na sala de visitas havia delicadas aquarelas com molduras da mesma madeira antiga e polida pelo tempo que se via nos móveis e no chão. Ela ouviu os passos de Eleanor descendo as escadas e sorriu, embaraçada.

— Peço-lhe desculpas por estar espiando suas salas, sem pedir permissão... é uma casa linda!

— Esta casa é a minha paixão — explicou Eleanor, sem demonstrar nenhuma emoção. — Passei toda a minha vida restaurando-a, a fim de manter sua perfeição.

De acordo com minhas pesquisas, a sala de visitas e a de jantar deviam ser exatamente como você as vê, quando a casa foi construída em 1872.

— Lola me contou que você e Emma sempre viveram nesta casa... Que nasceram aqui.

— É mesmo? — Eleanor dirigiu-se para a cozinha.

— A nossa amiga Lola é uma verdadeira fonte de informações, não?

— Acho que ela se interessa muito por casas — explicou Jackie, sem jeito, aceitando o convite para sentar-se à mesa da cozinha. — Se não tivesse esse interesse, não gostaria de seu trabalho.

— Pois eu acho que ela se interessa mais pela vida das pessoas do que pelas casas.

— Ao abrir a porta da geladeira, Eleanor olhou para Jackie.

— Quais são suas proibições alimentares? Fiz uma jarra de chá gelado, esta manhã, mas tem muita cafeína, certo? Mas também sobrou limonada.

— Eu prefiro a limonada...

A robusta senhora encheu um copo de cristal com limonada, outro com chá e os trouxe para a mesa, onde também colocou uma lata com biscoitos.

— Você mora sozinha?

— perguntou Eleanor, depois de sentar-se à mesa.

— Sim.

— E não sente medo, agora que o dia do bebê nascer está chegando?

Jackie olhou nos olhos de Eleanor.

— São muito poucas as coisas que me dão medo.

— Sorte sua! — exclamou a vizinha', sorrindo.

— Eu gosto de mulheres com coragem. Nunca aceitei a idéia de que

fraqueza é uma prova de feminilidade. E aquele rapaz louro e lindo que está sempre chegando e partindo em uma enorme caminhonete? Deve ser seu namorado, não?

— Sim, ele é pai do bebê. Tem uma fazenda perto de Reardan.

Revelando o quanto era diferente das outras pessoas, Eleanor não demonstrou a menor curiosidade em saber por que Jackie não estava vivendo junto com o pai de seu filho.

As duas tomaram suas bebidas em silêncio e, por alguns minutos, os únicos sons ecoando na cozinha eram o canto dos pássaros e o chiado indolente da água do irrigador do gramado, batendo na parede lateral da casa.

— A sua casa é muito bonita — repetiu Jackie, olhando ao seu redor. — Eu fiquei apaixonada!

— Restaurei a cozinha há dez anos. Os armários são novos, mas considero-os uma excelente cópia dos originais.

Eleanor olhou para as próprias mãos, cheias de calos, e Jackie deduziu que a corpulenta senhora havia feito grande parte do trabalho em madeira. Involuntariamente, sua simpatia pela vizinha crescia a cada momento.

— E onde conseguiu esses azulejos verdes maravilhosos?

— Eu mesma os pintei e os queimei no forno de porcelana de uma amiga.

Jackie voltou a olhar os azulejos, com uma expressão de incredulidade.

— Eles são espetaculares! Então, você também é uma artista?

— Mais ou menos... Gosto de brincar com aquarelas e...

— Céus! Também pintou aqueles quadros lindos da sala de visitas?

Eleanor riu, revelando dentes muito brancos.

— Você está nitidamente empolgada, investigadora.

— Pois é um sinal que demonstra o quanto estou impressionada com seu talento. Não sou do tipo que se empolga facilmente.

— Eu percebi.

— Eleanor examinou a jovem vizinha com um olhar pensativo e depois apontou, com um gesto quase masculino, para uma porta às suas costas.

— A única modificação que fiz neste andar foi a instalação de um banheiro, com todos os confortos modernos, na despensa.

— Puxa! A despensa era grande o bastante para abrigar um banheiro espaçoso?

— Você nem imagina como era grande! — exclamou Eleanor, satisfeita. — As pessoas gostavam de despensas amplas no século dezenove. Era um cômodo convenientemente situado entre a cozinha e a sala de jantar, onde o mordomo também tinha espaço para organizar tudo que era necessário para servir as refeições com grande estilo. Adaptei um banheiro e depois abri uma parede para fazer esse arco que dá acesso à sala de jantar.

Jackie voltou a admirar a moldura de carvalho polido que arrematava o amplo arco.

— Então essa madeira é nova? — exclamou ela, surpresa.

— Ninguém adivinharia, pois parece idêntica às outras peças, que são antigas.

— Comprei as tábuas de carvalho de uma casa, em South Hill, que estava sendo demolida, e depois precisei de várias semanas até deixá-las com o mesmo tom dos móveis e do piso. Deu muito trabalho, mas eu precisava de um banheiro no térreo, por causa de Emma.

— Ela tem condições de andar?

— Mais ou menos. Poderia até andar mais, mas sua osteoporose está tão avançada que não me arrisco a deixá-la subir as escadas. O simples peso do próprio corpo de Emma poderia trincar uma vértebra ou esfarelar o fêmur.

— Sua irmã me parece tão doce — murmurou Jackie, lembrando-se da frágil senhora, com olhos azuis inocentes como os de uma criança.

— Emma é mesmo um amor. — Eleanor encarou a vizinha, com um olhar nitidamente duro e alerta. — Mas devo lhe dizer que ela tem o mal de Alzheimer. Alguns dias são bons, outros bastante ruins. Não a aconselho a prestar atenção em nada do que diz, em especial quando se trata de acontecimentos ocorridos no passado. A memória dela se tornou confusa demais.

— Realmente? É muito triste e deve ser muito difícil para você, não?

Jackie sentiu seu interesse por Emma crescer muito, diante da ameaça velada, mas inconfundível, que transparecia na voz de Eleanor.

— É a minha vida — replicou Eleanor, sem rodeios.

— Minha existência se resume a cuidar de Emma e desta casa. Sou capaz

de morrer para proteger qualquer uma das duas.

Mais uma vez, Jackie foi o alvo de um olhar desafiador e muito frio.

Aquela insinuação velada deixou Jackie hesitante, sem saber até que ponto deveria ser agressiva em seu interrogatório. Sempre reagira bastante mal quando alguém a desafiava, alertando-a para se manter à distância. Por outro lado, não desejava criar um

antagonismo prematuro e, além disso, poderia conseguir muito mais informações pessoais sobre as irmãs Betker com os outros vizinhos.

— Estes biscoitos são deliciosos — comentou Jackie, para aliviar a tensão do ambiente.

— Foram feitos por Emma. Nos dias chuvosos, eu a acomodo diante da bancada e coloco todos os ingredientes à sua frente. Muitas vezes, passa a manhã toda entretida e feliz.

Jackie tomou um gole da limonada, tentando gravar tudo que Eleanor lhe dizia. Não trouxera sua caderneta e precisaria lembrar-se dos detalhes para transcrevê-los. Então, uma súbita dor fez com que colocasse as duas mãos nas costas.

— Tudo bem? — perguntou Eleanor, preocupada.

— Foi apenas uma pontada. Esse tipo de dor tem se repetido nos últimos dias, mas o médico disse que, como o bebê já está encaixado, devo esperar que elas aumentem a partir de agora.

— Qual é a sua data limite?

— É na próxima sexta-feira.

— Isso quer dizer que pode acontecer a qualquer momento.

— Acho que sim — murmurou Jackie, sorrindo. — Se eu tiver algum problema... Você sabe ajudar um parto?

— Já ajudei alguns bebês virem ao mundo — respondeu Eleanor, rindo e olhando para suas mãos fortes.

Por algum motivo inexplicável, Jackie sentiu um arrepio de medo e forçou-se a controlar suas emoções.

— É bom saber. Agora, a respeito dos ossos encontrados no meu quintal...

— Ah, sim. O que são eles exatamente?

— O investigador encarregado do caso conseguiu estabelecer que foram enterrados após 1965.

— Claro. Foi nesse ano que a prefeitura colocou os canos para a nova rede de água.

— É isso mesmo. — Jackie observava a expressão da vizinha com atenção.
— E essa rede passava exatamente debaixo dos ossos encontrados. Se já estivessem no local, teriam sido desenterrados nessa ocasião.

— A partir de 1965 — murmurou Eleanor, pensativa.

— Bem, essa informação coloca a situação dentro de outro contexto, não é? Quando li o artigo, achei que seus ossos seriam os remanescentes de alguma tumba indígena ou algo igualmente antigo.

— John Caldwell também pensou que fosse algo desse tipo. Mas o antropólogo calculou que os esqueletos têm apenas trinta anos.

— Esqueletos? — Eleanor apertou as mãos em torno do copo.

— Então... Havia mais de um?

— Sim, nós encontramos duas ossadas. — Jackie continuava sem desviar os olhos da vizinha. — Um pertencia a uma mulher jovem e o outro a um bebê. No momento, a polícia decidiu não divulgar nenhuma informação a respeito do bebê nos comunicados que fez à mídia.

Eleanor levantou-se e caminhou até a pia. Apoiando-se no mármore, permaneceu alguns minutos olhando para seu impecável jardim.

— Por acaso, lembra-se de alguma jovem grávida, vivendo por aqui, nessa época?

— Não.

Ao virar-se de frente para Jackie, Eleanor mantinha o rosto impassível. Ela serviu-se de mais chá e voltou a sentar-se.

— No final da década de sessenta, passaram muitos inquilinos pela casa que você comprou. A maioria era de pessoas sem moral e coisas muito estranhas chegaram a acontecer. Tive de chamar a polícia em diversas ocasiões, mas não adiantava nada.

— E, entre essas pessoas, você nunca notou uma mulher grávida? Ela devia ser bastante jovem, pequena e magra, provavelmente de cabelos de um ruivo intenso?

O rosto de Eleanor se desfigurou, transmitindo uma angústia tão intensa que chegou a assustar Jackie. Ela viu a luta da vizinha para recuperar o controle das emoções, tomando vários goles de chá e flexionando convulsivamente a mão.

— Eleanor? — disse ela, finalmente rompendo o momento de crise.

— Essa descrição despertou-lhe alguma lembrança, certo?

— Não.

— Ela balançava a cabeça, procurando respirar fundo e pausadamente.

— Sinto muito, mas não me lembro de nada. Se algo me ocorrer, eu a avisarei.

Agora, se me der licença, preciso ir cuidar de Emma. Às vezes, ela não consegue encontrar a posição certa para dormir e fica se debatendo.

Ela levantou-se, determinada, deixando claro que a conversa havia terminado. Jackie não teve outra opção a não ser levantar-se também.

— Muito obrigada pelo tempo que perdeu comigo, Eleanor. Se lembrar-se de algo...

— Sim, sim... Eu a avisarei. E boa sorte com o bebê. Com as mãos crispadas no espaldar da cadeira, ela fitava

Jackie e seu rosto se tornara novamente impassível.

Andando lentamente, Jackie sorriu polidamente para a vizinha, antes de descer os degraus da cozinha e cruzar o jardim, até o portão que a própria Eleanor havia colocado entre as duas casas... Há muito tempo.

Na manhã seguinte, Jackie levantou-se cedo e começou a andar pela casa, sentindo uma enorme energia e a inadiável necessidade de colocar tudo em ordem.

Seus objetos pessoais eram bem poucos e a maioria deles já fora desembalada e guardada. Restavam ainda algumas caixas, que continuavam fechadas no porão.

Algumas dessas caixas continham roupas e equipamentos esportivos já velhos, que ela pretendia arrumar algum dia, quando sobrasse tempo. As demais estavam cheias de papéis referentes ao seu imposto de renda, uniformes de seus dias como policial em Los Angeles e cadernos de notas. Neles estavam seus quinze anos de trabalho na polícia e nunca tivera coragem de jogá-los fora devido a um medo mórbido de que algum dia a intimassem a repetir detalhes de algum caso antigo que houvesse investigado.

Por um instante, pensou em colocar toda essa papelada em ordem, mas

abandonou a idéia rapidamente. Sentia uma certa relutância em enfrentar a escada íngreme que descia até o porão e, decididamente, não queria respirar aquele ar abafado e com cheiro de mofo.

Ela saiu de casa e, numa decisão repentina, decidiu cuidar de seu canteiro de flores. John Caldwell tinha razão! Todas as petúnias estavam perdendo as pétalas. Mas, felizmente, as plantas pareciam saudáveis e Jackie sentiu uma sensação de vitória.

— Como se eu soubesse o que estava fazendo...

— Murmurou ela, rindo consigo mesma.

Ao meio-dia, ela entrou em casa, para almoçar. Estava terminando de comer seu iogurte com frutas quando o telefone tocou. Era Paul, como ela esperava.

— Oi, Jackie. Como está se sentindo hoje?

— Bastante grávida... se é que esse assunto lhe interessa.

— Na verdade, me interessa um pouquinho só. Continua tendo aquelas pontadas?

— Não parecem ter aumentado muito. Vêm e vão...

— Jackie apertou a mão nas costas, pressionando o local dolorido. — De qualquer forma, deve estar chegando a hora. Se demorar muito mais, sou capaz de explodir, como um balão.

— Pelo menos, você está bem alegre — comentou ele, rindo.

— É verdade, estou mesmo ótima... Cheia de energia, sabe? Estava pensando, agora mesmo, em pegar uma escada para tirar o pó dos lustres.

— Nem brinque — esbravejou ele, preocupado.

— Esqueça que existem escadas, sim?

— Ou talvez seja melhor subir no telhado para repor aquelas telhas quebradas.

— Recuso-me a fazer qualquer comentário, moça. O que você fez hoje?

— Passei a manhã cuidando do canteiro. As plantas estão saudáveis, mas quase todas as flores caíram.

— Não se preocupe. Elas voltarão a aparecer.

— Ah! Esqueci de dizer que agora tenho um trabalho

— exclamou Jackie, animada. — Passei ontem na delegacia, para saber o

que havia de novo sobre os nossos esqueletos e Michelson disse que eu podia interrogar os moradores da minha rua. Informalmente, é claro! O departamento não tem tempo sobrando para investigar um crime de trinta anos.

— Como sabem que os ossos têm trinta anos?

Jackie relatou a Paul todas as deduções do Dr. Klein e do antropólogo, terminando com sua vista a Eleanor Betker.

— Tenho certeza de que ela sabe muito mais do que está dizendo, Paul. Você precisava ter visto a cara dela quando eu descrevi a vítima de cabelos ruivos. Quase desmaiou!

— Sei que não adianta dizer, mas... Tenha cuidado, sim?

— A voz de Paul revelava uma intensa preocupação.

— O que você quer dizer com "cuidado"?

Trata-se de uma investigação primária e o caso tem mais de trinta anos!

Paul permaneceu em silêncio durante alguns segundos.

— Bem, ficarei atento ao meu bip. Não se esqueça de deixar um recado caso haja qualquer alteração em seu estado.

— Claro que sim. Só duvido que aconteça algo neste fim de semana. Estou me sentindo bem demais. E o que você anda fazendo?

— Estou terminando um curral novo. Quais são seus planos para esta tarde?

— Acho que vou visitar minha vizinha da frente, a Sra. Weitzel. É a casa do outro lado da rua e ela mora neste bairro há mais de cinquenta anos. Estou ansiosa por descobrir do que ela se lembra.

Mais uma vez, Paul ficou em silêncio e Jackie sabia que ele lutava contra a necessidade de lhe pedir para ser cuidadosa. Sentiu a costumeira vontade de rir, temperada por uma pitada de impaciência, mas não fez nenhum comentário.

— Tudo bem — disse ele, finalmente.

— Eu ligo para você à noite.

— Obrigada, Paul.

O telefonema a deixara com uma estranha sensação de vazio e Jackie decidiu preparar um chá para se distrair.

Nos últimos dias, as conversas com Paul tinham se tornado muito diferentes. Ele não parecia o mesmo namorado amoroso e provocador, que a deixava excitada com suas insinuações sensuais.

— Afinal, o que eu poderia esperar? — disse ela, em voz alta, para o gato que dormia ao pé da janela.

— Eu comunico ao cara que me recuso a viver com ele, apesar de ser o pai do meu filho. Por que ainda fico surpresa quando deixa de agir como um namorado apaixonado?

Ao ouvir a voz dela, o gato se espreguiçou. Ele tinha o estranho hábito de dormir de barriga para cima com as patas erguidas, mas ligeiramente flexionadas. Jackie nunca vira um felino dormir dessa maneira, mas Shadow era decididamente individualista e cheia de excentricidades.

— Que vida boa! — disse ela, acariciando-lhe o focinho. — Você passa o dia perseguindo esse retângulo de sol, para dormir no quentinho, não é?

O gato espreguiçou-se de novo e logo voltou a se enrodilhar, fechando os olhos.

Rindo, Jackie terminou de tomar o chá e, depois de arrumar a cozinha, saiu para conhecer a Sra. Weitzel.

A casa do outro lado da rua era quase tão grande quanto a das irmãs Betker, mas parecia prática e sem os refinamentos da mansão que ela visitara na tarde anterior.

Jackie avançou pela entrada lateral, a fim de bater na porta dos fundos. O quintal também não se parecia em nada com o magnífico jardim traseiro de Eleanor. Havia muito poucas flores e a maior parte do espaço fora utilizada para uma horta extremamente bem cuidada.

A porta se abriu antes que Jackie batesse pela segunda vez. Diante dela estava uma senhora baixa, ligeiramente gorda, mas visivelmente vigorosa. Os olhos escuros eram brilhantes, as faces tinham um rosado saudável e os cabelos brancos haviam sido trançados e formavam uma espécie de coroa no alto de sua cabeça. Com um vestido florido e tênis de cano alto próprios para corrida, a bem-disposta senhora não disfarçava o quanto apreciava visitas.

— Oi... — murmurou Jackie, ligeiramente espantada com aquela aparição repentina. — Sou sua nova vizinha, Jackie Kaminsky. A senhora deve ser a Sra. Weitzel.

— Prefiro que me chame de Dolly. Entre! Vamos comer um pãozinho com semente de papoula que acabei de tirar do forno.

Ela seguiu os passos rápidos da Sra. Weitzel e entrou em uma casa que era comicamente diferente da mansão Betker. O gosto de Dolly tendia para cores

berrantes, flores de plástico, tecido xadrez e babados.

Sem contar a marcada predileção por vacas! Abismada, Jackie notou que aqueles animais apareciam por toda a parte, em profusão. Em imãs presos à geladeira, nos panos de prato, nos azulejos da parede e em todas as peças de porcelana.

— Eu sempre gostei de vacas — explicou Dolly, ao notar o olhar espantado de Jackie.

— São animais amorosos, adoráveis e dão leite todos os dias. Eu admiro esse tipo de energia.

Aliás, Dolly Weitzel parecia transbordar energia. O corpo gorducho dava a impressão de estar vibrando, como o de um esportista pronto para dar a largada em alguma grande corrida e seus olhos irradiavam um brilho quase cintilante.

— John me contou que você trabalha na polícia.

— Enquanto falava, Dolly tirava alguns pãezinhos da assadeira, colocando-os em um prato, com desenhos de vacas sorridentes.

— Eu ia pedir sua ajuda ontem, sabe? Mas não quis incomodá-la tão perto ainda de sua mudança.

— Queria minha ajuda? — Jackie estava perplexa.

— Achei que você deveria saber algo sobre fechaduras... Como abri-las sem chave, entende?

Dolly trouxe uma bandeja com manteiga e vários tipos de geléia caseira e os colocou diante de Jackie.

— Eu saí de casa e esqueci de levar a chave. Eu sou muito desligada. Esqueceria minha cabeça se não estivesse grudada no pescoço!

— E o que você fez?

— Decidi entrar por uma das janelas do porão e descer em cima da mesa de passar roupa. Pode imaginar o que aconteceu? Fiquei presa, pendurada no ar! E o tempo todo eu pensava... Dolly, desta vez você se danou, entrou num beco sem saída! Provavelmente ainda estaria entalada se Mike não tivesse chegado.

— Quem é Mike? — perguntou Jackie, sentindo que ela e Dolly se tornariam grandes amigas.

— É meu filho. — Dolly suspirou. — Sou um tormento na vida do pobre-coitado. Acho que ele desejaria ter uma mãe mais normal.

— Pois eu acho que você deve ser uma mãe perfeita. — Jackie deu uma mordida no saboroso pãozinho, que enchera de geléia de morango. — Além de ser uma cozinheira maravilhosa!

A robusta vizinha irradiou felicidade ao ouvir aqueles elogios e, levantando a manga do vestido, mostrou uma enorme mancha roxa em seu braço.

— Está vendo? Eu machuquei o braço na janela e Mike ficou realmente furioso comigo.

Jackie inclinou-se para frente a fim de examinar o machucado.

— Você devia mesmo ter me pedido ajuda. Pode ser perigoso cair de uma dessas janelas do porão.

— Eu não queria incomodar, sabe?

Mas estou feliz por ter vindo me visitar, pois agora não me sentirei embaraçada de lhe pedir favores.

— Bem... eu estava ansiosa por conhecê-la — prosseguiu Jackie. — Ouvi dizer que você mora nesta casa há muito tempo.

— Exatamente há cinqüenta e um anos — declarou Dolly, orgulhosa. — Vim para esta casa no dia em que me casei e eu estava com trinta e um anos.

— Então... tem oitenta e dois anos? — exclamou Jackie, atônita.

— Completei oitenta e dois em fevereiro.

— E ainda se arrisca entrando e saindo de casa pelas janelas do porão? Meu Deus! Não é de se espantar que seu filho fique furioso.

— Por favor, não comece a me censurar também. Eu já escuto demais de meus filhos. Eu já havia completado trinta e um anos quando me casei, porque Klaus tinha ido para a guerra e ficou prisioneiro. Durante mais de vinte meses, não recebi nem uma única carta dele, mas continuei esperando que voltasse para mim. Tão logo isso aconteceu nos casamos e mudamos para cá.

Jackie a ouvia, fascinada com a vitalidade de Dolly, esperando mais recordações do passado.

Entretanto, o interesse de Dolly já voltara para assuntos do presente.

— Aposto que veio até aqui para me interrogar a respeito dos ossos desenterrados no seu quintal, certo?

- Sim... É verdade — respondeu Jackie, tomada de surpresa.
 - Ouviu falar sobre o que aconteceu?
 - Mas é claro! Gerald me contou.
 - E Gerald também é seu filho?
 - Gerald? — Dolly caiu na gargalhada.
 - Pela madrugada! Gerald é quase tão velho quanto eu. Mora mais para o fim da rua e dá aulas de piano para a garotada das redondezas.
 - Ele mora nessa casa há muito tempo?
 - Mais ou menos quarenta anos — declarou Dolly, com firmeza. — Lembro-me de que Gerald mudou-se para cá no fim da década de cinquenta. Ele era professor de música em uma escola pública antes de se aposentar, sabe?
- Jackie concluiu que também teria de interrogar Gerald.

Mas ela realmente não entendia como David Pringle não tinha conseguido uma única informação valiosa desse grupo de vizinhos e amigos de longa data.

- Então?
- insistiu Dolly, curiosa.
- Descobriram alguma coisa sobre o homem encontrado no seu quintal? Sabem quando foi enterrado ou quem era ele?

Jackie repetiu a história toda, contando como a polícia havia determinado a idade dos ossos. No momento, não pretendia mencionar a existência do esqueleto do recém-nascido, mas descreveu a jovem mulher de cabelos ruivos.

Os olhos de Dolly se arregalaram.

- Meu Deus do céu! — exclamou ela, horrorizada.
 - Está me dizendo que eles mataram a pobre garota?
- Mataram a pobre Maggie?

CAPÍTULO VIII

Maggie? Jackie olhou, cheia de expectativa, para a vizinha, nitidamente abalada.

— Enterrada no quintal da casa... Todos esses anos — murmurou Dolly Weitzel, comovida. — Quem teria imaginado...

— Você se incomodaria se eu tomasse notas? — perguntou Jackie, remexendo a bolsa, à procura de sua caderneta.

— Não... Claro que não. — Dolly balançava a cabeça, penalizada. — Acho tão difícil acreditar! A pobre criança...

— Lembra-se do sobrenome dela?

— Maggie... Maggie... — Ele fitou um ponto qualquer no espaço, esforçando-se para se concentrar. — Era um sobrenome curto, bastante comum...

Jackie esperava pacientemente.

— Birk! — exclamou Dolly, com uma expressão de triunfo.

— Era esse o nome dela! Maggie Birk.

— E ela morava na casa em frente à sua, do outro lado da rua?

— Não morou lá muito tempo. Pobrezinha!

— Consegue se lembrar de quando foi isso?

— Há trinta anos... Não — corrigiu-se ela —, foi há exatamente vinte e nove anos. Lembro-me com precisão porque Mike tinha acabado de completar dezessete anos e queria largar os estudos para fazer um curso prático de soldador.

Nós não permitimos, porque tínhamos que, se deixasse a escola, fosse convocado para servir no Vietnã.

Depois de anotar rapidamente as informações, Jackie olhou para a Sra. Weitzel, cheia de curiosidade.

— Por que não contou essa história ao investigador Pringle, Dolly? Ele veio lhe fazer perguntas há alguns dias, lembra-se?

— Aquele policial? Mas como eu poderia contar? Ele não disse que era a pobre Maggie que estava enterrada no seu quintal.

— Dolly começou a mexer na tampa do pote de geléia.

— Ele só me perguntou se eu lembrava da pessoa que morou na casa há trinta anos e eu realmente não tinha a menor idéia de quem fosse. Só me dei conta que era Maggie, quando você a descreveu para mim.

— E a família da garota? Sabe alguma coisa sobre eles?

— Aparentemente, a pobre moça não tinha família. Na verdade, eles devem tê-la tratado muito mal, sabe? Maggie mancava bastante.

— É verdade? — Jackie anotou a informação e depois esperou que sua vizinha continuasse o relato.

— Maggie simplesmente apareceu por aqui. Alban a trouxe para casa, como se fosse um cãozinho abandonado.

— Alban? Lembra-se do sobrenome dele?

— Como era mesmo o nome daquele sujeito? — Dolly franziu a testa, pensou por alguns segundos e desistiu. — Não consigo me lembrar. Alban era um homem magro, não muito alto, com cabelos compridos e uma barba mal cuidada. Um daqueles tipos da década de setenta, que se parecia com Jesus Cristo, sabe? Era um hippie de verdade!

— E ele morou nesta rua por muito tempo?

— Não muito... Deve ter se mudado para cá cerca de três ou quatro meses antes de trazerem Maggie para casa.

— Então Alban era casado?

— Não, mas tinha um filho adolescente. Os dois viviam sozinhos e era por esse motivo que trouxeram Maggie. Alban contou que precisavam de uma mulher que cuidasse da casa e fizesse comida para eles.

— Entendo. E quantos anos tinha o filho dele?

— Acho que devia ser alguns anos mais novo do que

Mike. Chamava-se Lenny. Que garoto feio e desagradável ele era! Meus filhos o detestavam!

— Você têm outros filhos, além de Mike, Dolly?

— Sim. Tenho uma filha, Laura, que é dois anos mais velha do que Mike. Ela estava morando na faculdade, na época em que Maggie viveu na casa em frente. Depois vêm Steve e George, os dois mais novos. Todos os meus filhos têm dois anos de diferença em suas idades. — Ela sorriu orgulhosa. — Klaus sempre tomava cuidado com esses detalhes.

Jackie fez rapidamente os cálculos.

— Então, Steve devia ter a mesma idade que Lenny?

— Mais ou menos. Mas os meus garotos não queriam nem se aproximar do

vizinho. Lenny era estranho demais... Nem ia à escola, acredita?

— Não ia à escola? — exclamou Jackie, atônita.

— Com quinze anos?

— Alban o ensinava, seguindo um desses cursos por correspondência. Ele preferia não tocar nesse assunto, mas parece que Lenny não se dava bem com os colegas. O que não era de causar espanto! — exclamou Dolly, com firmeza.

— Como ele era?

— Lenny? Bem, ele era gordo e de ossos grandes, com uma pele pavorosa! Os outros garotos o odiavam, mas nunca me disseram por que motivo. Sabe como são os adolescentes, não? Um dia, quando eu estava entregando os jornais no lugar de Steve, que iria ficar até mais tarde na escola por causa de um jogo de basquete, vi aquele moleque torturando um gatinho.

— É mesmo?

Dolly balançou a cabeça energicamente.

— Eu o vi agachado junto do portão do quintal e não me era possível garantir o que estava fazendo, mas ouvi o miado desesperado do pobre animal. Praticamente marchei até onde ele estava e, quando ele me viu, ficou logo em pé. Então, avistei o gatinho, que fugiu por entre os arbustos da cerca. Naquele momento, tive certeza absoluta de que Lenny o estava maltratando.

— O que disse a ele?

— Eu não disse nada! Simplesmente girei a sacola dos jornais e acertei o ombro dele, com muita força.

A sacola ainda estava bem cheia e o golpe deve ter sido violento! — exclamou Dolly, sem disfarçar a satisfação.

— E como Lenny reagiu?

— Começou a me xingar! Usou palavrões horríveis, do tipo que meus garotos jamais teriam coragem de pronunciar por medo de serem severamente castigados se os falassem perto de mim. Depois entrou na casa, batendo a porta com tanta força, que quase a quebrou! Devo lhe confessar que passei um bom tempo preocupada e com um certo receio, sabe? Ele me fitou com um olhar de ódio quase assassino!

— Fale mais sobre Maggie Birk — pediu Jackie.

— Não há muito o que contar... Um belo dia, Alban a trouxe para casa e Maggie começou a trabalhar para eles. Era eficiente e incansável, apesar de ter uma perna defeituosa.

— Chegou a conhecê-la bem?

— Mais ou menos. Maggie era uma garota tímida, mas muito simpática. Às vezes, conversávamos por cima da cerca, quando ela voltava do supermercado, com as compras. Tinha um carrinho velho e caindo aos pedaços para carregar os pacotes.

— Então, nunca soube de onde ela veio ou que eram seus pais?

— Jamais tive a menor idéia! Sei que ela veio de algum lugar, de ônibus, porque me contou que Alban a havia encontrado na estação rodoviária e lhe oferecera um emprego. Maggie disse-me que ficou eufórica com a proposta dele, porque até aquele momento, nem imaginava onde poderia trabalhar ou o que poderia fazer.

— Acha que ela fugiu de casa?

— Sem a menor dúvida! — respondeu Dolly, categoricamente.

— Maggie tinha aquela expressão triste... Sabe como é? A expressão de uma criança que não foi querida? Mas era um amor de menina e cantava como um anjo.

— Sabe se Maggie tinha algum tipo de relacionamento amigável com alguma das irmãs Betker?

A expressão de Dolly se tornou subitamente mais reservada e distante.

— O que quer dizer com... "relacionamento amigável"?

— Bem, você sabe... Se eram amigas ou... — murmurou Jackie, surpresa com a reação de Dolly. — Eram vizinhas, com apenas um muro dividindo as duas propriedades.

Imaginei que Maggie poderia ter mencionado a você que conversava com elas por cima da cerca lateral... Coisas desse tipo.

— Eu não sei quase nada a respeito de Eleanor Betker, apesar de sermos vizinhas há cinquenta e um anos. Entretanto, duvido muito que ela tivesse feito algo para magoar Maggie, se é isso que está querendo saber.

— E por que não?

— Ela gostava da garota — respondeu Dolly, rapidamente.

— Eleanor gostava de Maggie?

— Acho que eram... Amigas.

Os olhos das duas se encontraram e Jackie ficou em dúvida de Dolly era

tão ingênua quanto parecia demonstrar.

Dolly fez um gesto evasivo e ocupou as mãos, brincando nervosamente com um prato em forma de vaca.

— Mike sempre diz que eu falo demais e ele tem toda razão. Mas... Estou tão nervosa. — O rosto dela realmente refletia uma ansiedade mesclada de tristeza. — Não posso pensar naquela pobre garota...

— Obviamente, um determinado dia, Maggie desapareceu, certo? O que você achou que teria acontecido com ela?

— Alban me contou que ela tinha ido embora. Ele voltou do trabalho, no final da tarde, e encontrou um bilhete de Maggie, sobre a mesa da cozinha. Ela lhe pedia desculpas por ter de partir tão de repente. Ele até me mostrou o bilhete!

— E era mesmo a letra de Maggie?

— Bem, eu não saberia dizer, com toda a certeza, mas não pensei sequer em duvidar da palavra dele. Alban era uma pessoa bastante simpática, embora quase não conversasse com nenhum dos vizinhos. Um homem bastante reservado entende? Nunca entendi como podia ter um filho horrível como o Lenny!

— Alguma vez ouviu falar da mãe de Lenny?

— Nunca se soube muito a respeito dela. Alban disse que eles haviam se divorciado e a mãe não era apta para cuidar do filho. Foi tudo que falou sobre o assunto.

— Alban era dono da casa ou apenas a alugava?

— Oh, ele não era o dono! A casa foi alugada para uma boa quantidade de inquilinos naquela época. Eleanor Betker quase ficou louca! — Dolly não escondia sua satisfação.

— Ela odiava aquela gente mal-educada, fazendo bagunça bem ao lado de sua preciosa casa.

Jackie voltou a consultar sua caderneta de anotações, para saber em que ponto haviam parado.

— Então, Maggie deixou esse bilhete e todos supuseram que ela havia ido embora?

— Foi o que Alban me contou. Cernak! — exclamou ela, abruptamente.

— Desculpe-me, mas não entendi.

— Era esse o sobrenome dele. Alban Cernak! Sabia que acabaria me

lembrando.

Depois de escrever o nome, Jackie esperou que a velha senhora continuasse a falar.

— Maggie foi embora e, menos de dois meses depois, Alban e Lenny também se mudaram daqui. Ele disse que havia arrumado um emprego em Portland. Mas agora, sabendo o que sei, acho que ele e o filho partiram um tanto apressadamente. Foi no início de julho, a época da colheita. Ele tinha uma bela horta e foi embora sem colher nada.

— Então Maggie desapareceu em junho?

— Maio ou junho... Estávamos na primavera. Tenho certeza disso. Ela adorava os lilases, sabe? Veio até minha casa para me trazer um enorme buquê dessas flores tão perfumadas, que cresciam no jardim da casa de Alban. Deve ter sido a última vez que vi aquela garota doce e meiga...

Os olhos de Dolly se encheram de lágrimas e ela as secou com a ponta do avental.

— Ela estava grávida?

— Maggie? — A velha senhora olhou para Jackie, nitidamente surpresa. — Claro que não!

— Tem certeza?

Dolly franziu a testa, hesitante.

— Não posso ter certeza, mas... Não acredito que estivesse. Ela sempre usava vestidos largos e calças muito folgadas, como se quisesse se esconder atrás das roupas, entende? Ela era do tipo que fazia tudo para não chamar atenção sobre si mesma.

Jackie não dizia nada, para não interromper o fluxo de recordações da velha vizinha.

— E a pobre menina era muito magrinha, frágil como um passarinho! Na verdade, demora muito até que se perceba que uma mulher com o corpo de Maggie está grávida.

Não é estranho? As mulheres pequenas disfarçam bem uma barriga grande e as altas e fortes como você ficam logo enormes, como uma baleia! Falo isso sem intenção de ofender, entende?

— apressou-se a dizer Dolly, preocupada.

- Não se preocupe não me ofendi — disse Jackie, sorrindo.
- Neste momento, sinto-me tão grande quanto... *Duas* baleias!
- Quando o bebê deve nascer?
- A qualquer momento.
- E ainda a obrigam a ficar andando de um lado para o outro fazendo seu serviço de policial?
- perguntou Dolly, escandalizada.
- Trata-se de um serviço voluntário de minha parte — explicou Jackie. — O meu departamento está ocupado demais com outros casos para se preocupar com um crime que aconteceu há cerca de trinta anos. Como eu não tinha nada a fazer no momento, ofereci-me para interrogar os vizinhos.
- É... Talvez tenha se oferecido porque se sente meio responsável, não? Afinal, encontrou os ossos no quintal da *sua* casa!
- É exatamente isso que sinto!
- Jackie estava sorrindo para Dolly quando se ouviram batidas à porta.
- Levantando-se rapidamente, a velha senhora foi abrir a porta.
- Ora! Vejam só quem está aqui! — exclamou ela, obviamente feliz. — Entrem! Venham conhecer nossa nova vizinha...

Dois homens entraram na cozinha. Um deles era de meia-idade, não muito alto, mas com a musculatura bem desenvolvida de um esportista. Tinha cabelos escuros, nenhum sinal de barriga e usava roupas claras e bem cortadas. O outro era velho e bem magro. Tinha uma postura rígida, quase militar, mas as roupas impecáveis e os cabelos grisalhos extremamente bem cuidados pareciam indicar que, no fundo, devia ser um almofadinha.

— Este é meu filho Mike — declarou Dolly, indicando o homem mais jovem, que acabara de sentar-se à mesa da cozinha e fitava Jackie com um olhar de admiração, com um laivo de arrogância.

Mike dava a impressão de ser o tipo de homem que não hesitava em tentar conquistar qualquer mulher, até mesmo uma que poderia estar prestes a dar à luz na cozinha da mãe dele. Jackie sorriu para ele, friamente, e depois voltou-se para o outro recém-chegado, que Dolly apresentara-lhe como sendo Gerald Pinson.

O nome não lhe era estranho, mas não seria produtivo olhar sua caderneta de anotações, naquele momento.

Finalmente, ela se lembrou. Gerald Pinson era o professor de música. Seu

interesse cresceu muito. Os dois homens viviam naquele bairro, na época em que Maggie Birk morava e trabalhava na casa do outro lado da rua... E quando tinha sido assassinada.

— Mike trabalha na revendedora autorizada da Ford — declarou Dolly, sem esconder o orgulho materno.

— Foi aceito no Clube do Milhão, sabe?

Mais uma vez, o homem sorriu sedutoramente. Mike Weitzel tinha dentes bonitos e muito brancos, a pele bronzeada e usava um anel de ouro e brilhantes, grosso e pesado, na mão direita. Jackie tentou imaginar Paul com uma jóia daquele tipo e não teve o menor sucesso.

— Dolly me contou que você é professor de música — disse ela, dirigindo-se ao homem mais velho.

— Ah, já não sou mais! Estou aposentado. — A voz de Gerald eram bem modulada e agradável, com um ligeiro sotaque Britânico. — Dedico-me apenas a alguns alunos particulares de piano e, graças a Deus, posso me dar ao luxo de recusar os que não têm nem talento nem boa vontade.

— Eu tive aulas de flauta — disse Jackie, rindo.

— Mas acho que era desse tipo... Sem talento, nem vontade. Nunca encontrava um momento livre para praticar. Devo ter esquecido tudo que aprendi.

— Jackie trabalha na polícia de Spokane — explicou Dolly.

— Ela é investigadora.

Nenhum dos dois homens demonstrou surpresa ao ser informado de sua profissão e Jackie deduziu que eles, assim como todos os outros moradores do bairro, já sabiam tudo a seu respeito.

— E posso saber por que vocês dois estão juntos?

— perguntou Dolly, curiosa.

— Gerald quer comprar um carro novo — explicou Mike.

— Retirei um Taurus da concessionária e vim buscá-lo para dar uma volta. Depois que ele dirigiu um pouco, voltamos e decidimos tomar um café com você. Eu não sabia que estava com uma visita... Tão agradável.

— Jackie está investigando a procedência dos ossos que foram encontrados no quintal da casa dela — prosseguiu Dolly.

— Aposto que vocês não adivinham a quem pertenciam!

— Então identificaram os restos mortais encontrados?

— perguntou Pinson, com seu modo de falar preciso e ligeiramente pedante.

— Ainda não houve uma identificação formal — declarou Jackie, percebendo que Mike a fitava com uma intensidade excepcional. — Entretanto, somando os elementos conseguidos através de nossos exames com as informações fornecidas por Dolly, acho que já podemos tirar uma conclusão, com bastante segurança. Trata-se de uma jovem mulher, chamada Maggie Birk, que viveu na casa no final da década de sessenta.

Os olhos de Mike se arregalaram e seu queixo quase caiu.

— Maggie? — disse ele, finalmente, olhando para a mãe e depois voltando a encarar Jackie.

Gerald Pinson também parecia bastante chocado com a notícia. Mike não fez nenhum comentário, mas suas mãos se crisparam nos braços da cadeira e Jackie percebeu claramente a tensão que se apoderou do corpo dele. Decidiu que teria de conversar com ele, em particular, o mais depressa possível.

— Maggie... — repetiu Mike, com uma expressão de choque e incredulidade.

Jackie o observou, disfarçadamente, a fim de verificar se sua reação era realmente sincera. Algo na expressão chocada e no ar confuso de Mike lhe parecia ser forçado e pouco natural.

— Lembra-se bem da jovem, sr. Weitzel? — perguntou ela, com displicência.

— Por favor, me chame de Mike. — Ele sorriu novamente, tentando recuperar o controle das emoções. — Afinal, somos praticamente vizinhos. Não é assim, *Jackie*?

Ela não se impressionava nem um pouco com a simpatia contagiante de Mike, pois sabia que vendedores de carros aprendiam a desenvolver essa qualidade e a estabelecer, no primeiro instante, um elo de intimidade, através do uso do primeiro nome. Dessa forma, ficava mais difícil resistir à sua conversa de vendas.

— Lembra-se de Maggie Birk? — insistiu ela.

— Vagamente. — Remexendo-se nervosamente na cadeira, Mike desviou o olhar para a janela.

Atenta, Jackie acompanhava os movimentos de Dolly, que entregou uma

xícara de café ao idoso vizinho e outra ao filho. Mike estendeu a mão direita, em que usava seu pesado anel de ouro. Os brilhantes faiscaram quando ele abriu um envelope de adoçante artificial e o colocou no café.

— Quer dizer que não a conhecia muito bem?

— voltou a insistir Jackie.

— Não muito... Na verdade, mal me lembro dela — respondeu Mike, voltando a desviar o olhar para a janela, olhando por cima de seu ombro esquerdo.

Jackie o observava, fascinada. Nas aulas de psicologia comportamental, os investigadores aprendiam a reconhecer sinais sutis que indicavam quando uma testemunha estava mentindo. E uma das mais reveladoras era também a mais simples. Pessoas destras tendiam a olhar para a direita, quando diziam a verdade e para a esquerda quando mentiam.

Mike Weitzel olhara para a janela, por cima de seu ombro esquerdo, nas duas vezes em que afirmara não ter uma lembrança muito clara de Maggie Birk.

Era um detalhe bastante interessante, pensou ela, mantendo a expressão desprovida de qualquer emoção.

De qualquer forma, não tinha a menor intenção de investigar Mike, enquanto estivessem na cozinha da mãe. Seria preciso marcar uma entrevista com ele em seu local de trabalho ou sua própria casa, onde poderia ser muito mais proveitosa uma conversa particular sobre suas recordações... ou sua estranha falta de lembranças sobre essa época!

— Como vocês sabem que é Maggie? — perguntou Gerald Pinson. — Ela viveu nesta rua há tanto tempo!

— Como já disse, ainda não temos a identificação oficial

— repetiu Jackie. — Mas a análise do esqueleto confere com a descrição de Maggie Birk.

— Aposto que Lenny a matou — murmurou Mike, com voz embargada, como se ainda lutasse contra uma emoção poderosa. — Por Deus! Raramente conheci um cara tão asqueroso!

— Então você se lembra de Lenny Cernak — comentou Jackie.

— Apesar de ter apenas uma vaga idéia de Maggie Birk?

— Exatamente. — Mike a encarou friamente.

— Eu me lembro muito bem de Lenny.

Jackie reconheceu o desafio na voz de Mike e pressentiu uma agressividade impiedosa em seu temperamento, característica que, provavelmente, era responsável por ser um vendedor de muito sucesso.

— Se não for atrapalhá-lo muito, poderíamos ter uma conversa mais longa a esse respeito? — Jackie levantou-se da cadeira, com uma certa dificuldade.

— Gostaria de saber suas impressões sobre Alban e Lenny Cernak.

— Claro! — Mike Weitzel já recuperara o controle de suas emoções. — Pode ser qualquer dia... Basta me ligar antes para marcar a hora, certo?

— Eu ligarei muito em breve.

— E quando tivermos o prazer de conversar... Quem sabe você descobre que precisa, urgentemente, de um carro novo — brincou ele, com uma jovialidade forçada.

— Quem sabe...

Os olhos de Mike eram de um castanho muito claro, quase amarelos, como os de um gato, e pareciam não combinar com seu rosto sempre sorridente.

Enquanto ela se movia em direção à porta, guardou a caderneta de anotações na bolsa.

— Muito obrigada, Dolly. Espero que nos vejamos de novo... E logo! Até mais, Sr. Pinson. Será que eu poderia ir à sua casa para conversarmos? Afinal, também morava nesta rua na mesma época em que Maggie viveu aqui.

— Mas é claro! — exclamou o velho senhor, um tanto rigidamente. — Será um prazer recebê-la.

Apesar de demonstrar uma impecável cortesia, Gerald Pinson não conseguia esconder que lembrar-se de Maggie Birk era a última coisa que desejava fazer.

Jackie despediu-se do grupo, que continuava sentado à mesa, e saiu da casa de Dolly Weitzel. Ela cruzou a rua e entrou em sua casa. Depois de colocar água para o gato, sentou-se diante do computador e começou a digitar as informações que reunira naquela tarde, completando-as com suas impressões pessoais. Só então telefonou para Brian, a fim de lhe colocá-lo a par do andamento dos interrogatórios.

— Maggie Birk? Será um diminutivo de Margaret?

— Provavelmente. Então encontrou alguém com esse nome na relação de pessoas desaparecidas?

— Não que eu me lembre. Na verdade, esse nome nem me parece conhecido.

— Eu tenho um pressentimento muito forte de que ela é nossa vítima. Os vizinhos até se lembram de como ela mancava.

— Tudo bem. Vou verificar as listas de desaparecidos.

— E pode aproveitar a ocasião para procurar um sujeito chamado Alban Cernak. — Jackie soletrou o nome do patrão de Maggie.

— Foi ele quem contratou a garota para ser uma espécie de empregada doméstica. Alban alugou minha casa no final da década de sessenta.

— Francamente, Kaminsky! É quase impossível encontrar um proprietário que tenha informações sobre um inquilino de mais de trinta anos. Ninguém mantém arquivos por tanto tempo.

— Talvez seja possível descobrir algum detalhe que nos leve mais perto de uma identificação relativamente segura. Não custa tentar, certo?

Brian Wardlow suspirou, desanimado.

— Está bem! Quando me sobrar um tempinho, eu tentarei verificar o que me pede. Mas não posso prometer nada, entende? Estamos até às tampas de tanto serviço, Kaminsky! Se ao menos você tivesse logo o bebê e voltasse a trabalhar!

— Ei! Eu estou me esforçando ao máximo, Wardlow. Mas a natureza não pode ser apressada.

— É o que dizem...

— Falando em gravidez... Dolly Weitzel, a minha vizinha da frente, disse não ter a menor idéia de que Maggie Birk pudesse estar esperando um bebê. A garota era muito magra, de estrutura pequena e, se estivesse grávida, ninguém chegou a perceber. Ela também acha que mulheres frágeis escondem melhor uma barriga, portanto não devemos descartar essa possibilidade. Ou talvez estivesse nos primeiros meses...

— Mas o patologista afirmou que o esqueleto era de uma criança de nove meses.

— Eu sei.

— Então, o que está querendo insinuar, Kaminsky? É óbvio que o bebê só pode ter sido dessa moça. — Brian estava nitidamente confuso. — Se não fosse assim, a quem a criança pertenceria?

— Também não sei, mas pretendo descobrir, Brian! Acredite em mim!

CAPITULO IX

Após um jantar bastante frugal, Jackie arrumou a cozinha e foi para o quintal, com um livro.

Spokane ficava a cento e sessenta quilômetros da fronteira do Canadá e os dias de junho eram muito longos e claros. Mesmo agora, após o jantar, o sol continuava a brilhar no horizonte, apenas começando a formar sombras nos gramados.

O aroma de flores variadas perfumava o quintal de Jackie e se ouvia um murmurar de insetos, pontuado por breves cantos de passarinhos. Os pais, atarefados e incansáveis entravam e saíam do emaranhado de galhos do plátano frondoso, que ficava junto da garagem, levando comida para seus filhotinhos, nos ninhos escondidos entre as folhas.

Jackie permaneceu, por mais de uma hora, sentada na cadeira de balanço de vime que colocara na varanda dos fundos, envolvida por um cansaço gratificante. O bebê estava quieto e ela rodeou a barriga com as mãos, como se já acalentasse o filho. Um sorriso de paz e contentamento pairava em seus lábios.

Além da cerca de madeira branca, ela avistava o gramado de John Caldwell e o irrigador, girando sem pressa, lançava gotas de água que brilhavam ao captar a luz do sol. Elas caíam na grama como se fossem cápsulas de cristal envoltas em arco-íris.

Suspirando, Jackie balançou-se na cadeira. Súbita e inesperadamente, sentiu-se envolvida por uma intensa solidão e pelo desejo de ter Paul ao seu lado.

Sem dúvida, a gravidez a estava tornando uma mulher vulnerável e dependente. Normalmente, gostava de solidão e sentia um enorme prazer em sua independência, mas a necessidade da presença de Paul parecia aumentar a cada dia que passava. Desejava a força dele, uma sensação de segurança e paz que nunca imaginara sentir falta... Até aquele momento.

Era exatamente esse sentimento que despertava o maior dos pavores de Jackie.

Se ela cedesse, passando a confiar em outra pessoa e não apenas em si mesma o que aconteceria com sua segurança?

A vida calma e protegida que lutara tanto para construir poderia ser destruída num piscar de olhos. Seu mundo estável desapareceria, da noite para o dia e sem deixar traços, enquanto ela retornaria a uma existência solitária e triste.

Inquieta, Jackie levantou-se da cadeira e saiu da varanda à procura do gato. Se ao menos ele viesse, pulasse em seu colo e ficasse ronronando, com a cabeça encostada em sua barriga, sabia que se sentiria muito melhor!

— Shadow? — chamou ela, em voz alta. — Onde está você? Venha cá, gatinho!

— Ele está aqui.

A voz vinha de longe e Jackie atravessou o quintal, se aproximando da cerca que a separava do vizinho. John Caldwell estava parado no meio do gramado, com uma tesoura de jardinagem nas mãos.

— O gato está na escada da minha cozinha.

Protegendo os olhos da luz forte do sol, que agora começava a se pôr, Jackie conseguiu enxergar uma mancha escura nos degraus da escada dos fundos da casa de Caldwell, cujas paredes externas haviam sido pintadas de amarelo claro. Shadow estava deitado sobre o concreto quente e parecia dormir tranqüilamente.

Ela sentiu uma pontada de ciúme, uma angústia tão irracional que quase lhe provocou uma crise de choro.

— Ninguém mais é fiel nos dias de hoje — declarou ela, tentando esconder o descontrole inesperado de suas emoções.

— Esse gato sem vergonha só quer um lugar quentinho para dormir, seja na casa de quem for.

— Mas ele parece passar a maior parte do tempo em sua casa

— comentou o vizinho, percebendo a situação. — Se é que saber disso a deixa mais alegre...

Jackie sorriu.

Pela primeira vez, notava o olhar de tristeza mansa de John Caldwell.

Até agora, o vira como um vizinho mais velho, uma pessoa agradável e discreta, mas sem nenhuma característica marcante. Estava começando a vê-lo como um indivíduo com uma personalidade própria e, por esse motivo, sentia uma ligeira curiosidade a respeito de sua história de vida. Além da filha, parecia não ter família, pois ninguém o visitava. Pelo menos, nunca vira ninguém bater à porta da casa amarela.

Como se tivesse lido os pensamentos dela, Caldwell fez um gesto com a tesoura de jardinagem indicando sua casa.

— Por que não vem tomar um chá comigo? Acabei de fazer um bolo de café para a sobremesa do jantar e ainda deve estar quente.

— Todos os meus novos vizinhos estão sempre me oferecendo comida — disse Jackie, rindo. — Se continuar assim, vou acabar pesando cem quilos. E esse peso todo não irá embora com a mesma facilidade que a minha barriga!

Jackie sentiu vontade de rir ao perceber que Caldwell ficou ligeiramente embaraçado com a brincadeira. Os homens da geração dele não gostavam de falar sobre assuntos femininos como gravidez e parto, mesmo com uma mulher que parecia, conforme Dolly Weitzel, grande como uma baleia.

Caminhando lentamente ao longo da cerca, ela chegou até o portão e entrou no terreno da casa ao lado da sua, olhando ao seu redor com evidente prazer.

— Seu jardim é um verdadeiro paraíso! Estou morrendo de inveja de suas flores. E o gramado parece um veludo!

— Bem, eu não tenho nada a fazer além de cuidar do jardim e do quintal. É assim que me mantenho ocupado, entende?

Caldwell foi até um barracão de metal onde guardou a tesoura de jardinagem, enquanto Jackie parava junto da escada da cozinha e encarava o gato.

— Seu traidor! — disse ela, em voz baixa.

— Espero que sinta vergonha, pelo menos!

Shadow rolou no chão, ficando com as pernas para o ar e implorando um carinho.

— Nem pense nisso, gato desleal. Procure outra pessoa para cocar sua barriga.

O gato ficou em pé e se espreguiçou. Jackie acabou cedendo ao bichano e coçou-lhe as costas antes de seguir Caldwell para dentro da casa.

Aparentemente, a construção era da mesma época que a sua, no período entre as duas guerras, quando a mão de obra ainda se mantinha barata e de nível alto e a matéria prima tinha uma qualidade que se perdera com o passar dos anos.

Entretanto, a casa de Caldwell tinha o ar despojado do lar de quem vive completamente sozinho. A decoração visava apenas o lado prático, desprovida de enfeites e quase melancólica.

Os únicos objetos decorativos eram textos das Escrituras, pendurados nas paredes, e uma Bíblia bastante usada que ficava aberta sobre a mesa da sala.

Aparentemente, John Caldwell era coerente em seu estilo de leitura. Lia a Bíblia tanto dentro quanto fora de casa.

Jackie comparou as paredes quase nuas e os móveis sem graça com a graciosidade da restauração que fora realizada na casa das irmãs Betker e com a informalidade calorosa da cozinha de Dolly Weitzel com aquela verdadeira manada de vacas Holstein.

Mais uma vez, sentiu pena do velho vizinho.

— No que trabalhava antes de se aposentar, John? — perguntou ela, acomodando-se em uma das cadeiras da cozinha, recobertas de plástico.

— Eu era gerente do supermercado K-Mart e me aposentei há quatro anos.

— E gostava de seu emprego?

— Era simplesmente um emprego — declarou John, sem vontade de se estender sobre o assunto, enquanto acendia o fogo sob uma chaleira de metal. — Não posso dizer que sinto falta dele.

— Eu gosto muito do meu trabalho. — Ao ver que ele retirava um prato coberto de papel alumínio do balcão ao lado da mesa, Jackie balançou a cabeça. — Sinto recusar seu bolo, mas não me sobra mais espaço para nada. Passei o dia inteiro comendo!

— Tem certeza? — O rosto rosado de John mostrava seu desapontamento.

— Absoluta — respondeu ela, com um sorriso para amenizar a recusa. — Mas adoraria tomar uma xícara de chá.

— Que tipo de trabalho você faz na polícia?

— perguntou ele sentando-se diante de Jackie.

— Sou investigadora.

— Claro... Acho que Lola já havia me contado. Trabalha em casos misteriosos?

— Para falar a verdade, fiquei fazendo apenas trabalho de escritório assim que minha barriga começou a aparecer. Não cuido de nenhum caso há muito tempo. A não ser pelo do meu quintal! — exclamou ela, apontando na direção de sua casa.

— Ah! Então descobriram mais coisas a respeito daqueles ossos velhos?

Jackie hesitou e finalmente decidiu não mencionar o esqueleto do bebê.

Nenhum dos vizinhos fora informado sobre esse detalhe, a não ser Eleanor Betker e ela parecia quase não ter comunicação com nenhuma das pessoas que moravam perto de sua casa. Talvez fosse mais proveitoso, para a investigação, continuar ocultando essa informação.

— Achemos que a vítima é uma jovem mulher, chamada Maggie Birk, que foi empregada da casa, por um breve período, há cerca de trinta anos.

John balançou a cabeça e se levantou da cadeira a fim de colocar o chá no bule de cerâmica.

— É antes do meu tempo. O casal Gottfriedson já estava morando na sua casa quando me mudei para cá e nunca soube que essa moça fosse empregada deles.

— E não foi mesmo. Maggie Birk trabalhou para um homem que se chamava Alban Cernak. Ele alugou a casa por algum tempo, antes dos Gottfriedson a comprarem. Ainda não sabemos quem era o proprietário nessa época.

Franzindo a testa, John se concentrou por alguns segundos e depois balançou a cabeça, frustrado.

— Cernak? Realmente esse nome não me diz nada, sabe? Acho que nunca ouvi nenhum dos vizinhos mencioná-lo.

— Dolly Weitzel se lembra bastante bem desse homem. Ele tinha um filho adolescente que, aparentemente, era um verdadeiro mau-caráter!

Jackie ficou à espera de um comentário de John, que estava colocando água quente no bule.

— Se Dolly não gostava do rapaz, ele devia ser um terror!

— declarou John, remexendo em um dos armários da cozinha.

— Ela é a pessoa generosa e mais amigável que já conheci.

— Conhece bem o filho dela?

— Qual deles? Dolly tem três filhos.

— Mike, o vendedor de carros.

John riu e, mais uma vez, Jackie notou que os dentes eram de um branco pouco natural. O pobre homem certamente usava dentadura!

— Ele é um vendedor nato! Mike vive tentando vender carros para todos os moradores desta rua e... Quase sempre consegue!

— Eu não duvido. Ele me pareceu bastante agressivo. Com um sorriso de

agradecimento, Jackie aceitou a xícara de chá que John lhe oferecia.

A porcelana era fina e delicada, obviamente um objeto que ele adorava. Com um gesto de quem se orgulha da preciosidade que acaba de mostrar, colocou o açucareiro e a jarrinha de leite, do mesmo aparelho, diante dela.

— Mike Weitzel é mesmo agressivo — concordou John.

— Eu não o conheci tão bem quanto seus dois irmãos mais novos, pois ele já havia saído de casa quando me mudei para cá. Entretanto, lembro-me que estive metido em alguma confusão nessa época.

— Verdade? — Jackie sentiu o interesse crescer.

— Que tipo de confusão?

— Não tenho muita certeza. — John ficou nitidamente perturbado. — Era algo que envolvia a polícia e... Não gosto de repetir boatos, entende?

— Eu sou da polícia, John — disse Jackie, tentando acalmá-lo.

— Posso procurar esse tipo de informação à hora que quiser, portanto... Você pode me dizer o que sabe sem sentir remorsos.

— Parece que foi algum tipo de agressão.

— John não disfarçava o quanto se sentia mal em falar sobre aquele assunto. — Uma garota ficou bastante machucada e... Klaus e Dolly pagaram uma fortuna a seu advogado para evitar que o filho fosse para a cadeia. Mas não me lembro dos detalhes do caso.

— Pode deixar que eu me informo.

— Jackie deu um sorriso gentil para o vizinho.

— Muito obrigado, John.

Enrubescendo, ele colocou o bule no centro da mesa e sentou-se para tomar seu chá.

— O que sabe a respeito de Gerald Pinson? É professor de música, não?

— E o que quer saber?

— Ele tem família?

— Gerald mora neste bairro há muito tempo e, que eu saiba, sempre viveu sozinho. Nunca houve... Ninguém na vida dele. Pelo menos desde que eu me mudei para cá.

Jackie notou a hesitação momentânea na voz de John, mas decidiu não pressioná-lo, a fim de obter informações mais detalhadas, pois queria conversar

primeiro com o próprio Gerald.

— Além das irmãs Betker, de Dolly Weitzel e de Gerald Pinson, não se lembra de mais ninguém que tenha morado nesta rua antes de você? Alguém que pudesse conhecer Maggie Birk?

— Havia alguns outros, mas todos já eram bastante idosos quando me mudei para cá. — Ele deu um sorriso de desculpas.

— Tivemos muitos enterros neste quarteirão nos últimos 'vinte e cinco anos.

Uma ligeira sensação de tristeza tomou conta de Jackie.

A rapidez da passagem do tempo e a velocidade com que a vida seguia em frente, sem esperar por ninguém, estavam se tornando mais concretos para ela, em especial depois de ter ficado grávida. Forçando-se a afastar aquela súbita crise de sentimentalismo, procurou concentrar-se.

— Acabei de pensar que os moradores desta casa, antes que se tornasse sua, eram vizinhos de Maggie Birk, assim como as irmãs Betker, certo?

— É, acho que sim... — murmurou ele, mal acompanhando o raciocínio de Jackie.

— Bem, claro que eram.

— Por acaso tem os papéis da compra da casa, John? Sabe quem eram os proprietários?

— Não é uma história muito alegre, mas... Se quer mesmo saber... — John parecia contrariado.

— Era um casal bem velho. O aquecedor elétrico parou de funcionar durante uma tempestade de neve e, aparentemente, eles se refugiaram no porão e tentaram aquecer o ambiente com um fogão a gás que usavam quando saíam para acampar, muitos anos atrás, é claro. Um dos membros da família os encontrou depois que limparam as ruas.

— Envenenamento por monóxido de carbono?

— Sim.

— Pobrezinhos! É incrível como esse tipo de acidente continua acontecendo com tanta frequência, apesar de todos os programas educacionais.

— Comprei a casa dos herdeiros. É muito menor que as outras da rua, mas

minha esposa já havia morrido e Lola foi morar no campus da faculdade, portanto não seria prático comprar um lugar maior, apenas para mim. Como eu trabalhava no K-Mart do centro da cidade, era uma boa localização, pois podia andar até lá... Quando o dia estava bom.

— Mas são mais de três quilômetros só para ir!

Ele deu um sorriso, que acentuava seu ar de querubim idoso.

— Eu sempre gostei muito de andar!

Jackie terminou de tomar o chá e se levantou.

— Bem, preciso ir para casa. Muito obrigada pelo chá,

John. Eu estava me sentindo um pouco solitária e foi uma delícia conversar com você.

— Apareça sempre que tiver vontade. Estou esperando ansiosamente pelo... Seu filho — acrescentou ele, com o rosto rubro de vergonha, como se a menção de um bebê ainda por nascer fosse uma gafe social.

— Prometo-lhe que será um dos primeiros convidados para vê-lo, John — declarou Jackie, com pena do vizinho.

Ao descer pela escada da cozinha, onde o gato continuava a dormir, ela olhou para John, indecisa.

— Leve o nosso amigo com você — disse ele, respondendo à pergunta que não fora enunciada. — Estará me fazendo um favor. Não gosto de nenhum bicho dentro de casa, porque largam pêlos por toda a parte. Mas, se o deixo para fora, esse malandro se mete em alguma briga ou fica miando como um desesperado, em cima da cerca, no meio da noite.

— Qualquer das duas opções significa um barulhão — disse Jackie, abaixando-se para pegar o gato.

Shadow se acomodou nos braços dela, deixando-se carregar com os olhos cerrados.

— Este gato é mesmo uma figura! — murmurou ela, rindo.

— Acho que nunca vi outro igual!

— Tem razão, ele é um felino estranho.

John permaneceu no último degrau da escada e a luz acesa da cozinha delineava seu vulto gordo. Jackie não entendia porque Lola Bridges não fazia nada para alegrar a vida do pai. Ficara impressionada com a ausência de enfeites e com a falta de aconchego daquela casa. Bastaria pendurar umas cortinas coloridas,

pregar algumas gravuras nas paredes e colocar algumas plantas no balcão da cozinha para mudar tudo.

— Coitado do John! A casa dele não é tão aconchegante quanto a nossa, Shadow — murmurou Jackie para o gato, enquanto abria a porta da cozinha.

A pequena casa de madeira branca já parecia emanar uma sensação de calor humano.

Jackie sentia uma enorme alegria em ver seus poucos, mas bem escolhidos objetos pessoais sob um teto que lhe pertencia. O sofá e as poltronas estavam de frente para a lareira e todos os seus poucos tesouros ocupavam a prateleira que circundava a sala de visitas.

Ela acendeu o aquecedor a gás que colocara dentro da abertura da lareira e sentou-se em uma das poltronas. Do lado de fora da janela, as folhas da sorveira roçavam na vidraça, fazendo um coro de sussurros de boas-vindas.

— Eu adoro a minha casa, Shadow! — Jackie continuava com o gato nos braços. — Sinto-me tão feliz por estar morando aqui, sabia? E prometo que não me sentirei solitária se você se esforçar, um pouquinho só, para me fazer companhia.

A única reação do gato foi um bocejo da mais profunda indiferença. Com uma certa relutância, ela o colocou no chão e se encaminhou para o quarto. Já estava no meio da escada quando viu, aliviada, que Shadow decidira acompanhá-la.

O gato acomodou-se na cama, enquanto Jackie tomava banho. Depois de colocar ao seu lado a mala que levaria para a maternidade, no caso do trabalho de parto começar no meio da noite, ela finalmente deitou-se, sentindo um certo conforto na companhia de Shadow.

Jackie acordou com a claridade invadindo seu quarto. O sol entrava pela janela e cobria sua cama como uma manta dourada. Estava um dia maravilhoso e os pássaros cantavam, cheios de alegria.

Shadow subira na mesinha que Jackie colocara junto da janela e observava os passarinhos com uma intensidade mal-intencionada. Apenas a ponta do rabo se movia, ocasionalmente, e ele rosnava baixinho quando um incauto se aproximava mais do vidro.

— Pode desistir dessa idéia, meu caro — disse ela, levantando-se da cama, com a mão nas costas, como sempre. — Eu lhe dou peixe e leite quando vem me visitar. Não é o bastante para você?

Ela chegou junto da mesa e olhou pela janela. Era um perfeito dia de junho. Uma luminosidade gloriosa banhava o mundo e a manhã já estava bem quente

apesar do sol ainda permanecer oculto atrás das altas árvores do quintal das irmãs Betker.

Do outro lado da rua, Dolly Weitzel estava no jardim, regando as flores, com uma calça jeans comicamente larga.

Mike surgiu dos fundos da casa, empurrando um carrinho de mão, também vestindo uma bermuda velha e uma camiseta branca. Ele ficava muito mais atraente com aquelas roupas despretensiosas do que com sua vestimenta de trabalho que era evidentemente muito cara e de algum designer famoso. Quando abaixou-se e disse algo no ouvido da mãe, a risada alegre de Dolly ecoou no silêncio da manhã.

Eleanor Betker também estava fora de casa, lendo o jornal em uma cadeira de vime na sombra da varanda. Em vez do costumeiro macacão de brim, velho e sem forma, vestira um conjunto de moletom azul-marinho que lhe dava um ar inesperadamente elegante. Mal se podia avistar a frágil Emma, afundada em outra ampla poltrona entre os pilares. Ela colocara uma verdadeira coleção de Barbies em uma mesinha de ferro e vidro à sua frente e parecia feliz em trocar as roupas diminutas das bonecas e mostrá-las, sorridente, para a irmã, entretida na leitura.

Do outro lado da casa de Jackie, John Caldwell colocava adubo nos canteiros, usando uma carriola de metal enferrujado que parecia emperrar a todo instante. Jackie lembrou-se da máquina de adubar inventada por Eleanor Betker, tão simples e eficiente e decidiu criar coragem para pedi-la emprestada para o vizinho.

— Eu mal me mudei para cá — disse ela, dirigindo-se ao gato, e já estou me intrometendo na vida deles. Mas alguém tem de fazer isso, bichano. Que bando de caretas! Moram aqui há décadas e mal se conhecem.

Rindo, Jackie abria o armário e suspirou. A essa altura, ela já não podia mais ver nenhuma das poucas roupas de gestante que achara tão gostoso comprar e usar nos primeiros meses de gravidez.

— Adrienne também acabou odiando todas as roupas que usou durante a gravidez! — Ela continuava a conversar com o gato, enquanto vestia um short vermelho e uma camiseta branca, sem mangas. — Talvez eu queime as minhas, sabe? Podemos fazer uma fogueira no meu quintal e dançaremos em volta do fogo, gritando e cantando, para nos livrar de todas as frustrações.

A idéia a agradava muito e Jackie começou a rir, até lembrar-se que a pobre Adrienne continuava a sofrer de uma severa depressão pós-parto que estava criando problemas para toda a família.

Num impulso, decidiu que iria à casa da amiga naquela tarde. Se Harlan ou Alex pudessem ficar com o bebê, ela levaria Adrienne para tomar um café e então teriam uma longa conversa a sós.

Cheia de energia, ela desceu as escadas e preparou um bule de chá. Estava colocando um pãozinho no microondas quando sentiu uma pontada nas costas, na altura dos rins.

— Oba! — exclamou ela, excitada, olhando para o gato que a seguira e parará junto do prato de leite que estava vazio.

— Acho que vai ser hoje o dia, Shadow!

Com bastante dificuldade, ela abaixou-se para colocar o leite na vasilha do gato e, ao erguer-se novamente, não estava mais sentindo nada, a não ser uma ligeira pressão nos rins. Certamente ainda não chegara sua hora.

O som do carteiro distraiu sua atenção e ela foi até a frente da casa apanhar a correspondência que acabara de chegar. Eram algumas contas, uma revista, uma circular, um comunicado do Departamento de Polícia que devia ser relacionada com o pagamento de seu seguro-maternidade e... Nenhuma carta de sua avó.

Aliás, essa ausência total de comunicação, por parte da avó, era uma maneira de demonstrar seu aborrecimento pelo fato da neta estar tendo um filho sem pai.

— Você está envergonhando toda a nossa família — dissera a velha senhora como se um filho sem pai fosse mais vergonhoso do que ter um bando de netos bastante jovens e já com várias passagens na cadeia por tráfico de drogas e outros crimes nada insignificantes.

Jackie decidiu não se aborrecer com as rabugices da avó, embora sempre se sentisse preocupada, além de magoada, quando não recebia notícias dela.

Inconformada, voltou a abrir a caixa de correio.

Talvez tivesse deixado de ver alguma carta e, aliviada, percebeu que realmente havia mais um envelope quase colado no metal do fundo.

Era estranho... A carta não tinha o carimbo do correio, nenhum selo nem o nome do remetente. Apenas seu nome, "Investigadora Jackie Kaminsky" fora impresso na frente do envelope, que estava aberto.

Por um instante, pensou em enviar a carta para o Departamento de Polícia. Mas as cartas bombas costumam explodir quando se abre o envelope e aquele não fora nem fechado.

Colocando-o de frente para o viro da janela, percebeu que havia apenas uma folha, com algumas linhas escritas dentro do envelope.

— Estou ficando mesmo paranóica — murmurou ela para o gato, que surgira à porta e a observava, sem piscar os olhos.

— Completamente paranóica, sabia? Deve ser um convite para algum evento do bairro. Talvez façam festas do quarteirão por aqui...

Apesar de tentar convencer-se de que não era nada ameaçador, Jackie abriu o envelope e deixou cair a carta, tomando cuidado para não deixar suas próprias impressões digitais no papel.

Eram poucas linhas e haviam sido impressas por uma impressora a laser, portanto impossíveis de serem identificadas.

Investigadora Kaminsky

Pare de meter o nariz em assuntos que não são da sua conta ou vai pagar um preço muito alto por sua curiosidade. Talvez até perca seu bebê! Alguém mais perdeu um bebê, sabe? Ele foi enterrado no seu quintal junto com a Maggie. Eu matei os dois e adorei cada minuto dessa tarefa! Não me incomodaria nem um pouco de matar outro recém-nascido. Por isso, caia fora e não se intrometa mais ou vai se arrepender.

A carta fora assinada por "um amigo". Entretanto, *opostscriptum* era o mais apavorante.

Se não acredita em mim, Jackie, vá ver de novo os esqueletos. Cortei um dos dedos do bebê para ficar com um souvenir desse dia e ainda o guardo comigo.

Jackie deixou cair o papel, tomada por uma onda de náuseas e uma forte tontura. Subitamente, sentiu uma dor tão intensa que precisou segurar-se à mesa para não cair.

A dor cresceu a até atingir um ponto quase insuportável Jackie ficou paralisada e mal conseguia respirar.

Então, depois de alguns minutos, que lhe pareceram uma verdadeira eternidade, a contração passou. Colocando a carta dentro do envelope, com um guardanapo de papel para o caso de existirem impressões digitais, Jackie escondeu o envelope em um dos armários da cozinha, por trás de alguns vidros de ervas.

Estava sentindo o começo de mais uma contração e não podia mais pensar em cartas, fossem elas de criminosos ou não. Sua única preocupação, agora, era entrar em contato com Paul, o mais depressa possível. Aquele milagre, tão esperado, mas assustador, estava acontecendo!

CAPITULO X

O calor suave de junho se espalhava pelas planícies como uma benção. O brilho do sol criava um reflexo de espelho nas plácidas charnecas, onde as aves aquáticas cuidavam de seus filhotes recém-nascidos, e aquecia a relva, verde como um gramado bem cuidado. Por toda a parte desabrochavam flores, formando um tapete de cores vivas que cobria vales e colinas. Tanto o gado como os veados rodeavam suas crias, ainda sem equilíbrio e sem saber como se manter sobre suas pernas longas e desajeitadas.

Paul Arnussen continuava construindo o curral novo. Ainda era bem cedo, mas ele já estava fora de casa há horas, colocando os mourões da cerca.

No dia anterior, tinha marcado a localização de cada mourão para que o curral tivesse as proporções que planejara com antecedência. Normalmente, ele apreciava esse tipo de trabalho preciso e cuidadoso, cujo resultado final seria algo prático e útil, mas refletiria a capacidade de perfeição artesanal que existe, muitas vezes oculta, em todos os homens.

Mas, desde que o sol nascera só conseguia pensar em Jackie.

Desde muito pequeno, Paul odiara seu dom de ter ocasionais visões paranormais sobre os problemas de outras pessoas, às vezes até desconhecidas, e recusava-se a tomar consciência deles, considerando-os o resultado de uma imaginação ativa demais e um excesso de solidão.

Entretanto, acordara pensando em Jackie e não conseguia afastá-la de seu pensamento. Ouvia a risada cristalina no som do vento matinal, via os belos olhos negros no centro das flores silvestres, que pareciam se multiplicar misteriosamente e sentia o calor dela no sol que aquecia suas costas

Aquela mulher era a criatura mais frustrante do mundo!

Durante toda sua vida, Paul pertencera a um mundo em que o valor de um homem era medido pelas coisas que ele construía, criava e controlava com suas próprias mãos.

Qualquer indivíduo de valor não permanecia estático, mas agia para fazer com que seus desejos se concretizassem.

Então, todos os seus conceitos haviam sido negados e destruídos por uma mulher como Jackie Kaminski e não lhe restava nada a fazer, senão esperar... De mãos atadas.

Paul socou a terra em torno do mourão com uma força desnecessária. Então, endireitando as costas, olhou para o *collie* que se deitara perto dele, sobre a relva macia.

— É infernal, Montana! Lidar com as mulheres é decididamente infernal.

O cão, um mestiço de *collie* ergueu a cabeça ao ouvir seu nome e, colocando a cabeça sobre as patas, ficou fitando o dono.

Montana tinha um rosto estreito e fino, preto com uma estrela branca na testa e uma mancha amarela sobre os málares. Seus olhos eram de cores diferentes e essa peculiaridade lhe dava um ar maroto, mas ele era um cão extremamente inteligente e capaz de lidar com o gado como nenhum outro.

Paul parou de trabalhar a fim de limpar o suor do rosto e sorriu para o cão que o fitava com adoração. Ao retomar o trabalho, seus pensamentos se voltaram novamente para Jackie.

Era muito difícil se conformar com a decisão de que, apesar de estar prestes a ter um filho seu, Jackie preferia viver sozinha em uma casa na qual não havia lugar para ele. Nos últimos tempos, precisava recorrer a um esforço de disciplina rígida para não voltar a insistir em um compromisso da parte dela.

Infelizmente, eleja cometera esse erro no passado e quase a perdera. Ainda não se esquecera do sofrimento causado por aquela separação temporária e não estava disposto a se magoar de novo.

A mulher acabara vencendo, é claro! Paul não conseguia viver sem Jackie e ela sabia muito bem disso, portanto tinha o poder de dar as cartas e dirigir o relacionamento conforme desejasse. Mas continuava sendo difícil não se ressentir com a decisão de viverem separados, apesar do filho por nascer, e a única saída que lhe restara fora manter uma certa distância emocional.

O pior de todos os golpes fora a compra daquela casa. Paul interpretava a decisão de Jackie como a rejeição final de seus planos para uma vida em comum, um aviso de que ela jamais partilharia o futuro com o pai de seu filho, a quem ele veria apenas nos fins de semana.

E Jackie acreditava, piamente, que ele também desejava essa situação. Por mais que argumentasse, ela estava convicta de que Paul preferia manter a

independência e, ao mesmo tempo, ter o direito de visitar os dois, mãe e filho, quando lhe aprouvesse. Seu maior temor era que acabassem por se desentender, de uma maneira definitiva, se vivessem juntos.

— Droga! — resmungou ele, em voz alta.

Ao ouvir a voz do dono, Montana aproximou-se e lambeu-lhe a mão, querendo demonstrar carinho. Então, saiu correndo na direção do celeiro, como se tivesse algum compromisso urgente.

Paul até admitia que Jackie tinha uma certa razão, mas a situação mudara. No fundo, ele também tinha um verdadeiro terror de assumir compromissos, mesmo sabendo que havia encontrado a única mulher a quem poderia amar por toda a vida. Aliás, essa certeza se tornara absoluta desde que a vira pela primeira vez.

Ele não conteve um sorriso de alegria ao lembrar-se daquele dia especial. Estava trabalhando em um projeto de carpintaria para a prefeitura de Spokane e Jackie viera interrogá-lo, pois estava sendo considerado um dos suspeitos de um caso que ela investigava.

Bastou um único olhar para saber que encontrara a mulher de sua vida. Havia algo intrigante no contraste entre o exterior corajoso e a aparente ausência de todos os temores com uma vulnerabilidade quase infantil que despertava-lhe o desejo de protegê-la de tudo. Pressentira, antes mesmo de conhecê-la, que a jovem alta e esguia, de pele dourada e olhar penetrante, fora muito magoada e ele queria evitar que o mundo voltasse a feri-la.

Mas a conquista de uma mulher com medo de viver como Jackie Kaminski não era uma tarefa fácil. Os dois já dormiam juntos há dois anos, tinham um relacionamento sexual de entrega total e ela iria ter um filho seu. No entanto, ele sentia que continuavam tão distantes de um compromisso permanente quanto no primeiro dia de namoro.

Ele viu Montana se aproximar e deitar-se à sombra de um plátano, como se quisesse alegrá-lo com sua presença próxima. Como os animais eram fáceis de compreender!

Jackie era uma mulher complexa e seria preciso muito tempo para que ela superasse os problemas de uma vida de muito sofrimento.

Paul carregou mais um mourão e fincou-o no chão. Depois de verificar que estava alinhado, começou a colocar terra em torno dele.

Desde o dia em que Jackie decidira comprar a casa, Paul iniciara uma nova estratégia.

Ele resolvera ser mais flexível, não pressioná-la na direção de um compromisso permanente, deixando que Jackie começasse a depender e a confiar mais nele, em especial depois do nascimento do bebê, quando perceberia o quão importante seria ter um pai para dividir a responsabilidade de um filho.

Seu plano era estar sempre disponível, evitando censurá-la ou culpá-la, permitindo que Jackie tomasse decisões por conta própria, sem nunca contestá-la. Tomar essa atitude de aceitação absoluta se tornara mais fácil depois de ter compreendido, aos poucos, a intensidade de seus medos e a profundidade do dano causado por uma infância solitária e muito dura.

A medida que o amor por ela crescia, também se ampliava sua capacidade de conter a impaciência e de permitir que Jackie viesse para ele, voluntariamente, sem dúvidas ou temores.

Mas, às vezes, quando se lembrava do sorriso sensual, do perfume dos cabelos negros ou da curva excitante dos seios, sentia um desejo tão intenso que a impossibilidade de concretizá-lo o deixava angustiado e com uma enorme sensação de vazio.

— Eu estou num beco sem saída, Montana!

Paul parou de se dirigir ao cão e endireitou as costas, vendo as nuvens no horizonte. Um esforço de extrema concentração endureceu sua fisionomia e seus olhos se apertaram, como se estivesse vendo algo a uma distância muito grande.

Ouvira a voz de Jackie, tão próxima quanto o canto das cotovias e o mugido dos touros no pasto ao lado. Ela estava com medo e sentindo uma dor intensa e por isso o chamava.

Naquele instante soou o *bip* que carregava em sua cintura. Paul correu para casa, seguido por Montana, que pressentira a urgência do momento. Ao abrir a porta da cozinha, viu piscar a luz vermelha do telefone, que indicava a chegada de uma mensagem.

Os cabelos de Jackie, muito negros e espalhados no travesseiro, formavam um contraste vivido com seu rosto tão pálido quanto a fronha da roupa de cama branca do hospital.

Vendo o rosto dela desfigurado pela dor, Paul segurou-lhe a mão. Jackie apertou-a com tanta força que seus dedos doeram.

— Qualquer outra mulher estaria gritando, Jackie — murmurou ele, preocupado. — Não se reprima tanto, seja mais humana.

O rosto dela se contorceu e o suor brilhava em seu rosto corado.

— Cale a boca, Arnussen!

Ele riu, depois enfiou o pedaço de pano na bacia de água Iria, espremeu-o e colocou-o na testa de Jackie.

—Daqui a pouco você vai brigar comigo por eu estar fazendo ISSO. A mulher na cama ao lado esbravejou com o marido até o momento em que foi levada para a sala de parto.

— Como se ela não tivesse nada a ver com o assunto — disse Jackie por entre os dentes cerrados. — Eu detesto quando as pessoas não assumem a responsabilidade por suas próprias vidas.

Paul tirou o pano da testa e tocou-lhe o rosto.

— Essa é a minha garota... a dor diminuiu?

— Por um ou dois minutos — respondeu ela, olhando-o. —Paul, é horrível. Levar um tiro não é nada perto dessa dor.

— Qual é a sensação?

Paul notou que ela lutava para encontrar uma resposta que conseguisse explicar tudo que estava sentindo.

— É como se... Como estar dentro de um espasmo interminável. É uma dor que vai descendo, descendo, que aperta e parece que vai rasgar o corpo em mil pedaços, a qualquer momento. O pior de tudo é que eu acho que não vou conseguir suportar a próxima.

— Caso você não esteja agüentando, Jackie, nós podemos pedir para lhe aplicarem a peridural — disse ele, com calma.

— De jeito nenhum! Não admitirei que meu bebê seja drogado só porque eu não consigo suportar um pouco de dor.

— Meu amor —, murmurou Paul, aproximando-se dela, esse é o procedimento padrão. Eles não aplicariam a anestesia se houvesse qualquer risco para o bebê.

— Eu fui criada no sul de Los Angeles — disse ela.

— Sei muito bem o que as drogas podem fazer com uma pessoa. Ninguém dará qualquer tipo de droga para o meu bebê. Nem mesmo se...

O rosto dela se contorceu, sinal de mais uma contração. Jackie apertou-lhe a mão e se virou na cama, fazendo de tudo para suportar aquela dor lancinante.

— Jackie Kaminsky — murmurou ele, inclinando-se para lhe tirar uma

mecha de cabelo do rosto, você é a mulher mais teimosa que já conheci.

Ela balançou a cabeça, desesperada, o que fez com que Paul se calasse, sentindo-se inútil e consumido pela preocupação. Ao menos estava ao lado da cama, ainda que pouco à vontade com seu macacão *jeans* e botas de trabalho, afangando o corpo sofredor e tentando transmitir, só com o toque das suas mãos, a profundidade de seu amor.

Intermináveis horas depois, à medida que a noite chegava e cobria de escuro o pátio do hospital, os enfermeiros vieram buscá-la, levando-a em uma maca para a sala de parto.

Paul e Jackie tinham concordado que ele não assistiria ao parto. Por mais difícil que fosse ele compreendia que ela não queria ser vista em um estado de tamanho desamparo. Os demônios da infância não lhe permitiam mostrar tanta fraqueza. Ela queria ser vista só depois do parto, depois que tivesse recuperado o controle.

Apesar de desapontado, Paul acatou a decisão sem discutir, sabendo o quanto aquele ponto era importante para Jackie. Fora ela que enfrentara a dor, portanto, tinha todo direito de ter as coisas feitas do seu jeito.

Quem sabe no próximo poderia estar presente, pensou ele, cheio de esperanças, enquanto aguardava na sala de espera, folheando as revistas sem realmente vê-las.

Ele se levantou e andou pela sala, depois foi até o corredor para comprar café em uma máquina. Pensando melhor, Paul enfiou mais algumas moedas e pegou duas barras de chocolate. Só quando começou a comer ele se deu conta de como estava faminto.

Paul voltou para a sala de espera olhando para os lados na intenção de encontrar um médico ou uma enfermeira que pudessem lhe dar alguma informação.

Mas não havia ninguém por perto, e os poucos médicos e funcionários que passavam pelo corredor pareciam totalmente compenetrados em seus afazeres. Inquieto, Paul acomodou-se no sofá de vinil e bebeu seu café.

Tantas coisas poderiam dar errado...

Mas não podia nem pensar nessas hipóteses.

Em vez disso, concentrou-se no lindo rosto de Jackie, em seus calorosos olhos castanhos e sorriso cintilante, seu ar ligeiramente petulante e o olhar de tímido esplendor quando alcançava o clímax sexual. Seu coração parecia prestes a

explodir de tanto amor reprimido.

— Sr. Arnussen?

Ele se endireitou no mesmo instante e colocou o copo na mesa ao lado. Uma enfermeira em trajes de cirurgia sorria, ainda com a máscara em volta de seu pescoço.

— O senhor pode me acompanhar, por favor. Sentindo-se fora da realidade, ele se levantou e a seguiu pelo corredor. Na entrada da sala de parto, Paul deparou-se com outras enfermeiras que empurravam um pequeno berço de plástico.

Só quando elas pararam na frente dele, Paul percebeu que havia um bebê dentro do berço.

— Sr. Arnussen? — chamou uma delas.

— Este é seu filho. Vamos levá-lo para o berçário para dar-lhe um banho. É um belo garotão.

— Um menino?

Os rostos sorridentes dançavam e se tornaram indistintos. Paul prendeu a respiração e se aproximou, olhando para o berço.

O bebê estava deitado, contorcendo o rosto de uma forma cômica. Tinha um monte de cabelos escuros, ainda molhados de líquido amniótico. Enquanto Paul observava, o menino levantou a mão toda enrugada e levou-a até sua bochecha. Então espirrou.

Diante do som daquele quase inaudível espirro, Paul foi tomado por uma emoção incontrolável.

— Olá, meninão — sussurrou ele, inclinando-se sobre o berço com os olhos cheios de lágrimas. — Oi, meu filho. Sem bem-vindo!

Ele tocou a pequena mão, que se fechou ao redor de seu dedo, apertando-o com força. O rosto do bebê era uma mistura do de Jackie e do seu. Mesmo com o ligeiro inchaço resultante do parto, Paul conseguia enxergar traços de seus malarres ressaltados e do maxilar quadrado e olhos amendoados que davam tanto charme à Jackie.

— Qual é a cor dos olhos dele?

— perguntou Paul para uma das enfermeiras que esperava pacientemente.

— Logo que nascem, todos os bebês têm olhos azuis — respondeu ela. — Mas creio que ele terá olhos escuros. Não é um lindo bebê?

Ele nasceu com três quilos e seiscentos gramas, e cinquenta e dois centímetros.

— Um grande garoto. — Com cuidado, Paul soltou seu dedo da pequena mão que o envolvia. — Coitada da mamãe. Não é de se espantar que ela tenha enfrentado tantas dificuldades.

— Sr. Arnussen, precisamos levá-lo agora — desculpou-se a enfermeira. — Daqui meia hora você poderá ver seu filho de novo. Nós o levaremos para o quarto depois do banho.

Paul assentiu e ficou olhando as enfermeiras levarem o bebê.

— Posso ver Jackie? — perguntou ele para a enfermeira que fora chamá-lo.

— Ela ainda está na sala de parto, mas imagino que não haverá problemas se o senhor entrar por alguns instantes.

Com cuidado, Paul passou pela porta giratória e viu Jackie deitada em uma maca alta perto da porta, seus cabelos negros esparramados contrastando com a esterilidade fria daquele ambiente. Atrás dela, um grupo de enfermeiras trabalhava sob a luminária instalada no teto, bem no centro da sala, preparando o local para a próxima mãe.

Paul se aproximou da maca e a olhou, tentando controlar a ansiedade. Jackie tinha o rosto tão pálido que algumas sardas desconhecidas se destacavam na ponta do delicado nariz, e seus olhos estavam maiores do que o normal.

— Você está tão linda, minha querida — disse ele, beijando-a na testa. — Esplendorosa.

— Você o viu, Paul?

Ele assentiu com um sorriso, enquanto acariciava os cabelos molhados.

— As enfermeiras me deixaram ver o bebê antes de levá-lo para o berçário.

— Ele não é maravilhoso?

— perguntou ela com um sorriso sonolento.

— Você já viu algo tão lindo em toda sua vida?

— Não. Nunca.

— Ele tem tanto cabelo. E os dedinhos tão perfeitos... Os ombros são tão largos quanto os seus.

— Quando eu o estava olhando, ele esticou a mãozinha e depois espirrou. Jackie, eu quase chorei de tanta emoção.

— Ah, Paul... — falou ela com os olhos brilhando, as lágrimas prestes a cair.
— É assustador amar tanto uma pessoa.

— Eu sei.

— Diga-me que não preciso ter medo — implorou ela. Compreendendo os temores dela, Paul afagou-lhe o rosto.

— A vida não tem garantias, meu amor. Nós podemos fazer de tudo para protegê-lo e confiar que tudo dará certo.

— Não sei se é tão fácil assim — murmurou Jackie.

— Eu nunca achei que pudesse sentir algo parecido.

O coração dele se encheu de alegria e de esperança.

O pequeno garoto conseguira fazer o que a vida não fora capaz de realizar durante mais de três décadas. A criança conseguira atravessar a armadura emocional na qual Jackie Kaminsky se envolvera, tornando-a vulnerável à dor e ao amor.

Paul se afastou relutante, quando a enfermeira apareceu para tirá-la da sala de parto.

— Você poderá vê-la daqui alguns minutos — avisou ela.

— Logo a levaremos para o quarto. E o bebê também. Paul voltou para a sala de espera como se estivesse caminhando nas nuvens. Pela primeira vez, percebeu como o hospital era bonito, alegre, claro e aconchegante, cheio de pessoas sorridentes que pareciam compartilhar de sua alegria.

Ele trouxera um monte de moedas, que gastou telefonando para Harlan e Adrienne, Brian Wardlow, o sargento, e até mesmo para a avó de Jackie em Los Angeles.

Diferentemente da alegria que seus amigos demonstraram a velha senhora o tratou com rabugice e irritação por ter sido despertada no meio da noite.

Após os telefonemas, incapaz de ficar sentado quieto no sofá, Paul caminhou de lado para o outro pelos corredores do hospital por quase meia hora, até a enfermeira chegar para acompanhá-lo à ala da maternidade.

Jackie estava sozinha no quarto, com os cabelos penteados. Usava uma camisola cor-de-rosa e descansava reclinada em vários travesseiros. Seu rosto já recuperara um pouco da cor, e ela emanava alegria e tranquilidade.

— As mulheres são incríveis — falou Paul, beijando-a.

— Realmente incríveis.

Uma enfermeira entrou trazendo o berço móvel, que colocou ao lado da cama. Jackie observou com atenção todos os movimentos da mulher até receber o filho nos braços.

— Aqui está seu homenzinho — disse a enfermeira.

— Ele passará a noite aqui com vocês, mas qualquer problema, não hesite em nos chamar.

— Ah, Paul... — murmurou Jackie, olhando para o pequeno embrulho em seu colo. — Olhe só para ele. Não é um lindo menino?

Ele aproximou sua cadeira. Jackie estendeu-lhe o bebê, com um lindo sorriso nos lábios.

— Tem certeza? — perguntou Paul.

— Eu terei inúmeras oportunidades de segurá-lo — insistiu Jackie, vendo a dúvida nos olhos dele.

— Pegue-o. É seu filho.

Com todo cuidado possível, Paul tomou o bebê dos braços da mãe e sorriu com ternura diante da maravilhosa sensação.

— Que garotão! Você consegue acreditar que horas atrás esse lindo bebê ainda estava dentro da sua barriga?

— E um verdadeiro milagre. Paul, é a sensação mais espetacular que já senti em toda minha vida. — Paul sentou-se na cadeira, sempre com o bebê nos braços. — Você telefonou para todos?

— Sim. Lew Michelson tinha saído para ir ao jogo de basquete do filho, mas a esposa lhe mandou os parabéns e disse que daria o recado. Wardlow e Adrienne passarão amanhã para fazer uma visita. E — adicionou Paul após uma pequena pausa.

— sua avó também nos felicitou pela chegada do bebê.

— Ela realmente fez isso? — perguntou Jackie, olhando-o com intensidade.

— Na verdade, não fez — admitiu ele, beijando o pequeno rosto. — Ela disse que já estava mais do que na hora e que, se você realmente se importasse com sua família, levaria o bebê para eles conhecerem.

— Que velha horrorosa — resmungou Jackie. Entristecido, Paul viu a mágoa em seus olhos. Em silêncio, ele amaldiçoou a mulher maldosa e egoísta que, mesmo depois de tantos anos, ainda tinha a capacidade de magoar tanto uma pessoa.

— Posso ver o resto do bebê? — perguntou ele, com a intenção de distraí-la.

— Claro. Também quero vê-lo de novo, agora que ele é todo nosso. Coloque-o ao meu lado aqui na cama.

Paul obedeceu, deitando o pequeno embrulho ao lado da mãe, que tirou a manta que o envolvia com todo cuidado, como se estivesse abrindo um presente precioso.

Os cabelos negros lhe caíram sobre o rosto, tornando-a mais linda do que nunca. A delicadeza daquelas mãos tocou Paul, enchendo seus olhos de lágrimas.

— Olhe, Paul. Olhe só que coisa mais linda.

Ele se aproximou encantado com a perfeição em miniatura de seu filho, os ombros quadrados e pernas compridas, os pezinhos curvados e os delicados dedinhos com pequenas unhas.

— Você fez um grande trabalho, meu amor — elogiou ele, beijando-a outra vez. — Você fez um lindo bebê.

O pequeno começou a resmungar, contorcendo o rosto, que logo ficou vermelho. Suas mãos se fecharam e todo seu corpo se retesou tamanho seu esforço. Jackie sorriu e o embrulhou novamente, depois pegou-o no colo e o embalou até que ele se acalmasse.

Paul observava atento, sentindo uma nova onda de amor quase sufocá-lo.

— Adrienne me perguntou sobre o nome. Você já se decidiu?

Meses atrás, os dois haviam discutido sobre os nomes que mais os agradavam, tanto de meninos quanto de meninas, mas Paul lhe dissera que a escolha final seria dela. Depois disso, nunca mais tinham tocado no assunto. E pelo que sabia Jackie ainda não se decidira sobre o nome da criança.

Entretanto, ela o surpreendeu ao sorrir olhando para o filho em seus braços.

— Logo que o vi, eu soube qual seria seu nome. Daniel.

— Daniel — repetiu Paul. — Eu gosto.

— Daniel Paul Arnussen — falou Jackie, olhando-o bem nos olhos.

— Arnussen? Você vai lhe dar o meu nome?

— perguntou ele, espantado.

— E por que não? Ele não é seu filho?

Uma alegria incontável o consumiu, uma emoção tão intensa que ele ficou

sem palavras. Paul se encheu de esperança, e também de gratidão pela mulher deitada na cama, mas acima de tudo um grande amor, amor por ela e pelo bebê que acabara de vir ao mundo.

CAPITULO XI

Jackie despertou com a primeira e fraca luz da madrugada, recuperando a consciência ao escutar um barulho desconhecido. Ela piscou confusa, perguntando-se onde estaria. Sentia o corpo dolorido e oco, e seus seios latejavam com uma dor desconhecida. Atordoada, ela tocou a barriga e viu que o volume arredondado havia sumido, cedendo lugar a uma flacidez estranha que a assustou.

Então, gradualmente, ela foi se lembrando dos acontecimentos do dia anterior.

Seu filho nascera. Era um garoto saudável, a criança mais linda do mundo.

Jackie sorriu e percebeu que o som vinha do berço ao lado de sua cama. O bebê resmungava. Havia uma enfermeira ao lado, cuidando dele.

— Já acordei — disse ela. — Daniel está com fome de novo?

— Sim, acho que está na hora desse garotão mamar outra vez

— respondeu a enfermeira, pegando-o no colo.

— Ele é um lindo garoto. E é bem capaz que esteja pronto para comer um belo filé com fritas.

Jackie riu e se levantou um pouco, ajeitando-se nos travesseiros e desabotoando o sutiã.

— Bem, no momento não posso oferecer nenhum filé, então ele terá de se contentar com o que há no cardápio.

A enfermeira acendeu o abajur e Jackie aninhou o filho em seus braços, sorrindo-lhe. Ele já tinha um rosto familiar, uma expressão única. Sem a menor sombra de dúvida, ela o teria escolhido se estivesse entre centenas de recém-nascidos.

— Olá, Daniel. Bom dia, meu amor. Como vai? Passou bem sua primeira

noite?

A indignação de Daniel se evidenciou através do rosto vermelho e do choro estridente. Imediatamente, Jackie deu-lhe o seio. Ele demorou alguns minutos para conseguir pegar o mamilo com sua pequena boca, mas depois começou a sugar com toda a energia de que era capaz.

Ela sentiu a rigidez de seus seios diminuírem com o fluxo de leite, acompanhada por uma sensação de paz e contentamento.

— Ele está muito bem — comentou a enfermeira em sinal de aprovação. — Olhe só que lindo menino.

— Eu tive tanto medo... Mas não foi tão difícil assim, sabe? É só deixar que tudo aconteça naturalmente.

— É verdade — concordou a mulher, seguindo até a porta.

— Amamente-o por cerca de dez minutos no seio direito, depois ofereça-lhe o outro, caso ele ainda estiver com fome. E da próxima vez, lembre-se de começar com o seio esquerdo.

Ela saiu caminhando lentamente com seus sapatos de borracha, deixando Jackie sozinha com o filho. Ele continuou a mamar os olhos fechados em sinal de contentamento. Seus pequenos lábios se movimentavam ritmicamente, e suas mãos se abriam e fechavam como pequenas pétalas.

Jackie o olhava, refletindo sobre sua vida, sobre os tumultuados e estranhos acontecimentos que a tinham levado àquele momento tão especial e único.

A infância pobre, permeada por negligências, a adolescência problemática, seus primeiros anos lidando com a violência no Departamento de Polícia de Los Angeles, e sua luta para estabelecer seu espaço em Spokane... Tudo isso lhe parecia parte de algum sonho distante.

Fazendo uma retrospectiva, parecia que o único objetivo de tudo fora trazê-la até aquele momento, para a glória de estar segurando seu filho recém-nascido nos braços.

E para Paul...

Ela sorriu, lembrando-se de suas longas horas de paciência durante o trabalho de parto, da expressão em seu rosto ao olhar o filho pela primeira vez e da alegria e espanto ao ouvir que o filho receberia seu nome.

— Seu papai nos ama — sussurrou Jackie. — De verdade. Sem baixar a guarda, ela se permitiu pensar novamente

em sua agitada infância e adolescência, nos pais que a tinham abandonado sem a menor dor na consciência.

Quando Jackie nasceu, sua mãe tinha apenas dezenove anos, e logo entregou a filha aos cuidados da avó, voltando para sua vida de dissipação e drogas. Ela morreria de over-dose, logo depois do segundo aniversário de Jackie.

Mas seu pai nunca tinha aparecido em sua vida. Sumiu logo após o nascimento da filha e nunca mais deu nenhum sinal.

E durante toda sua vida, Jackie aceitara esses fatos como parte de sua existência, proibindo-se de se deixar abater.

Agora, entretanto, com o filho nos braços e lembrando-se do amor e devoção de Paul, ela se perguntava como alguém poderia simplesmente abandonar um recém-nascido.

Que tipo de pessoas desumanas tinham sido seus pais?

— Você nunca ficará sozinho e assustado — prometeu ela com determinação. — Não enquanto eu estiver viva.

Daniel parou de sugar e adormeceu, exausto com o esforço. Jackie limpou as gotas de leite que haviam escorrido da minúscula boca e colocou-o para arrotar. Depois ofereceu-lhe o outro seio, que ele aceitou com a energia aparentemente renovada.

— Eu te amo — disse ela, sem perceber que chorava até que as lágrimas começaram a escorrer por seu rosto e na manta que o envolvia. — Meu pequeno bebê, eu te amo demais.

O dia passou depressa em um turbilhão um tanto enlouquecedor de mamadas, trocas de fraldas, refeições e sonecas. No final da tarde, ela sentia como se já estivesse há uma eternidade naquele hospital. Todavia, ainda tinha tanto que aprender...

Como cuidar das assaduras e do umbigo, como regular a amamentação, quais alimentos deveria comer e quais seriam proibidos para não prejudicar o bebê...

— Estou adorando toda essa história.

Wardlow viera visitá-la depois do expediente, e agora olhava atentamente para o pequeno no berço.

— É tudo uma novidade maravilhosa, Brian. Ele não é lindo?

— É uma bela criança — disse ele, estudando o bebê.

— Em sua grande maioria, os recém-nascidos são feios, mas este até que é

bonito.

— Acho que Daniel se parece com Paul. Olhando para o rostinho, Wardlow franziu a testa.

— Um pouco. Mas ele também tem muitos traços seus Kaminsky. Daniel já tem seu olhar teimoso.

— Teimoso?

— Aposto que esse bebê lhe dará muito trabalho. Ele me parece um grande teimoso, exatamente como a mãe.

— Brian, eu sou um doce e você sabe disso.

— Sim — zombou ele, esticando-se em uma cadeira próximo à janela. — Com certeza.

Uma enfermeira entrou no quarto, trazendo uma bandeja com diminutas fraldas descartáveis, que colocou em uma prateleira debaixo do berço. Wardlow observou-a ir embora, depois olhou para Jackie de novo, erguendo as sobrancelhas.

— E então, foi horrível?

— Mais ou menos. Teria sido bem pior se não fosse pela ajuda de Paul. Ele ficou o tempo inteiro comigo, até me levarem para a sala de parto. Eu detestaria ter enfrentado todo aquele sofrimento sozinha.

— Você deveria se casar com esse homem, Kaminsky.

— Por favor, não venha você também tentar me convencer.

— Como se alguém conseguisse convencê-la a fazer qualquer coisa contra sua vontade. Por que não quiser se casar com ele?

— Olhe Brian, neste exato momento, o que eu mais quero é ficar sozinha com meu filho e aprender a cuidar dele, Quero descobrir o verdadeiro significado de ser mãe.

— Mas você não pode fazer isso vivendo ao lado de Paul?

— Brian...

— Deixe para lá — desconversou ele.

— Esqueça o que eu disse. Você recebeu muitas visitas?

— Adrienne passou por aqui hoje à tarde.

— É mesmo? -* perguntou ele, sem esconder o interesse.

— Como está ela?

— Não muito bem. Ela me pareceu muito triste Brian. Depois de todos os anos que os dois passaram tentando ter um bebê, agora que ele finalmente chegou para abençoá-los, Adrienne não está conseguindo superar a tristeza.

— Depressão pós-parto. Chris disse que ficou muito deprimida após o nascimento de Gordie.

Jackie pensou na noiva de Wardlow, uma mulher que ganhava a vida cuidando de cavalos e que parecia tão calma e equilibrada.

— Verdade? E quanto tempo ela demorou para superar essa depressão?

— Quase um ano. Mas Chris era casada com aquele maldito Stan Lewis, e duvido que ele tenha feito muita coisa para ajudá-la a melhorar. Adrienne tem a Harlan, que é um excelente marido.

— É verdade. Espero que ela comece a melhorar logo. Sinto tanto sua falta.

Pensando no rosto triste e abatido da amiga, Jackie ficou alguns minutos em silêncio. Por fim, ela levantou a cabeça e apontou para um lindo buquê de flores em um vaso na janela.

— E o sargento passou depois do almoço para conhecer Daniel e para me trazer essas flores, sabia?

— Sim, ele estava muito preocupado. Lew nunca demonstra, mas gosta demais de você.

Jackie sorriu, comovida com as palavras do amigo.

— Bem, ele também gostou do bebê. Até o segurou no colo.

— Gostaria de ter visto essa cena única — comentou Wardlow, dando uma gargalhada.

— E Paul virá depois do jantar. Como está muito ocupado com a construção dos currais, ele não pode passar o dia inteiro conosco.

— Esse homem trabalha mais do que qualquer outro que eu já conheci — disse Wardlow.

— É mesmo? Sempre achei que você trabalhasse mais do que todo mundo. Pelo menos é o que você costuma falar por aí.

— Que injustiça! Como você tem coragem de debochar de uma pessoa que

está fazendo o trabalho dela e o seu?

— reclamou seu parceiro.

— Muito trabalho?

— Parece que aumenta mais a cada dia — respondeu Wardlow, com uma expressão soturna. — Tem certeza de que não pode voltar ao trabalho na próxima semana, agora que o bebê já nasceu?

— De jeito nenhum. Quero ficar em casa com Danny, e pretendo aproveitar cada minuto como se fosse o último.

O sorriso sumiu de repente dos lábios de Jackie, ao lembrar-se que, quando voltasse a trabalhar, teria de entregar o filho aos cuidados de um estranho. Até pouco tempo atrás, a idéia não passara de um conceito abstrato, mas dentro em breve seria realidade.

Wardlow observou-a com cautela, lendo seus pensamentos como de costume.

— Provavelmente será bem mais fácil quando Daniel ficar mais velho — disse ele. — Deixá-lo sozinho, quero dizer.

— Espero que sim. — Ela olhou pela janela, depois para o parceiro. — Brian?

— Sim?

— O cadáver do bebê, aquele que desenterramos do quintal...

— O que quer saber?

— Você me disse que estava perfeitamente articulado, e não desmembrado ou mutilado como o corpo da mulher.

— É verdade.

— Você se lembra de algo estranho a respeito?

— Olhe, Kaminsky, eu não dei muita atenção ao caso. Temos tantas coisas acontecendo e este assassinato aconteceu há mais de trinta anos atrás. É um caso sem solução.

— Eu sei. Só estou perguntando sobre o bebê, nada mais.

— Para ser sincero, acho que havia algo sim.

Seu agradável rosto cheio de sardas se endureceu em sinal de concentração.

— Um dedo — respondeu ele por fim.

— Estava faltando o dedo mínimo da mão direita. Nós imaginamos que o osso tivesse sumido quando houve a exumação do cadáver.

Um arrepio percorreu todo o corpo de Jackie.

— O dedo não parecia ter sido cortado?

— Não. Klein analisou a mão e disse que a junta não apresentava nenhum sinal de trauma.

— Mas um bebê tão... — Ela engoliu a seco.

— Eles são tão pequenos, Brian, que o dedo poderia perfeitamente ter sido tirado do lugar e depois cortado com uma faca. E ninguém perceberia nada trinta anos depois.

— Por que tudo isso, Kaminsky? — perguntou ele, inclinando-se para a frente.

— Nada de mais — respondeu Jackie, tentando transmitir indiferença. — Encontrei uma carta anônima na minha caixa de correio, pouco antes de entrar em trabalho de parto.

Enquanto Wardlow continuava a olhá-la, Jackie contou-lhe o que estava escrito na carta, principalmente sobre o fato do dedo do bebê ter sido cortado no momento de sua morte. Mas ela procurou não mostrar que temia pela segurança de seu filho, sabendo o quanto isso preocuparia seu parceiro.

Cada vez mais, os oficiais de polícia estavam se transformando em alvo de ataques pessoais de criminosos. Fora do escritório, eles recebiam telefonemas anônimos, atentados a seus lares e, principalmente, ameaças à segurança de suas famílias, o que aumentava o estresse do trabalho.

Como Lew Michelson costumava dizer para seus detetives: "Vocês escolheram se tornar oficiais de polícia, mas todos nós sabemos que nunca tiveram a intenção de expor suas famílias à qualquer perigo. Faremos de tudo para protegê-los".

A proteção, entretanto, não era das mais adequadas. Os Departamentos de Polícia do país beiravam o estado de calamidade, cheios de trabalho, poucos funcionários e falta de dinheiro. E os criminosos, por sua vez, aumentavam cada vez mais seus estoques de armas e estavam mais bem organizados do que nunca.

Wardlow recostou-se na cadeira, analisando o buquê de flores na janela.

— Nós não informamos a imprensa sobre o esqueleto do bebê

— disse ele, algum tempo depois.

— Só mencionamos o da mulher, com uma descrição física bastante

genérica.

— Eu sei. E quando conversei com os vizinhos, só contei sobre o bebê para Eleanor Betker. Para ninguém mais.

— Então deve ter sido ela a autora da carta anônima. Quem mais poderia saber que havia o esqueleto de um bebê naquele buraco?

— Brian, o que me preocupa não é o fato dessa pessoa ter conhecimento do corpo do bebê, mas sim de ela saber que havia um dedo faltando.

— Quer dizer que você acha que Betker é a assassina?

— perguntou ele.

Naquele instante, o pequeno Daniel chorou no berço, e Jackie tocou-o com a intenção de acalmá-lo. Minutos depois, ele dormia sossegado novamente.

— Não sei. Eleanor Betker é grande e forte o suficiente para matar uma pessoa, depois picá-la com um machado. Entretanto, ela tem um lado artístico bastante desenvolvido e é muito carinhosa com a irmã. Além disso, eu não consigo acreditar que ela machucaria um bebê. Especialmente se...

— O quê? — interrompeu Brian, quando ela hesitou em continuar.

— Bem, estou começando a achar que o bebê era filho de Emma.

— A irmã mais nova?

— Sim. Os vizinhos me informaram que ela sempre foi um pouco infantil, mesmo antes da descoberta do mal de Alzheimer.

Mas, há trinta anos, ela deveria ter seus trinta e cinco anos, e pelo visto era uma mulher muito bonita. E se ela tivesse sido seduzida por um comerciante ou um vizinho inescrupuloso, tivesse engravidado, e Eleanor se visse na obrigação de exterminar o bebê?

— E por que matar a empregada do vizinho ao mesmo tempo?

— Não sei. São apenas suposições. Talvez Maggie tenha descoberto sobre a gravidez, Eleanor tenha entrado em pânico e a assassinado. Realmente acredito que aquela mulher faria de tudo para proteger sua irmã.

— Mas, Kaminsky, foi um assassinato particularmente cruel e motivado por uma fúria sem limites — ressaltou ele.

— Pior do que o homicídio de Maribel Lewis. A cabeça e os membros da jovem foram cortados com um machado! Não se faz uma barbaridade dessas apenas para tirar uma testemunha do caminho.

Jackie pensou nos ombros largos de Eleanor Betker, em suas mãos

calejadas, na atenção que dedicava à pobre Emma e nos comentários maldosos de Dolly Weitzel sobre ela e seus sentimentos em relação à jovem ruiva.

Apesar de toda a fascinação pelo novo bebê e da dor no corpo, Jackie não via a hora de voltar para casa e reler todas suas anotações sobre o caso.

Quem sabe não conseguiria enxergar a situação por um outro prisma, depois de alguns dias distante do caso?

— Você não está com medo? — perguntou Wardlow.

— Mesmo depois de ter recebido essa carta anônima?

— Para ser sincera, não estou mesmo. Pessoas realmente perigosas não fazem advertências. Você sabe disso, Brian.

— Houve uma que fez.

Os dois permaneceram em silêncio por um tempo, lembrando-se da série de cartas horripilantes que um ano antes tinham dado início uma série de crimes sanguinários e desumanos.

— Foi uma exceção. Até o psiquiatra da polícia disse que se tratava de uma verdadeira aberração. Cartas maldosas são sempre enviadas por pessoas que apenas ameaçam, mas não agem. E acho que é a mesma situação.

— Pode ser, mas vou lhe fazer algumas visitas durante o dia

— avisou Wardlow.

Normalmente, Jackie teria discordado de tal sugestão. Todavia, agora não era mais só ela. Tinha que pensar em seu filho em primeiro lugar.

— Paul ficará comigo na cidade durante os primeiros dias, para que eu possa descansar um pouco e estabelecer uma rotina. Depois disso — acrescentou ela, com pretensa casualidade —, creio que não haverá nenhum problema se você quiser aparecer de vez em quando para visitar o bebê.

— Pode falar, Kaminsky.

— Falar o quê?

— "Estou muito, muito assustada, Brian, e fico muito contente com toda sua preocupação". Vamos, Kaminsky, pode admitir o medo.

— Ora, Wardlow. Larga do meu pé, sim?

Ele deu uma risada e levantou-se para espiar o bebê.

— Você tem uma mãe que é um verdadeiro docinho, Daniel. Uma jóia rara.

— Só há uma coisa que me assusta — murmurou ela.

— Sim?

— Quando penso naquela carta e no dedo cortado...

— Jackie olhou para o filho por alguns instantes. — E se Lenny Cernak for o assassino de Maggie e estiver morando em algum lugar da cidade com outro nome? Ele pode estar nas redondezas, me vigiando.

Ela estremeceu, sentindo um frio repentino.

— Quantos anos ele teria agora?

— Por volta de quarenta, imagino. Deve ser quase da mesma idade que Mike Weitzel.

— Mas você acha que os vizinhos não o reconheceriam?

— Você tem razão — disse Jackie, aliviada.

— Nenhum deles conseguiu se esquecer do garoto. Todos parecem ter guardado lembranças vividas e desfavoráveis de Lenny.

— A julgar por tudo que você me contou, ele seria o primeiro da lista de assassinos. Torturar gatos não é um bom sinal.

— Concordo. Quase todos os *serial killers* têm pelo menos uma história de torturar animais quando crianças, não é mesmo?

— E também é um crime lógico — continuou Wardlow.

— O garoto se interessa pela empregada, mas o relacionamento deles não dá certo.

Ele decide matá-la e cortá-la em pedacinhos para descontar sua raiva, depois o papai o ajuda a enterrar as provas.

— E onde entra o bebê? De acordo com Dolly Weitzel, Maggie não trabalhava com eles tempo suficiente para o filho ser de Lenny.

— Talvez ela estivesse grávida quando o cara a contratou

— ressaltou Wardlow. — Esse pode até ser o motivo de Maggie ter fugido. Afinal, engravidar fora do casamento era motivo de um grande escândalo na década de sessenta.

Jackie o olhou com admiração.

— Nada mau, parceiro. Você realmente deveria ser investigador quando crescer.

Ele deu uma risada e tocou o rostinho de Daniel com um gesto surpreendentemente carinhoso.

— Vou passar na sua casa assim que você sair do hospital para poder pegar aquela carta. Talvez possamos encontrar algumas impressões digital e rastrear o assassino.

— Duvido. A vida não é tão fácil assim, Brian.

— Eu sei, mas não custa tentar. Posso segurá-lo um pouco, Kaminsky?

— Claro. Ele já deve estar com fome. Cuide apenas para manter a cabecinha dele bem firme.

Wardlow pegou o bebê no colo, segurando-o com extrema destreza.

— Minha irmã tem três filhos, sabia?

— declarou ele, ao perceber o olhar espantado de Jackie.

— E eu decididamente sou um bom tio.

— Se você acha que Lenny é o assassino — disse ela de repente —, ele também deve ter escrito a carta, uma vez que o autor da mesma conhecia um detalhe vital sobre a cena do crime. Portanto, isso significaria que Lenny ainda vive nas redondezas.

— Ou pode estar em contato com alguém que mora lá.

— Você tem razão — concordou Jackie, pegando o bebê.

— Eu não tinha pensado nisso.

Wardlow arregalou os olhos, chocado, quando ela começou a abrir os botões da camisola.

— Kaminsky! O que você está fazendo?

— Vou amamentar o meu filho. Está na hora do jantar. Ele olhou para a porta.

— Bem, então acho que está na hora de eu ir... Jackie caiu na risada.

— É melhor você ir se acostumando, Brian. É a coisa mais normal do mundo, sabia?

— Talvez no seu mundo—ele resmungou.

— No meu mundo, não! Devo achar natural o fato de minha parceira abrir a blusa em qualquer lugar para alimentar o filho? De jeito nenhum.

— Calma, Brian. Não tenho a menor intenção de levar Daniel para o trabalho — respondeu Jackie com calma.

— Entretanto, acho que não é uma idéia tão ruim. Alice e outras secretárias poderiam servir de babás e eu poderia amamentá-lo durante as reuniões na sala de Michelson.

— Kaminsky, deixe-me em paz — pediu ele, caminhando até a porta.

Ela sorriu e puxou o lençol para cima ao oferecer o seio ao bebê faminto.

— Quanto tempo Paul vai ficar com você?

— Só alguns dias. Ele tem muito trabalho a fazer na fazenda, o que não lhe permite ficar muito. Na verdade, Paul terá de se dividir entre suas tarefas rotineiras e a me ajudar com Daniel.

— Você realmente deveria...

— Não diga nada! — Ela sorriu para amenizar a indelicadeza de suas palavras. — Pare de me dizer o que eu tenho de fazer, está bem? Paul e eu nos acertaremos com o tempo.

— Está bem, avise-me quando ele for voltar para a fazenda.

— Pode deixar — respondeu Jackie, surpresa com o fato de ele não querer discutir. — Ah, Erian...

— Sim?

— Faça-me um favor. Tente descobrir algo sobre Alban Cernak e seu filho, e o que lhes aconteceu depois que se mudaram. Ficarei bem mais tranqüila quando tiver certeza de que Lenny não está por perto, à espreita.

— Está bem — disse ele, olhando pela -última vez para a cama. — Você está linda, Kaminsky. — A voz de Brian escondia sua emoção. — Muito linda.

Jackie olhou para a porta, mas ele se foi antes que ela pudesse responder.

CAPÍTULO XII

Alguns dias depois, Jackie voltou para casa com seu bebê e se acomodou na pequena casa atrás da cerca de lilases. Ela despertou com o brilho pálido da manhã e sorriu para a janela, pensando na magia de ser mãe.

Ter um bebê lhe proporcionava incontáveis experiências diferentes, e uma

delas era poder apreciar o nascer do sol. Ela não via tantas alvoradas desde a época em que trabalhava no temível turno da noite.

Naquele tempo, Jackie assistia à chegada do novo dia em meio a um misto de fadiga e sono, quando seguia para casa com a única intenção de cair na cama e dormir, depois de nove horas patrulhando bares e prendendo prostitutas.

Agora, durante as mamadas noturnas e matinais de Dan-ny, ela apreciava os céus que lembravam veludo negro, o esplendor das estrelas, o misterioso rendado de nuvens ao redor da lua, e o nascer de dias tão frescos e promissores quanto as conchas *que o mar traz de suas profundidades e joga em uma praia dourada pelo sol de *verão*.

Claro que o cansaço ainda fazia parte de sua vida. Seus dias eram exaustivos, e muitas vezes ela parecia um verdadeiro autômato. Mesmo assim, era um cansaço diferente daquele que sentia depois de longas horas de trabalho noturno. Até nos dias mais difíceis, Jackie sentia um contentamento que jamais conhecera antes.

Ela sorriu e virou a cabeça de lado para ver Paul entrando no quarto, vestindo apenas a calça do pijama, carregando o filho. O pequeno Daniel usava um macacão azul-celeste com desenhos de cavalos-marinhos, e descansava contente nos braços do pai.

— Por enquanto Danny ainda está quieto — disse Paul, mas acho que logo reclamará de fome.

— Que horas são?

— Cinco e meia. Ele dormiu mais de três horas depois da última mamada.

Jackie se levantou um pouco na cama, acomodando-se nos travesseiros. Então desabotoou a camisola.

— Você trocou a fralda?

Paul assentiu e sentou-se na cama.

— Achei melhor trocá-lo enquanto ele estava dormindo.

Dessa forma, você pode amamentá-lo sossegada, e depois dormir mais um pouco.

— Obrigada, querido. — Ela pegou o filho e deu-lhe o seio. Paul deitou-se ao lado, ajustou o lençol sobre as pernas de ambos e virou-se para olhá-los. Inclinou-se para beijar Jackie, depois o bebê, encostando ligeiramente a cabeça contra o peito nu. Ela riu e levantou a outra mão para afagar-lhe os cabelos.

Aqueles dias na companhia de Paul estavam sendo maravilhosos. Ela adorava

tê-lo o tempo todo ao seu lado, adorava dividir a cama com ele sem segundas intenções, enquanto ambos concentravam toda sua atenção no bebê.

Se pudesse ser assim o tempo todo, Jackie não hesitaria em assumir o compromisso que ele tanto desejava. Mas casamento era algo muito complicado, permeado de medo e perigo, além de trazer a possibilidade de uma dor grande demais de suportar.

— A idéia de deixá-la sozinha aqui não me agrada nem um pouco — disse ele, mostrando-se preocupado.

— Ora, Paul, eu preciso aprender a cuidar dele sozinha. E não deverá ser um grande problema, já que não tenho nada para fazer o dia todo.

— Mas você ainda não se recuperou direito. Faz só alguns dias que deu à luz.

— Sou bastante forte.

— Sim, você é uma mulher surpreendente. Eu adoro olhar vocês dois juntos. Você é uma excelente mãe, Jackie.

Ela abaixou o, tocada pelas palavras de Paul e sentindo-se quase envergonhada.

— Você realmente acha? Eu nunca achei que pudesse ser uma boa mãe, levando em consideração a educação que tive.

— Sei que você se sente assim, mas não temos de ficar nos lamentando por nossa infância não ter sido das melhores.

Paul se levantou da cama, tirou a calça do pijama e foi para o banheiro. Voltou alguns minutos depois e pegou suas roupas na cadeira de balanço próxima à janela.

Jackie continuava a observá-lo, adorando as linhas fortes e musculosas de seu corpo, as costas largas e os quadris estreitos, os músculos que se flexionavam em seus braços à medida que ele se mexia.

— Wardlow descobriu mais alguma coisa sobre os esqueletos que foram encontrados no quintal?

— perguntou ele, olhando para o jardim florido.

Jackie respirou fundo e olhou para o filho.

— Não mais do que lhe contei. O sargento permitiu que eu interrogue os vizinhos para começar a montar um relatório, mas não há pressa nenhuma.

Até agora, Jackie evitara mencionar a Paul a existência da carta anônima,

que estava dentro de um saco plástico, trancada na parte de baixo de sua mesa-de-cabeceira, esperando por Wardlow. Por um momento, ela ficou sentiu-se tentada a tocar no assunto com Paul, pois talvez assim se sentisse mais sossegada.

Entretanto, se soubesse da carta, Paul teria uma reação completamente desproporcional ao tamanho do problema. Ele ficaria preocupado demais com ela e o bebê, o que de certo lhe tiraria a concentração para trabalhar, mesmo que, sem dúvida, aquela carta fosse obra de uma pessoa insana.

Talvez fosse uma absurda tentativa de brincadeira por parte de alguém sem senso de humor ou uma tentativa de chamar atenção. As pessoas agiam assim o tempo todo, tentando se meter nas investigações de polícia apenas pela excitação falsa de estarem envolvidas em um crime.

Mas quem quer que tivesse escrito aquela carta sabia muito bem que o dedo do bebê havia sido cortado...

Ela afastou o pensamento e sorriu para Paul.

— Não estou trabalhando muito. Durante esses meses de licença-maternidade, eu me concentrarei apenas em aprender a ser mãe.

— Muito bem, Jackie. Eu te amo. — Já vestido, Paul a beijou e inclinou-se para olhar para o filho adormecido.

— Ele já acabou de mamar?

— Acho que sim. Está só brincando.

— Eu não o culpo. — Paul a olhou com malícia.

— Pelo que me lembre, não é nada mal brincar com seus seios.

Ele pegou a criança no colo.

— Vou levá-lo para o quarto, assim você pode dormir por mais algumas horas.

— Obrigada — disse ela, fechando a camisola e acomodando-se confortavelmente na cama.

Paul sorriu e se abaixou para beijá-la.

— Tem certeza de que vai ficar bem, querida?

— Sim, meu amor — respondeu Jackie, já mergulhando em um estado letárgico.

— Não se esqueça de me telefonar e deixar um recado se precisar de

alguma coisa. Senão eu só telefonarei ao anoitecer para não despertá-la, caso você esteja dormindo.

— Hum-hum — murmurou ela, sem prestar muita atenção.

O sono tomou conta de Jackie, e ela se perdeu em meio aos sonhos, passeando por uma paisagem onde os pássaros cantavam alegremente e as flores brotavam. Daniel corria de um lado para o outro atrás das borboletas, sorrindo sem parar.

Mais tarde, Jackie estava sentada em uma cadeira no jardim, e o bebê ao lado, em seu carrinho, protegido pelo véu que o protegia dos mosquitos. Era um dia quente de junho, permeado pelo delicioso perfume de flores.

Ela levantou o rosto para o sol, adorando o calor em seu corpo e a sensação de poder bastar a si mesma, sem ajuda de ninguém.

Então inclinou-se para a frente a fim de espiar o filho, que dormia tranqüilamente com os bracinhos abertos. Daniel vestia uma calça verde e uma camiseta branca de algodão, uma roupa bem leve e própria para o calor da tarde. Tinha os lábios franzidos, formando um bico delicado, como se estivesse sonhando que mamava.

Ela riu, observando-o, e se lembrou de contar para Paul. Eles sempre conversavam sobre os possíveis sonhos do bebê, e também sobre o que se passava por aquela pequena cabeça.

Jackie recostou-se nas almofadas, depois olhou para um casal que passava pela rua. Pareciam ter cerca de quarenta anos, uma mulher alta, com cabelos castanhos, e um homem corpulento usando uma calça esporte de brim e uma camisa de linho. Eles seguiam pela viela, absortos na conversa. Trajavam-se com bom gosto e elegância, o que os deixava deslocados em meio às latas espalhadas e aos baldes de lixo.

Intrigada, Jackie observou-os até que os dois pararam diante de um portão fechado na cerca de madeira que ficava diante de sua garagem. De repente, ela compreendeu quem seriam os dois.

Eles deveriam ser seus vizinhos dos fundos. Nunca tinha visto ou encontrado as pessoas que viviam atrás daquela grande cerca na parte traseira de seu quintal e cuja casa tinha a entrada principal na outra rua.

Obviamente, havia uma entrada lateral na viela de cascalho que seguia na lateral de seu muro e da cerca de lilases.

Enquanto ela observava, o homem espiou para dentro da casa de Jackie por

um buraco na cerca, depois disse algo para a esposa.

A mulher hesitou, também olhando para Jackie, depois assentiu, acompanhando-o até o portão oposto.

Eles entraram juntos no jardim, sorrindo. A mulher era magra, mas não frágil, e usava uma saia de algodão e uma túnica bordada, ambos em tom de areia. No pescoço, trazia um sólido e caro colar de contas de âmbar. O homem era um pouco mais baixo e de ossatura grande, com cabelos grisalhos e o rosto marcado por antigas cicatrizes de acne.

— Olá! Achamos que seria bom nos apresentarmos, já que somos vizinhos. Sou Carrie Turnbull e este é Bob, meu marido. Saímos para dar um passeio e tomar um *cappuccino*

— explicou ela, mostrando-se bastante nervosa.

— E decidimos pegar um atalho, pela viela, pois o dia está muito abafado. Mas não tivemos a menor intenção de assustá-la.

— Oi — respondeu Jackie. — É um prazer conhecê-la. Eu não sabia que vocês moravam ali. Sou Jackie Kaminsky, e este é meu filho, Daniel. Ele tem quase uma semana de vida.

Carrie Turnbull aproximou-se e olhou para o bebê com uma expressão tão ávida que Jackie sentiu um certo desconforto.

— Ah, não é um lindo bebê? Olhe para ele, Bob.

O homem lançou um olhar a Jackie que parecia um pedido de desculpas.

— Nós nunca pudemos ter uma família — explicou ele.

— Carrie adora crianças.

— Sinto muito — murmurou Jackie.

Houve um breve e estranho silêncio enquanto a mulher continuava a olhar fixamente para o carrinho.

— Faz muito tempo que vocês moram aqui? — perguntou Jackie.

— Minha família está aqui há mais de sessenta anos.

— Com evidente relutância, Carrie se endireitou. — Eu herdei a casa dos meus pais, e Bob e eu nos mudamos para cá cinco anos atrás, quando a minha mãe morreu.

— Verdade? — O interesse de Jackie aumentou — Por algum motivo, achei que os Betker e os Weitzel eram os únicos que moravam aqui há mais tempo.

— Eu nunca me considereei parte dessa vizinhança — declarou Carrie. — Fiquei quase toda a minha adolescência em um colégio interno, depois logo me casei e nós nos mudamos para Portland. Eu não conheci direito as pessoas do bairro.

Jackie entendia porque os Turnbull não se encaixavam. Eles refletiam um ar de prosperidade ostensiva, que os afastava da classe de trabalhadores que morava do seu lado da rua. Eram diferentes até mesmo da arrogante Eleanor Betkci

Ela resolveu perguntar a Adrienne sobre os Turnbull da próxima vez que se encontrassem. Carrie e o marido provavelmente pertenciam ao mesmo círculo social de Harlan e Adrienne.

A alta sociedade de Spokane era um mundo pequeno e exclusivo, e Carrie não era muito mais velha do que Adrienne. Portanto, de certo teria uma chance de saber mais sobre aquele casal.

— Se eu fosse você, morreria de medo — disse Carrie, olhando de novo para o carrinho.

— Medo? Por quê?

— Cuidar de um bebê é uma responsabilidade tão grande! Ainda mais sozinha.

A mulher tinha mãos finas e bronzeadas, cheia de anéis. Em um dos anéis havia um brasão, e lhe pareceu bastante familiar.

Talvez Adrienne tivesse o mesmo anel, de algum tipo de associação ou clube...

Ela franziu a testa, tentando se lembrar. Carrie pegou no carrinho, e Jackie teve de se controlar para não reagir de forma abrupta, afastando o bebê.

— Não estou sozinha — disse ela, com mais rispidez do que pretendia. — O pai dele me ajuda bastante.

— Mas podem acontecer tantas coisas.

— A mulher continuava olhando para o bebê com aquela expressão soturna, enquanto o marido permanecia imóvel ao lado dela.

— O quê, por exemplo?

— Acidentes, doenças, morte súbita... — Carrie parou de falar assim que o marido colocou a mão em seu braço. — Sinto muito — desculpou-se ela, enrubescendo. — Não tive a intenção de...

— Tudo bem. — De repente, Jackie sentiu-se ansiosa para que eles partissem. — Eu sei como é importante estar sempre alerta. E eu tenho muito

cuidado, pode crer!

Houve um estranho momento de tensão enquanto as duas mulheres se olhavam. Bob Turnbull continuava a segurar o braço da esposa enquanto a acompanhava até o portão, após um educado murmúrio de adeus.

Jackie ficou olhando o casal partir, depois se levantou e entrou em casa, ansiosa por levar o bebê para a segurança do interior de seu lar e para longe dos espaços abertos do jardim.

CAPÍTULO XIII

Aquela seria a primeira noite, desde sua volta da maternidade, que Paul não dormiria com eles e Jackie estava sentindo mais falta dele do que gostaria de admitir. Depois de jantar e amamentar o bebê, não resistiu à vontade de lhe telefonar.

A voz de Paul parecia cansada, mas era evidente que ele estava feliz pelo fato de Jackie ter tomado a iniciativa de ligar e não o contrário, como vinha acontecendo nos últimos meses.

O som da voz de Paul devolveu-lhe imediatamente a serenidade e Jackie contou-lhe como fora o dia do bebê, o banho de sol que haviam tomado no quintal e a visita dos vizinhos dos fundos.

Ela omitiu os estranhos comentários de Carrie Turnbull sobre os perigos que ameaçam as crianças. Aquela conversa desagradável ainda lhe provocava uma sensação muito angustiante e preferia não pensar mais no assunto.

— Tem certeza de que está tudo bem? — perguntou Paul, com sua costumeira percepção.

— Claro que sim! Só que eu e Danny estamos morrendo de saudade de você.

— Eu também não agüento de saudade — murmurou ele.

— Quer que eu vá até aí depois de terminar meu trabalho?

— Não, Paul. Você teria de vir à noite e sair logo cedo. É muito pouco tempo para cansaço demais.

— Então vou adiantar parte do meu trabalho hoje e amanhã, à noite, apareço por aí. Na verdade, é o máximo de tempo que consigo ficar sem ver vocês

dois.

— Eu estava pensando... — Jackie procurou falar como se o assunto fosse algo banal. — Talvez, mais para o final do mês, seria bom que eu e Danny fôssemos passar uma semana com você. Afinal, não dá tanto trabalho assim dobrar o carrinho de bebê e juntar uma pilha de fraldas, não é?

— Não dá o menor trabalho, Jackie!

Ao ouvir o entusiasmo na voz de Paul, ela sorriu, mas logo caiu em si e decidiu ser mais prudente.

— Não se trata de nada permanente — apressou-se a dizer ela.

— Pensei em passarmos alguns dias juntos, como se estivéssemos de férias, entende? Não quero ficar longe da minha casa por muito tempo ou o jardim vai por água abaixo.

— É claro — concordou ele, com voz novamente desprovida de qualquer emoção. — O que você quiser, está bom para mim. Dê um beijo em Danny...

— Eu darei. Boa noite, Paul.

— Eu te amo, Jackie.

Depois de desligar o telefone, Jackie começou a arrumar a cozinha, procurando encontrar algo em que se ocupar a fim de acalmar uma inesperada inquietação.

Ela entrou na sala de visitas e a luz rosada do crepúsculo despertou em seu íntimo uma tristeza inexplicável. A casa estava tão quieta e tão vazia! Pensou em pegar sua flauta e tentar tocar um pouco ou terminar o casaquinho de tricô que estava fazendo para o bebê. Desistiu antes mesmo de começar, porque sabia que não iria se concentrar.

Finalmente subiu as escadas e foi para o quarto de Daniel que estava dormindo no carrinho. Ainda não o haviam colocado no berço, porque ele parecia tão diminuto naquele espaço enorme, ainda que a cama estivesse cheia de almofadas e bichos de pelúcia.

Jackie inclinou-se para vê-lo melhor, sentindo o coração quase explodir de tanto amor. Daniel dormia tranqüilamente e o rostinho encantador parecia calmo e feliz.

Calmo demais!

Tomada por uma onda de terror, ela encostou a cabeça no peito do bebê. O coraçãozinho dele batia em um ritmo reconfortante.

Completamente chocada com sua reação histérica, Jackie decidiu

encontrar algo que distraísse sua atenção e abriu a porta do armário embutido.

Paul havia retirado as prateleiras velhas, quase podres já tinha trazido as tábuas para fazer as novas. Então, ele descobriu um buraco na parede de fundo do armário, um estrago difícil de consertar, uma vez que o acabamento da casa fora feito de ripas cobertas de gesso.

Finalmente, os dois decidiram comprar uma lâmina de compensado para cobrir a parede inteira, antes de instalar as prateleiras novas, mas Paul ainda não tivera tempo de ir até a loja.

Ajoelhando-se, Jackie examinou melhor o buraco no revestimento, uma abertura que ficava poucos centímetros acima do rodapé e, durante anos, ficara encoberta por uma folha de papel de parede, ligeiramente descolada e que Paul acabara por arrancar quando retirara as prateleiras.

— Se alguém escondesse um tesouro na sua casa — dissera ele, provocando-a, este seria o lugar perfeito.

Jackie estava a alguns instantes olhando para o buraco, quando se inclinou mais para frente, franzindo a testa. Por uma fração de segundo, teve a impressão de que podia ver algo na escuridão da abertura. Certamente era apenas sua imaginação, mas...

Então, ela foi envolvida pelo mesmo frio paralisante que já sentira antes, naquele mesmo quarto. Era um sopro maléfico, que provocava um terror irracional. A sensação de horror parecia nascer em seu estômago para depois se irradiar por todo seu corpo, que se cobria de um suor gelado. Jackie abraçou os joelhos, balançando-se para frente e para trás, a fim de controlar a respiração e dominar uma súbita onda de náusea.

— Oh, meu Deus... — murmurou ela, continuando agachada até o mal-estar passar.

Finalmente, conseguiu se arrastar para fora do armário embutido e se ajoelhou ao lado do carrinho do bebê. Daniel continuava a dormir profundamente. Jackie fez uma carícia no rosto relaxado do filho e decidiu ir buscar a lanterna que fazia parte de seu equipamento de policial.

Ao retornar para junto da porta, teve de controlar uma inexplicável relutância para entrar de novo no armário embutido. Ela respirou fundo e, agachando-se, praticamente encostou a lanterna acesa na abertura na parede. O forte feixe de luz iluminou as ripas cobertas de pó. No meio delas havia um objeto que parecia um monte de trapos e um caderno, do tipo usado pelas crianças, quando estão aprendendo a escrever.

Os trapos eram, na verdade, uma boneca de pano, de rosto bordado e cabelos de lã alaranjada e bastante descorada.

Jackie olhou para a boneca, com seu sorriso fixo, e sentiu uma nova onda de mal estar.

Então, retirou o caderno de dentro do buraco e levantou-se. Decidiu descobrir se havia algo escrito nele, mas preferia fazê-lo no outro lugar. Ela sentou-se na confortável cadeira de balanço de seu quarto, onde costumava se acomodar quando amamentava Daniel.

O caderno havia sido usado quase até o final e as páginas estavam cobertas por uma letra pequena e quase infantil. Logo Jackie percebeu que era uma espécie de diário. Seus anos de treinamento como policial eram os responsáveis pela relutância que sentia em tocar qualquer objeto descoberto de forma misteriosa, por medo de destruir alguma evidência valiosa. Mas a data na capa do caderno era vinte e seis de janeiro de 1968. Qualquer impressão digital ou traço de DNA já teriam se degradado há muito tempo,

Jackie abriu o caderno e leu a primeira página, escrita com letra infantil e cheia de rasuras.

Meu nome é Maggie Birk. Tenho dezessete anos. Este é meu diário e estou começando a escrever no ônibus.

O coração de Jackie disparou. Respirando fundo, acomodou-se melhor na cadeira de balanço. O terror e a náusea tinham desaparecido e já não sentia a repulsa de momentos atrás ao olhar para o caderno ou para a boneca de pano que colocara sobre sua cama e parecia lhe sorrir sem qualquer maldade.

Estranhamente, essas emoções intensas se faziam presentes só quando estava no quarto do bebê.

Em seu próprio quarto, Jackie sentia apenas uma certa melancolia diante das tristes relíquias da infância de Maggie Birk. Impulsivamente, ela pegou a boneca e ajeitou-a seu colo, como se fosse um bebê, e começou a ler. Não ser fácil nem rápido, pois a garota tentara colocar o maior número de palavras possíveis em cada folha e usara uma caneta esferográfica verde que perdera quase toda a cor

Bom, eu finalmente consegui. Fugi de casa e estou muito feliz com isso, embora seja meio assustador pensar no que vai acontecer agora. Guardei todo o dinheiro que ganhei quando fui baby-sitter do Andrew e coloquei em uma meia, que enfiei debaixo do meu colchão. Foi suficiente para comprar uma passagem para Spokane e ficar com uma sobra, para me sustentar até encontrar um trabalho.

Não sei bem porque escolhi Spokane. A avó da minha amiga Josie morava nessa cidade e ela sempre ia passar lá as férias de verão. Uma vez, contou-me que a levaram ao parque de diversões, andou no carrossel e foi a um lago onde deu comida para os patos e achei tudo tão bonito! Pensei que, se conseguisse ver esse carrossel, eu seria a garota mais feliz de todo o mundo. E agora vou vê-lo.

Eu tinha de esperar muito tempo na estação e por isso resolvi comprar este caderno para escrever nele tudo o que acontece comigo. Talvez assim eu não me sinta tão sozinha.

O ônibus é um lugar que dá medo. Quando eu embarquei, em Salt Lake, três homens estranhos já estavam acomodados. São cabeludos, de barba e com roupas sujas. Aposto que estão fugindo de suas cidades, talvez indo para o Canadá, porque foram convocados para servir no Vietnã. Evito, ao máximo, olhar para o lado deles, mas um dos caras não tira os olhos de mim.

Vou continuar escrevendo assim ele não vê para onde eu estou olhando.

Fico pensando no que estará acontecendo em casa. Hoje é sexta-feira e meu pai provavelmente já bebeu demais e não vai perceber que eu sumi. Se alguém notar a minha ausência, pode pensar que estou tomando conta de alguma criança. Quando ficar claro que desapareci mesmo, já estarei tão longe que ninguém vai me encontrar.

Eu bem que gostaria de ter me despedido da mãe, mas ela tem tanto medo do pai que acabaria contando todo o meu plano. Acho melhor que ela não saiba para onde estou indo. Talvez, algum dia, eu mande um cartão postal, só para dizer que estou bem. É gozado, mas nunca senti tanto medo dele quanto a mãe. Depois que o pai me machucou tanto, quando eu era ainda pequena, pensei que nada poderia ser pior do que aquilo e deixei de ficar com medo.

E agora me mandei!

Nem o odeio mais com tanta força quanto antigamente, porque não é cristão nutrir esse sentimento por alguém do seu sangue. Além do mais, toda essa miséria agora já é coisa do passado e minha vida vai ser muito, muito feliz, daqui por diante. Quando eu chegara Spokane, vou encontrar um emprego imediatamente. Quero guardar cada centavo que ganhar, pois assim poderei ir para a faculdade. Pretendo ser professora para ajudar crianças pequenas que vivem com adultos que os ferem.

Jackie percebeu, surpresa, que estava com lágrimas nos olhos.

A história de Maggie Birk, embora houvessem passado quase trinta anos, continuava atual e bastante familiar. Jackie lidava a todo instante com jovens que haviam fugido de casa e viviam na rua. Até Alex, a enteada do casal Calder, tinha optado pela fuga para escapar de um pai que abusava da violência física.

Só que Alex fugira do padrasto e não do pai verdadeiro, como parecia ser o caso de Maggie.

Embora a vida das garotas que fugiam de casa fosse bastante dura e perigosa, nem todas elas acabavam de forma tão dramática, em uma cova rasa num quintal de subúrbio, enterradas junto com o filho recém-nascido.

Jackie folheou o caderno, procurando, a esmo, uma menção qualquer à eventualidade de uma gravidez, mas a letra era tão apertada e a tinta tão descorada que, para entender algumas palavras, era preciso colocá-las dentro do contexto da narrativa.

Na verdade, o trecho que lera, tomara-lhe tanto tempo que já estava novamente na hora de amamentar Daniel.

Ela estava colocando o caderno velho na mesa-de-cabeceira onde já guardava seu revólver e a carta anônima, quando se surpreendeu ao ouvir o choro forte do bebê e correu para tirá-lo do carrinho, aconchegando-o carinhosamente de encontro ao peito.

— Calma, querido — murmurou ela, com meiguice. Por que esse choro tão bravo, Danny?

Eles ainda não haviam decidido se chamariam o filho de Daniel ou de Danny.

Jackie preferia Daniel, mas Paul afirmara que, inevitavelmente, o nome seria abreviado para Danny, portanto era melhor se acostumarem com o apelido desde o início. Ela ainda resistira à idéia, mas logo admitiu o lado carinhos do diminutivo e percebeu que o usava com frequência, portanto Paul devia ter razão nesse ponto.

— Se ele se tornar um garoto-prodígio e se apresentar no Carnegie Hall, aos onze anos, para dar um concerto de violino, nós o chamaremos de Daniel, está bem? — dissera Paul, rindo.

— Mas se ele gostar de pescar e de manter uma colônia de formigas em seu quarto, será Danny.

— O que quer dizer com isso, Arnussen? Acha que Daniel é nome de fresquinho?

— Nada disso — respondera ele, sem se irritar com o tom de voz agressivo de Jackie. — Acho que parece nome de Geninho.

Jackie sorriu, lembrando-se daquela conversa, enquanto colocava o bebê sobre o trocador. Depois de retirar a fralda ensopada, limpou-o cuidadosamente e, com um algodão embebido em álcool, começou a desinfetar o cordão umbilical. Para sua surpresa, o pedaço, já seco, saiu em sua mão e ela admirou fascinada, o recém-surgido umbigo de Daniel, delicado como um botão de rosa.

— Oh! Você agora tem um lindo umbigo, Danny! E muito bonitinho!

Inexplicavelmente, a cicatrização do cordão umbilical fazia com que o bebê parecesse menos frágil, mais real e acessível. Jackie sentiu um desejo quase incontrolável de telefonar para Paul a fim de lhe contar a novidade, mas resistiu.

Não podia criar o hábito de ligar para ele toda vez que algo acontecesse na vida do bebê. Caso fosse se tornar uma dessas mulheres absolutamente dependentes, era melhor deixar de lado seus princípios e se casar logo com Paul!

Quando terminou de vestir Daniel, Jackie levou-o para o quarto dela a fim de amamentá-lo. Eram dez horas e, se tivesse sorte, Daniel dormiria uma ou talvez até duas horas, e ela poderia descansar.

Mas, depois de deixar Daniel acomodado no carrinho, ela continuou a sentir-se inquieta. Os pensamentos se cruzavam em sua mente, impedindo-a de relaxar e dormir.

Finalmente Jackie acendeu a luz do abajur, destrancou a gaveta da mesa-de-cabeceira e retirou o diário de Maggie Birk.

Terça-feira, 30 de janeiro de 1968

Bem, a minha mudou completamente desde a última vez que escrevi neste caderno! Não me sobrou tempo para mais nada e, como tudo começou a acontecer na sexta-feira, vou tentar me lembrar de todos os detalhes.

Desci do ônibus em Spokane às nove horas da noite. Estava frio de doer e tinha começado a nevar. Eu não tinha a menor idéia para onde ir ou do que fazer. A estação rodoviária fica no centro da cidade e pensei em sair andando, para procurar um hotel, mas nem imaginava por onde começar e a neve caía cada vez mais forte.

Então, decidi que seria uma toa idéia dormir ali mesmo, na estação, e só sair para procurar um emprego, talvez num restaurante, quando amanhecesse.

Assim, eu economizaria uma noite de hotel e não teria de sair na neve, com muita chance de acatar me perdendo numa cidade estranha. Fui para o barbeiro e adivinhe o que aconteceu? Como se os meus problemas já não fossem suficientes, descobri que estava incomodada!

Comprei um pacote de Katex, na máquina do banheiro, e depois de me arrumar, voltei para a sala de espera. Eu me ajeitei em um dos bancos e usei meu casaco como cobertor. Na parede lateral tinha uma enorme placa dizendo que era proibido dormir naquele recinto e o homem do guichê de informações olhou para mim de cara feia. Mas, naquele momento, um monte de gente, que desceu de outro ônibus, passou pelo saguão e ele não pode fazer nada.

Mas eu sabia que ele iria esperar todo mundo ir embora e depois viria pegar no meu pé e me pôr para fora da estação. Comecei a ficar desesperada, com medo e com vontade de chorar... Além das eólicas, é claro. Elas sempre são muito fortes quando estou doente ou nervosa.

Enfim, eu estava me sentindo a pessoa mais desgraçada do mundo quando levantei a cabeça e Jesus estava de pé na minha frente, olhando para mim.

Eu sei que isso parece maluquice minha e que não é verdade, claro! O homem que me olhava era Alban, mas eu não tinha a menor idéia, naquela hora, de quem ele era.

Ele tinha aqueles olhos azuis doces, os cabelos castanhos longos até os ombros, uma barba meio rala. Alban é magro e delicado, mas de um jeito masculino, entende? Meio parecido com o Anthony Perkins, se ele tivesse barba, é claro. E eu sempre achei esse artista o homem mais bonito do mundo!

Enfim, esse homem com cara de Jesus olhou para mim e eu olhei para ele, me achando a pessoa mais idiota deste mundo, por que não sabia o que dizer. Eu estava tão cansada e com tanto medo que praticamente vi um halo em volta da cabeça dele!

— *Você está sozinha?*

— *Sim... e estou morrendo de medo.*

Alguém já ouviu falar de uma idiotice tão grande assim? Quase comecei a chorar e me sentia como uma criança tão desamparada que me deu vontade de morrer!

Eu estava com a minha boneca, Raggedy Annabel, no colo e com certeza isso não me ajudava a parecer adulta. Ele devia estar pensando que eu era uma tonta completa!

— Fugiu de casa?

A voz dele era sonora e gentil, doce como melado ou coisa parecida. Se Alban não fosse tão velho, acho que me apaixonaria por ele.

— Sim — eu disse. — E não vou voltar. Ninguém pode me obrigar. Como se ele pudesse chamar a polícia e ajudar os tiras a me enfiar para dentro de um ônibus, ou coisa parecida! Mas ele só me fez mais uma pergunta.

— Está precisando de um emprego?

Eu me sentei, agarrada a Annabel e fiquei olhando para ele, de boca aberta.

— Um emprego?

— Estou procurando uma empregada. — ele falou.

— Eu e meu filho moramos sozinhos, em uma casa, e precisamos de alguém para fazer comida e para dar um jeito nas coisas. Nada de muito pesado.

Como se eu me importasse de fazer trabalho pesado!

— Nada de lavar janelas ou coisas assim. Só cuidar da roupa e pôr a casa em ordem, entende? Nós dois ficamos fora o dia inteiro.

Dá para acreditar?

Comecei a pensar, de novo, que ele era mesmo Jesus e tinha vindo até a estação especialmente para jogar um milagre no meu colo! Há um minuto, eu estava sozinha, com medo e sem ter para onde ir e agora tinha um emprego e um lugar para morar. Eu tinha vontade mesmo era de saltar da cadeira e dar um beijo nele, sem me importar que ele fosse velho demais para mim.

Eu já tinha ficado um pouco menos confusa e acabei vendo que ele era velho mesmo, com quarenta anos ou coisa parecida. Mas achei ótimo, entende? As rugas perto dos olhos só faziam ele parecer um pai.

Um pai de verdade, é claro, não aquela figura com quem tive de viver toda a minha vida! E pouco me importa de falar assim, pois é assim que vejo meu pai!

— Meu nome é Alban Cernak.

O nome dele se escreve com "C", mas quando Alban fala, parece "CH"... Como Churnak.

— E o nome do meu filho é Lenny

— Quando anos ele tem?

Eu fui me levantando e pondo o casaco. Depois comecei a seguir Alban, arrastando a minha bagagem. Para falar a verdade, a mala é mesmo da minha mãe, está toda velha e com o canto rasgado, por isso precisa passar um cinto em volta dela para não abrir. Acho que a mãe nem vai perceber que sumiu... A coitada nunca vai a lugar nenhum.

— Meu filho tem catorze anos. Está em casa e você vai conhecê-lo daqui a pouco.

E, azar meu, eu conheci a figurai

Lenny é a única coisa ruim do meu emprego, mas vou falar dele só depois. Agora preciso contar o resto da história.

Alban me levou até o carro dele que estava estacionado na frente da estação rodoviária. É um Chevy Bel Pire, velho e enferrujado, igual ao que o tio Sam costumava guiar, só que azul em vez de verde. Ele colocou minha bagagem na mala do carro e fomos embora.

Quase ficamos atolados duas vezes, porque a neve continuava caindo muito forte e formava montes de gelo no meio da rua.

Nessa hora, eu fiquei um pouco assustada, porque estava fazendo uma coisa muito louca e perigosa, saindo de carro com um estranho, indo para algum lugar que eu não sabia onde era. Mas Alban tinha um rosto tão bonzinho! Qualquer um confiaria nele.

Além disso, minhas eólicas estavam ficando bem piores e eu quase precisava me segurar para não gemer. O médico disse para a mãe que isso acontece por causa do que meu pai fez comigo quando eu era pequena. Tudo ficou torto dentro da minha barriga, entende? A mãe disse que ele quase morre de tristeza quando pensa no que fez e é por isso que vive bebendo, mas eu não acredito mesmo!

Voltando ao assunto, eu estava com dor demais para me preocupar com um rapto ou coisa parecida.

Devo ter feito algum barulho porque Alban me olhou como se estivesse preocupado de verdade.

— Você está se sentindo bem?

— Estou com eólicas.

— É seu período menstrual?

Quase morri de vergonha! Nunca ouvi um homem fazer uma pergunta desse tipo antes e fiquei tão envergonhada que não sabia o que responder.

Mas ele parecia tão calmo, como se fosse médico. Agora eu sei claro, que Alban é um doutor, mas não sabia naquela hora.

— Achei que talvez você estivesse grávida.

— Eu? Grávida?

— Bem, pensei que estivesse.

— Mas não estou.

Alban ficou meio quieto, mas só porque precisava prestar atenção para guiar na neve que estava quase cobrindo a rua. Aproveitei que ele não estava mais olhando para mim e resolvi falar. Precisava contar a verdade, já que ele estava me dando um emprego e todo o resto.

Então contei do acidente que aconteceu quando eu era muito pequena e por isso me deixou com o osso do quadril fora do lugar. É por esse motivo que eu sempre uso roupas largas.

— Mas eu posso trabalhar, mesmo se for trabalho pesado, entende? Manco um pouco, mas é só isso. O resto não tem problema nenhum.

Alban não estava nem um pouco preocupado e nem me perguntou que tipo de acidente eu tive, como acontece com todas as outras pessoas a quem conto isso e elas esquecem que é falta de educação fazer perguntas íntimas desse tipo! Ele só riu para mim e continuou guiando. Estou gostando cada vez mais dele!

E por que não? Alban é um cara sensacional!

Então, chegamos na casa dele e eu conheci o Lenny, que não é nada sensacional e vai ser o maior problema do mundo nesse emprego maravilhoso que encontrei.

Jackie se mexeu na cama, fechando os olhos por alguns instantes, a fim de descansar a vista depois de tê-la forçado em excesso para ler o texto escrito com a tinta verde descorada. Estava com muito sono e sabia que Danny acordaria, chorando de fome, em menos de duas horas.

Mas ela também estava ansiosa por descobrir a impressão da pobre Maggie Birk, triste vítima de um crime brutal, diante de Lenny Cernak. Durante todo o tempo em que estivera lendo o diário, uma única pergunta permanecia ocupando seus pensamentos.

A quem pertencia o bebê que fora enterrado naquela cova do quintal?

Esfregando os olhos, Jackie abriu novamente o caderno e recomeçou a ler.

Já ó terça-feira de novo e posso escrever em paz, porque Alban e Lenny passam o dia todo na clínica.

Alban é médico em um tipo de clínica comunitária que fica no centro da cidade. Ele cuida de garotos e garotas que fugiram de casa, de drogados e de prostitutas. Não sei de onde sai o pagamento dele, porque essa gente nunca tem um centavo.

Lenny não vai à escola e eu não me espanto nem um pouco. Ele é tão nojento que os outros garotos iriam acabar com o infeliz! Sei como as crianças são más. Por esse motivo, aprende tudo por correspondência e passa o dia na clínica com o pai. Parece que a obrigação dele é ajudar, tomando conta dos pacientes ou coisa parecida, mas nem imagino como pode ser isso! Se eu estivesse doente, não queria um cara do tipo de Lenny perto de mim, de jeito nenhum.

Para falar a verdade, nem sei dizer exatamente porque ele é tão horrível e repelente. Ele é e pronto.

Lenny é um porco de tão gordo, usa roupas sempre imundas e umas camisas de flanela enormes. Nunca vi uma pele tão ruim, cheia de espinhas, e os cabelos estão sempre gordurento e caindo na cara dele. Além disso, é ruim, mau mesmo! Dá para ver a maldade nos olhos dele, como se estivesse com muita vontade de fazer você sofrer.

Quando está em casa, passa o dia inteiro sentado na frente da televisão ou então se enfia no canto dele, no porão, para fazer coisas que nem quero imaginar. Um dos motivos para Lenny me odiar tanto assim é que o pai deu o quarto dele para mim. Entendo que ele tenha ficado furioso, porque é um quartinho lindo, no andar de cima e com uma janela que dá para o quintal. Eu disse para Alban que não me incomodava de dormir lá embaixo, mas ele falou que o porão é melhor para um garoto.

Não entendi mesmo porque era melhor, mas não continuei a perguntar... Se é isso que Alban quer, que seja. Afinal, estou morrendo de felicidade por ter um quarto só para mim, depois de agüentar a Connie todos esses anos. Aposto que ela também está contente à beca por não precisar mais dividir a cama comigo. Nós duas nunca nos entendemos bem, porque ela sempre foi a queridinha do pai.

Não acho justo que ele tenha me machucado tanto com as próprias mãos e depois tenha ficado com ódio de mim porque eu manco! As pessoas não deviam ser assim.

Mas isso é parte das coisas que eu não quero lembrar e por isso não vou nem pensar nelas.

Então, o Lenny passou a ter um canto no porão, onde Alban colocou uma cama, uma cômoda com três pernas e dois tijolos para segurar o lugar sem perna. Fui ontem lá embaixo, para trocar os lençóis e vi que é mesmo um chiqueiro! Não

dá para imaginar o fedor. Ele é tão asqueroso que nem quero pensar. Talvez todos os garotos sejam horríveis assim, mas eu não saberia dizer por que só tenho irmãs. Só não entendo como alguém tão simpático como Alban pode ter um filho tão nojento quanto o Lenny. Mas, como eu já disse, não vou pensar em coisas ruins.

Meu emprego é maravilhoso... Fora o Lenny, é claro. Tenho meu próprio quarto, o trabalho de casa é leve e gosto de fazer o jantar. Depois de cumprir as tarefas, que não são muitas, o tempo é todo meu. Alban disse até que eu poderia voltar à escola, se quisesse, para tirar meu diploma. Só falta um ano e depois poderia estudar para ser professora!

A casa é muito aconchegante e bem bonita, com uma lareira na sala de visitas. O quintal agora está coberto de neve, mas Alban disse que, na primavera, eu posso plantar o que quiser. Eu adoro jardins!

E já conheci alguns vizinhos! Eleanor e Emma Betker são duas irmãs que vivem em uma enorme mansão, bem do lado da minha casa. Emma é tão bonita, parece uma artista de cinema, mas acho que tem alguma coisa errada na cabeça dela. Eleanor cuida dela. É enfermeira e também bonita, só que parece mais fria e de pouca conversa.

Os Weitzel moram do outro lado da rua, em uma outra casa grande.

São uma família perfeita. Dolly é pequena e gordinha, Klaus é alto e sorridente, o tipo de pai que todo mundo quer. Eles têm um filho chamado Mike, da minha idade, que é muito lindo. Já estou um pouquinho apaixonada por ele, mas aposto que nem sabe que eu existo.

Estou me sentindo tão feliz aqui! Pela primeira vez na vida, tenho segurança. Não preciso ter medo do pai, nem me preocupar se ele encheu a cara ou não, muito menos tentar adivinhar com que humor vai chegar em casa! Faço meu trabalho e decido quase tudo, como se fosse casada com Alban e esse fosse o meu lar.

Claro que ele é velho demais. Para falar a verdade, preferiria casar com Mike Weitzel!

Agora chega de brincadeira, como diria minha mãe. Tenho de preparar o jantar, porque Alban e Lenny vão chegar em casa daqui a pouco. Acho que vou fazer um bolo de carne moída e maçãs assadas.

O relato daquele dia terminara. Jackie fechou o velho caderno e tornou a guardá-lo na mesa-de-cabeceira, trancado na gaveta. Então, apagou a luz e tentou

raciocinar.

A mensagem ameaçadora que encontrara na caixa de correio continha detalhes que apenas o criminoso teria condições de saber, a não ser que alguém da equipe do médico legista tivesse deixado escapar essa informação vital. Não seria algo de tão grave, pois o pessoal do departamento não se sentiria obrigado a manter o sigilo no caso de um crime com quase trinta anos.

E, se a carta anônima fora deixada na caixa de correio pelo próprio autor do assassinato duplo, o criminoso era alguém que ainda morava na vizinhança, podia observar os movimentos de Jackie e sabia muito a respeito dela.

As cortinas balançaram movidas pela brisa de verão que entrava pela janela aberta. Jackie Mo conteve um arrepio de frio, sentindo-se solitária e sem calor com a ausência de Paul em sua cama.

Alban Cernak devia ter dormido naquele mesmo quarto. Maggie ficara do outro lado do minúsculo hall no topo da escada, onde era agora o quarto do bebê. Com a chegada dela, o sinistro Lenny fora banido para o porão. Jackie lembrou-se do cheiro de mofo e da penumbra abafada daquele aposento sem janelas que agora era usado para guardar lenha para a lareira e as caixas em que fizera sua mudança.

Inquieta e subitamente preocupada com o bebê, Jackie saltou da cama e correu para o outro quarto. Cedendo a um impulso irracional, levou o carrinho de Daniel para o seu quarto, parando-o bem junto da cama, a fim de poder tocá-lo.

Só então, conseguiu adormecer, mas foi um sono agitado, povoado de pesadelos sobre tempestades de neve, lugares escuros e sufocantes e sobre um bebê que chorava, desesperado, porque ninguém sabia onde encontrar sua mãe.

CAPITULO XIV

Não consegui encontrar prova nenhuma de que essas pessoas realmente existiram.

Wardlow estava sorrindo para o bebê, que carregava no colo, enquanto Jackie o observava como uma mãe atenta.

— Então ninguém avisou a polícia que Maggie Birk havia desaparecido?

— Pelo menos o nome dela não aparece em nenhum dos arquivos do FBI que datam da década de sessenta e de setenta. Olhe Kaminsky! Está vendo as

borboletas?

— Claro que sim! Não sou cega, Wardlow — esbravejou ela, exasperada.

Os dois tinham se acomodado na varanda dos fundos da casa, tomando uma limonada gelada e apreciando a visão dos canteiros banhados de sol. Brian tirara o paletó, deixando à vista o coldre do revólver. Jackie estava com um vestido leve e sandálias e o bebê usava apenas uma camiseta e fraldas. O calor do verão provocava uma agradável sonolência e o gato se deitara entre eles e dormia a sono solto.

Brian suspirou acomodando melhor o bebê em seu colo.

— Você arrumou um lugar bem agradável, Kamiasky. Incrivelmente doméstico, sabe?

— E você está me deitando *incrivelmente* furiosa, sabia? Ele a fitou, com uma expressão interrogativa.

— Este caso é muito importante para mim. — declarou Jackie, decidida. — Não me importo que tenha acontecido há trinta anos, entende? Quero saber quem matou Ma Birk e de quem era o bebê que morreu com ela.

— Talvez seja dela mesma o bebê. — Brian sorriu j Daniel e acariciou os sedosos cabelos pretos do bebê. — que ficou subitamente tão certa de que a criança não de Maggie?

Jackie hesitou. Não contara a seu parceiro que havia descoberto o diário de Maggie e não tinha a menor intenção de fazê-lo antes de terminar a leitura, descobrindo as visíveis pistas contidas naquele relato de uma vida infeliz

Entretanto, o bebê ocupava a maior parte de seu ter e a leitura daquela letra minúscula e espremida, cuja ti clareara com o passar do tempo, tornava sua tarefa tão lenta quanto o decifrar de um manuscrito antigo.

Por um instante, sentiu um intenso complexo de culpa, mas conseguiu suprimir essa emoção negativa. Mesmo se entregasse o diário como uma das provas relativas ao caso, Wardlow não iria dedicar mais tempo do que já estava fazendo à essa investigação. Ele mal conseguia dar conta de todo o trabalho acumulado na delegacia.

Além disso, o diário da pobre garota era uma espécie de entrevista de segunda mão e ela fora autorizada por Michelson a conduzir essas conversas com as antigas testemunhas do crime, conforme lhe aprouvesse.

— Também não conseguiu encontrar nenhuma informação sobre Alban Cernak? Ou sobre a clínica onde se supõe que ele trabalhava?

— Bem... Aparentemente existiu mesmo uma clínica na Rua East Sprague. Era uma instituição mantida por voluntários que recebiam donativos de algumas empresas privadas. Por esse motivo, não tinham um controle muito rígido das credenciais dos membros da equipe que trabalhava ali. De qualquer forma, não encontrei nenhum registro com o nome de Alban Cernak em nenhuma associação médica.

— Então, ele fingiu ser médico e depois desapareceu da face da terra?

— Parece ser esse o caso. E, como seu filho nunca foi à escola, também não existe nenhuma pista nessa área.

— Deixe-me pegar o bebê, Brian. Ele está quase dormindo.

Wardlow entregou Daniel à mãe sem disfarçar a relutância. Jackie colocou o filho na cesta ao seu lado e ele adormeceu imediatamente.

— Que droga! — exclamou ela, irritada.

— Deve existir algum sinal dessas pessoas. É impossível viver sem deixar uma verdadeira montanha de documentos pessoais!

— Falando de papel, que tal me mostrar a tal carta anônima que recebeu?

— Tudo bem...

Jackie subiu as escadas até seu quarto e retirou a carta ameaçadora que mantinha na gaveta de sua mesa de cabeceira. Ao voltar para a varanda, entregou-a a Brian, que a leu com uma expressão preocupada.

— E decididamente ameaçadora — resmungou ele, tenso.

— E você confirmou que faltava um dos dedos no esqueleto do bebê, certo?

— E isso mesmo. — Brian guardou a carta em sua pasta.

— Tem alguma idéia do que possa estar acontecendo?

— Continuo no escuro, parceiro. Ainda não tive tempo de voltar a conversar com os vizinhos, mas pretendo entrevistar Mike Weitzel e Eleanor Betker de novo e também quero descobrir mais sobre o casal Turnbull. Espero que Adrienne os conheça, pois parecem ser membros de seu círculo social.

— Então realmente acredita que o assassino da garota ainda viva neste bairro? — Ele fez uma careta, preocupado.

— O chefe não vai gostar nada disso e você sabe...

— Claro que sim, mas nós sabemos que os remetentes de cartas anônimas

são quase sempre inofensivos, não é? Além disso...

Jackie parou de falar a fim de enrolar a manta em torno do bebê adormecido e depois voltou a encarar Wardlow com determinação.

— Em que tipo de mundo acabaremos por viver se os fora da lei descobrirem que podem controlar as investigações ao ameaçarem a família de um policial? Não podemos começar a fugir, tremendo de medo, ou nunca mais teremos moral.

— Eu sei. Você já me disse essas mesmas palavras dezenas de vezes, Kaminski. — Ele tomou um gole de limonada.

— Mas isso foi antes de ter um filho seu, garota.

Jackie não respondeu, mantendo o olhar no filho.

— Tem algum sistema de segurança na sua casa, Kaminski?

— É óbvio que sim! — resmungou ela. — Tenho um policial de plantão em minha casa... Vinte e quatro horas por dia.

— Pobre Arnussen! Deve ser mesmo infernal ter de lidar com uma mulher tão teimosa. Não é de se espantar que o sujeito não queira mesmo se casar com você.

— Falando de casamento... — Jackie pouco ligava para as alfinetadas de Brian. — Como está se sentindo nos últimos tempos, parceiro? Continua apavorado e com vontade de voltar atrás?

— Na maior parte do tempo estou ocupado demais até para lembrar do assunto. Mas, quando penso, começo a tremer.

— Francamente, Brian! Você sabe que é uma idiotice sentir medo! Chris é uma pessoa maravilhosa, concorda?

— Paul Arnussen também é.

— Pelo amor de Deus! — exclamou ela, irritada.

— As duas situações são completamente diferentes.

— Você tem razão. — Ele olhou para o bebê e depois voltou a encarar Jackie. — São diferentes mesmo. Chris e eu não temos um filho.

— Chega, parceiro. Não estamos discutindo a minha vida e não adianta querer desviar a conversa.

Wardlow suspirou e tomou mais um gole de limonada.

— Eu reconheço que é idiotice. Amo Chris e Gordie, não posso nem imaginar a vida sem os dois. Mas deve ser aquele pânico instintivo de assinar

papéis e de assumir compromissos.

— É uma reação bastante compreensível, depois do fim desagradável de seu primeiro casamento. "Gato escaldado tem medo de água fria", certo?

— Mas não posso deixar que esse pavor tome conta de mim. Chris é maravilhosa e merece um noivo sorridente e feliz. E é exatamente isso que ela vai ter!

Levantando-se, Jackie aproximou-se de Brian e colocou o braço sobre os ombros dele.

— Bem, eu acho que Chris vai se casar com um cara maravilhoso.

— Cai fora, Kaminski! — protestou ele, embora seu sorriso demonstrasse que estava se sentindo feliz com o elogio inesperado. — Depois que virou mãe, você se tornou sentimental e melosa. Acho que não vou mais agüentar a sua companhia, garota.

— Não minta parceiro. Você me adora e mal pode esperar pelo dia de minha volta ao trabalho.

— É verdade, mas não pense que me orgulho disso. Rindo, Jackie voltou a se acomodar na cadeira, sentindo que todas as suas preocupações se evaporavam na companhia familiar e reconfortante de seu parceiro de trabalho.

Domingo, 9 de fevereiro de 1868

Não me sobrou nem um minutinho para escrever nas duas últimas semanas, mas aconteceram milhões de coisas!

A melhor delas é que Mike Weitzel falou comigo! Eu devia guardar esse acontecimento maravilhoso para o fim, mas preciso escrever tudo logo para não me esquecer de nenhum detalhe.

Foi na última sexta-feira, quando caiu uma tonelada de neve durante a noite, fechando a maioria das ruas.

Mas Alban e Lenny não ficaram em casa, graças a Deus, 9 foram para a clínica, como sempre. Precisaram ir a pé até a avenida, que fica a algumas quadras daqui e onde o ônibus ainda conseguia passar, mas as escolas todas fecharam, pedindo que as crianças ficassem em casa por causa da neve.

Parou de nevar perto do meio-dia e, depois de terminar de arrumara casa e de colocar para descongelar uma carne que vou assar para o jantar, fui retirar a neve da calçada da frente. Ninguém imagina, ao olhar para mim, o quanto sou torto e capaz de fazer qualquer trabalho, mesmo se for pesado.

Alban nunca disse que eu precisava limpar a neve da calçada ou coisa

parecida, mas eu decidi fazer isso, esperando que ele ficasse satisfeito ao chegar. Ultimamente, tem falado muito em se mudar para Portland e até deu a entender que gostaria de me levar junto com eles. Eu adoraria! Acho que fiquei mimada depois de ter um quarto só para mim e de poder cuidar de tudo sem ninguém meter o bedelho. Não quero ter de me preocupar com procurar um outro emprego ou um lugar para morar. Prefiro morrer a voltar para Salt Lake!

É por isso que fico tentando não brigar com o infeliz do Lenny e procuro trabalhar o melhor que posso. Se Alban gostar do meu trabalho, talvez me convide mesmo a ir para Portland.

Mas não quero pensar nisso agora! Quero falar sobre Mike Weitzel!

E lá estava eu, tirando a neve da calçada, quando ele surgiu do outro lado da rua, limpando a calçada deles.

Mike ó tão lindo! Têm cabelos pretos, ombros muito largos e, naquele dia, estava usando uma jaqueta com cotoveleiras de couro, o tipo de agasalho de quem joga futebol. Aposto que ele é um atleta e o rapaz mais popular da escola. Quase desmaiei quando ele atravessou a rua.

Eu não sabia o que falar, por isso continuei limpando a neve da calçada, mas ele me disse: "Ei, como vai?"

Fiquei tão nervosa que não respondi. Ele deve ter pensado que eu era uma perfeita idiota, mas não deu nenhum sinal de que me achava uma tonta. Perguntou se eu gostava do meu emprego e como conseguia suportar o Lenny.

Então eu disse que o Lenny era mesmo o cara mais esquisito do mundo, mas Alban era um sujeito legal e eu gostava de cuidar da casa, especialmente de cozinhar.

— E você é uma boa cozinheira ? — perguntou ele.

— Espero que os outros achem que sim — foi o que respondi e disse que ia fazer carne assada para o jantar e torta de banana de sobremesa.

— Tomara que você me convide um dia para experimentar sua comida. Mas quando aquele Lenny não estiver por perto, está bem?

Eu disse que Lenny passava a maior parte do tempo enfiado no porão ou se empanturrando diante da televisão, na sala de visitas.

— Mas não é no Lenny que eu estou interessado — disse ele. Então, Mike deu um sorriso que deixou de pernas bambas! Depois disso eu fiquei sem saber o que mais dizer e voltei a limpar a neve. Mike tirou a pá das minhas mãos e abriu um caminho na calçada, fazendo quase todo o trabalho por mim.

— Pronto. Agora ficou mais fácil para você.

Mike olhou de novo para mim e deu um sorriso quase tímido. Se eu não soubesse que é impossível, ia pensar que ele gosta de mim!

Às vezes, acordo de noite e fico pensando em Mike, na roupa que ele estava usando, no jeito que sorriu para mim e outras coisas mais. Só que não posso ficar pensando nele o tempo todo, por isso vou escrever também sobre os outros vizinhos.

Sei quem são, porque o Alban sempre fala sobre eles, durante o jantar. Acho que ele puxa esse assunto para ter algo sobre o que falar. Se não fosse assim, a refeição ficaria um inferno, porque ele obriga Lenny a sentar-se à mesa todas as noites. O infeliz fica me olhando entre os fiapos de seus cabelos gordurosos e nunca diz nada, só se enche de comida e mastiga de boca aberta. É nojento.

Céus! Como eu odeio esse cara!

Mas eu estava falando sobre os vizinhos e não sobre o horror do Lenny.

Naquele mesmo dia, logo depois de Mike ir embora, fiquei conhecendo Gerald Pinson. Eu já sabia que ele é professor de música no ginásio onde Mike estuda. O Sr. Pinson é um homem gozado, parece que engoliu um cabo de guarda-chuva, mas é simpático! Ele usa óculos e um gorro estranho, de pele e com protetores de orelha que podem ser amarrados no alto da cabeça. Aposto que os garotos da escola gozam da cara dele!

Bem, ele vinha descendo a rua e não o vi chegar. Eu estava cantando "Four Strong Winds", que é uma das minhas músicas favoritas.

Sempre morro de pena da garota que ficou sozinha, esperando que o namorado lhe envie o dinheiro da passagem de ônibus para os dois ficarem de novo juntos, mas a gente sabe que ele nunca vai mandar porque não quer mais ficar com ela.

De repente, o Sr. Pinson apareceu na minha frente e ficou parado. Ele tinha tirado os óculos e seus olhos pareciam avermelhados e lacrimejantes.

— Como você se chama? —perguntou ele.

— Meu nome é Maggie Birk.

Logo de cara, senti vontade de dizer que não era ia coita dele, mas eu sabia que ele era professor e não se deve ser grosseiro com professores, certo? Além disso, ele tinha um ar simpático e não me importei em lhe dizer que era o meu nome.

— E onde você aprendeu a cantar assim, Maggie ?

Bem... A pergunta foi mesmo uma surpresa!

— Eu nunca aprendi. Sempre cantei assim... Acho que é porque gosto muito de cantar.

— Pois você tem uma voz magnífica, um alto verdadeiro e maravilhoso, que é muito raro, sabia?

Quando ele disse isso, comecei a ficar nervosa de novo. Não sabia o que responder e por isso, recomecei a limpar o restinho de neve que Mike deixara. Mas o Sr. Pinson veio atrás de mim.

— Eu adoraria trabalhar com você. Dou aulas de música e de canto em minha casa, sabia?

Como se eu tivesse condições de pagar aulas de canto!

— Oh! Eu não cobraria nada — disse ele, quando lhe contei que estava guardando todo o dinheiro que ganhava para poder voltar a estudar. — Na verdade, trabalhar com você seria uma felicidade para mim. Quem sabe encontra algum tempinho para ir à minha casa no final da tarde?

Ele parecia mesmo simpático, mas a idéia de ir à casa de um desconhecido me assustava bastante. Eu estava pensando no que responder, quando Steve Weitzel saiu de casa e começou a vir na nossa direção.

Steve é irmão de Mike.. Deve estar com quinze anos e, embora seja ainda mais bonito que Mike, é bem menos simpático. Tem cabelos pretos, é mais alto e mais magro que o irmão, sem nenhum problema de pele. Se Steve Weitzel fosse uma garota, seria linda!

Quando o Sr. Pinson avistou Steve, foi como se alguém tivesse lhe dado um soco. Parou de falar e ficou todo nervoso e agitado.

Steve se aproximou e lhe entregou um envelope, sem dizer uma só palavra.

Mas foi a maneira como ele entregou o envelope que me pareceu estranha. Achei que talvez o Sr. Pinson fosse professor de Steve e ele estivesse entregando um trabalho atrasado de escola. O problema é que o Sr. Pinson tinha um ar de culpa e enfiou o envelope no bolso do paletó o mais depressa que pôde.

— Obrigado, Steve...

O Sr. Pinson se esqueceu de minhas aulas de canto e parecia louco para sumir dali.

— Eu preciso do dinheiro agora — disse Steve, com um jeito muito estúpido.

— Não tenho o suficiente agora — respondeu o sr. Pinson, com um ar de quem vai chorar a qualquer instante.

— Então vá até a sua casa e pegue mais. Vou com você... De boca aberta, vi os dois se afastarem, caminhando em direção à casa do sr. Pinson! No caminho, o pobre velho olhou uma vez para trás e me pareceu realmente nervoso e apavorado. Só fiquei pensando no que poderia estar dentro daquele envelope!

Mas eu ainda não tinha terminado de encontrar os vizinhos naquele dia. Quando cheguei na outra ponta da calçada, Eleanor Betker apareceu na varanda e me convidou para tomar um chocolate quente.

Bem, essa foi uma experiência e tanto! Mas estou ficando com cãibra na mão e vou deixar para contar a visita amanhã, se me sobrar tempo para escrever.

Jackie parou de ler e fez uma ligeira massagem nas têmporas, vendo as palavras escritas com tinta verde dançarem atrás das pálpebras cerradas. Depois olhou para Danny, que ainda dormia no berço junto da cadeira em que Brian havia se sentado há uma hora.

A imobilidade da tarde de verão chegava a ser quase hipnótica. O zumbido dos insetos voejando sobre as flores e a suave respiração do bebê a deixavam intensamente relaxada. Tinha a sensação de estar suspensa entre dois mundos, fluindo entre duas realidades com um mesmo cenário.

Os acontecimentos do diário de Maggie, ocorridos há mais de trinta anos, pareciam se sobrepor à realidade atual, fazendo com que tanto o passado quanto o presente se tornassem estranhos e irreais.

Todas aquelas paixões e segredos perduravam em algum lugar do espaço, há trinta anos, transformando-se e agitando-se, sem nunca realmente desaparecerem...

Balançando a cabeça, Jackie pegou a cestinha com o bebê e o carregou para dentro de casa.. Faltava uma hora para a próxima mamada e Danny estava profundamente adormecido. Após uma breve hesitação, ela montou o carrinho e acomodou o filho sobre o colchão fofo, cobrindo com uma manta leve.

Danny se mexeu um pouco cora a mudança de lugar de dormir, mas não acordou. Apanhando a chave da casa sobre o balcão da cozinha empurrou o carrinho até a. varanda e depois carregou pela pequena escada até chegar ao quintal.

Ao chegar à rua, «Jackie parou por alguns instantes, a fim de acostumar os olhos ao brilho ofuscante do sol e depois se encaminhou para a casa de Gerald Pinson.

CAPÍTULO XV

Pinson estava no jardim, aparando a cerca viva, quando Jackie se aproximou, empurrando o carrinho de Daniel.

— Olá, investigadora Kaminski! Que surpresa agradável! Vai dar um passeio com o bebê?

— Bem, achei que nós dois precisávamos de ar puro. Principalmente eu! Não tenho dormido muito à noite e estou me sentindo sem energia.

— Pois não parece! Você está com uma aparência ótima... Irradiando saúde!

Ao erguer os olhos, Jackie tentou disfarçar a reação de surpresa, diante do olhar de admiração sem disfarces do vizinho. O comentário de Maggie, sobre o encontro de Pinson com Steve Weitzel apenas reforçara sua impressão de que o velho professor era gay, mas obviamente se enganara.

O olhar de Pinson, examinando-a da cabeça aos pés, era masculino a ponto de ser ofensivo, parecendo despi-la e, subitamente, sentiu-se desconfortável por estar com um vestido de alças finas que revelavam muito claramente o tamanho de seus seios, bastante maiores durante o período de amamentação.

— As aparências enganam — disse ela, procurando parecer à vontade. — Estou me sentindo exausta.

Pinson deu a volta na cerca, com as tesouras de poda na mão.

— Posso ter a honra de conhecer o recém-chegado ao nosso mundinho? — perguntou ele, com a costumeira formalidade fora de moda.

— Claro. O nome dele é Daniel.

Quando Pinson se inclinou para junto do carrinho, a fim de ver o bebê, as lâminas da enorme tesoura brilharam ao sol e Jackie sentiu um pânico irracional.

— Que criança encantadora! — Pinson voltou a ficar ereto.

— Ele se parece muito com você.

— Acha mesmo? Eu tenho a impressão que, a não ser pelos cabelos escuros, ele se parece mais com o pai.

— Mas a forma dos olhos e o queixo são iguaiszinhos aos seus

— declarou ele, aproximando-se mais de Jackie.

— É um lindo bebê.

Mais uma vez ela se deu conta do olhar de admiração quase lasciva e recuou, incomodada com aquela proximidade desagradável.

— Desculpe-me por ter vindo sem avisar, Sr. Pinson, mas teria um minuto para conversar comigo? — perguntou ela, com voz dura. — Queria lhe fazer algumas perguntas a respeito de Maggie Birk.

— Eu duvido que possa ajudá-la a esse respeito. — O sorriso de Pinson desapareceu, dando lugar a uma expressão fechada e suspeitosa. — Mal me lembro da garota.

— É surpreendente como acabamos nos lembrando de detalhes que julgávamos ter esquecido —comentou Jackie, tentando criar um clima mais informal.

—E essas pequenas recordações podem ser muito úteis.

Ele parou junto do portão e fez um gesto, bastante exagerado, para que Jackie entrasse no jardim.

— Tudo bem, investigadora Kaminsk Seja bem-vinda à minha modesta morada e espero ser muito útil à sua investigação.

Jackie empurrou o carrinho do bebê até a escada da varanda e começou a mexer na bolsa a fim de encontrar seu caderno de anotações.

— Quer que eu a ajude a erguer o carrinho por sobre as escadas?

— Não é necessário. — Ela indicou as cadeiras de vime branco do terraço.
— Se pudermos conversar aqui mesmo, eu não precisarei acordá-lo.

— É claro que podemos. Posso lhe oferecer algo para beber?

— Não, obrigada. Recebi uma amiga há pouco e tomamos um balde de limonada!

Pinson acomodou-se em uma das cadeiras de vime e começou a ajeitar as dobras da calça, impecavelmente bem passada. Depois, passou a examinar o relógio de pulso e a mexer nos botões da camisa. Jackie percebeu que ele estava muito nervoso e seu interesse aumentou.

— Pode me dizer o que lembra a respeito de Maggie Birk?

— perguntou ela, disfarçando a súbita curiosidade.

— Lembro-me da voz dela — respondeu ele, sem hesitar.

— Nunca ouvi nada igual... Era de tirar o fôlego!

— E como descobriu essa qualidade dela?

Jackie não sabia se Maggie havia aceitado a oferta de Gerald Pinson para lhe dar aulas de canto sem cobrar nada.

Embora o velho diário fosse uma inestimável fonte de informações, também era uma grande frustração por causa da lentidão provocada pela dificuldade em decifrar cada página. De qualquer forma, ajudava a confirmar os depoimentos das pessoas a quem Jackie entrevistava.

E as mentiras eram, muitas vezes, mais úteis do que a verdade...

— Eu a ouvia cantar quando trabalhava fora de casa, cuidando do jardim e coisas desse tipo. Mas acho que a primeira vez que a ouvi foi numa manhã de inverno, pouco depois de sua chegada ao bairro, enquanto retirava a neve da calçada. Fiquei sem fala diante da beleza da voz dela!

— E o que Maggie estava cantando?

Pinson deu uma risada, mas seus olhos permaneciam frios e alertas.

— Já se passaram mais de trinta anos, investigadora. Não tenho a menor idéia do que a garota cantava, mas devia ser uma dessas músicas de moda, bastante melosa e sem qualidade. O gosto musical de Maggie não era nada refinado.

— Então falou com ela a respeito de sua voz?

— Claro! Na verdade, lembro-me até que me ofereci para dar-lhe aulas de canto... De graça! Teria sido um prazer trabalhar com alguém com uma voz tão maravilhosa. Era um dom divino!

— Maggie se interessou por sua oferta?

— Aparentemente não ligou à mínima!

Ela era uma garota bem vulgarzinha — comentou ele, desinteressado do assunto e olhando um pássaro que se aproximava das flores do jardim. — Não é chocante como os dons divinos são entregues a pessoas que não os merecem?

Jackie forçou-se a manter uma expressão neutra.

— Tem alguma idéia de algum motivo para que alguém dessa rua tenha precisado matar Maggie?

— Para ser sincero, andei pensando nesse assunto desde que soube do sinistro presente que você encontrou enterrado em seu quintal. É óbvio que havia algo de estranho naquela casa, concorda?

— Acha que Alban matou Maggie... Ou talvez o filho dele?

— E quem mais poderia tê-la enterrado no quintal da casa deles? Eu teria ficado muito desconfiado — Pinson deu um sorriso maldoso — se alguém entrasse no meu quintal e começasse a abrir uma cova grande o bastante para enterrar uma pessoa!

— Alban e o filho passaram o dia todo na clínica no centro da cidade — esclareceu Jackie. — Acredito que o criminoso teria tempo de sobra para enterrar sua vítima,

Pinson fez um gesto de desagrado extremamente pedante.

— Prefiro nem pensar nessas barbaridades!

— E o que pode me dizer a respeito da família Weitzel?

— Mas... Certamente não os considera suspeitos da morte da garota?

— Estou apenas tentando saber o maior numero possível de informações sobre os moradores desta rua para imaginá-la como era há trinta anos. Você parece ser bem ligado a Mike Weitzel e a mãe dele, certo?

— Como você mesma mencionou, somos vizinhos há mais de trinta anos. É óbvio que se acaba criando laços de amizade...

— Já foi casado, sr. Pinson?

— Sim, por alguns anos, na Inglaterra. Foi um romance de guerra que não deu certo.

— E isso aconteceu...

— Há mais de cinqüenta anos, investigadora, e em outro continente. Não pode ser relevante à sua investigação.

— Pode me dar o endereço de sua ex-esposa? Pinson enrubesceu de indignação.

— Ela morreu há mais de quarenta anos! Francamente, não admito tal curiosidade...

— Pode me dizer algo sobre Steve Weitzel?

— continuou Jackie, como se não o tivesse interrompido.

— Steve?

Alerta, notou que Pinson demonstrava uma intensa emoção, mais semelhante a um terror incontrolável, que ele se esforçou para disfarçar.

— Exatamente. O senhor o conhecia bem?

— Não. Ele é um dos filhos mais novos e me parece que vive na costa oeste

há muitos anos, levando uma vida um tanto sórdida. Ele tem um problema sério com drogas...

— É verdade? Ninguém mais me falou sobre isso.

— Mas você só falou com Dolly, e os filhos evitam que a mãe saiba dos problemas - mais sérios da família.

— A expressão de Pinson se tornou mais suave.

— Só que ela é muito esperta e sem dúvida sabe bem mais sobre os filhos do que eles imaginam.

— Concordo — declarou Jackie, lembrando-se daquela senhora vibrante e de olhos vivazes.

— Por acaso se lembra de outros problemas na época em que os Weitzel estavam se tornando adultos, sr. Pinson?

— Que tipo de problemas?

A expressão e a voz de Pinson se tornaram tão frias que Jackie chegou a se assustar. Sem perceber, moveu-se para mais perto do carrinho do filho, como se precisasse protegê-lo de uma ameaça indistinta.

— Bem, qualquer tipo de problema, desde que tenha sido na época em que Maggie morou aqui — disse ela, tentando não revelar seu súbito medo. — Estou procurando reconstruir o cenário do bairro nesse período, com esperanças de assim descobrir quem a matou.

— Mais parece que você está me encorajando a lhe contar fofocas antigas!

— Na verdade, o trabalho policial muitas vezes parece ser assim — disse ela, sorrindo para Pinson que, para seu alívio, sorriu também. — Em casos tão antigos quanto o de Maggie, não temos mais evidências claras e muito menos pistas para seguir. O único modo de reconstituir a cena do crime é através das recordações das pessoas.

— E por que acha os Weitzel tão importantes?

— Eles viviam do outro lado da rua, bem em frente a ela, e era uma casa cheia de adolescentes com idades próximas à de Maggie. Talvez algum acontecimento dessa família possa ter refletido da alguma forma, na vida da pobre garota.

Pinson passou a mão na testa, afastando uma mecha de cabelos inexistente.

— É... Acho que tudo aconteceu mais ou menos na mesma época em que Laura...

— Laura? — A interrupção abrupta de Pinson despertou a curiosidade de Jackie.

— Ela é a filha mais velha do casal Weitzel.

Jackie consultou rapidamente seu caderno de anotações.

— Mas ela estava na faculdade na época em que Maggie morou nesta rua.

— Sim, mas... — A expressão de Pinson revelava relutância e, ao mesmo tempo, vontade de chocar. — Acho que toda a vizinhança ficou sabendo, portanto não estarei sendo fofoqueiro e, além disso, alguém acabará por lhe contar...

— Claro — Ha sorriu, encorajando-o a continuar.

— Bem... Laura ficou grávida no primeiro ano da faculdade! Pinson se inclinou para frente, parecendo quase contente por ter criado coragem de falar.

— Dolly e Klaus ficaram positivamente desesperados! Entretanto, insistiram que ela não abortasse e, depois do nascimento do bebê, o entregaram a uma agencia para que fosse adotado por alguém. Essa era uma solução bastante comum para casos desse tipo na década de sessenta.

— Realmente? — murmurou Jackie, fingindo escrever em seu caderno de notas. — Então o bebê de Laura Weitzel foi adotado?

— Suponho que sim. Lembro-me dos comentários a respeito da adoção, mas depois ninguém mais tocou no assunto. Dolly jamais falou sobre esse fato depois daquela época. Quando Laura veio para casa, nas férias do final de ano, parecia abatida e visivelmente infeliz, mas não estava grávida de maneira alguma!

— Nessa ocasião Maggie já havia desaparecido?

— Creio que sim.

Jackie levantou-se e guardou seu caderno de anotações.

— Ajudou-me muito, Sr. Pinson. — Ela desceu a escada da varanda, parando junto do carrinho do bebê. — Se lembrar de mais alguma coisa que lhe pareça significativa...

Poderia me informar?

— Claro!

Era óbvio que Pinson estava se sentindo profundamente aliviado com o fim daquela conversa incômoda.

— E quem sabe você vem me visitar para batermos um papo de verdade...

Em vez de discutir um crime tão antigo, investigadora Kaminski.

— Sim... — replicou Jackie, sem a menor sinceridade.

— Qualquer dia desses eu volto...

Ela afastou-se rapidamente da casa de Pinson e só então notou que Daniel estava acordado, olhando seriamente para os bichinhos de pelúcia que Paul pendurara na capota do carrinho.

— Oi, querido! — A alegria de ver o filho encheu de lágrimas os olhos de Jackie. — Papai vem nos ver à noite e não vai acreditar no quanto você cresceu!

— Falando sozinha, investigadora?

Jackie virou a cabeça e avistou John Caldwell do outro lado da cerca do jardim, onde estivera cortando a grama. Como sempre, apesar do intenso calor, ele usava uma camisa de mangas compridas, abotoada até o colarinho.

— Você devia usar um chapéu — comentou ela, ao notar que a careca de Caldwell tinha um tom avermelhado.

— O sol está quente demais.

— É verdade, e eu já não tenho mais cabelos no alto da cabeça.

— Caldwell sorriu, olhando para o carrinho.

— Esse é o tão esperado garotinho?

— Oh, meu Deus! Desculpe-me... Daniel se tornou o centro de minha vida e sempre me esqueço que nem todos o conhecem.

— Jackie afastou a capota do carrinho para dar uma melhor visão do bebê.

— John... Apresento-lhe Daniel!

Caldwell não se conformou em ver o bebê a distância e deu a volta na cerca, saindo pelo portão.

— Que criança linda — murmurou ele, com um olhar doce. Subitamente, o velho vizinho notou que estava com as mãos manchadas de verde e afastou-se do carrinho, dando um sorriso de desculpas que comoveu Jackie.

— Eu o levarei à sua casa uma outra tarde para que você possa segurá-lo à vontade — prometeu ela.

— Ah, eu adoraria! — exclamou John, sem desviar os olhos do bebê. — Nunca tive netos, sabia?

— Tem algum outro filho além de Lola?

— Não, ela é filha única.

— Bem, talvez ela ainda se case — disse Jackie, sem muita convicção. — Quem sabe lhe dará um par de netinhos lindos!

— Eu duvido — disse Caldwell, visivelmente deprimido por causa daquele assunto.

— Pois o meu pequeno Daniel também não tem avós ou avós

— disse ela, procurando parecer despreocupada. — Vocês dois poderiam se adotar mutuamente e assim você seria um avô honorário. O que acha?

O rosto do velho vizinho se iluminou de alegria, novamente comovendo Jackie.

— Seria maravilhoso. Eu realmente não sei como agradecer...

— Então, está combinado. A partir de agora, você é o vovô John.

Caldwell estava tão feliz que Jackie cedeu a um impulso muito raro nela e deu-lhe um abraço.

— Oh, eu ia me esquecendo! Pode pedir a Lola que passe lá em casa? Chegou um imposto que não sei se deve ser pago ou não. Achei que estava incluído no preço que pague pela casa.

— Eu não entendo nada desse assunto, mas Lola certamente poderá ajudá-la. Pedirei que vá até sua casa quando ela aparecer para me visitar. Vem quase todo dia, sabe?

— Muito obrigada, John. Agora, temos de nos despedir porque é quase hora desse menino jantar!

Enquanto amamentava Daniel, Jackie tentava decifrar mais algumas páginas do diário de Maggie.

— Como eu gostaria que ela comprasse uma caneta nova

— resmungou Jackie, lutando para entender a escrita de corada e quase ilegível.

Abraçando o filho, ela lutou para não pensar nos ossos de Maggie e do bebê encontrado na mesma cova que ago estavam em um saco de plástico na morgue.

A leitura daquele diário a estava transformando em uma pessoa real, uma garota cheia de alegria de viver. Mas, há trinta anos, Maggie Birk parará de cantar. Nunca mais faria um bolo, nem tiraria a neve da calçada, brincaria com sua boneca de pano ou escreveria naquele caderno velho...

Segunda-feira, 10 de fevereiro de 1968

Bem, eu prometi que ia falar da minha experiência na casa das irmãs Betker e agora vai dar para escrever um pouco, porque o Lenny está lá embaixo, vendo televisão, e o Alban teve de voltar para a clínica à noite. Estou no meu quarto e, céus, como eu odeio ficar sozinha em casa com esse cara nojento. Ele é só um garoto, mas bem maior do que eu e está ficando cada dia mais estranho e ameaçador.

Ontem, fui levar a roupa limpa para o quarto dele, no porão, e o infeliz ficou bloqueando as escadas, me impedindo de passar, enquanto me lançava olhares horríveis por entre os fiapos daquele cabelo ensebado!

Lenny está ficando cada dia mais gordo e mais desmazelado. Parece sempre engordurado e a pele então... Acho que as espinhas se multiplicam da noite para o dia. E ele fica cutucando o rosto o tempo todo! Sinto vontade de vomitar.

Bem, eu pedi licença para passar, com toda a educação, mas ele ficou repetindo, "com licença, por favor,", imitando a minha voz e fazendo caretas. Claro que falou bem baixo, para o Alban, que estava na cozinha, não ouvir que ele estava me provocando.

Então, eu disse que precisava mesmo passar, se bem que minha vontade fosse sair correndo e me esconder no meu quarto.

Mas, se você mostrar medo para caras briguentos como o Lenny, sua vida vira mesmo um inferno! Meu pai sempre dizia isso e ele era o pior dos encrenqueiros, portanto devia saber bem do que estava falando.

Tentei não mostrar medo, mas o infeliz colocou aquela cara horrorosa bem perto da minha e disse: "Eu posso te matar, vagabunda. Posso torcer seu pescoço como se fosse o de um gatinho e ninguém ia saber nem se importar com o que tinha acontecido com você!"

O meu coração disparou de verdade e eu senti como se estivesse sufocando. Estava prestes a gritar, chamando o Alban, quando o Lenny caiu na gargalhada e passou do meu lado, saindo do meu caminho. Ele está tão gordo que não havia espaço para nós dois na escada e quase vomitei quando encostou em mim.

Depois que ele entrou na sala, tive de me sentar em um dos degraus, agarrando a cesta de roupa limpa, até sentir que estava respirando normalmente de novo.

Mas a vontade de vomitar volta quando penso naquela pele horrível, no cheiro azedo...

Deus meu! Nunca vi ninguém tão repelente! Acho melhor eu tomar todos os cuidados possíveis para o Lenny nunca encontrar este meu caderno. Já descobri um ótimo esconderijo em um buraco na parede, atrás do revestimento de papel, dentro do armário embutido do meu quarto. Mas aquele infeliz é tão cheio de manhas que não sei se não remexe nas minhas coisas quando não estou em casa.

Só de pensar naquele cara imundo mexendo nas minhas coisas tenho vontade de gritar! Talvez fosse melhor pedir para o Alban colocar uma fechadura com chave na minha porta. Quando o Lenny falou que podia me matar, parecia um verdadeiro demônio. Ele até sorria, como se fosse gostar de torcer meu pescoço.

Mas eu me recuso a continuar me torturando com isso. Só quero pensar em coisas boas, como comer biscoitos de chocolate com as irmãs Betker. Eleanor me convidou ontem, como eu já escrevi, e nunca estive em uma casa tão finda!

Ela me tratou como se eu fosse uma adulta fazendo uma visita social. Pela primeira vez na minha vida, me senti uma pessoa realmente importante. Logo de cara me disse para usarmos nossos primeiros nomes e me levou para a sala de visitas, onde estão muitos quadros que Eleanor pintou. Ela é artista quando não está trabalhando no hospital. Nunca pensei que uma pessoa pudesse pegar um pincel e fazer coisas tão lindas.

Eleanor é alta e com um rosto meio duro, mas acho que ficaria linda se cuidasse um pouco mais da sua aparência.

Emma, a irmã mais nova, parece uma flor, com cabelos muito finos e esvoaçantes, olhos azuis de bebê e toda delicada. Ela age de um jeito um tanto esquisito. Metade do tempo, falou como se fosse uma menininha, perguntando uma porção de coisas que não tinham nada a ver umas com as outras. O que eu gostava de comer e se tinha terminado o ginásio, quais eram meus cantores preferidos e coisas parecidas. Fazia pergunta atrás de pergunta e nem esperava a minha resposta.

Depois, ela ficou emburrada e brava porque a Eleanor estava prestando muita atenção em mim. Finalmente, disse que tinha o que fazer e saiu da sala, sem se despedir, subindo as escadas e batendo os pés.

Eu me senti muito mal, achando que tinha feito algo para deixar a Emma tão furiosa, mas Eleanor me disse que a irmã ficou de mau humor porque estava

trancada em casa há muito tempo, por causa da tempestade de neve.

Mas preciso confessar que ficou muito melhor depois que a Emma deixou nós duas sozinhas. Eleanor e eu falamos sobre mil coisas diferentes e ela foi maravilhosa comigo. Parecia metade mãe e metade irmã mais velha, ou talvez uma tia legal e ainda jovem. Eu não saberia definir exatamente, porque só tenho irmãs mais novas e minha mãe sempre foi uma derrotada, sempre com medo demais do meu pai para ser minha amiga.

Eleanor me contou tudo sobre o trabalho dela no hospital. Ela trabalha na sala de operações, junto com os cirurgiões... É quase uma médica! Eu falei que Alban também é médico e ela balançou a cabeça, com ar de quem não acreditava, mas não disse nada, só perguntou se eu gostava de trabalhar na casa dele.

Ela foi tão simpática que, quando dei por mim, estava falando sobre o infeliz do Lenny e de como sinto pavor dele. Eleanor ficou mesmo aborrecida com isso e disse que ia falar com o Alban, mas implorei para ela não fazer nada. E se eu perdesse meu emprego?

Então, a Eleanor me disse que, caso isso acontecesse, ela daria um jeito. O ar dela era de quem me faria algum tipo de caridade e não quero ser tratada assim. Pretendo encontrar meu caminho e subir na vida sem ajuda de ninguém.

Bem, nós falamos sobre muitas outras coisas mais. Ela até me perguntou por que eu mancava e lhe contei quase toda a verdade. Com um ar entristecido, me serviu de ma/s chocolate quente e insistiu para que eu comesse mais uns biscoitos.

A única hora em que Eleanor não foi simpática foi quando comecei a falar sobre o Mike Weitzel. Ficou vermelha de repente e disse que ele é um garoto violento, mau-caráter e que eu devia ficar bem afastada desse tipo de rapaz.

Não posso acreditar que seja verdade, porque o Mike é um doce de pessoa. Então, decidi não falar mais dele com a Eleanor e pronto.

Quando me levantei para ir embora, ela me ajudou a vestir o casaco, que estava na cozinha, e depois me deu um abraço. Então, tocou meu rosto e ficou me olhando tanto tempo que comecei a me sentir um tanto nervosa. Foi meio esquisito, como se ela não se cansasse nunca de olhar para mim.

Mas provavelmente a minha imaginação me pregou alguma peça e nada disso aconteceu assim. Além do mais, a casa dela é linda, gostosa de ficar e ela pareceu muito interessada em mim. Disse que estaria sempre à minha disposição e eu deveria fazer logo outra visita. É o que vou fazer logo que surgir uma oportu-

nidade, claro!

Acho que serei feliz de verdade nesse novo lar que encontrei um lugar gostoso onde todas as pessoas são ótimas comigo, menos o Lenny.

CAPITULO XVI

Começava a anoitecer e Jackie decidiu preparar tudo para o primeiro banho do bebê Depois de colocar a pequena banheira de plástico sobre o balcão da cozinha, encheu-a de água morna. Ela estava decididamente nervosa e a expressão de Daniel, recostado n carrinho, não a ajudava em nada. O garotinho franzira testa, como se soubesse o que iria acontecer e estivesse bastante alarmado.

— Não precisa olhar assim para mim, querido — murmurou ela, tentando se acalmar. — Sei muito bem o que estou fazendo. As enfermeiras me explicaram tudo...

Mas a expressão daquele rostinho a enchia de ansiedade Testou a água pela terceira vez, voltou a arrumar a esponja e o gel de banho, incapaz de iniciar aquela experiência u tanto alarmante para ambos.

Quando ela estava retirando Daniel do carrinho, um sombra passou pelo terraço e, ao virar-se, viu que era Paul, parado à porta da cozinha.

— Paul! Você veio muito mais cedo do que eu esperava! Jackie não se lembrava de ter sentido, antes daquele momento, tanta alegria com a chegada de Paul. Se não estivesse carregando o bebê, teria se jogado nos braços dele, uma reação muito rara para Jackie Kaminski.

Ele parou diante dos dois e sorriu encantado com aquela cena.

— Nunca vi nada tão perfeito — murmurou ele, fascinado.

Um bebê encantador e uma mãe maravilhosa. Você está linda, Jackie.

Enrubescendo, ela desviou os olhos e se deu conta de que ainda estava com o vestido de alças e as sandálias que colocara pela manhã.

— Oh, Paul! Eu estou horrível! Você não tem idéia de como é trabalhoso cuidar de um bebê. Não sobra tempo para nada e não depilo as pernas desde que ele nasceu!

Paul caiu na gargalhada e esticou os braços para pegar o filho. Jackie o entregou ao pai e voltou a se ocupar dos preparativos do banho, sentindo uma timidez irracional diante daquele homem que conhecia tão bem.

— O que significa toda essa bagunça? — perguntou Paul, parando de beijar a penugem castanha que cobria a cabecinha de Daniel.

— É o primeiro banho — respondeu Jackie, com uma expressão tensa. — Ainda bem que você chegou. Eu estava morrendo de medo de fazer isso sozinha.

Paul inclinou-se e beijou o pescoço de Jackie.

— Mas o que é isso? — brincou ele, sorrindo.

— A mulher mais durona e competente deste mundo com medo de dar um banho em um fiapo de gente que pesa menos de cinco quilos?

A proximidade de Paul e o toque dos lábios dele em seu pescoço tinham despertado uma inesperada onda de desejo em Jackie. De acordo com todos os livros que lera sobre gravidez, a mulher só deveria sentir alguma reação desse tipo cinco ou seis semanas após o parto.

Obviamente os autores daqueles livros não levavam em conta homens irresistíveis como Paul Arnussen...

Sem perceber o quanto a perturbara Paul já havia colocado o filho sobre o acolchoado esticado encima da mesa da cozinha e começava despi-lo. Jackie observava, com um olhar de encantamento, as mãos fortes e bronzeadas tocarem o bebê com infinita ternura.

— Ei! O que estou vendo? — declarou ele, subitamente surpreso.

— É um umbigo novo em folha, papai!

— Como faz diferença — exclamou Paul, tocando a barriga de Daniel, com a ponta dos dedos. — Agora ele parece um garotinho e não mais um recém nascido.

Ajudada por Paul, ela banhou o menino que começou a berrar, detestando aquela experiência.

Mas, depois que investiram e Jackie o amamentou, Daniel tinha um sorriso nos lábios e estava prestes a adormecer.

— Não quer fazê-lo adormecer no seu colo, Paul? — perguntou ela, sentindo novamente aquela timidez inexplicável.

Paul acomodou o filho sobre o peito amplo e Daniel se aninhou, completamente sereno. Jackie os fitava, comovida com aquela cena doméstica.

— Pode deixar que eu tenho tudo sob controle, querida. Fique o tempo que quiser cuidando de si mesma. Tome um banho de espuma e depile as pernas!

— Ah, que maravilha! Sabe que assim é bem melhor do que ser mãe solteira...

Jackie parou de falar quando viu a surpresa estampada no rosto de Paul ao ouvir suas palavras. Querendo evitar qualquer tipo de discussão, ela saiu rapidamente da sala e correu para o banheiro.

Depois de um longo e relaxante banho, ela cuidou dos cabelos e se dedicou a todos os pequenos detalhes de beleza feminina que deixara de lado desde o nascimento de Daniel.

Quando Jackie entrou no quarto, Paul já estava na cama e ela aninhou-se nos braços dele.

— Estou me sentindo nova e... Quase sexy — murmurou ela, beijando o queixo de Paul.

— Mas não é muito cedo?

— Cedo demais. Mas acho que talvez eu não agüente esperar seis semanas.

— Só posso dizer que acho... Ótimo!

Ela começou a rir diante da expressão fervorosa de Paul.

— E muito bom estar perto de você, sabe? Sinto-me uma pessoa de verdade, não apenas a mãe de um bebê.

— E você é uma mãe maravilhosa. — Ele beijou-a carinhosamente. — Jackie...

— Sim — murmurou ela, brincando com os pêlos loiros do peito de Paul e imaginando se teriam um próximo filho com cabelos dourados como os dele.

— Descobriu mais alguma coisa sobre aqueles ossos que encontramos no quintal?

— Você nem imagina quanto!

Jackie ainda não havia contado a Paul que Dolly identificara a vítima como sendo a empregada de um antigo vizinho.

Com a habitual eficiência, fez-lhe um relato detalhado sobre as entrevistas que realizara com os vizinhos e, finalmente, a sorte que tivera de descobrir o diário de Maggie.

Por um instante, cogitou na possibilidade de revelar a Paul a existência

daquela carta ameaçadora. Embora se esforçasse ao máximo para não pensar nesse assunto, sentia-se a cada dia mais apavorada.

Eu não me incomodaria nem um pouco de matar outro recém nascido.....

Paul sentiu que ela estremecia em seus braços e se assustou.

— Jackie? O que está acontecendo?

— Bem... Eu acho que você deve saber de uma coisa... Naquele instante, o choro do bebê soou no quarto. Paul havia colocado o carrinho de Daniel aos pés da cama e o garotinho estava acordando e, pelo tom forte de sua voz, com muita fome.

Muito tempo depois de ter amamentado o filho, quando ele e Paul já estavam adormecido há algum tempo, Jackie continuava acordada, com os olhos fixos na faixa de luar que entrava no quarto pela janela aberta. Decididamente não se sentia satisfeita com a forma com que estava enfrentando aquele relacionamento.

Agora que Paul assumira uma postura mais distante e quase indiferente, comportando-se como se fosse um visitante em sua casa e não como um amante de tantos anos, Jackie sentia que o desejava mais do que nunca.

Era óbvio que aquele homem seria seu companheiro para sempre e o pai de seus filhos. Suas amigas tinham razão ao dizer que eles deviam se casar ou, pelo menos, viverem juntos. Elas afirmavam que, além das vantagens no aspecto emocional, seria muito mais econômico se dividissem uma casa e todas as despesas!

Entretanto, ela ainda não conseguia dar esse último passo. Não conseguia se ver desistindo da casa que comprara há tão pouco tempo e lhe dera tanta satisfação, nem se sentia capaz de desistir de sua independência para ir morar, com Daniel, na fazenda de Paul. Só de pensar nessa possibilidade, ela entrava em pânico.

— Que droga — resmungou ela, virando-se na cama, incapaz de conciliar o sono.

Muito tempo depois, ela fechou os olhos e desistiu de encontrar uma saída para seu dilema.

Mas, mesmo quando já estava quase adormecendo, continuava a tocar o homem adormecido ao seu lado, sentindo uma segurança reconfortante no menor

contato entre seus corpos.

Na manhã seguinte, Paul partiu para a fazenda ao nascer do sol. Depois de tomar o café da manhã com toda a calma, Jackie decidiu cuidar do seu novo canteiro de flores e colocou o carrinho de Daniel à sombra do grande cedro.

Sobre sua cabeça os pássaros faziam um verdadeiro concerto, *com os* filhotes, ainda nos ninhos, clamando por comida e só se calando quando os pais, aflitos e cansados, os alimentavam.

— Eles são piores do que você, querido — disse Jackie, olhando para o carrinho, coberto por um véu, onde Daniel dormia tranquilamente.

— Esses pobres pais não passam de máquinas de alimentação!

Sorrindo, ela agachou-se junto do canteiro, encantada com as petúnias. As folhas fortes e de um verde intenso indicavam que as plantas haviam se aclimatado ao seu novo lugar, assim como uma grande quantidade de botões que logo floresceriam.

Por um instante, imaginou o corpo da pequena Maggie sob aquele solo fértil durante tantos anos, esquecida por todos e na companhia de um bebê que talvez nem conhecesse. Sua essência vital estaria presente nas flores que em breve desabrochariam?

Apesar do sol quente que acariciava sua pele, Jackie sentiu um arrepio de frio, como se algo sinistro a ameaçasse. Estava esfregando os braços nus para devolver-lhes um pouco de calor quando uma sombra projetou-se sobre ela.

Assustada e alerta, Jackie ergueu-se num salto e defrontou-se com Mike Weitzel, próximo demais. Ele estava usando bermuda branca e uma camisa pólo, e seus cabelos, ainda molhados, brilhavam ao sol. Como não ouvira seus passos?

— Droga! — exclamou ela, trêmula.

— De onde você surgiu?

— Desculpe-me se a assustei.

— Ele a fitou, preocupado.

— Bati na porta da frente e, como ninguém atendeu, decidi vir até o quintal.

— Tudo bem — replicou ela, começando a se acalmar.

— O problema é que não ouvi você chegar e por isso me assustei um pouco.

Pela primeira vez desde que se mudara, pensou no revólver guardado em

sua mesinha-de-cabeceira. Talvez devesse usá-lo quando estava fora de casa.

— Passei para batermos um papo... Se é que você tem tempo para conversar.

— Por que deveríamos bater um papo?

Mike a fitou com um olhar ligeiramente desafiante.

— Porque minha mãe ficou realmente afetada com essa história da Maggie Birk e decidi conversar com você para pôr tudo em pratos limpos. Além disso... — Ele seguiu Jackie, que começou a empurrar o carrinho do bebê era direção ao terraço dos fundos da casa. — Como não tenho dúvidas de que você pretendia falar comigo a esse respeito, decidi facilitar as coisas.

— Foi muito gentil de sua parte —comentou ela, ironicamente, apontando uma das cadeiras de vime para que Mike se sentasse,

— Seu quintal está muito bem cuidado. É evidente que você teve um bocado de trabalho para deixá-lo assim em tão pouco tempo.

— Paul fez a maior parte do trabalho. Eu só cuido dos canteiros, para preencher meu tempo livre, enquanto tenho de ficar em casa por causa do bebê.

Ela percebeu que estava ansiosa em informar Mike Weitzel que não passava seus dias e noites sozinha com o filho, pois Paul estava por perto a maior parte do tempo. Era evidente que a carta anônima a perturbara bem mais; do que gostaria de admitir. E, infelizmente, Wardlow não a visitara mais, apesar de ter prometido aparecer com frequência...

Mike permanecia em silêncio, girando nervosamente o anel de brilhante. Ele tinha mãos grandes e bem cuidadas, que revelavam força e poder. Involuntariamente, Jackie imaginou-as tocando o bebê e sentiu uma onda de repulsa incontrolável.

— Então... Sobre o que você quer falar? — perguntou ela, colocando a mão sobre o filho, num gesto protetor.

— Você é que sabe. — Ele deu um sorriso tenso.

— *Você é* a policial.

— Perfeito. Que tal me explicar por que mentiu a respeito de Maggie Birk?

O rosto atraente e queimado de sol ficou ligeiramente mais pálido.

— O que quer dizer com isso?

— Não se faça de bobo, Mike.

Sou uma investigadora e aprendi a perceber quando as pessoas estão

mentindo... Faz parte da minha técnica de trabalho. Você disse que não se lembrava de Maggie Birk e nem tinha idéia de quando ela morou nesta rua, certo?

Uma emoção brilhou nos olhos de Mike, possivelmente medo ou raiva, mas foi tão rapidamente controlada que Jackie não conseguiu identificá-la.

— Tudo bem, você tem razão. Não era verdade.

— Então você a conhecia?

— Ligeiramente... — Ele mantinha os olhos fixos no anel, que continuava a girar no dedo, denotando nervosismo.

— Maggie era engraçadinha. Eu tinha pena dela, mas... A pobrezinha parecia sempre tão feliz por algum motivo que ninguém mais conseguia ver!

— E por que mentiu, dizendo que não a conhecia?

— Por que as pessoas mentem? — Mike encolheu os ombros num gesto de indiferença. — Deve ser uma reação instintiva, certo? Alguém descobre um corpo enterrado e ele pertence a uma garota com quem se esteve envolvido. Seu instinto de preservação é forte e o mais importante é defender a si próprio.

Não se for inocente, Mike Weitzel!

Jackie queria ir até a cozinha pegar seu caderno de anotações na bolsa que deixara sobre a mesa, mas relutava em interromper a conversa, pois Mike parecia disposto a entrar em confissões mais íntimas.

Então, ela se deu conta que parte de sua relutância vinha do temor de deixar seu filho sozinho com aquele homem, nem que fosse por alguns segundos. Entretanto, ficaria muito estranho se ela pegasse o filho no colo para entrar em casa e voltasse logo depois para recolocá-lo no carrinho.

— Você estava envolvido com Maggie?

— Era um namorico quase infantil, à distância. Nós dois conversávamos e eu brincava com ela quando nos encontrávamos na rua. Nada sério, pois tínhamos apenas dezessete anos e as coisas eram bem diferentes naquela época.

Jackie esticou as pernas, sentindo-se feliz por estar novamente esguia e ágil, depois daquele período em que se sentia sem defesas e à mercê de qualquer ameaça física.

— Poderia me falar um pouco de sua vida pessoal? — perguntou ela, formalmente.

— Quero colocar todos os fatos dentro de um contexto, entende?

— Claro, minha vida é um livro aberto. O que quer saber?

— É casado?

— Sou divorciado, sem filhos, e vivo em uma casa alugada ao lado do campo de golfe em Indian Canyon.

— É um lugar muito sofisticado.

— Eu ganho muito bem — Mike disse, encolhendo os ombros num gesto de desinteresse.

— Quanto tempo durou seu casamento?

— Quase quinze anos. Nós fomos nos afastando sem perceber, talvez por culpa da minha mania de trabalhar demais. Foi uma dessas situações típicas... — Mike deu uma risada descontraída. — Quando minha esposa completou quarenta anos, me trocou por seu professor de tênis.

— Mas você não parece ter ligado muito para o fato...

— E não liguei mesmo! Kelly e eu continuamos amigos.

Nosso divórcio não foi conturbado porque não tínhamos filhos e eu pouco me importei em lhe dar a metade de tudo que havíamos acumulado. Ela merecia tudo e mais um pouco por ter me suportado tantos anos. Não sou exatamente o marido ideal.

— E ela se casou com o professor de tênis?

— perguntou Jackie realmente curiosa.

Nas últimas semanas, vinha pensando muito em assuntos relacionados ao casamento. Na verdade, começara a achar os aspectos do relacionamento entre duas pessoas bem mais interessantes do que até então.

— Não, graças a Deus! — declarou ele, rindo e completamente à vontade. — Kelly casou-se com um dentista e, no momento, estão passando seis meses no México. Ele faz parte de um programa que, a cada três anos, o leva a doar seus serviços a crianças pobres em países menos desenvolvidos.

— É um trabalho maravilhoso.

— Ele é um sujeito... Maravilhoso. — Mike recomeçou a rir.

— Kelly sempre soube escolher grandes homens para se casar.

Jackie olhou na direção da cerca e avisou as irmãs Betker, que estavam no quintal, onde passavam a maior parte de dia durante o verão. Eleanor cortava a grama, com seu costureiro macacão de brim, enquanto Emma, bem acomodada em uma poltrona de *vime*, brincava com suas bonecas Barbie.

Naquele momento, Gerald Pinchon saiu de casa e foi até junto da cerca da casa das irmãs Betker onde parou para cumprimentar Eleanor. Ela aproximou-se e disse algo ao professor, que virou-se abruptamente e olhou para o terraço da casa de Jackie, notando a presença de Mike.

Pinson pareceu ficar quase atemorizado e, virando-se rapidamente, subiu a escada do terraço e foi sentar-se junto de Emma.

— Eu realmente não consigo definir os relacionamentos entre os vizinhos desta rua — comentou Jackie, perplexa.

— É difícil entender os graus de amizade que possam existir entre eles.

— Nem eu entendo e os conheço desde que nasci! Jackie virou-se para olhá-lo e viu que Mike observava o movimento no jardim vizinho com um ar de quem está revivendo recordações pouco felizes.

Eleanor desligou o cortador e começou a passar um ancinho sobre a grama. Pinson falava sobre um novo tipo de adubo, com a voz desnecessariamente alta, a ponto de chegar até o quintal ao lado. A conversa entre os dois parecia artificial e deliberada, como se quisessem ser ouvidos pelos vizinhos.

— Por que será que eu tenho a impressão de que Eleanor e seu amigo Gerald não se sentem nada felizes por vê-lo conversando comigo? — perguntou Jackie, como quem não quer nada.

— Eleanor nunca foi com a minha cara. — Mike sorriu para Jackie, novamente agindo como um homem que sabe o quanto é atraente. — Talvez *os* dois pensem *que* estamos tendo um caso? Ela iria reprovar esse tipo de relacionamento, sem dúvida.

— Verdade? E por quê?

— Não é exatamente o estilo dela, concorda? Eleanor não me parece a favor de relacionamentos convencionais, entre homens e mulheres.

Jackie absorveu mais uma informação para posteriormente anotar em seu caderno *de* notas e tentou, imaginar que tipo de reação Mike esperava dela,

— Mas decididamente é o *meu* tipo predileto de relacionamento. — Ele olhou para as pernas de Jackie sem disfarçar a admiração.

Era óbvio que Mike estava ficando à vontade demais e Jackie decidiu tomar novamente as rédeas da conversa.

— O que tem a me dizer sobre Stephanie Mulder? Ela notou que Mike

ficou imediatamente tenso.

— Quem é ela?

— Nós não podemos ter uma conversa produtiva se responder as minhas perguntas com outras perguntas, Mike. Meu parceiro me revelou que, em 1969, você foi processado por ter agredido uma garota com esse nome e não contestou a acusação, portanto não houve um julgamento. Poderia me falar um pouco mais sobre esse caso?

— Deus meu! — exclamou ele, enfurecido e ao mesmo tempo surpreso. — Já se passaram trinta anos e ainda não me livrei desse problema!

— Quando você agride uma mulher...

— a voz de Jackie: se tornou mais dura — o problema continua pairando sobre sua cabeça o resto da vida, meu caro.

— Mas eu não a agredi! — explodiu ele. — Foi tudo uma armadilha, entende? Stephanie ficou furiosa comigo porque eu queria terminar nosso relacionamento. Nós transamos uma última vez e depois tivemos uma briga monstruosa. No dia seguinte, ela me acusou de estupro e agressão física. Chegou até a se cortar com uma faca de cozinha a fim de dizer que eu tinha tentado esfaqueá-la!

— E ainda assim você não contestou?

— Eu acho que mataria a minha mãe se tivesse que passar por um julgamento aberto ao público. E eu faço tudo para proteger Dolly — declarou ele, lançando um olhar ameaçador na direção de Jackie.

— Entendo — murmurou ela, sem se preocupar com a ameaça velada. — Você, seus irmãos e irmãs devem ter sido um tormento para sua mãe nessa época, não?

— Suponho que sim. Sempre é um terror ter de lidar com adolescentes rebeldes e nós não éramos diferentes de todos os outros.

— O que aconteceu com o bebê de sua irmã, Mike? Mais uma vez ele a encarou, com um olhar de surpresa e raiva.

— Sobre o que está falando? Laura tem três filhos e...

— E teve um outro quando ainda estava na faculdade, certo? Um filho nascido quando ela ainda era solteira e que foi entregue para ser adotado.

O olhar de Mike revelava amargura e uma admiração, ainda que relutante, pela perícia investigativa de Jackie.

— Você realmente pesquisa a fundo, não?

— É a minha profissão, meu caro. Fale-me sobre o bebê de Laura.

— Não sei quase nada a esse respeito e juro que é a mais pura verdade. Esse assunto sempre foi tabu na minha família. Soubemos que ela ficou grávida, que minha mãe insistiu que levasse a gravidez até o fim e que entregasse a criança a uma instituição que se encarregaria de encontrar pais adotivos. E, pelo que eu e meus irmãos ficamos sabendo, deve ter sido isso que aconteceu. Laura veio para casa nas férias e estava obviamente deprimida. Passava o dia todo fechada no quarto, chorando. No inverno seguinte, conheceu David, eles se apaixonaram e se casaram em poucos meses. Hoje têm uma linda família de três filhos.

— E onde ela mora?

— Em um subúrbio de Detroit. David é um alto executivo da Ford. Eles estão muito bem de vida e... Não posso me queixar também. É ótimo ter um cunhado que conhece a empresa por dentro.

— Nunca conversou com Laura a respeito desse bebê?

— Nunca. Acho que ela nem pensa mais nisso.

— Garanto que pensa, Mike — declarou, ela, olhando para Daniel com uma expressão de intenso amor. — Posso jurar que nunca deixou de pensar.

— Bem, de qualquer forma, esse é um assunto que jamais se discute em nossa família.

Jackie o encarou por alguns instantes, tentando descobrir uma forma de abalar o rígido autocontrole de Mike Weitzel. A não ser pela breve expressão de surpresa e raiva quando ela mencionara o antigo processo de agressão, aquele homem parecia não deixar que nada penetrasse a dura carapaça de defesa atrás da qual se escondia.

— Bem... Como estava me dizendo, você e Maggie Birk eram apenas...

Antes que ela pudesse terminar a pergunta, foi interrompida pelos passos de alguém que contornava a casa, vindo na direção da varanda.

CAPÍTULO XVII

Jackie sentiu o coração disparar, mas logo avistou Lola Bridges surgir no canto do quintal banhado pelo sol. Ela sentiu raiva de si mesma por estar cedendo a reações irracionais de quase pânico, algo que vinha acontecendo com muita

freqüência nos últimos tempos. Precisava se controlar e acabar com esse comportamento ridículo.

Agora se perguntava se esses terrores súbitos não poderiam ser um aspecto das mudanças hormonais associadas ao período pós-parto. Ao pensar nisso, lembrou-se de Adrien-ne e prometeu a si mesma telefonar para a amiga tão logo sobrasse um momento livre em sua manhã.

— Desculpe-me... — murmurou Lola, constrangida.

— Eu não sabia que você tinha companhia.

Mike "Weitzel" estava examinando Lola com tanto interesse que a corretora ficou nitidamente desconfortável. Jackie os observava, imaginando se os dois se conheciam mais a fundo do que deixavam transparecer,

John Caldwell se mudara para aquele bairro depois que Mike havia saído de casa e Lola nunca morara com o pai naquela rua. Entretanto, seus respectivos pais eram vizinhos há mais de vinte e cinco anos e Spokane não era uma cidade grande. Seria de se supor, sem grande margem de erro, que os caminhos dos dois deviam ter se cruzado dezenas de vezes.

Ele continuava a examinar Lola com um olhar pensativo e quase interrogativo, como se estivesse surpreso por vê-la aparecer ali.

Na opinião de Jackie, a pouco atraente corretora estava em um de seus melhores dias. O conjunto de linho rosa era sofisticado e parecia alongar a figura pesada de Lola. A cor dos cabelos parecia menos gritante, mas a maquiagem continuava excessiva.

— Vocês se conhecem? — perguntou Jackie.

— Já nos encontramos algumas vezes — respondeu Mike, sorrindo. — Você está muito bem, Lola.

— Você também — respondeu ela, enrubescendo e com um tom de voz que revelava tensão e constrangimento.

Pouco à vontade, Lola olhou para trás e recuou um passo, como se estivesse ansiosa por escapar.

— Meu pai disse que você queria falar comigo, Jackie, mas posso voltar mais tarde...

— Eu já estava indo embora — declarou Mike, levantando-se.

— Estou liberado, investigadora? O Departamento de Polícia de Spokane não precisa mais de mim?

— Se eu precisar, pode ficar certo que lhe telefonarei. E, se por acaso

lembrar-se de qualquer outro detalhe sobre o período em que Maggie Birk morou nesta rua, me avise, por favor.

— Eu farei isso. — ele sorriu confiante.

— E me telefone mesmo, investigadora.

Depois de descer a escada da varanda, Mike parou junto da corretora.

— Você também podia me ligar, Lola. Quem sabe eu a convenço a comprar um carro novo? Corretores de imóveis têm de impressionar seus clientes e uma bela máquina ajuda, concorda?

— Quando eu precisar de um carro novo, você será a primeira pessoa a quem telefonarei.

Entretanto, a voz de Lola parecia muito menos firme e confiante do que de costume e ela desviou o olhar quando Mike passou ao seu lado. Jackie, que os observava atentamente, chegou à conclusão de que aquele homem atraente, mas complexo, parecia ter relacionamentos muito complicados com as mulheres.

Depois de dar dois passos, Mike parou no meio do quintal e olhou para a casa das irmãs Betker. Gerald Pinson ainda estava conversando com Eleanor e o cumprimentou sem sorrir.

Por um instante, a postura dele parecia refletir desafio e agressividade, mas logo recomeçou a andar e desapareceu do lado da casa. Só então Lola aproximou-se mais, parando junto do carrinho do bebê.

— Como ele cresceu! Nem parece mais um recém-nascido...

— Daniel já completou quinze dias de vida.

— Jackie suspirou, sentindo uma inesperada onda de fadiga.

— Dizem que o tempo voa quando a gente está se divertindo...

Lola deu um sorriso de simpatia e sentou-se na cadeira anteriormente usada por Mike.

— Ele continua a acordá-la a noite toda?

— O pobrezinho não é dos piores, pelo que ouvi contar.

— Jackie recostou a cabeça no espaldar da cadeira e fechou os olhos por alguns segundos. — Ele chega a dormir quatro horas seguidas, o que muitas mães achariam fantástico. Mas, de qualquer forma, é difícil se sentir bem quando não se tem um descanso sem interrupções.

Minha fantasia mais fascinante, ultimamente, é a de desligar doze horas completas!

— Bem, mas logo ele deverá estar dormindo a noite toda, não é? Não que eu entenda muito de bebês...

— Espero ardentemente que sim! — Jackie voltou a abrir os olhos e sorriu para Lola.

Do outro lado da cerca, Gerald Pinson e Eleanor também observavam, à distância, a nova visita, de Jackie. Embora não desviassem os olhares, pareciam menos interessados em Lola do que haviam demonstrado estar por Mike Weitzel.

Finalmente, Eleanor voltou a cuidar da grama e Gerald virou-se para observar as bonecas com que Emma brincava. Então, Jackie soltou a se dirigir à visitante,

— O quanto você conhece Mike Weitzel, Lola?

— Quase nada. Apenas nos cumprimentos quando passamos um pelo outro na rua, coisas desse tipo,

— Tive a impressão de que ele a achou muito atraente — brincou Jackie, sorrindo maliciosamente.

— Não seja boba! — replicou Lola, enrubescendo. — Pela fofocas que já ouvi, ele age assim com todas as mulheres

— É, ele parece ser fatal às mulheres...

Ela parou de falar, embaraçada pelas palavras completamente sem tato que escolhera para descrever Mike. Por sorte, Lola pareceu não notar nada de errado, pois estava ansiosa por mudar de assunto.

— A respeito daqueles impostos... — Ela começou a remexer dentro da bolsa enorme que sempre carregava consigo.

Jackie sorria ao ver as mãos gordas e cheias de anéis daquela mulher pouco atraente, mas invariavelmente enfeitada como uma árvore de Natal.

— Eu trouxe uma cópia do contrato de compra da casa e a lista de impostos anuais...

Diante do desconforto de Lola quando se falava em Mike Weitzel, Jackie decidiu não tocar mais no assunto e ouvir as explicações da corretora a respeito dos impostos.

Logo que Lola foi embora, ela ligou para Adrienne para combinarem um encontro e depois foi buscar o diário de Maggie. Aproveitaria para ler mais um pouco enquanto amamentava Daniel.

Maggie estava ficando a cada dia mais contente na casa de Alban Cernak. Ela relatava, minuciosamente, todas as suas tarefas domésticas e, nas entrelinhas, começava-se a perceber a crescente fascinação que sentia pelo vizinho da frente, o atraente Mike Weitzel.

Enquanto Ha, o cansaço de Jackie desapareceu, dando lugar a uma sensação de tensão que ela conhecia bem demais. Wardlow costumava rir, dizendo que não acreditava em "Kaminski e seu infernal sexto sentido feminino". Infelizmente, esses instintos nunca falhavam em assuntos policiais.

Na verdade, sempre que essa sensação estranha a envolvia, algo importante estava para acontecer. Era como se a tensão fosse uma espécie de alerta primitivo de seu organismo, avisando-a para se manter em guarda, ser cautelosa e estar preparada. Jackie aprendera, através da experiência, a ouvir esses avisos para não se arrepender.

Impaciente, foi lendo por cima as páginas do diário, pulando as descrições das tarefas domésticas e das refeições da família. Maggie parecia fascinada por comida, como se nunca houvesse comida suficiente em sua casa. Pelas ocasionais referências à vida em Salt Lake City, Jackie suspeitava que a vida da pobre garota tivesse sido cheia de sofrimento.

Portanto, não era de se espantar que ela considerasse Alban Cernak um verdadeiro príncipe e achasse que aquela casa modesta era um castelo!

Jackie parava para ler com atenção apenas quando encontrava algum nome que reconhecia, tentando analisar os desenvolvimentos dos novos relacionamentos de Maggie. De fevereiro a abril, a amizade da garota com Eleanor Betker se aprofundou, embora ela se perturbasse muito com Emma, que alternava estados de indiferença e crises de raiva sempre que ela aparecia.

No início de abril, ela mencionava o assassinato de Martin Luther King, parecendo estar chocada, mas Jackie duvidava de que a garota, vinda de uma família pobre e cheia de problemas sérios, entendesse o que era o movimento dos direitos civis e o que isso representava para a América. Sempre generosa e afetuosa, ela preocupava-se apenas com "a esposa e os filhinhos daquele pobre homem".

A veneração por Alban Cernak permanecia intensa.

Quase todas as páginas continham uma descrição de algum dos muitos detalhes do comportamento e da aparência dele. Os cabelos, compridos até os ombros, estavam começando a rarear no alto da cabeça. As tatuagens eram enormes, no braço direito havia uma sereia e no esquerdo um coração, o que, na opinião de Maggie, não combinava nem um pouco com seu padrão. Ele lia a Bíblia

gostava de ópera, opunha-se à guerra do Vietnã e se dedicada, verdadeiramente aos desajustados que recebia, na clínica.

Maggie se mostrava fascinada, por esse homem, mas a atitude dele em relação à jovem que empregara se mantinha impecavelmente respeitosa e até formal demais. Evitava qualquer tipo de familiaridade, com exceção de alguns elogios sobre refeições excepcionais ou algum trabalho extra realizado voluntariamente por ela, como lavar as janelas.

E a afetuosa Maggie exultava com aqueles elogios, relatando-os textualmente.

Alban disse que o pudim ficou fofo como uma nuvem ou Hoje Alban notou que eu encerei todo o assoalho. Disse que eu era incrivelmente trabalhadora e acrescentou dez dólares ao meu salário. Ele é mesmo um amor.

Por outro lado, o relacionamento dela com o soturno Lenny continuava a se deteriorar. Em abril, a situação entre eles era quase de luta aberta. O rapaz a estapeava ou puxava-lhe os cabelos quando Alban não estava em casa e sempre dizia que, se ela abrisse a boca para contar o que acontecera, iria se arrepender.

Na maior parte do tempo, para alívio de Maggie, o adolescente obeso e maldoso permanecia enfiado em seu quarto no porão, "de mal com a vida e cutucando as espinhas", conforme as palavras dela.

A esta altura, porém, a garota já não se incomodava mais com as mesquinhas de Lenny. Ela estava perdidamente apaixonada.

Jackie escolheu uma página mais para o fim do diário e começou a ler.

Segunda-feira, 19 de abril de 1968

Comecei a guardar minha boneca Annabel dentro do buraco no fundo do meu armário, junto com o meu diário. O Lenny seria bem capaz de roubá-la e depois picá-la em pedacinhos só para me atormentar. Ele faria qualquer coisa para me torturar...

Sinto pena da pobre Annabel por ter de ficar o dia todo enfiada em um buraco escuro, mas assim eu posso, pelo menos, tirá-la do esconderijo todas as noites e levá-la para cama comigo. É tão bom dormir abraçada com ela...

Os fins de semana são piores porque às vezes Alban é chamado para atender algum caso na clínica e o Lenny não vai junto. Simplesmente odeio ficar em casa sozinha com ele! Mike disse que, se acontecer qualquer coisa que eu não goste, é só telefonar que ele vem me ver, mas não me sinto à vontade para chamá-lo. Não acho que Dolly e Klaus estejam nem um pouco contentes de saber que o filho deles está me namorando. Ele é maravilhoso e provavelmente os pais

gostariam que se casasse com uma garota rica e linda, que estudasse em uma faculdade ou coisa parecida.

Às vezes, Dolly me olha como se desejasse me ver morta, o que chega a me dar arrepios, porque ela costuma ser uma pessoa muito alegre e simpática.

Há algum tempo, eu teria ido para a casa de Eleanor e ficaria por lá até o Alban chegar, mas ultimamente não tenho a menor vontade de fazer isso porque ela está agindo de um jeito muito estranho comigo. Costumava ser simpática e afetuosa, me abraçando e me dando roupas velhas de Emma, que cabem perfeitamente em mim e são lindas. Mas agora, só fica me perguntando sobre o Mike e me dizendo que não se deve confiar em homem nenhum.

É quase como se sentisse ciúme de mim, do jeito que as minhas colegas de escola ficavam quando a melhor amiga delas arrumava uma outra "amiga do peito", mas é claro que essa é uma idéia ridícula. Eleanor e eu nos conhecemos há pouco tempo e ela é muito mais velha do que eu. Na verdade, deve ter perto da idade da minha mãe.

Emma também está agindo de um jeito muito estranho. Claro que ela sempre foi muito esquisita e eu nunca soube muito bem como me entender com esse tipo de pessoa tão complicada. Agora fica quase o tempo todo no quarto, olhando as figuras dos livros e fazendo vestidos para as bonecas de sua coleção. Às vezes, eu a vejo me espreitando pela janela, mas, se eu a cumprimento fecha depressa as cortinas.

Também fui à casa de Gerald Pinson uma ou duas vezes durante os fins de semana, para ter avias de canto, o que é muito divertido.

A casa é bonita e, embora ele seja meio estranho, vira um professor muito sério quando começamos a estudar. E o principal é que acha que eu canto como um anjo.

Mas, a última vez em que estive na casa dele, Steve Weltzel apareceu com mais um daqueles envelopes pelos quais Gerald lhe entrega um maço de notas.

Acho que o Steve veio porque não sabia que eu estava lá.

Gerald se livrou dele bem depressa, mas depois parece que perdeu o interesse pela minha aula de canto.

Ficou todo nervoso e agitado, esquecendo o pedaço da música que estávamos cantando e errando o acompanhamento no piano. Eu esperei só um pouquinho e disse que precisava ir embora.

Como eu gostaria de dar uma olhadinha dentro daqueles envelopes!

O pai sempre disse que eu era curiosa demais e que o gato curioso acabou

morrendo. E provavelmente aquele miserável tem razão! Eu devia esquecer as aulas de canto e nunca mais pôr os pés na casa de Gerald Pinson.

Mas se eu não for visitar ninguém, terei de ficar em casa com o Lenny e ele é insuportável! Está gordo como um porco e já nem sai para jogar bola ou para brincar com os outros garotos da rua. Eles ficam amolando-o quando passa pela calçada imagine se iriam aceitar o infeliz em suas brincadeiras!

Ontem, Lenny disse que eu tinha roubado o anel dele e ia contar para o Alban e pediria para o pai me despedir se eu não o devolvesse. Como se eu quisesse alguma coisa desse monstro horroroso! E muito menos aquele anel horrível, que ele usa o tempo todo!

O anel é de ouro e tem a forma de quatro serpentes que formam juntas, uma faixa larga. As cobras tem olhinhos de rubi e às vezes tenho pesadelos em que esses animais repelentes sobem na minha cama e acordo apavorada, agarrada à minha boneca.

Enfim, o Lenny fez um escândalo tão grande que tive de parar de trabalhar e perder meia hora só procurando o maldito anel! Acabei encontrando-o no tanque, onde o cretino deve tê-lo deixado depois que tirou para lavar as mãos! Prefiri nem encostar naquela coisa e subi para avisá-lo onde estava a "jóia" dele.

— Ainda bem que decidiu me devolver o anel! Você é uma ladrazinha suja, Maggie... Vagabunda!

— É você é um monstro horroroso, um anormal! Eu nunca pus as mãos no seu maldito anel!

Achei que o Lenny ia me bater por ter gritado com ele, mas Alban entrou em casa naquele momento, falando que estava um dia lindo, e o infeliz saiu correndo da cozinha e foi se enfiar em seu esconderijo imundo no porão.

Mais tarde, depois de terminar a louça, consegui escapulir de casa para passar alguns minutinhos com o Mike. São esses minutos que fazem minha vida valer mesmo a pena! Ele conseguiu emprestar o carro do pai e eu saí andando para me encontrar com ele longe dos olhos dos vizinhos, que só sabem fazer fofocas com a vida dos outros. Fomos até o campo, paramos na beira do rio e ficamos vendo o sol se pôr.

Então, mudamos para o banco de trás do carro e fizemos o que sempre fazemos. Já não sinto mais nenhuma dor e o Mike é muito delicado e carinhoso comigo. Ele diz que me ama muito e quer ficar comigo para o resto de nossas vidas.

Contei que o Alban está falando sobre sua mudança para Portland, que será no máximo até o fim do próximo mês.

Realmente, não sei por que o Alban tem de ir embora desta cidade. Afinal, ele gosta tanto de trabalhar naquela clínica e a casa dele é tão gostosa... Mas ele diz que são "os percalços" da vida!

Alban me ofereceu um emprego permanente e disse que gostaria que eu os acompanhasse para Portland, portanto eu e Mike teremos de tomar uma decisão muito em breve. Sei que somos jovens demais para assumir um compromisso, mas não suporto a idéia de ficarmos longe um do outro. Então, na noite passada, contei o que está acontecendo comigo. Nunca fui muito regular, é verdade, mas meu incômodo desta vez está muito atrasado, quase duas semanas!

Meu Deus! Mal posso acreditar que escrevi isso! Preciso me lembrar de esconder muito bem o meu diário. Se o maldito Lenny o encontrar e contar para o Alban...

Como eu gostaria de ter alguém com quem conversar! A Eleanor podia me ajudar. Afinal, é enfermeira e sabe tudo a respeito dessas coisas, mas algo me diz que ela iria ficar uma fera se soubesse o que eu e o Mike andamos fazendo!

Mike foi o doce de sempre e me deu um abraço apertado e disse que tudo vai dar certo para nós.

Mas eu percebi que ele ficou muito preocupado. Klaus e Dolly querem que o filho continue na escola para não ser convocado para o Vietnã e isso certamente aconteceria se ele parasse de estudar. Eu morreria se o meu querido fosse para a batalhar

O Alban disse que o presidente Johnson não vai se candidatar nas próximas eleições e por isso pode ser que a guerra acabe logo. Tomara que sim!

A não ser que o Mike pense em algum plano milagroso, terei de contar a verdade para o Abai. Afinal, ele é médico e trabalha naquela clínica onde ajuda as centenas de garotos que aparecem por lá, grávidas e sem saber o que ia fazer da vida. Mas, se ele souber, talvez não queira mais me levar para Portland. E, se Dolly e Klaus forcarem Mike a ir para a faculdade, estarei completamente sozinha nesta cidade.

Fico só pensando nisso e acabo com uma dor de cabeça Infernal. Não sei o que fazer! Ainda acredito que o meu querido

Mike vai cuidar de mim, como prometeu. Sei que ele me ama de verdade e que vamos ser felizes para o resto da vida.

Jackie parou de ler ao notar que Daniel adormecera. Limpando o leite que

escorrera da boca delicada como um botão de rosa, ela colocou-o no carrinho. Depois de acomodá-lo bem, ficou à janela, pensando em Maggie.

A garota desconfiara que estivesse grávida no meio de abril. Entretanto, desaparecera no final de maio ou no começo de junho e o bebê encontrado junto dela tinham nove meses.

Será que Klaus e Dolly Weitzel tinha decidido se livrar ao mesmo tempo, de uma namorada indesejável para o Mike o varão mais velho, e de um neto igualmente inaceitável o filho de Laura?

Jackie tentou imaginar a alegre e vibrante Dolly Weitzel matando um bebê recém-nascido e uma garota, com quem anteriormente simpatizara, usando um machado e não conseguiu.

Mas ela não conhecera Klaus, é claro! Na primeira oportunidade, teria de perguntar a Mike como era o pai dele.

Como se tivesse ouvido seus pensamentos, o telefone tocou e ela assustou-se ao ouvir a voz dele do outro lado da linha.

— Oi, Jackie. Desculpe-me por estar perturbando você de novo.

— Não tem problema — disse ela, olhando para Daniel que, felizmente, não acordara com a campainha do telefone.

— Estou interrompendo alguma coisa?

— Não, o bebê está dormindo.

— Bem, eu preciso falar de novo com você.

— Lembrou-se de alguma coisa importante, Mike?

— E algo relacionado a ela. De repente, descobri que...

— Ele parecia relutante e embaraçado. — Comecei a pensar nisso hoje, em sua casa, quando estávamos no terraço, conversando. Gerald e Eleanor estavam nos observando, lembra-se?

— Mike? — Jackie não conseguia entender porque ele estava tão hesitante em falar. — Desembuche, sim?

— Olhe... E algo que não posso falar pelo telefone. Na verdade, me parece ser uma dedução tão incrível que...

Jackie decidiu acabar com aquela relutância, colocando-o contra a parede.

— Por que não me contou que você e Maggie eram amantes?

— O quê? — explodiu ele. — Sobre o que está falando?

— Deixe de bancar o inocente, sim? Na primeira vez que perguntei, me disse que mal a conhecia. Depois declarou que era um namorico adolescente. Agora chegou a hora de Calar a verdade, Mike. Vocês já transavam há algum tempo, quando ela desconfiou que estivesse grávida. Então, começaram até a falar em casamento, certo?

— Oh, meu Deus... — murmurou ele, chocado.

— Não sei quem lhe...

— Foi Maggie quem me contou — declarou Jackie, bruscamente.

— Maggie? Você enlouqueceu?

— Encontrei o diário de Maggie no fundo falso de um armário embutido e ela tem me contado muitas coisas.

Mike ficou em silêncio por tanto tempo que Jackie pensou que ele tivesse desligado o telefone.

— Eu não podia me casar com Maggie — disse ele, finalmente. — Meus pais teriam ficado loucos... Eu já tinha sido convocado e, se saísse da escola, iria mesmo para o Vietnã.

— Então a pobre garota se tornou um problema difícil de resolver, não é?

— Mas eu não... Ouça! Posso ir até a sua casa de novo, Jackie? Ou quem sabe você vem se encontrar comigo?

— Onde está agora?

— Em minha casa, no Indian Canyon. Ficarei o dia todo por aqui.

— Não vai trabalhar hoje?

— Não. Resolvi descansar um pouco, para variar. Ando muito cansado ultimamente,

Jackie sentiu um arrepio de frio, uma espécie de alarme que a avisava de algum perigo real.

— Sinto muito, mas não terei de condições de ir. Por causa, do bebê, entende? Acho melhor você vir até a minha casa. Vou sair à tarde, mas estarei de volta perto das cinco horas. É um horário bom?

Ela poderia colocar o bebê dentro de casa, trancar a porta e sentar-se com Mike na varanda de frente para a rua. Dessa forma, eles estariam sendo vistos por todos os vizinhos.

Por um instante, pensou em pedir que Paul viesse ver o filho à noite, mas logo desistiu da idéia. Se ele percebesse algum temor relativo à segurança de

Daniel ou alguma hesitação da parte dela em relação ao trabalho, teria mais argumentos para forçá-la a deixar o emprego na polícia.

- Posso ir às sete horas? — perguntou Mike.
- Perfeito.
- Céus, Jackie! Você não vai acreditar no que vou lhe dizer!
- Não?
- Não mesmo! Para falar a verdade, nem eu mesmo acredito.

CAPITULO XVIII

Naquela tarde, Jackie e Adrienne foram passear no Northtown Mall. Ambas estavam de short e camiseta, empurrando os carrinhos de bebê pelas avenidas sombreadas da rua de comércio mais sofisticado de Spokane.

— Você está com um ar mais animado — arriscou-se a dizer Jackie, observando o perfil aristocrático da amiga.

— Acho que estou começando a sair do fundo do poço.

— Adrienne suspirou, desanimada. — Depressão é a pior sensação do mundo!

— E é tudo por culpa dos hormônios?

— Bem, pelo menos é o que os doutores dizem. Estou tomando um remédio que, na opinião da minha médica, deve me ajudar a superar a depressão. Entretanto, tenho certeza de que uma grande parte do problema se origina no meu terror irracional em relação à maternidade.

— Mas você e Harlan não desejavam ter um filho há anos?

— .Acho que sim... —Adrienne deu um sorriso bem próximo da risada alegre de outros tempos. — Mas você conhece aquele ditado sobre tomar cuidado com o que se deseja ardentemente, não? É melhor ser prudente porque ele pode se realizar!

— E... Você não está contente com o bebê?

Jackie olhou para o pequeno Matthew, agora com seis meses. Ele era um a criança gorducha, de olhos azuis e traços perfeitos, um verdadeiro bebê de capa de revista.

— Eu adoro meu filho e esse é um dos motivos de me sentir tão culpada

por estar sentindo o que sinto! Ninguém merece conviver com uma bruxa como eu...

Parando de andar, Jackie ficou à frente da amiga.

— Pelo amor de Deus, Rennie! Pare de ser tão dura consigo mesma, entendeu? Isso é depressão pós-parto e não algum tipo de crime.

— Eu sei, eu sei! E pare de olhar para mim com esse olhar enfurecido, Kaminski. — Adrienne deu um sorriso melancólico. — Estou até ficando com medo.

As duas amigas recomeçaram a andar, lado a lado.

— Só agora, com o nascimento do meu filho, tomei consciência de como minha mãe era incapaz de amar. A todo instante, entro em pânico, com medo que essa característica seja genética ou coisa parecida e eu não consiga ser diferente dela.

— Mas Leigh é uma mãe maravilhosa — disse Jackie, referindo-se à irmã mais nova de Adrienne.

— E verdade, mas Leigh sempre foi tratada de forma diferente — declarou Adrienne, sem demonstrar ciúme. — Ela era incrivelmente meiga, doce e linda. Até entendo porque minha mãe a tratava muito mais carinhosamente.

Jackie nunca entendera bem a dinâmica familiar dos Mellon. Os pais de Adrienne eram milionários e ela e a irmã sempre haviam vivido rodeadas de luxo.

— É, famílias são mesmo um problema insolúvel — declarou Jackie, após uma longa pausa. — Se você tivesse visto o lugar onde fui criada e soubesse da forma como fui educada, acharia que eu jamais deveria ter um filho, pois nuca saberia como criar um ser humano decente. Entretanto, tomei essa decisão e...

— E aposto que está sendo uma mãe maravilhosa.

— Eu amo meu filho — murmurou Jackie, olhando para Daniel que dormia tranqüilamente.

— No momento, é todo o meu universo e não sei como vivi sem ele até agora.

— Eu também me sinto assim e acho que, eventualmente, será esse sentimento que afastará por completo a minha depressão.

— Conviver com uma criança é maravilhoso. Se nossos filhos sobreviverem a nos terem por mães — brincou Jackie, tentando animar a amiga, já pensou que adultos fortes virão a ser?

Adrienne não respondeu. Jackie a observou, pelo canto dos olhos, e tentou encontrar uma forma de alegrar a amiga.

— Tenho uma ótima idéia! Quando chegarmos ao shop-ping-center, vamos tomar uma imensa banana-split. Afinal, estamos amamentando e podemos nos dar ao luxo de exagerar nas calorias.

— É... — concordou Adrienne, apática.

Finalmente Jackie se deu conta de que o melhor era mudar completamente de assunto para afastar os pensamentos de Adrienne dos problemas relativos à maternidade.

— Você se lembra de alguma coisa que aconteceu em 1968, Rennie?

— Não muito. Eu tinha apenas seis anos e estava começando meu primeiro ano de escola. Lembro-me de algumas imagens... Jovens de flores nos cabelos, passeatas pela paz, hippies e coisas desse tipo.

— Pois não me lembro nem disso — declarou Jackie.

— Eu tinha apenas cinco anos e ainda não ia à escola. Mas jamais esquecerei meu pavor quando anoitecia e minha avó demorava a chegar do trabalho. Morria de medo que alguém a matasse na rua.

— Céus... Por que tinha esse tipo de medo, Jackie?

— Naquela época, Los Angeles era um verdadeiro barril de pólvora, prestes a explodir por causas das questões raciais. Martin Luther King tinha sido assassinado em abril daquele ano e, em junho, mataram Bobby Kennedy. Havia muito ódio e passeatas violentas nos bairros da região sul da cidade, onde eu morava. Nunca se sabia o que iria acontecer de um dia para o outro.

— Meu Deus! Eu teria me esquecido completamente de tudo isso — comentou. Adrienne, com uma expressão pensativa.

— Minha infância foi muito calma e protegida, Jackie. Mas você estava vivendo bem no meio de todos esses tumultos, não é?

— Nos morávamos ao sul da área de Watts-Compton, onde tinham ocorrido as mais violentas manifestações raciais, mas os tumultos se alastraram por toda Los Angeles. Os verões sempre eram uma época de maior violência, sempre tórridos e perigosos, mas o de 1968 foi o pior de todos. Eu me sentia como uma criança vivendo em uma zona de guerra.

— E por que você está se lembrando disso agora?

— Por causa dos ossos encontrados no meu quintal. ELES datam de 1968.

Notando que finalmente conseguira interessar Adrienne em um assunto, Jackie começou a falar sobre os ditames da investigação que podiam ser revelados aos leigos. Ela concluiu com a visita de Mike Weitzel à sua casa, naquela

manhã.

— Você o conhece, Rennie?

— Mike Weitzel? Acho que nos encontramos uma meia dúzia de vezes. Ele me pareceu ter ambições de ascender socialmente, sabe? Sua ex-esposa, Kelly, queria fazer parte do Conselho de Artes da cidade e Mike fez uma doação fabulosa para ajudá-la a conseguir um lugar. Mas todas nós gostávamos dela pelas suas qualidades pessoais.

— E Kelly permaneceu no conselho depois que se divorciou de Mike?

— Ficou mais algum tempo, mas logo se casou com Fred Alvados e eles começaram a fazer um trabalho odontológico voluntário. Kelly até realizou um curso de treinamento para poder ajudar o marido. Os dois são pessoas maravilhosas.

— Parecem ser mesmo. E por acaso você conhece Carrie Turnbull? Ela vive em uma casa enorme perto da minha, mas quase nunca a vejo.

Adrienne deu um sorriso tão animado que Jackie sentiu-se subitamente mais otimista em relação à amiga.

— Claro que eu conheço Carrie! Foi com ela que aprendi a fumar, no banheiro da escola de bale! Eu tinha apenas oito anos e ela já estava com dezesseis e começando a se divertir com os escândalos que provocava.

— Como assim?

— Carrie havia ficado grávida, dois anos antes, e o pai do bebê era um rapaz socialmente inaceitável em seu meio. Parece que foi um professor de educação física, não sei bem...

Os pais dela tentaram abafar tudo, mas você sabe como as línguas são afiadas em cidades pequenas. Naquela época, eu e minhas amigas a achávamos maravilhosa por sua coragem de fazer tudo que era proibido!

— Qual era o sobrenome dela antes de se casar?

— Kinniston. Os pais, Douglas e Angela, eram os mais convencionais e austeros que se pode imaginar, portanto não entendiam a filha. Ela simplesmente não tinha limites.

— E você continua encontrando Carrie?

— Não. Soube que ela e Bob voltaram para a cidade e que não saem muito de casa. Eu deveria ir visitá-la... Talvez eu vá, quando me sentir menos cansada, sabe? Carrie era muito divertida.

Jackie pensou na mulher magra e tensa que olhava com uma perturbadora avidez para Daniel.

— Tenho a impressão de que vai achá-la muito mudada, Rennie. E o que aconteceu com o bebê dela?

— Nem imagino. Obviamente, foi um escândalo terrível. Naquela época, quando uma garota de família rica tinha problemas desse tipo, os pais a enviavam para a Europa, de onde ela voltava seis ou sete meses depois. Todos fingiam que não sabiam de nada e a vida continuava como antes.

— Foi isso que Carrie Kinniston fez?

— Acho que sim. Lembro-me que voltou de uma viagem muito magra e ainda mais rebelde e desafiadora, do que antes. Mas eu era bem mais som e só sabia de alguns detalhes que os adultos deixavam escapar ia minha frente,

Franzindo a testa, Jackie tentou colocar os fatos em perspectiva,

— Se ela a ensinou a fumar quando você tinha oito anos e havia ficado grávida alguns anos antes... Isso deve ter acontecido ao redor de 1968, não?

— Foi no verão de 1968, sem dúvida! Lembrei-me agora que tudo aconteceu logo depois de Johnson ter declarado que não se candidataria novamente à presidência. Então, o pai de Carrie começou a fazer propaganda eleitoral para Humphrey e por isso ele e Angela passaram a conviver muito mais com os meus pais.

— Vocês, membros da classe dominante, sempre têm como referência as campanhas eleitorais!

Adrienne deu um sorriso embaraçado.

— E mesmo uma tendência nossa, não?

A política sempre foi mais importante do que tudo para os meus pais. Pelo menos, era muito mais importante do que as filhas!

— E você sabe alguma coisa a respeito do marido de Carrie?

— Na verdade, sei bem pouco a respeito de Bob. Em 1971, Carrie foi para o Oregon, a fim de fazer um curso preparatório para a faculdade e, quando voltou, cerca de dois anos depois, estava casada. Não houve um casamento badalado, nem mesmo as participações de costume. Minha mãe dizia que os pais dela tinham vergonha do passado sombrio do genro e nunca aceitaram essa união. Devia ser verdade porque os dois nunca mais vieram para Spokane.

— Até os pais dela morrerem e Carrie herdar a casa, certo?

— Claro! — Adrienne deu uma risada cínica. — Nada como uma herança

polpuda para trazer as pessoas de volta ao lar!

— Sabe no que Bob trabalha e por que o passado dele era tão sombrio?

— Oh! Eu duvido que fosse qualquer problema mais sério. Angela Kinniston disse à minha mãe que ele era vulgar e de nível baixo. Uma pessoa *comum*...

As duas se apressaram para aproveitar o sinal verde e atravessar a avenida, a fim de entrarem no parque que ficava em frente ao shopping - Center.

— Céus! Como eu odeio essas palavras — resmungou Jackie, enfurecida.

— E pensa que é só você que odeia? Eu cresci ouvindo essas palavras e convivi com as pessoas que as diziam! Tenho quase quarenta anos e, até hoje, a minha mãe ainda me deixa furiosa. Basta ela abrir a boca!

— Minha avó também é assim e nunca pertenceu à aristocracia.

As duas estavam se aproximando da entrada e Jackie decidiu insistir no assunto, antes de começarem a se distrair com as vitrines das lojas.

— E quanto a Bob?

— Bem, Bob nunca será culto nem educado, mas é muito rico. Pelo que ouvi falar dele, deve ser um sujeito bastante simpático.

— Sabe como ele ficou rico?

— Parece que ganhou muito dinheiro vendendo um tipo qualquer de equipamento para poços de petróleo. Tenho impressão de que se trata de algo que ele mesmo inventou, sabe?

Agora tem um contrato com a Boeing e esse foi um dos motivos de voltarem para Spokane... — Adrienne deu um sorriso malicioso. — O outro deve ter sido o amor de Carrie por sua cidade natal.

Jackie ficou em silêncio, tentando assimilar todas aquelas informações, enquanto as duas entravam no corredor do shopping, procurando o caminho para a lanchonete.

À noite, Jackie sentou-se no terraço da frente, a fim de esperar por Mike Weitzel. Ela decidiu aproveitar o tempo completando as anotações que fizera sobre os últimos meses da vida de Maggie Birk e preparando-as para passar para o computador.

Daniel já tinha tomado banho, mamado e agora estava dormindo dentro de casa, com toda a segurança. Trancara a porta e guardara a chave no bolso da calça. Quando Paul lhe telefonara, no final da jornada de trabalho na fazenda, ela

Ihe contara apenas o passeio com adrienne, evitando mencionar a visita de Mike.

Era preciso admitir que estivesse ligeiramente assustada com aquela visita, embora não soubesse definir porque motivo deveria ter mede *do* falante vendedor de carros. Mike parecia ser uma pessoa confiável. Afinal, era um filho amoroso e essa qualidade só podia ser um sinal de bom caráter.

Ela passara muito tempo pensando nas informações que Adrienne lhe dera a respeito de Carrie e Bob Turnbull, tentando descobrir se teriam alguma relação com a morte de Maggie.

Se Carrie tinha dado a luz em 1968, tinha havido mais um bebê naquele bairro, além do filho ilegítimo de Sarah Weitzel.

Praticamente uma epidemia de recém-nascidos!

Provavelmente isso acontecera por causa da guerra do Vietnã, que ameaçava tantos jovens e criava neles a sensação de que era preciso viver intensamente, ignorando as conseqüências. Além disso, ainda não era fácil conseguir pílulas anticoncepcionais, em especial quando se tratava de jovens solteiras.

Jackie escreveu em seu caderno: Bebês: Sarah Weitzel, Carrie Turnbull. Possivelmente Maggie Birk ou Emma Betker?

Embora parecesse improvável, ela não conseguia eliminar a possibilidade de que talvez Emma Betker também tivesse engravidado em 1968. Isso explicaria a atitude estranha, que Maggie relatava em seu diário, da irmã mais nova de Eleanor.

Ou talvez Maggie estivesse fora da realidade, tendo chegado grávida a Spokane e negando-se a aceitar esse fato.

Quem sabe desejasse obsessivamente ter um filho de Mike Weitzel, a ponto de ignorar os sinais de uma gravidez muito mais adiantada?

Ao longo dos séculos, as mulheres sempre demonstraram uma infinita capacidade de enganarem a si mesmas quando o amor estava envolvido. Mas Jackie sentia certa dificuldade em sobrepor a imagem de uma mulher neurótica e iludida à da jovem alegre, prática e trabalhadora que lhe falava através das páginas daquele velho diário.

Jackie analisou novamente as informações em seu caderno de anotações, franzindo a testa. Como acontecera muitas vezes em um determinado ponto de seus casos mais difíceis, sentia que não estava vendo algo muito óbvio. Nos últimos dias, alguém lhe fornecera uma informação vital, ou então ela vira algo que seria a chave do mistério. Infelizmente, não conseguia identificar o que

poderia ser.

Por mais duas vezes, ela releu cada página de seu caderno, estudando os comentários que fizera antes, durante e depois das entrevistas com os vizinhos, além das informações fornecidas por Wardlow sobre a autópsia. Nada parecia fazer sentido.

Talvez o fato de suas anotações não estarem bem organizadas em uma tela de computador estivesse tornando mais difícil encontrar o elemento vital que faria tudo se encaixar em seus devidos lugares...

Sentindo um vento frio, Jackie se deu conta de que já estava há muito tempo no terraço. Ao olhar o relógio, assustou-se por ver que Mike Weitzel estava mais de uma hora atrasado.

Será que ele pretendia vir muito mais tarde, quando todas as luzes das casas vizinhas estivessem apagadas? Talvez esperasse ser convidado a entrar, a fim de ficar a sós com ela e...

Tensa, Jackie levantou-se e entrou em casa. Sua primeira preocupação foi cuidar de Daniel. O bebê continuava dormindo, mas ela cobriu-o melhor e só então procurou o cartão de visitas de Mike Weitzel.

O telefone tocou tantas vezes que Jackie estava a ponto de desligar quando alguém finalmente atendeu.

— Alô? Quem está ligando?

Atônita, Jackie olhou para o telefone. Ela conhecia aquela voz dura e autoritária.

— Chefe? — perguntou ela, hesitante.

— É mesmo você, Michelson?

— Oi, Jackie. Queria falar cora Brian? Acho que ele ainda está por aqui,

— Não, eu estava telefonando para... Oh, Deus! Será *que* liguei para o número errado? O que você está fazendo aí? Ou melhor, onde *você* está?

— Para quem você ligou Jackie?

— Para ura sujeito chamado Mike "Weitzel. Ele é um vendedor de carros que trabalha na agência da Ford d Spokane e devia ter vindo para a minha casa há mais d uma hora. Pelo menos, achei que tinha ligado para a casa dele, chefe.

— Bem, você ligou para o número certo, Jackie.

— A voz de Michelson estava ainda mais séria.

— Só que não vai poder falar com o Sr. Weitzel. Nunca mais.

— Que merda! — explodiu ela, pressentindo que a situação se tornara bem mais grave. — O que aconteceu, chefe?

— Weitzel foi baleado hoje à tarde. Recebemos um chamado da garota que leva o cachorro dele passear.

— Ele paga alguém para passear com seu cachorro?

— perguntou Jackie, tentando não pensar ainda no que a morte de Mike poderia significar.

— É isso aí, Jackie. A moça trabalha para um bando de ricos que moram aqui no Canyon e tem as chaves das casas deles para poder pegar os cachorros quando os donos não estão. Ao devolver o labrador de Weitzel, encontrou o corpo dele logo atrás da porta.

— E você disse que foi lhe deram um tiro?

— A queima-roupa. Alguém encostou o revólver nas costas dele e disparou. A bala penetrou o lado esquerdo e praticamente explodiu o coração. Saberemos mais detalhes quando o médico legista chegar.

— Vocês encontraram a cápsula?

— Ainda está alojada na porta da geladeira. A julgar pelo estado do corpo, ele foi morto no meio da tarde.

— E ninguém ouviu o tiro?

— Estamos interrogando os vizinhos, mas não temos muitas esperanças. Este é um bairro de ricos, Jackie. As propriedades são imensas e muito distantes umas das outras. Se as pessoas estivessem dentro de casa ou mesmo fora, mas usando um cortador de grama, não ouviriam o ruído de um tiro.

Jackie permaneceu em silêncio, lembrando-se de Mike Weitzel, com seu corpo de atleta, queimado de sol e sorriso provocante. Era difícil imaginá-lo estirado no chão, com o peito aberto por uma bala.

"Ele é tão doce" escrevera Maggie em seu diário. "Mike é meigo como um garotinho, mesmo quando tenta bancar o durão. Sei que ele está morrendo de medo de ir para o Vietnã e ficar no meio da selva, levando tiros que vêm de todos os lados..."

— Você ainda está aí, Jackie? — perguntou Michelson.

— Por que estava envolvida com esse sujeito?

— Eu andei conversando com ele a respeito daqueles ossos que encontrei

no meu quintal. Weitzel morava nesta rua quando Maggie Birk foi assassinada e aparentemente os dois tinham um...

Jackie parou de falar. Não queria mencionar a existência do diário de Maggie antes de terminar de lê-lo. No instante em que o velho caderno desaparecesse dentro da gaveta de provas do crime, na delegacia, nunca mais o veria, a não ser que fosse oficialmente designada para aquela investigação.

— Mike e a garota tinham um relacionamento, mas não sei exatamente de que tipo — disse ela, finalmente.

— Já se passaram trinta anos, mas eu tive a impressão de que ele não estava me revelando tudo que sabia.

— Quando falou com Weitzel pela última vez?

— Hoje de manhã, ao redor das dez horas. Mike veio até minha casa para saber se a polícia descobrira mais alguma coisa a respeito da morte da garota. Disse que esse caso estava perturbando muito a serenidade da mãe dele, que ainda mora nesta rua e gostava muito de Maggie Birk.

Michelson não disse nada e Jackie até conseguia ver a ruga de concentração na testa alta do chefe.

— Então, você falou com Weitzel hoje cedo e ele ia voltar à noite para vê-la de novo. Por que ele faria uma segunda visita no mesmo dia?

— Mike ligou-me pouco depois de ter saído da minha casa para dizer que... — Jackie parou de falar, subitamente tensa.

— Céus! Ele me disse que acabara de se lembrar de algo muito importante para o caso! Não acha que o mataram por causa disso, chefe? Que alguém o silenciou antes que ele pudesse me contar o que lembrará?

— Você está sugerindo que possa existir uma ligação entre os dois casos, Jackie? Os ossos do seu quintal e o assassinato de Mike Weitzel?

— Eu acho que talvez exista mesmo uma ligação — murmurou Jackie, tentando raciocinar com clareza.

— Se não fosse assim, seria uma coincidência grande demais, concorda?

— Bem, Wardlow já está encarregado de investigar o caso de Maggie Birk, portanto vou designá-lo para este também. Ele irá até sua casa para interrogá-la.

— Hoje mesmo?

— Sem dúvida, Kaminski. Ninguém vai dormir esta noite

— disse Michelson, rispidamente. — Até mais, Jackie.

— Até mais, chefe...

Ela desligou o telefone e tentou imaginar a sequência das atividades na casa de Mike Weitzel.

Claire Welsh já devia ter chegado com sua equipe encarregada de tirar fotos da cena do crime, de retirar as possíveis impressões digitais e de preservar as provas, enquanto outro grupo cercaria a casa a fim de impedir que qualquer pessoa se aproximasse. Enquanto isso, os investigadores começariam a interrogar os vizinhos da vítima.

Subitamente, Jackie sentiu-se isolada do mundo, exilada dentro de uma casa pequena e silenciosa. Procurando se ocupar, passou uma hora e meia no computador, passando as informações de seu caderno para um arquivo aberto com o nome de Maggie.

Mas sua inquietação não diminuía e foi até o carrinho para ver Daniel. Bem que gostaria que ele começasse a chorar, exigindo sua atenção. Como se quisesse contrariá-la, o garotinho dormia placidamente, rodeado por um silêncio profundo.

Obviamente, existia uma forte possibilidade de que Mike Weitzel tivesse sido assassinado por um marido ciumento que jamais ouvira falar de Maggie Birk, mas a intuição de Jackie lhe dizia o contrário. Pressentia que os dois casos tinham uma ligação.

Mais uma vez, ela pensou na carta anônima que encontrará na caixa do correio no dia do nascimento de Danny. Agora, um outro crime fora cometido, tornando aquela ameaça em algo muito mais sinistro e perigoso. A mensagem havia sido escrita por alguém que sabia do dedo cortado do esqueleto do bebê ainda não identificado. Alguém que dissera:

Eu não me incomodaria nem um pouco de matar outro recém-nascido.

Essa mesma pessoa poderia ter dado um tiro à queima-roupa em Mike Weitzel? Se fosse assim, seu filho também estaria em perigo?

CAPÍTULO XIX

Wardlow chegou quarenta minutos depois do telefonema. Danny ainda estava dormindo e Jackie, aflita, olhava a todo instante para o carrinho, colocado entre ela e seu parceiro de trabalho, na sala de visitas.

— E só uma questão de tempo — explicou ela a Wardlow.

— Danny nunca dorme mais do que quatro horas em seguida e está prestes

a acordar.

- Então, acho melhor nos apressarmos.
- Brian abriu seu caderno de anotações.
- Fale-me de sua associação com esse sujeito, Kaminski.

Jackie descreveu seu primeiro encontro com Mike, na casa da mãe dele, depois a visita daquela manhã e, finalmente, o telefonema quando disse ter se lembrado de algo muito importante que lhe revelaria quando viesse à noite.

— Mas você informou o chefe que Weitzel tinha algum tipo de relacionamento com a garota encontrada no seu quintal.

— Wardlow franziu a testa, perplexo. — De onde tirou essa conclusão, uma vez que ele não menciona o assunto nas conversas que tiveram?

— Muito bem, Brian! Você vai direto ao ponto crucial da questão, não é?

— Cale a boca — disse ele, sem perder a calma. — Você pode bancar a sabichona quando voltar ao trabalho e começai a me ajudar a resolver esse tipo de problemas, não antes!

— O que seu novo parceiro anda fazendo agora?

— Pringle está interrogando os vizinhos de Weitzel e, provavelmente aliciando todas as possíveis testemunhas. Mas responda primeiro à minha pergunta, Kaminski.

Jackie hesitou por alguns instantes, mas o seu treinamento como polícia acabou vencendo sua relutância.

— Encontrei o diário de Maggie — disse ela, finalmente.

— Um diário? — Wardlow a encarou, incrédulo.

— A garota morta deixou um diário?

— Exatamente. Maggie o escondeu em um buraco na parede, no quarto que agora é de Danny.

— E ficou lá, intocado, por todos esses anos?

— perguntou ele, fascinado.

— Estava dentro do armário embutido, atrás de umas prateleiras que empenaram e começavam a ficar imprestáveis. Quando Paul arrancou o papel de parede para consertá-las, eu encontrei o caderno enfiado num buraco, entre as ripas e o gesso.

— Portanto, ela devia ter ocupado esse quarto quando morou nesta casa,

certo?

— Acho que sim.

Subitamente, Jackie lembrou-se, com absoluta nitidez, o sopro de ar gelado, que lhe causava um profundo mal-estar e a sensação de que havia algo maligno e cruel naquele quarto. Nervosa, ela colocou as mãos entre os joelhos para disfarçar seu tremor.

— E a garota menciona Weitzel no diário?

— Eles eram duas crianças ainda e acreditavam estar apaixonados. Maggie achou que estava grávida e, em 1968, isso era realmente um problema *grave*. Se Mi te abandonasse os estudos, a fim de trabalhar para sustentar uma família, seria enviado para o Vietnã.

— Mas... Tudo isso aconteceu há mais de trinta anos, Kaminski! Que relevância pode ter agora?

— É o que estou tentando descobrir. No início, pensei que Mike Weitzel fosse o assassino de Maggie. Ele a teria matado para escapar de uma situação sem saída e agora estava pronto para confessar o crime.

— E por isso teria lhe telefonado para marcar esse encontro ao qual não compareceu?

— Exatamente.

Wardlow estudou suas anotações por alguns instantes.

— Como ele parecia estar quando lhe telefonou para dizer que tinha algo muito importante a revelar?

Jackie demorou um pouco para responder, percebendo a importância daquela análise.

— Bem... Não tenho certeza absoluta, mas ele parecia perplexo. Ao mesmo tempo embaraçado e com um pouco de medo.

— Por que Weitzel teria medo ou ficaria perplexo?

Acha que algo acionou o gatilho de sua memória quando ele veio visitá-la de manhã?

— Eu não notei nada de excepcional. Alguns vizinhos estavam no terraço da casa ao lado e achei que Mike ficou tenso ao vê-los. Depois, a corretora através de quem comprei esta casa veio me ver, mas ele já estava indo embora. Os dois discutiram a respeito de um carro novo.

— Discutiram de verdade?

— Os dois são vendedores e estavam testando suas habilidades, entende?
Em resumo, ninguém disse nada muito significativo. Pelo menos, eu não consigo me lembrar.

— Então me fale sobre esses vizinhos cuja presença o perturbou.

Com extrema concisão, Jackie relatou sua conversa prévia com Gerald Pinson e com as irmãs Betker.

— Você tem essas entrevistas registradas?

— perguntou Wardlow.

— Estou organizando-as e colocando tudo em um arquivo do computador.

— O chefe certamente vai pedir que você vá até a delegacia para um inquérito formal.

— Eu sei — disse Jackie, sentindo-se culpada. — Reconheço que já devia ter ido até a delegacia, mas o bebê tem ocupado todo o meu tempo. Ainda estou aprendendo a organizar minha vida em torno das horas em que ele mama. Além disso, eu estava trabalhando em um caso antigo e sem importância... Até agora. Vou telefonar para o chefe amanhã cedo, prometo...

— Tudo bem, Kaminski. — Wardlow fechou seu caderno de anotações. — Agora me entregue o diário e eu darei o fora e a deixarei em paz para amamentar Danny. Se lembrar de mais alguma coisa, ligue para mim.

— Brian, posso ficar com o diário por mais um dia?

— Você quer ficar com o diário? — Wardlow a fitou com uma expressão de censura. — Mas você nem está participando desta investigação, Kaminski!

— Estou sim! Claro que não é uma participação oficial, mas fui encarregada de investigar a morte de Maggie Birk. O chefe disse que eu podia levar esse caso adiante.

— Só que agora temos um sujeito assassinado com um tiro nas costas bem no meio da cozinha da casa dele, Kaminski.

É possível que exista alguma relação entre essa morte e os ossos do seu quintal, mas a situação ficou mais séria e temos nas mãos um caso a ser resolvido com urgência.

— E muito difícil decifrar a letra do diário de Maggie, Brian! Vocês iriam levar muitas horas para ler uma só página e eu já me acostumei com os

garranchos da garota.

— Ela o fitou com um olhar quase de súplica. — Posso?

— Mas, Kaminski...

— Estou quase terminando, Brian! Se você deixar o diário comigo por mais um ou dois dias, eu farei um relatório completo sobre o que há de importante nele. Você não vai ter tempo de ler nem uma página à esta altura das investigações.

Wardlow mantinha o olhar em seu caderno de anotações, batendo a caneta ritmicamente na capa dura.

— Eu odeio quando você faz isso! — exclamou Jackie, automaticamente.

— Eu sei, — Ele sorriu e seu rosto cansado ficou menos tenso por alguns instantes. — É por isso que eu faço.

Jackie devolveu o sorriso, mas rapidamente voltou a ficar séria.

— Já conseguiram descobrir alguma coisa na cena do crime?

— Só temos as evidências básicas e nossas conjecturas, nada de muito positivo, entende? A equipe da identificação ainda está trabalhando na cozinha de Weitzel.

— Então me fale sobre suas conjecturas.

Wardlow se acomodou melhor na cadeira antes de começar a falar.

— Bem, estou quase certo de que ele conhecia seu assassino.

— Não há nenhum sinal de entrada forçada?

— Absolutamente nenhum. O corpo de Weitzel jazia perto da porta e ele estava com um copo na mão quando atendeu a campainha.

— Como concluiu isso?

— Porque o copo caiu no chão quando ele foi baleado e não antes.

— Então... Ele atravessou a cozinha para atender a porta e...

— E reconheceu seu visitante. Deve ter se sentido à vontade o bastante para se virar de costas para o recém-chegado e, sempre carregando seu copo de bebida, indicou-lhe o caminho para dentro da casa. Mal ficou de costas, o assassino meteu-lhe uma bala, à queima-roupa.

— Tem idéia de que tipo de revólver foi a arma do crime?

— Algo muito potente. Há marcas de pólvora nas costas de Weitzel e um rombo enorme no peito dele, com cacos de osso das costelas.

— Parece ser um 357 — murmurou Jackie, com uma expressão concentrada. — Uma arma de calibre menor não faria tanto estrago.

— Foi o que eu achei. Mas, se Weitzel se virou de costas e começou a andar para o interior da casa, é óbvio que não pode ter visto a arma, concorda? E um 357 é quase impossível de ser escondido.

— Não necessariamente, Brian. Já vi mulheres que carregavam seus 357 dentro das bolsas. Não são armas comuns em tamanho menor, mas sei que existem.

— Bem, saberemos mais quando a turma da balística analisar a cápsula. Ainda não a retiraram da porta da geladeira.

— Era uma arma muito potente e a pessoa disparou à queima-roupa nas costas de Weitzel — recapitulou Jackie, pensativa.

— Isso significa que o assassino deve ter algumas marcas de abrasão em suas mãos, certo? É preciso manter em mente esse detalhe durante os interrogatórios dos vizinhos.

— Eu já disse o quanto gostaria que você voltasse ao trabalho, Kaminski? — perguntou Wardlow, rindo e balançando a cabeça.

— Uma ou duas vezes... — Jackie deu uma risada alegre.

— E prometo que voltarei, tão logo seja possível. Enquanto isso, terminarei de ler o diário, digitarei todas as informações e farei o possível para colaborar aqui do meu ponto de vantagem. Afinal, já conheço os vizinhos e eles falam comigo sem ficar tensos.

— Então, vá falar com a mãe de Weitzel e com aqueles vizinhos que estavam no terraço.

— Está bem, irei amanhã cedo falar com eles.

— Obrigado, Kaminski. Se você conseguir algumas informações que eu possa incorporar às minhas, irá me poupar uma montanha de trabalho.

— E você sabe que estou sempre pronta a agradá-lo, Brian! Jackie levantou-se e acompanhou seu parceiro até o vestíbulo.

— Alguns dos vizinhos ouviu o tiro ou viu alguma movimentação suspeita nas proximidades da casa de Weitzel?

— Até agora não conseguimos nada. Não se trata de uma rua simpática como esta em que você mora, Kaminski.

É um bairro de alto nível e por isso ninguém fica em casa durante o dia. Todos devem estar trabalhando duro para *pagar* por suas casas suntuosas.

— E quanto a empregadas ou governantas?

— Não conseguimos contatar nenhuma, por enquanto. Mas, de qualquer forma, vai ser muito difícil, sabe? As propriedades ficam muito afastadas umas das outras, a fim de garantir a privacidade dos moradores. É quase impossível ver a entrada de uma casa se você estiver a. porta de outra.

Brian colocou a mão na maçaneta, ruas não a abriu, voltando-se para encarar Jackie. Ela manteve o olhar firme, já imaginando o que seu parceiro ia lhe dizer.

— Esse crime muda completamente a importância daquela carta anônima ameaçadora que você recebeu. Já pensou nisso, Kaminski?

— É... A idéia passou pela minha cabeça — murmuro ela, pouco à vontade.

— Que inferno! Eu pretendia passar para ver você logo depois de sua volta da maternidade. Mas as coisas têm andado tão agitadas na delegacia que não me sobrou u minuto livre. E eu achei que tudo estava muito bem...

— Pare de se recriminar ou nós dois acabaremos ficando paranóicos, Brian. A carta pode ter sido apenas uma brincadeira de mau gosto.

— Mas quem a escreveu sabia sobre o dedo do bebê.

— Também pensei sobre isso. Pode ter havido algum vazamento de informação sobre os resultados da autópsia.

— E como isso teria acontecido?

— Através de Eleanor Betker. Ela trabalhou muitos anos como enfermeira até se aposentar. Mas talvez ainda tenha contatos dentro do hospital e uma dessas pessoas lhe falou sobre o dedo arrancado do esqueleto do bebê. Então, ela decidiu fazer uma brincadeira...

— Caia na real, Kaminski! Ameaçar matar um bebê vai muito além de uma simples brincadeira, concorda? Agora temos mais um cadáver nas mãos e parece haver uma ligação entre os três acontecimentos.

— Não se preocupe comigo, Brian. Eu estou muito bem. Tenho meu revólver e mantenho-me alerta a todos os detalhes de segurança.

Além disso, se algo me deixar nervosa ou desconfiada de algum perigo, posso ir para a fazenda de Paul e passar alguns dias com ele até vocês prenderem o assassino.

Brian ainda relutava em abrir a porta.

— Dê o fora, companheiro. Você tem muito trabalho a fazer. Wardlow finalmente se decidiu. Parada à porta, Jackie viu o companheiro entrar no carro e se afastar.

Ela estava fechando a porta quando Danny começou a chorar. Ela correu para junto do filho e o tomou nos braços desejando protegê-lo de todos os perigos do mundo.

Sabendo que ficaria com o diário apenas por mais um ou dois dias, Jackie abriu-o ao ponto em que parará, quando Maggie e Lenny haviam brigado por causa do anel desaparecido. Ela começou a ler por alto, pulando as descrições do cotidiano da garota, sempre intercaladas com passagens românticas sobre Mike Weitzel.

Desde o início, Jackie se entristecia ao constatar como a pobre garota cobria o namorado de elogios. A pequena Maggie morrera há mais de trinta anos e agora que Mike Weitzel estava a caminho da morgue, para ser analisado e preparado para a autópsia, o relacionamento dos dois parecia ainda mais melancólico.

Provavelmente Maggie Birk fora a única mulher na vida de Mike que o idolatrara de uma forma tão absoluta. Na verdade, a pobre garota estava de tal forma apaixonada que decidira usar alguns subterfúgios para prendê-lo ao lado dela.

No final de abril, Maggie confessara em seu diário que tivera eólicas muito fortes e sua menstruação fora terrível, acabando com suas esperanças de estar grávida de Mike. Entretanto, ela ocultara essa informação do namorado, preferindo deixá-lo acreditar que iria ter um filho dele. Dessa forma, mantinha a pressão para que o rapaz enfrentasse os pais ou os ignorasse, fugindo com ela.

"Sei que é difícil para Mike, mas realmente será melhor assim. Podemos pegar um ônibus e ir para o Canadá" escrevia Maggie, em seu otimismo quase infantil. "Então, encontraríamos uma pequena propriedade no campo e plantaríamos tudo que fosse preciso para nos sustentar. Muitos jovens estão fazendo isso. E a fronteira fica a pouco quilômetro daqui Assim, Mike nunca teria de ir para a maldita guerra do Vietnã e teríamos nosso bebê!

Se eu engravidar logo, ele nem vai, saber que menti.

Oh! Como eu gostaria que se decidisse logo e pudéssemos partir!"

Será que o fato de Maggie ter escondido a verdade de namorado teria provocado sua morte? O jovem Mike Weitzel teria matado a namorada porque não lhe ocorria nenhuma outra saída para aquele problema, insolúvel?

Se fosse esse o caso, a quem pertenceria o bebê cujo esqueleto fora encontrado junto com Maggie? E como se chegaria a uma conclusão sobre o assassinato da jovem agora que Mike Weitzel também estava morto?

Domingo, 25 de maio de 1968

Hoje foi mais um daqueles dias insuportáveis, em que o Alban vai para a clínica e eu fico sozinha em casa com o Lenny. Como eu odeio quando isso acontece! Aquele monstro obeso se torna cada dia pior. Está tão imenso de gordo que praticamente se arrasta dentro de casa e não põe mais os pés na rua.

Não sei mesmo o que vai acontecer com o infeliz se continuar engordando assim... Acho que vai é estourar! O esganado se empanturra o dia todo, como um porco. Se enche de balas, chocolates, devora pacotes de salgadinhos e de biscoitos, enfim, tudo que encontrar na sua frente vai pela goela abaixo. Parece que quer engolir tudo rapidamente, antes que alguém tire a comida de perto dele.

Na semana passada, tentei falar com o Alban, para dizer que o Lenny devia fazer um bom regime. Eu disse que podia aprender a fazer refeições com poucas calorias e parar de comprar aquelas coisas engordativas que o infeliz devora o dia inteiro. Só isso já o faria perder um bocado de peso!

Mas o Alban disse que um regime para emagrecer é uma decisão absolutamente pessoal e, até que o Lenny, por conta própria, tomasse a decisão de entrar numa dieta, nada daria certo.

— Não podemos ser disciplinados no lugar dele, Maggie. Lenny terá de assumir a responsabilidade por si mesmo.

E isso é verdade, porque o infeliz do Lenny devia estar fazendo um pouco de exercício no porão todos os dias e não faz. Uma das suas obrigações é cortar lenha para a lareira, mas acabo tendo de fazer o trabalho por ele, além das minhas tarefas. Fico manejando aquele machado enorme e pesado, enquanto o miserável se larga na escada e dá risada quando vê o meu esforço! Que monstro preguiçoso!

Acho que Alban começou a dar plantão mais vezes na clínica porque está ajeitando as coisas para sua partida. Ele pretende ir logo para Portland, embora não tenha falado sobre o assunto conosco. Nem o Lenny sabe direito quais são os planos do pai. Uma vez, eu lhe perguntei se sabia de alguma coisa e ele me mandou calar a boca.

Acho que o Alban e o Lenny não estão se dando muito bem. Sei que ninguém pode se entender bem com aquele infeliz, mas quando eu cheguei aqui, os dois ainda conversavam, uma vez ou outra e até riam juntos quando assistiam televisão. Agora, mal se falam. O ambiente na casa está tão pesado que fico

arrepiada só em pensar que terei de ir para Portland com eles, mas não imagino que outra saída posso ter!

Mike sabe de tudo que está acontecendo e, se ele não conseguir encontrar um jeito de sair da casa dos pais e de nos sustentar, não terei outra escolha. Não posso ficar aqui, morando no meio da rua. Mas se ele não toma essa atitude, ainda acreditando que vou ter um filho, talvez então não me ame de verdade.

Mas eu não posso acreditar nisso! Não posso! Sei que Mike me ama muito!

Voltando ao assunto, depois que o Alban foi para a clínica, o Lenny veio para a cozinha e começou a devorar um gigantesco pacote de batata frita. Ele ficou mastigando de boca aberta, enquanto me olhava lavar a louça, e dizendo coisas idiotas e muito estranhas. Como, por exemplo, de que jeito eu gostaria de morrer. E, se eu tosse matar alguém, se preferiria matar a vítima com um tiro ou picá-la com uma faca enorme!

Na verdade, o Lenny sempre fez essas perguntas cretinas e nunca me preocupei com essas manias de moleque idiota. Mas hoje, ele parecia realmente interessado nas minhas respostas e até menos irritante do que de costume. Só que eu não agüentava mais ficar olhando ele se empanturrar de comida pouco saudável. É como ficar olhando alguém cometer suicídio.

Então, eu disse que precisava ir para a minha aula de canto na casa de Gerard Pinson e voltaria em tempo de fazer o jantar. Sai voando de casa!

Aqui é tudo tão bonito na primavera, com milhares de pássaros cantando e outros milhares de flores desabrochando! Como eu gostaria de não ter de ir embora... Eu adoraria que o Alban e o Lenny partissem, é claro.

Então, se fosse possível, eu e o Mike ficaríamos morando nesta casinha simpática e criaríamos a nossa família. É com isso que eu sonho!

Mas, enfim, fui para a casa do Sr. Pinson e ele ficou bem contente de me ver. Parecem meio surpreso de me ver checando, porque faz um bem tempo que não apareço, mas não disse nada. Pegou uma música e sentou-se para tocar o piano.

A música se chamava "Flow Gently Sweet Afton" e era realmente difícil de cantar. Mas, enquanto ensaiávamos a canção, ele ficou me olhando de boca aberta, como se eu fosse algum tipo de anjo. É bem gostoso impressionar tanto assim uma pessoa!

Eu até estava começando a achar que o Sr. Pinson era uma pessoa legal e meio atraente... Do jeito dele. Não lindo de morrer como o Mike, mas bonito como

um desses ingleses que moram em um castelo e tem algum título de nobreza.

Só que, depois do que vi hoje, nunca mais direi uma única palavra boa a respeito desse homem! Nunca mais!

Tive que parar de escrever e abraçar bem forte a minha querida boneca antes de continuar, porque o que aconteceu foi horrível. Claro que foi por culpa minha e sei muito bem disso. Ninguém me obrigou a olhar o que havia dentro daquele envelope.

E como resistir à tentação? Quando o Sr. Pinson saiu da sala para ir ao banheiro, eu vi o canto do envelope, debaixo de uma pilha de revistas, na mesinha em frente ao sofá. Na mesma hora tive certeza de que era um daqueles que Steve Weitzel entrega ao professor e recebe dinheiro em troca.

Enquanto o Sr. Pinson não estava na sala, corri até a mesinha e peguei o envelope. Quando olhei dentro dele, não consegui acreditar nos meus olhos. Era horrível! Esse homem deve ser um monstro! Jamais chegarei nem perto dele, mesmo se estivermos na rua! Quando penso em todas as vezes que entrei naquela casa sem desconfiar de nada...

. Mas, o pior de tudo foi que ele voltou e me pilhou com o envelope na mão. Acho que fiquei tão horrorizada com as fotografias horríveis que me esqueci de tudo e fiquei parada, olhando. Nem me lembrei do Sr. Pinson, até a hora em que o vi entrar na sala.

O professor já não parecia mais um simpático lorde inglês, é claro! Ficou com uma cara ameaçadora, como se quisesse me matar, mas não disse nada, só atravessou a sala e sentou-se de novo ao piano.

— Então, agora você sabe. O que pretende fazer?

Eu não consegui dizer nada e, depois de jogar o envelope no chão, sai correndo daquela casa, como se ele estivesse me perseguindo. Só que ele continuava sentado na banquetta do piano me encarando com um olhar gelado e furioso.

Eu estava tão perturbada que não suportava a idéia de voltar para casa e agüentar mais umas duas horas na companhia do Lenny. Decidi, de repente, passar pela casa das irmãs Betker, embora eu quase não tenha aparecido por lá, nos últimos tempos. A Eleanor foi mesmo um amor comigo. Ela me abraçou enquanto eu chorava e me fez contar o que havia acontecido de tão sério. Quando

eu finalmente abri o bico, disse para eu não me preocupar com aquilo, porque todas as pessoas são diferentes e muitas têm preferências sexuais estranhas, até incompreensíveis, e eu devia sentir pena e não raiva do Sr. Pinson.

Então eu disse que nunca conseguiria sentir pena daquele homem nojento e comecei a chorar de novo. A Eleanor sentou-se ao meu lado, no sofá, e me abraçou bem forte, falando baixinho comigo e batendo nas minhas costas como se eu fosse uma garotinha e ela minha mãe. Foi tão gostoso! A mãe nunca tocava na gente, era muito raro isso acontecer. Já o meu pai, quando chegava perto de nós, era para dar uma surra, em geral com sua maldita cinta de couro!

A Emma apareceu quando nós duas estávamos sentadas no sofá, abraçadas, falando baixinho, e teve um acesso de raiva. Começou a gritar um monte de coisas para a Eleanor, das quais não entendi nem a metade, e depois saiu correndo da sala e subiu as escadas, sempre chorando e berrando. A Eleanor me deu um beijo no rosto e disse para eu não ir embora que ela logo voltaria, e foi cuidar da irmã.

Só que eu já estava perturbada demais com a cena na casa do Sr. Pinson e agora mais uma na casa das Betker. Saí na ponta dos pés, antes que a Eleanor voltasse para a sala, e passei duas horas andando pelas ruas. Só voltei quando vi o carro de Alban parado na frente do portão.

Eu tinha esperanças de encontrar o Mike enquanto andava pelo bairro, mas agora ele está trabalhando nos fins de semana e quase nunca sobra tempo para ficarmos juntos. Às vezes sinto uma solidão tão grande que tenho vontade de chorar e nunca mais parar. Já não sei mais o que vai acontecer comigo...

As palavras melancólicas de Maggie provocaram uma onda de tristeza em Jackie. Ainda restava uma última entrada no diário e fora feita no dia 3 de junho, uma data muito próxima do desaparecimento definitivo daquela pobre garota

Mas Jackie estava exausta demais para continuar lendo. O dia fora longo e agitado demais. Ela mal conseguia manter os olhos abertos. Fechou o livro e, depois de dar um beijo em Daniel e ter certeza de que seu revólver estava carregado e fácil de ser alcançado, caiu na cama e adormeceu, imediatamente.

CAPÍTULO XX

Na manhã seguinte, Jackie acordou cedo e foi logo cuidar do bebê. Levou-o até a cozinha, depois de amamentá-lo, e colocou-o no bebê conforto. Então,

sentou-se à mesa e comeu uma tigela de cereais com leite desnatado.

Com os olhos fixos no filho, acomodado tranqüilamente em sua cadeirinha, Jackie o balançava de leve. Danny a olhava de volta, com seus olhos escuros brilhando, os cabelos levemente espetados. Ele fez uma careta e espirrou, depois virou a cabeça de lado para recuperar o fôlego, antes de olhar de volta para a mãe.

— Danny! — exclamou ela, colocando a tigela de lado.

— Querido, você sorriu para mim!

O coração dela disparou tamanha sua emoção. Ajoelhou-se perto da criança e afagou-lhe a cabeça.

— Danny sorriu! Sim, meu filhinho sorriu! Com apenas três semanas de vida, o pequeno Daniel deu um lindo sorriso para a mamãe. Faça isso de novo, querido. Vamos praticar para surpreender o papai.

O garotinho se mexeu no bebê conforto, contente com a atenção recebida, então esboçou um sorriso e fechou os olhos, mostrando-se cansado.

Jackie deu uma risada alegre e pegou-o no colo, aninhando o pequenino corpo contra o seu.

— Meu querido — sussurrou ela. — Amor da mamãe!

Gostaria de telefonar para o papai e contar que você deu seu primeiro sorriso hoje, mas sabe de uma coisa? Acho que seria bem mais divertido se ele mesmo se surpreendesse, vendo o filho sorrir, quando vier nos visitar amanhã.

Os olhos de Danny quase não paravam abertos, e ele levou a mãozinha até a orelha, sinal de que logo adormeceria. Depois de colocá-lo no carrinho, Jackie verificou se as portas estavam trancadas e se o gato saíra de casa, para ficar, como sempre, deliciando-se com o sol da varanda.

Depois de certificar-se de que o filho dormia, ela desceu as escadas em direção ao porão, e sentou-se em um dos últimos degraus.

Provavelmente não houvera nenhuma mudança naquele porão, nos últimos trinta anos, e a falta de uso era demonstrada pelo acúmulo de sujeira e o forte cheiro de bolor. Será que alguém teria usado aquele lugar abafado, para dormir, depois de Lenny Cernak?

Sem dúvida, o porão fora usado para guardar as caixas usadas nas mudanças dos moradores de casa, junto com móveis velhos e outras bugigangas. Nada além de trastes sem valor e, naquele momento, não era diferente, pois Jackie colocara ali todas as caixas que ainda não conseguira abrir desde sua

chegada à nova moradia.

As paredes, cheias de rachaduras, mostravam as marcas da água, que, com o passar dos anos subiam cada vez mais durante as chuvas torrenciais.

No canto oposto, amontoavam-se achas de madeira para lareira. Jackie levantou-se e chegou mais perto da pilha, ficando na ponta dos pés para tentar ver *algo* por cima. Conseguiu identificar um velho machado encostado na parede, do qual aparecia apenas uma pequena parte do cabo.

Nos dias de hoje, as pessoas compravam a lenha já cortada, portanto, não era necessário ter um machado dentro de casa.

Jackie olhou para o cabo reluzente pelo uso, por um longo tempo, imaginando porque ela e Wardlow nunca tinham pensado em inspecionar o porão. Mas a idéia de que a arma do crime, se essa realmente fosse a finalidade daquele machado, continuasse no mesmo lugar, perto da pilha de madeira, era um tanto quanto inacreditável.

Mais tarde, telefonaria para Wardlow, pedindo-lhe que viesse retirar o objeto, para ser classificado como evidência do crime e depois examinado pelo laboratório. Entretanto, seria bem difícil o técnico conseguir identificar alguma impressão digital ou vestígios de sangue, depois de tantos anos, de tanta poeira, de tantas inundações.

Jackie sentia uma profunda raiva diante da arrogância evidente naquele crime, como se a morte de Maggie fosse tão insignificante quanto a de um rato ou qualquer outro animal nocivo.

O assassino despedaçara o corpo da garota, com um machado, jogara os pedaços numa cova rasa no fundo do quintal e depois voltara a cortar lenha para a lareira!

Ela aproximou-se mais, franzindo a testa. A pilha de lenha estava coberta de teias de aranha, mas as que cobriam o machado haviam sido ligeiramente afastadas. Inclinando-se, pôde perceber que alguém se encostara nas madeiras a fim de pegar o machado.

Talvez Paul tivesse vindo ao porão, em sua última visita. Jackie tentou acreditar nessa possibilidade, a fim de afastar um terror crescente. Teria de perguntar isso a ele, quando retornasse à cidade.

E por que Paul precisaria de um machado?

Ela foi até o último degrau da escada e sentou-se. Procurou voltar trinta anos e imaginar que era Lenny. Ele costumava ficar ali, olhando Maggie cortar

lenha, uma tarefa que era sua responsabilidade, mas sempre acabava sendo feita pela empregada.

Ela tentou visualizar o corpo ligeiramente deformado da pobre garota, apenas entrevisto através da poeira que cobria o porão e por causa da escassa iluminação que chegava através de uma janela imunda. Os cabelos ruivos de Maggie teriam sido a única nota colorida naquele quadro de tons acinzentados e sombrios.

Na imaginação de Jackie, a garota erguia o machado e partia uma acha, que se dividia em duas e caía ao chão.

— Eu sou Lenny — dizia Jackie em voz baixa.

— Sou um adolescente obeso, sem nenhum atrativo e muito maldoso. Sinto ódio de mim mesmo e de todas as outras pessoas. Gosto de ser cruel com criaturas mais fracas do que eu. Como estaria me sentindo ao ver Maggie cortar lenha?

Ela encostou a cabeça nos joelhos, nauseada e sentindo um frio intenso tomar conta de seu corpo.

Tudo que havia de bom e de belo na vida parecia ter se esvaído de sua mente.

Agora só existia desesperança, confinamento e um ódio tão intenso e feroz que lhe dava vontade de gritar, de ferir e destruir, de ver o sangue correndo até inundar o mundo...

Jackie deu um grito e subiu correndo as escadas. Ao entrar na cozinha, apoiou-se na pia, certa de que iria vomitar. Após alguns instantes, em que seu corpo não parou de tremer, as visões de horror foram se tornando mais fracas. Aos poucos, começou a ouvir o canto dos pássaros que voavam por entre os galhos do cedro e viu as petúnias coloridas em seu novo canteiro de flores.

Ele ainda está aqui! Olhando para o quintal silencioso, Jackie teve certeza...

De alguma forma, sabia que essa intuição não era produto de uma imaginação exacerbada pelas mudanças em seu organismo alterado pelo parto. Ela se defrontava com uma verdade muito concreta, tão real e imutável quanto às pedras do chão.

Lenny Cernak estava em algum lugar muito próximo, tão perto dela a ponto de poder espioná-la quando lhe aprouvesse. Talvez, naquele instante, ele estivesse observando seus movimentos. Mas Jackie não tinha uma única pista que a ajudasse a descobrir a identidade dele.

Enfim, Lenny Cernak poderia ser qualquer pessoa!

Danny dormia, tranquilamente no carrinho e Jackie segurou a mãozinha do filho até sentir menos trêmula.

Duas horas depois, Jackie amamentou novamente o filho e colocou-o, pela primeira vez, na mochila canguru. Teria um dia cheio e precisaria ficar com os braços livres. O carregador, que ficaria preso nos seus ombros, seria mais prático do que empurrar um carrinho de bebê.

As tiras de veludo grosso não eram fáceis de manejar, quando não se tinha experiência, mas Jackie conseguiu, após várias tentativas, colocar o filho na bolsa de tecido sobre seu peito. Depois de pegar a sacola de fraldas, ela saiu da cozinha, feliz com a liberdade de não estar empurrando um carrinho, enquanto lutava para abrir portões ou subir escadas.

Jackie parou por um instante no terraço e, após um minuto de hesitação, voltou correndo para dentro de casa. Foi até o quarto pegar seu revólver.

Depois de carregá-lo, escondeu-o na sacola de fraldas e sentiu-se incrivelmente mais segura por saber que estava com a arma ao seu alcance.

Finalmente, ela saiu de casa. A manhã estava maravilhosa, ensolarada e cálida. O bebê, aconchegado em seu peito, como um verdadeiro filhote de canguru, dormia placidamente.

Passando a mão na penugem macia da cabecinha do filho, Jackie atravessou a rua, e encaminhou-se para a casa de Dolly.

A sala estava cheia e todos tinham aquela expressão chocada e triste que Jackie vira tantas vezes após uma morte violenta. Dolly sentara-se à cabeceira da mesa de jantar e mantinha o olhar fixo na janela, como se avistasse algo fora de casa. Suas mãos, cobertas de manchas senis, se moviam mecanicamente, puxando e empurrando a toalha.

Ninguém na sala lhe parecia familiar, a não ser Gerald Pinson, que estava distante do grupo, conversando em voz baixa com um rapaz corpulento e espantosamente parecido com Mike Weitzel. Sem dúvida, devia ser um dos irmãos,

Provavelmente tratava-se de George, pois Steve Weitzel se afastara da família.

Na verdade, a semelhança entre todos os membros da família era muito evidente. A bela senhora de cabelos grisalhos, sentada ao lado de Dolly, murmurando e abraçando-a com ternura, devia ser Laura Weitzel. E os jovens, os

netos de Weitzel, também se pareciam entre si.

Jackie murmurou os pêsames à Dolly, que retribuiu o gesto de simpatia com o sorriso distante de quem ainda não conseguiu assimilar a realidade.

— Por favor, comam alguns biscoitos — ofereceu Dolly.

— Alguém aceita uma xícara de chá? Também podemos fazer um café...

Jackie percebeu que aquela demonstração de hospitalidade quase compulsiva devia-se à dor profunda e era a única maneira que a velha senhora encontrara para lidar com essa emoção.

Dolly Weitzel pertencia a uma geração que acreditava em velhas tradições e mitos. Quando a vida se tornava insuportável, ela não conhecia remédio melhor do que o conforto oferecido pela comida.

E a impressão de Jackie confirmou-se diante do olhar significativo que Laura lhe lançou ao se levantar.

— Volto logo, mamãe. Jennifer?

— Ela dirigiu-se a uma jovem esbelta, cabelos negros e longos, com cerca de quinze anos. — Querida, você pode fazer mais um bule de café para a vovó, por favor?

Laura Weitzel acompanhou Jackie até a sala de estar, onde outros membros da família e vizinhos conversavam baixinho. John Caldwell também estava lá, mas não havia nenhum sinal das irmãs Betker.

— 'Você é a policial que vive do outro lado da rua, não?

— perguntou Laura, num fio de voz,

— Sim, sou eu. E este é meu filho, Daniel.

Sorrindo, Laura estendeu o braço para tocar um dos pezinhos do bebê que continuava a dormir. Sua mão era delicada e mostrava sinais de anos de trabalho árduo. Seu rosto refletia sabedoria de vida e uma imensa compaixão. Na verdade, Laura Weitzel tinha uma beleza que vinha de dentro, além dos traços bonitos.

E deferia estar beirando os cinquenta anos.

— A polícia tem alguma idéia de quem cometeu essa atrocidade? — perguntou Laura. — E tão... É horrível. Coitada da minha mãe.

Jackie tocou o ombro da mulher, em um gesto inconsciente de simpatia.

— Estamos analisando todos os tipos de pistas. Na verdade...

— Ela hesitou, sabendo que aquele não era o melhor momento para fazer perguntas, mas dentro em breve a família de Laura voltaria para Michigan, e

Jackie não podia perder aquela oportunidade de questioná-los.

— Podemos conversar em algum lugar mais privado?

Laura a fitava com os olhos arregalados.

— Eu não... Eu não consigo acreditar no que você está me contando. É tudo tão...

As duas estavam na ponta do terraço, onde as persianas de madeira as protegiam de olhares curiosos e do burburinho das pessoas que iam aparecendo para visitar Dolly.

Procurando ser delicada, Jackie revelou à irmã de Mike Weitzel a descoberta do esqueleto na cova de seu quintal e falou sobre a ligação entre ele, que acabara de ser morto, e a garota que fora assassinada, há mais de trinta anos.

— Mas você não está insinuando que Mike teve algo a ver com a morte dela?

— Não sei — respondeu Jackie. — Acredito que, de alguma forma, duas mortes estão ligadas... A de Maggie Birk e a de seu irmão. Mas ainda não tenho certeza de nada.

— Se Mike tinha dezessete anos naquela época, a jovem morreu há quase trinta anos. Como as duas mortes, tão distantes no tempo, poderiam ter algum tipo de ligação?

— Não sei — repetiu Jackie.

Ela afagou a barriga de Danny com um olhar distante, tentando encontrar as palavras adequadas.

— Laura... — começou ela, hesitante.

— Sim?

— A informação que vou lhe dar agora não foi revelada ao público, por decisão da polícia, mas... Havia um segundo esqueleto na cova.

— Como assim? — perguntou Laura, passando a mão na testa, num gesto que revelava seu desconforto. — É um momento tão difícil para nós...

— Tratava-se de um recém-nascido — insistiu Jackie, observando-a atentamente.

— A tal garota estava grávida? — perguntou Laura, horrorizada. — Está dizendo que Mike...

— Não, na verdade, nós não acreditamos que o bebê fosse filho de Maggie Birk. Ainda não temos a menor idéia de quem possa ser a mãe. Só sabemos que foi enterrado no quintal, junto com a garota.

— Eu sinceramente não sei o que você quer de mim, investigadora.

— Laura, nós descobrimos que você engravidou na primavera de 1968.

A mulher mais velha fitava Jackie, com as mãos sobrepostas, sentada no mais extremo silêncio e sem nenhuma emoção no rosto pálido.

— Gostaria de saber o que aconteceu com o bebê que você teve naquele ano — disse Jackie.

De repente, o rosto de Laura se transformou, revelando uma grande alegria e orgulho.

— Meu filho? — respondeu ela, com a voz emocionada.

— Ele está ali.

Laura apontou para a cozinha, onde um homem, alto e esbelto, conversava com um senhor grisalho, que só podia ser o marido de Laura "Weitzel, o diretor executivo da Ford. Aparentava ter por volta de trinta anos, bem mais idade do que a multidão de netos. E ele também tinha os traços característicos dos Weitzel em suas feições marcantes e cabelos escuros e ondulados.

Confusa, Jackie virou-se para Laura.

— Achei que você o tinha entregue à adoção.

— Foi o que aconteceu—sussurrou La Tira, olhando para as mãos. — E quase morri por causa, disso. Se David não tivesse aparecido na minha vida e se apaixonado por mim, não sei o que poderia ter acontecido. Durante todos esses anos, não consegui esquecer o filho que eu tinha abandonado. Em ocasiões como o Natal ou o aniversário dele, e até no nascimento das outras crianças, eu me sentia tão... — Laura não conseguiu continuar.

— Eu compreendo — disse Jackie, apertando o filho ao encontro dela. — Acredite em mim, Laura, eu a entendo perfeitamente.

Ela sorriu, agradecida.

— Então, no ano passado, David sugeriu que começássemos uma busca. Meu marido contratou um detetive particular e, logo depois do Natal, nós o encontramos. — Laura sorria com a alegria de ter o filho de volta. — Ele não é

lindo?

— Sim, ele me parece uma boa pessoa.

— Ele é engenheiro aeroespacial da Boeing. A família adotiva cuidou tão bem dele! São maravilhosos, sabe? Ele completou vinte e nove anos, é casado e tem dois filhos lindos. Logo nos disse que queria conhecer suas raízes e, neste verão, pretendia se apresentar à minha mãe e à Mike. Nós ainda não tínhamos contado nada para nenhum dos dois e agora meu irmão jamais...

— Eu sinto muito. — Jackie levantou-se e colocou a mão no ombro da mulher. Então caminhou na direção da porta, onde encontrou Gerald Pinson, que também estava de saída.

— Olá, investigadora — cumprimentou ele, com apenas uma pálida manifestação de seus costumeiros galanteios excessivos.

— Tudo isso é horrível, não?

— Tem razão, Gerald — respondeu Jackie, olhando-o com atenção. — Realmente é horrível.

Eles seguiram lado a lado até se afastarem da casa. Jackie protegia o bebê com o braço esquerdo, e com a mão direita, a bolsa de fraldas, onde estava sua arma.

— Falando nisso, Gerald...

Jackie saiu pelo portão que Pinson abrira para ela. Mas decidiu chamá-lo, quando viu que se encaminhava para a casa dele.

— Sim? — disse ele, parando de andar.

— Eu não conheço os Weitzel tão bem assim — começou Jackie, com casualidade. — Por acaso Steve era uma das pessoas que estava na casa de Dolly?

Mais uma vez, ela percebeu que a pose cautelosa e elegante de Gerald servia bem para disfarçar o nervosismo. Ele ficou imóvel e apenas seus olhos se movimentavam.

— Não — ele respondeu. — Pelo que eu saiba Steve não aparece na casa da mãe há anos. Apenas George estava presente.

— Que pena — comentou Jackie, aproximando-se um pouco mais dele, sempre protegendo seu bebê. — Imagino que você e Steve teriam muito o que conversar, Gerald.

Ele ergueu o queixo, num gesto quase de desafio.

— Não seja ridícula. O que eu teria para conversar com um jovem mau

caráter como Steve Weitzel?

— Bem, para começar, vocês poderiam discutir o que havia dentro daqueles grandes envelopes marrons que ele costumava lhe entregar.

A mudança na expressão de Pinson foi radical. Ele pareceu se encolher e murchar diante de Jackie como uma folha seca jogada no fogo. A fachada imponente desapareceu e ele se tornou um velho encurralado. Mas havia um brilho maldoso em seus olhos.

— Você acha que é muito esperta — disse ele. — Uma policial brilhante, não é? Mas não pense que me assusta. Isso aconteceu há trinta anos e não se pode provar nada.

— Talvez eu possa — respondeu Jackie. — Maggie Birk viu o que havia dentro de um desses envelopes. Não é verdade, Gerald?

— Maggie era uma vagabundinha, curiosa e ordinária. Teve o fim que merecia.

— Ela merecia morrer?

— Claro que sim — afirmou ele, mal-humorado.

— Mas não fui eu quem a matou, se é isso que você quer saber. Agora saia do meu caminho. Quero ir para casa..

Pinson passou a mãe trêmula nos catelos Jackie o olhava com atenção, avaliando até que ponto poderia pressioná-lo sem correr perigo.

O melhor a fazer, decidiu ela, era deixar o sujeito nas mãos de Wardlow e seu parceiro, assim como o diário de Maggie, que logo entregaria. Eles eram responsáveis pelo homicídio de Mike Weitzel e, cada vez mais, os dois casos pareciam interligados.

— Está bem, Gerald. Pode ir para casa agora. Mas saiba que um dos meus colegas de trabalho poderá aparecer a qualquer momento para uma conversinha. Portanto, aconselho-o a não sair da cidade.

As palavras eram casuais, mas não havia como esconder a advertência. Pinson olhou-a com frieza e, virando-se, começou a caminhar na direção oposta à dela.

Pensativa, Jackie observou-o se afastar, mas logo seguiu para sua casa, para amamentar Danny e prepara seu almoço.

Sentada na cadeira de balanço com o bebê no colo, Jackie concentrou-se na última passagem do diário de Maggie caligrafia se tornara irregular e

rabiscada, como se a garota estivesse bêbada ou drogada ao escrever aquelas palavras.

Mas não era o caso, constatou ela, começando a ler. A pobre menina estava fora de si de tanto pavor.

É horrível! Simplesmente horrível! Não tenho coragem nem de escrever as palavras para contar o que aconteceu. Mesmo fechando os olhos e cobrindo-os com as mãos, continuo vendo aquele horror. E as coisas que eles disseram... oh, meu Deus é pavoroso. Como eu não desconfiei? Vivi aqui nesta mesma casa, por todo esse tempo, e nunca soube de nada.

Mas agora eles vão me matar. Virão até o meu quarto e vão me matar! Não tenho por onde fugir estou sem saída. Se eu pular a janela, eles vão me ver e acabar me agarrando. Provavelmente estão esperando que eu faça isso.

Estou sentada no chão do quarto, perto da parede, para que a minha cabeça não apareça na janela e decidi escrever porque assim consigo me distrair e não gritar de pavor. Claro que tranquei a minha porta, mas eles vão dar um jeito de entrar, eu sei!

Nunca senti tanto medo em toda a minha vida. Eu não controlei o xixi quando vi o que estava acontecendo e molhei toda a minha roupa. Agora meu vestido está úmido e frio, mas estou apavorada demais para levantar do chão e me trocar, porque tenho medo que eles me vejam pela janela.

À medida que Jackie lia, sentia seu corpo sendo inundado pelo mesmo terror irracional, pelo sopro de ar maléfico que costumava envolvê-la no andar de cima, perto da janela do quarto do bebê.

Há mais de trinta anos, Maggie Birk se encolhera debaixo daquela mesma janela, tomada por um terror inconcebível, escrevendo em seu diário para não enlouquecer.

Será que emoções tão poderosas eram capazes de resistir e ter uma vida própria tanto tempo depois da morte das pessoas que as tinham sentido?

Franzindo as sobrancelhas, Jackie mudou o bebê de seio e continuou amamentando e lendo o diário.

Sei que eles vão vir logo me pegar e também sei que vão me matar. Não tenho medo de morrer. Como iria continuar vivendo depois de ter visto o que vi?

Mas não quero que encontrem o meu diário nem que peguem a minha querida boneca. Quando eu ouvir os passos deles se aproximando, vou escondê-los no buraco da parede. Talvez, algum dia, uma pessoa bondosa e gentil encontre os

dois. Então, vai saber que eu vivi neste quarto e que eu não era uma garota má ou que agiu errado.

Talvez essa pessoa até descubra que eles me mataram e então irá...

Era assim que terminava o diário de Maggie. .Abruptamente e com uma sentença fragmentada. Para sempre interminado.

Jackie fechou o caderno e ficou sentada no mais profundo silêncio. Olhou através da janela para os galhos de árvore e tentou imaginar o pânico daquela pobre jovem, encolhida dentro de seu quarto, esperando pela violência.

E, obviamente, aqueles que ela tanto temia a tinham capturado. Maggie tivera tempo apenas de guardar sua boneca de pano e seu diário no esconderijo na parede, onde permaneceram intactos por quase trinta anos após a noite de seu assassinato.

Mas por que a empregada de Alban Cernak fora morta?

O que Maggie teria testemunhado de tão grave? Quem seriam "eles", a quem a pobre garota não parava de se referir? Não era apenas Lenny, seu costureiro adversário, mas sim "eles".

Jackie terminou de alimentar o filho, trocou-lhe a fralda e colocou-o no bebê conforto. Em seguida, verificou sua arma na sacola de fraldas e seguiu para o carro, onde ajeitou Danny no banco de trás.

Então partiu para a delegacia, com a mente cheia de perguntas.

CAPÍTULO XXI

No estacionamento, Jackie pegou Danny, ainda no bebê conforto, a sacola de fraldas e sua pasta. Depois de hesitar por alguns momentos, ela seguiu para a porta da frente da delegacia de polícia, entrando no lúgubre vestibulo público.

A recepcionista, Ginny Shape, estava sentada atrás do balcão, atrás de uma parede de vidro reforçado. Ao seu lado ficava Alison Polson, a secretária que assumia freqüentemente o papel de mãe da equipe de investigadores. As duas pareciam discutir um programa de computador.

Jackie colocou o bebê conforto e o resto de suas coisas em uma bancada e esperou que a notassem. Alice foi a primeira a olhar para cima. Levantou-se na mesma hora e correu para fora, com Ginny logo atrás.

— Ah, meu. Deus! Olhe só! — exclamou Alice, apertando o pezinho de Danny. Ela inclinou-se para vê-lo melhor.

— Ele é um belo homenzinho, não é? Sim, é sim.

— Se ele responder a esse tipo de perguntas— brincou Jackie, sem sorrir—, eu o mandarei para a cama sem jantar. Olá, Ginny. Como vai?

— Estou bem, mas sentindo muito a sua Falta — respondeu a jovem recepcionista. —Esses homens não se comportam muito bem quando você não está por perto,

— Quem a está importunando, boneca? E só me dar os nomes inúmeros de distintivos. Vou ter uma conversinha com eles.

Ginny emocionou-se com a preocupação de Jackie.

— Não tenho a menor dúvida de que você faria isso.

— Ainda bem. — Jackie pegou mais uma vez o bebê conforto.

— O chefe ainda está na sala dele?

Alice balançou a cabeça negativamente, enquanto ia até a sala de Michelson e abria a porta para mostrar que não havia ninguém lá dentro.

— Eles estão na sala de reuniões, discutindo sobre o homicídio de Weitzel — informou ela. — Acho que todos já estão lá em baixo.

— Obrigada, Alice.

— Com toda sua bagagem, Jackie foi até a sala dos investigadores, que estava deserta. Pelo visto, todos estavam trabalhando na rua ou na reunião sobre o homicídio.

— Quanta coisa, Jackie! Quer uma ajuda? — perguntou Alice.

— Bem, você pode levar a sacola de fraldas, se quiser

— disse ela, suspirando aliviada ao tirar o peso dos ombros.

— Obrigada, querida. Mas tome cuidado, pois minha arma está aí dentro.

Alice achou graça nesse comentário e ainda ria quando desceram as escadas para a sala de reuniões. Deixando a sacola em uma cadeira na parte de trás do aposento, piscou maliciosamente para Jackie e voltou para o andar de cima.

Jackie escolheu uma mesa perto dos fundos, colocou o filho na cadeira ao lado, balançando-o um pouquinho para certificar-se de que ele continuaria dormindo por algum tempo. Abriu sua pasta, sentou-se e começou a organizar as anotações. Havia mais de vinte policiais no recinto, metade deles em seus

uniformes de rua, todos com blocos de notas nos joelhos.

O tenente Hatch conduzia a reunião, ao lado do sargento Michelson, ambos sentados na frente da sala, voltados para os demais. Juntos, eles explicavam os detalhes do caso "Weitzel, fazendo referências a uma planta da propriedade e da cozinha, e às fotografias coloridas da cenas do crime coladas em um quadro.

Jackie olhou as imagens sinistras de Mike Weitzel no chão de cerâmica de sua cozinha obviamente muito cara, no meio de uma poça de seu próprio sangue. Por mais que estivesse acostumada com aquele tipo de cena, sempre era mais difícil lidar com a situação quando conhecia a vítima pessoalmente.

Ela notou que os policiais se viravam para vê-la, com expressões que se tornavam amigáveis ou curiosas, quando avistavam o pequeno bebê ao lado. Wardlow acenou, e Michelson deu um sorriso caloroso.

Mas o tenente Hatch trabalhava na delegacia central e nitidamente não aprovava a presença de bebês em reuniões de homicídios. Ele reconheceu a presença de Jackie apenas com uma breve inclinação de cabeça.

— Sargento Welsh? — prosseguiu ele.

Claire Welsh, a técnica de identificação sênior, levantou-se e consultou suas anotações.

— Não encontramos nenhum sinal de entrada forçada, nem impressões digitais em qualquer ponto de entrada, excluindo as dos membros da família. Também não havia nenhum sinal de roubo ou de vandalismo. O fluxo de sangue do corpo inerte era tanto que praticamente bloqueava a única entrada para a sala de visitas, que também não apresentava nada de anormal.

— Qual é a sua conclusão, sargento?

— perguntou Michelson.

— .Ainda estamos analisando as pegadas. Mas, à essa altura, não existem motivos para acreditar que o assassino tenha estado em algum dos outros aposentos da casa Deu apenas alguns passos além da porta da cozinha, de onde o tiro foi disparado.

— Obrigada, Claire — O tenente olhou à sua volta.

— O investigador Wardlow está aqui?

O parceiro de Jackie se levantou e abriu seu bloco de anotações.

— A autópsia será feita no final da tarde de hoje Pringle e eu compareceremos - Teremos anais informações sobre a arma do crime quando a

balística terminar de analisar a cápsula que tiramos da porta da geladeira. Somando os depoimentos das testemunhas que escutamos... Continuamos na mesma. Conversamos várias vezes com a vizinhança, mas ninguém consegue se lembrar de ter visto um veículo desconhecido na área entre o meio-dia e às seis da tarde.

— Como você precisou esse horário? — perguntou um dos investigadores.

Wardlow olhou para Jackie.

— A investigadora Kaminsky falou com o falecido no telefone às 12:15. A garota que sai para passear com o cachorro chegou às seis horas da tarde e encontrou o corpo.

Hatch assentiu.

— Vamos falar sobre o envolvimento da investigadora Kaminsky dentro de alguns minutos. Você descobriu alguma coisa nos negócios ou vida particular de Weitzel que pudesse servir de motivo para alguém querer matá-lo?

— Ainda não — respondeu Wardlow. — Nos negócios, ele era muito honesto, cumpria o que prometia, pagava as contas em dia. Gostava de um flerte, mas parecia ficar longe de mulheres casadas e não tinha nenhum relacionamento sério no momento, apenas várias amigas com quem saía com frequência.

— E uma sabia da outra? — perguntou Michelson.

— Creio que sim. Era algo bastante sem compromisso de ambas as partes. Todos pertenciam à mesma classe social. Não é fácil encontrar homens solteiros nessa cidade e essas mulheres gostavam de usar Mike Weitzel como acompanhante, sempre que precisavam. Nenhuma delas pareci levá-lo muito a sério.

A não ser Maggie pensou Jackie, sentindo-se inexplicavelmente triste. A pobre garota o tinha levado a sério até demais...

— E Stephanie Mulder? — perguntou ela.

— Ela foi a querelante de uma queixa de trinta anos atrás contra Weitzel, da qual ele não se defendeu — relato Wardlow.

— Nós a localizamos hoje de manhã. Ela é casada com um soldado e atualmente vive na Alemanha. Disse que não vê ou fala com a vítima há décadas.

— Ex-esposas? — perguntou Hatch. — Filhos? Wardlow balançou a cabeça, negando.

— Weitzel nunca teve filhos. E sua ex-mulher está no México, participando de um programa beneficente na área odontológica. Ela caiu em prantos quando lhe contamos a notícia. Pareceu-me verdadeiramente triste com a

morte do ex-marido.

— Esse é o problema — disse Michelson para o grupo de investigadores e policiais uniformizados. — Nenhum motivo aparente, nada de problemas financeiros, nenhum inimigo. Mas alguém entra na casa dele em uma ensolarada tarde de junho, assassina-o a sangue-frio com uma bala poderosa no meio das costas, depois parte sem deixar o menor rastro.

Hatch virou-se para Wardlow.

— Continue insistindo, investigador. Precisamos saber o que esse homem esteve fazendo nos últimos cinco anos, Enquanto isso

— adicionou ele —, acho que está na hora de escutarmos o que a investigadora Kaminsky tem a nos dizer.

Naquele instante, Danny acordou e começou a choramingar. Jackie tentou ninar a criança no bebê conforto, mas as reclamações foram aumentando. Ela olhou para todos com um sorriso de desculpas.

— Não entendo porque ele resolveu chorar bem agora — explicou Jackie. — Mo faz muito tempo que Danny mamou e a fralda está limpa. Acho que ele não gosta de policiais.

Houve um murmúrio geral de sorrisos e risadas, que logo se transformaram em expressões de curiosidade quando Michelson foi até o fundo da sala, pegou o bebê rio colo e o levou de volta para a frente, embalando-o com experiência.

O pequeno se calou em imediato e não tardou a adormecer de novo, dessa vez com a cabeça apoiada no uniforme azul do policial.

— Obrigada, chefe — disse ela..

Jackie começou a ler suas anotações e relatórios impressos, detalhando o caso Maggie Birk desde o início, sobre a descoberta dos ossos no quintal de sua casa, sobre as conversas informais com os vizinhos, o recebimento da carta anônima ameaçadora e o envolvimento de Mike Weitzel no caso.

Quando ela terminou, houve um instante de silêncio e depois o burburinho foi geral. Todos começaram a conversar.

Michelson fez um sinal para Brian, que aproximou-se e pegou o bebê, levando-o de volta para a mãe e ajudando-a a colocá-lo no bebê conforto.

— Acho que vocês perceberam porque motivo eu solicitei o depoimento da investigadora Kaminsky, apesar dela estar, oficialmente, de licença-maternidade por três meses. Até o momento, apenas estive auxiliando, de maneira informal, com entrevistas relacionadas ao caso mais antigo. Se alguém quiser lhe fazer alguma pergunta sobre o homicídio de Weitzel, agora é a hora.

— Trouxe o diário com você, Jackie? — indagou Brenda Howe, policial de patrulha, uma bela loira que trabalhava com comércio de arte antes de ingressar na polícia e estava demonstrando ser muito eficiente.

Michelson sempre dizia que Brenda se tornaria investigadora dentro de poucos anos.

— Está aqui na minha pasta — disse Jackie. — Vou devolvê-lo a Brian, hoje. Demorei mais de uma semana para ler tudo.

— E a que conclusão chegou? — perguntou o tenente Hatch. Mike Weitzel estava envolvido na morte da jovem?

— Ele certamente tinha um motivo para matá-la. Mas, na verdade, muitas pessoas também poderiam desejar a morte dela. E, na minha opinião, quando descobirmos quem matou Maggie Birk trinta anos atrás, descobriremos quem matou Mike Weitzel ontem.

Na verdade, acho que ele morreu porque estava prestes a me contar alguma coisa sobre o assassinato de garota.

— Bem, então vamos analisar os motivos da morte d Maggie

— declarou Michelson, pegando uma caneta e dirigindo-se ao quadro de anotações.

Jackie contou-lhes sobre Gerald Pinson, e as freqüentes menções de Maggie a respeito dos "grandes envelopes marrom" quer tanto perturbavam o professor de música.

— E então, Kaminsky, você conseguiu tirar mais alguma informação desse cara? — perguntou o parceiro dela.

— Nada de definitivo. Apenas um amontoado de bobagens para esconder seu pânico.

— Você acha que devemos insistir um pouco mais com esse sujeito?

— Sem a menor sombra de dúvida — respondeu Jackie, categórica. — Mande alguns policiais uniformizados buscá-lo em um carro patrulha para ser interrogado aqui. Imagino que ele vai abrir o bico ao primeiro sinal de algo oficial. O homem é um covarde e, definitivamente, está escondendo alguma coisa.

Ela olhou para o filho, que dormia como um anjo.

— Você afirmou existirem outras pessoas que queriam ver essa jovem morta — comentou Hatch. — Quem são elas?

Jackie contou-os nos dedos.

— Mike Weitzel e também seus pais, pois Maggie dizia estar grávida. Se ele saísse da escola para se casar, seria enviado para o Vietnã. Gerald Pinson, pois ela sabia o que havia dentro dos misteriosos envelopes. Eleanor Betker estava obcecada pela jovem e morrendo de ciúme de seu relacionamento com o jovem Weitzel. Emma Betker, por outro lado, sentia-se muito ressentida com a paixão da irmã pela empregada de Alban Cernak E, é claro, havia uma grande hostilidade entre a garota e Lenny Cernak

— Conseguimos algum tipo de pista envolvendo esse tal de Alban Cernak ou o filho dele?

— Nada — declarou Wardlow. — A busca do FBI não deu resultados.

Ele contou a história das credenciais médicas falsificadas por Alban Cernak.

— E não se soube nada a respeito da clínica onde supostamente ele trabalhou?

— Quase nada, a não ser o fato de realmente ter existido.

— Eu ainda não tive tempo, — interrompeu Jackie —, mas estava pensando em me encontrar com meu amigo Karl Widmer, do *Spokane Sentinel*, para ver se ele consegue encontrar algo sobre essa clínica no arquivo morto do jornal. Talvez consigamos descobrir alguém que trabalhava lá e possa se lembrar dos Cernak.

— Boa idéia — comentou Michelson, fazendo uma anotação.

— Vamos colocar Pringle para cuidar disso. Sinto muito, Jackie — disse ele, com um sorriso de desculpas. — Trata-se de uma investigação ativa de homicídio e não posso permitir que você trabalhe nela.

Jackie assentiu, demonstrando que compreendia, apesar de sentir uma profunda decepção. No passado, já havia trabalhado com Karl Widmer, um perspicaz jornalista, e apreciava a companhia dele. Continuava a desaprovar a técnica de deixar escapar informações policiais para a imprensa em troca de fofocas pertinentes ao caso, mas isso acontecia com muita frequência e normalmente facilitava as investigações.

— Mande lembranças a Karl quando encontrá-lo — disse ela, dirigindo-se a Pringle. — E diga que estou esperando-o para conhecer meu filho.

O investigador assentiu com a expressão e desprovida de humor que refletiam tão bem sua personalidade e fez uma anotação no bloco apoiado em suas pernas.

— Bem, a investigadora Kaminsky nos deu novos enfoques para o caso — disse o tenente Hatch, prestes a concluir a reunião.

— O sargento Michelson e eu discutiremos o assunto e informaremos as novas tarefas de cada um antes do final do dia. Enquanto isso, muito obrigado a todos pela presença de todos. Podem voltar ao trabalho.

A reunião terminara e Wardlow se aproximou, com uma aparência de extremo cansaço, a fim de assumir a custódia do diário. Alice Polson reapareceu, trazendo uma caneca de café, e parou junto do carrinho do bebê.

— Você poderia ficar com ele alguns minutos, Alice? Pediu Jackie. — Eu preciso falar com Brian.

— Que maravilha! Não posso pensar em nada mais gostoso para fazer no intervalo do café! — exclamou a secretária, sentando-se junto do carrinho.

Jackie acompanhou Wardlow até o porão, onde ele iria guardar o diário nos armários onde ficavam as provas.

— Brian?

— Sim? — Ele procurava a chave do armário onde iria colocar o velho caderno de Maggie.

— Posso ver o anel? Você me disse que havia um junto com os ossos.

— Claro.

Wardlow destrancou uma gaveta e, depois de guardar o diário, retirou um envelope pardo e entregou-o a Jackie. Ela abriu e encontrou um minúsculo anel dourado, com um coração de pedra azul.

Era tão pequeno que não entrava nem em seu dedo mínimo.

— Maggie usou este anel... — murmurou ela.

— Deve ter sido uma garota tão pequenina...

Jackie continuava a olhar para o anel, tentando capturar uma lembrança fugidia que parecia sempre perto, mas impossível de ser conscientizada.

— Droga! — resmungou ela, após algum tempo.

— Não consigo «lembrar! Há algo que envolve um anel e, embora esteja na minha mente, continua trancado lá dentro. Em algum momento, nas últimas semanas, vi alguém usando um anel. Não me recordo quem seja nem qual possa,

ser a importância disso, mas...

Virando-se para a velha mesa de madeira que havia no centro do aposento, Jackie começou a esmurrar o tampo riscado e gasto, num acesso de frustração. Wardlow apenas a olhava, sem coragem de interromper aquele desabafo.

Finalmente, ela parou e deu um longo suspiro.

— Não adianta. *Não* consigo mesmo lembrar.

— Tente não pensar nisso — sugeriu Brian.

— A gente acaba se lembrando quando menos espera, e quando pára de insistir.

— Eu sei— resmungou ela, irritada.

Enquanto Wardlow guardava novamente o anel, Jackie sentou-se em uma das cadeiras de metal que ficavam ao redor da mesa.

— Acho que estou mesmo fora do caso, não é? — Ela tentou sorrir. — Foi muito divertido participar de uma investigação policial de verdade... Mas durou pouco.

— Eles não podem deixar que você se envolva em um homicídio, enquanto está de licença, Jackie. — Brian sentou-se do outro lado da mesa. — Mas isso não significa que deve parar de pensar sobre o assunto. O chefe disse que sua intuição é infalível.

— Verdade? — Jackie deu um sorriso de felicidade.

— Ele disse mesmo isso?

— Claro. E que tal me contar o que sua intuição lhe diz a respeito deste caso? Porque estou absolutamente confuso, sabe? Quem matou Mike Weitzel tinha meios e oportunidade, mas não existia nenhum motivo... Que eu possa ver é claro.

— Você tem razão. É um crime que parece sem sentido. Mas continuo achando...

Jackie olhou para os armários de metal, com gavetas cheias de provas de tantos crimes sem solução.

— Alguém está mentindo. Alguém afirma ser uma pessoa que realmente não é. O anel representa uma pista vital, mas não esse que pertenceu a Maggie. Minha intuição me diz que estamos diante de um caso de falsa identidade.

— Pelo amor de Deus, Kaminski! Você está falando como se fosse uma

vidente e não uma investigadora!

— Acho bem interessante você dizer isso, Brian. — Ela deu um sorriso amargo. — Comecei a ter pressentimentos muito estranhos desde que coloquei os pés naquela casa e a comprei. Antes mesmo de encontrar os ossos no meu quintal, sabe?

— Talvez seja algo relacionado à gravidez — sugeriu Wardlow. — Dizem que esse estado aguça a sensibilidade feminina. Se é verdade que isso acontece, a sua intuição ficou a mil por hora!

— Eu já lhe avisei muitas vezes, Wardlow — explodiu Jackie.

— Se continuar falando sobre o lado feminino da intuição, será obrigada a lhe dar uma surra!

Ele deu uma gargalhada.

— Como posso não falar, boneca? Agora, você passou de investigadora com muita intuição a vidente capaz de voltar ao passado!

Jackie ignorou o comentário do parceiro, com os olhos fixos no armário onde estavam as evidências relativas ao crime cometido contra Maggie Birk.

— É como se a pequena Maggie estivesse pedindo para resolvermos este caso, entende? Se encontrarmos o assassino, ela finalmente ficará em paz.

Wardlow fez uma careta de desdém, mas Jackie sorriu para ele, conciliadora.

— Bem, você tem razão. Eu admito que parece uma loucura total.

— É mesmo loucura, mas... O que quis dizer com falsa identidade?

— Não sei bem... Continuo pensando nas irmãs Betker.

— Mas o que poderia ser?

— E se Emma não for realmente Emma? E se ela for Maggie?

— Pelo amor de Deus! Você está mesmo ficando louca!

— É essa a sensação que tenho a respeito deste caso, Brian. Algo muito louco está acontecendo, entende?

— Explique-se melhor.

— E se Emma Betker estivesse grávida e Eleanor a culpasse por manchar o nome da família? As duas teriam discutido, quando o bebê nasceu, porque Emma queria ficar com o filho e a irmã mais velha se recusava, a aceitar essa possibilidade. Eleanor é uma mulher grande e forte, Pode ter matado a outra, acidentalmente, e depois asfixiado o bebê

- E *acidentalmente* picou a irmã com um machado?
- É... Essa parte não se encaixa no quadro. Mas tenha um pouco mais de paciência e me escute...
- Vá em frente.
- Maggie viu tudo acontecer, ficou apavorada, mas não tinha para onde fugir. Eleanor enterrou os corpos no quintal e forçou a garota a escrever um bilhete, dizendo que ia embora. Então, levou a pobrezinha para casa e a manteve escondida por algum tempo, até as pessoas acreditarem que Emma mudara nos últimos anos. Lembre-se que Eleanor estava obcecada por Maggie Birk.
- E como você encaixa Mike Weitzel nesse cenário?
- Na verdade, foi por causa dele que comecei a pensar nisso. Mike esteve em minha casa, ontem de manhã, e ficou olhando para a varanda da casa das Betker. Mais tarde, ligou-me para dizer que se dera conta de algo inacreditável. Talvez tenha compreendido que Emma era Maggie e Eleanor o matou para evitar que ele falasse.
- Mas Maggie mancava — insistiu Wardlow.
- Todo mundo sabia disso.
- Só que ninguém vê Emma Betker andando, Brian. Eleanor a carrega para cima e para baixo!
- Não consigo engolir essa sua teoria — declarou ele, balançando a cabeça. — Eu estava presente na autópsia da garota, lembra-se? O médico patologista disse que o osso pélvico indicava ser uma mulher com menos de vinte e cinco anos. Eleanor Betker tem mais de setenta, portanto Emma devia estar cerca de trinta na época do crime.
- Tudo bem... Talvez você tenha razão — declarou Jackie, contrariada. — O esqueleto não pode ser de Emma. Mas o que eu sinto é estranho. Há algo muito louco e sinistro neste caso. Alguém está fingindo ser uma pessoa que realmente não é.
- E seja quem for essa pessoa, ela lhe enviou um mensagem, dizendo que não se incomodaria de matar mais um bebê.
- Jackie sentiu-se subitamente ansiosa para voltar e se certificar da segurança do filho, mas forçou-se a ficar sentada.
- Essa pessoa queria apenas me assustar. Não existe nada mais eficaz do que escrever para uma mãe, ameaçando seu filho.

— Na minha opinião, o esqueleto do bebê é a chave deste crime e não esse anel a que você se refere. Temos de descobrir de onde veio o recém-nascido, se é que não pertence mesmo a Maggie Birk.

— Fico acordada de noite, pensando nisso, Brian. E sabe o que mais me ocorre nessas horas?

— Não tenho idéia!

— Sinto que Lenny Cernak está muito perto, me espionando e me vigiando.

— Francamente, Kaminski!

— Sinto-me realmente em pânico quando penso que esse sujeito pode estar na vizinhança.

— E como iremos descobrir o cara? Você tem alguma sugestão?

— Acho que deveriam investigar o bairro todo, de novo. Vocês dariam o pretexto de que precisam de testemunhas para o caso de Weitzel a respeito de suas visitas à casa da mãe. Enquanto fazem isso, ficam de olho em um homem, com cerca de quarenta anos. Se ele tinha ao redor de quinze na época em que Maggie morou por aqui, deve estar com quarenta e cinco.

— Então está convencida de que ele voltou para o mesmo bairro?

— Talvez nunca tenha saído de lá — murmurou ela, tensa.

— Tenho sensações muito intensas e desagradáveis, Brian.

Só falta ouvir a respiração dele às minhas costas!

— Por que não pega o bebê e vai ficar alguns dias com Paul, na fazenda?

— Quer saber? Acho que vou fazer exatamente isso — respondeu Jackie, surpreendendo-se com sua decisão, — Vou falar com Paul hoje mesmo.

— É isso aí, garota! Vou ter um problema a meias com que me preocupar.

Os dois se levantaram e saíram da sala, voltando para a sala dos investigadores, onde várias outras policiais haviam se juntado a Alice e formavam um círculo em torno do carrinho de Danny.

Wardlow parou à porta, antes de entrar.

— Então, a não ser pela investigação a fim de descobrirmos se Lenny continua no bairro, não vale à pena entrevistar mais nenhum de seus vizinhos de novo?

Jackie pensou por alguns segundos antes de responder

— Talvez seja interessante falar com Gerald Pinson. o resto da família

Weitzel deve saber mais da vida de Mike do que consegui tirar deles. Só duvido alguém leve Eleanor a abrir o jogo. Acredite em mim, Brian... Aquela mulher uma verdadeira esfinge!

CAPÍTULO XXII

Emma Betker estava em uma das poltronas de vime, no terraço dos fundos, com algumas bonecas no colo. Ela escolhera as duas Barbies que mais gostava e estava vestindo-as com trajes de noite, bordados de lantejoulas, e capas de veludo.

O jardim à sua volta era uma imagem de paz. Todos os tons de verde pareciam ter se reunido e ficavam ainda mais intensos em contraste com o colorido vivido das flores nos canteiros. As peônias, brancas e cor-de-rosa, transbordavam de seus vasos, espalhando seu forte, mas agradável perfume pelo ar.

— Vocês querem ir à ópera hoje — murmurou ela, para as bonecas de plástico. — As duas vão ficar tão lindas que todos os homens...

Ela parou subitamente de falar com as bonecas, olhando para sua mão, envolta em gaze. A atadura deixava apenas os dedos de fora e eles estavam inchados e com marcas de um vermelho forte.

— Minha mão está doendo muito— resmungou ela, perplexa.

Então, sua mente se clareou um pouco e Emma lembrou-se de Eleanor lhe explicando que o vapor da chaleira escapara queimando suas mãos, quando ela estava fazendo um chocolate quente.

Eleanor tinha ficado muito impaciente!

— Agora veja só o que você fez! — dissera Eleanor, enquanto colocara a atadura. — Queimou-se de novo na chaleira. Sabe o quanto pode ser perigoso, mas insiste em mexer com essas coisas, não é?

Emma choramingou baixinho ao lembrar-se da expressão preocupada da irmã e afundou mais na cadeira. Ultimamente, Eleanor estava sempre brava e ela não conseguia nunca saber o que devia ou não fazer a fim de não irritá-la mais.

Com a mão livre, Emma pegou uma minúscula estola de pele branca e colocou sobre os ombros da Barbie.

— Linda! Você está linda e agora eu vou cantar para as duas.

Brincar com suas bonecas lhe dava muito conforto e assim não ficava ansiosa por causa dos maus humores de Eleanor. Mais tranqüila, Emma começou a cantarolar e por isso não ouviu os passos que se aproximavam.

Quando ela ergueu a cabeça, havia um monstro horrível em pé à sua frente, uma criatura aterrorizante, toda vestida de preto e com duas aberturas para os olhos e uma para a boca na máscara negra que lhe cobria o rosto e os cabelos.

Emma ficou sem fala diante da aparição assustadora. Havia uma maldade tão evidente naqueles olhos com um brilho estranho! Mas, como ninguém jamais lhe falava com voz dura ou a maltratava de qualquer forma, ela ergueu uma das bonecas, oferecendo-a como uma oferenda de paz, enquanto tentava encontrar algo para dizer.

— Não abra a boca!

A voz que vinha de trás da máscara era dura e violenta.

— Não se atreva a dar um pio, sua porca, ou vai se arrepender!

Então, Emma viu a enorme faca, erguida sobre sua cabeça e brilhando ao sol da tarde. Ela abriu a boca e começou a berrar.

Jackie estava no quintal, com Daniel adormecido no carrinho ao seu lado, quando ouviu os gritos vindos d casa vizinha.

Estava já há algum tempo arrancando as ervas daninha de seu canteiro de flores, esforçando-se por retirá-las co as raízes da terra levemente úmida.

Finalmente conseguira voltar ao normal depois de sua visita à delegacia. Até poucos minutos atrás, se sentira embaraçada por causa do comportamento que tivera após a entrevista com o chefe. Agira como uma criança apavorada diante de seu parceiro, dizendo a Wardlow que queria mesmo ir para a fazenda passar alguns dias junto de Paul.

Mas agora a tarde ensolarada tinha lhe devolvido a calma e todas aquelas fantasias sinistras lhe pareciam ser apenas um produto de sua imaginação descontrolada pela novidade de ser mãe e pelos hormônios que ainda não haviam voltado ao normal.

Então, os gritos haviam começado e o terror voltou a tomar conta dela.

Automaticamente, Jackie correu para a cerca que separava as duas casas.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela, voltando para trás a fim de apanhar Daniel no carrinho.

Ela cruzou o portão, com Daniel apoiado em seu quadril, e o movimento acordou o menino que começou a berrar.

Ao chegar no quintal vizinho, viu que Eleanor já estava ajoelhada na frente da irmã, abraçando-a e tentando acalmá-la. Jackie parou ao lado delas, com o bebê que continuava a berrar.

— Por favor, Danny! Fique quietinho, sim? Mamãe está aqui...

—Então ela dirigiu-se a Eleanor. — O que aconteceu?

O bebê parou de berrar, mas continuou soluçando. Eleanor virou-se para Jackie e seu rosto revelava pânico e ia compreensão.

— Alguém ameaçou Emma. Tentaram matá-la aqui... No nosso jardim!

Jackie continuava a sacudir Daniel, que já não soluçava, mas os soluços de Emma continuavam a romper o silêncio da tarde.

— Você viu quem a atacou? — perguntou ela a Eleanor.

— Não.. Eu estava na cozinha, descascando as batatas para o jantar e ficando de olho em Emma, pela janela. Mas depois fui até a sala, a fim de arrumar a mesa, e a ouvi gritar. Voltei correndo e a encontrei histérica. Apenas vislumbrei uma sombra escura desaparecendo no meio da cerca viva. Ela apontou para um canteiro florido junto da cerca dos fundos da propriedade.

— Alguém? — perguntou Jackie, tensa.

— Não deu para perceber se era um homem ou uma mulher?

— Eu estava mais preocupada com Emma e só me lembro de uma imagem vaga. Era uma figura humana toda vestida de preto.

Acomodando o bebê nos quadris, Jackie foi até o fundo do quintal a fim de examinar a cerca.

— Em que ponto exatamente o intruso cruzou a cerca?

— perguntou ela a Eleanor, que continuava ajoelhada diante de Emma, segurando-lhe as mãos.

— Mais para a esquerda... — Ela ficou observando Jackie caminhar ao longo da cerca. — Foi aí! Bem nesse lugar!

Jackie colocou uma pedra no ponto indicado por Eleanor e saiu pelo portão lateral, chegando à viela dos fundos. O lugar por onde o intruso saíra do quintal das irmãs Betker era exatamente em frente a uma porta no muro traseiro da

casa de Carrie Turnbull.

Ela tentou abrir a porta e até forçou-a com os ombros, mas estava trancada. Preocupada, voltou para o quintal e foi até junto das duas irmãs.

Emma estava começando a se acalmar. Ainda não soltara as mãos da irmã, mas parará de soluçar. Eleanor falava baixinho, tentando tranquilizá-la ainda mais.

— Posso falar com ela? — pediu Jackie. — Precisa ser agora, enquanto as lembranças ainda estão bem nítidas em sua mente.

Eleanor suspirou ansiosa.

— Se é realmente necessário...

— A minha preocupação maior é que ela viu o assaltante, entende? Pode estar em perigo por causa disso.

— Claro, eu entendo. — Eleanor inclinou-se para mais perto da irmã. — Emma querida, você não quer falar com aquela moça simpática que mora na casa ao lado? Aquela que teve o bebê...

— Um bebê? — Erguendo a cabeça, Emma viu Daniel e começou a sorrir. — Oh, Ellie! Como ele é bonitinho. Então o encontraram? Não estava morto como eu pensei?

Jackie olhou para Eleanor, que pegou Daniel no colo. Embora aflita por ver o filho nos braços daquela mulher enorme e de aparência dura, ela ajoelhou-se ao lado da cadeira de Emma.

— Tente se lembrar de como era a pessoa que a atacou, Emma.

Assustada, a vizinha apenas balançava a cabeça.

— Era um homem ou uma mulher? — insistiu Jackie.

— Era um monstro! Todo preto... Cara, pernas, braços, tudo! Só tinha uns buracos para os olhos e a boca.

— Devia ser uma máscara de esqui — murmurou Eleanor, vendo que a irmã recomegara a chorar baixinho. — Alguém deve ter visto essa figura estranha toda encapotada em um dia quente de verão, não acha?

— Pode ser — murmurou Jackie, sem tirar os olhos de Emma.

— E como essa pessoa a ameaçou, querida? Tinha alguma arma?

— Uma faca! — Os olhos de Emma voltaram a refletir um terror descontrolado. — Uma faca enorme! Brilhava como fogo!

— Oh, meu Deus! Pobre Emma — murmurou Eleanor, segurando o bebê com

uma das mãos e acariciando os cabelos da irmã com a outra. —Minha querida Emma...

— E então o que aconteceu?

— Eu gritei... Eleanor gritou e o monstro saiu correndo.

— Não se lembra de mais nada? Esse monstro não falou com você?

Emma franziu a testa e fechou os olhos enquanto pensava.

— Sim! Ele falou comigo. Disse para eu calar a boca e não dar nem um pio.

—Ela ergueu os olhos para a irmã, mais animada.

—E eu sei quem era ele agora, Ellie!Lembrei da voz dele, sabia?

Eleanor e Jackie se entreolharam, preocupadas,

— E quem era querida?—perguntou Eleanor, com muita suavidade.

— Era o Lenny! Lembra-se? Aquele garoto horroroso, o Lenny Cernak. Ele vivia na casa ao lado e estava sempre me falando uma porção de obscenidades do outro lado da cerca. Era ele, Ellie. Agora quis me machucar com uma faca!

— Você está imaginando coisas, querida. Lenny Cernak não mora mais neste bairro há mais de trinta anos.

Mas Jackie ficou ereta e olhou para a cerca no fundo do quintal. Só depois de longos minutos de silêncio, voltou a pegar Danny do colo de Eleanor e abraçou-o com muita força.

Assim que voltou para casa, Jackie telefonou para Wardlow a fim de lhe contar o que acontecera com Emma Betker.

— E o que você acha? — perguntou ele.

— Alguém realmente a ameaçou, Brian. A pobre velha estava fora de si, apavorada de verdade.

— Droga — resmungou ele, exasperado. — E você ainda acredita que todos esses acontecimentos estejam interligados?

— Tenho certeza absoluta. Emma chegou a dizer que reconheceu a voz e foi Lenny Cernak que a ameaçou.

— Está bem. Vou mandar alguns policiais para interrogarem as duas velhas e para examinarem o quintal em busca de algum indício. Devo ir à autópsia de Weitzel agora e depois vou entrevistar Gerald Pinson, mas passarei em sua casa quando terminar. Então irei conversar com as irmãs Betker, mas só no início da noite, entende?

— Quero lhe pedir um favor, Brian. Peça aos policiais para conversarem

com o casal que mora na viela dos fundos de nossas duas casas. O sobrenome deles é Turnbull... Carrie e Bob. Descubram o que ambos estavam fazendo esta tarde, na hora do ataque.

— Por quê?

— Eu lhe contarei depois. Ah, tem mais uma coisa...

— O que é agora, Kaminski?

— Importa-se se eu voltar a falar com as irmãs Betker, depois que seus policiais tiverem terminado? Já lhes fiz algumas perguntas, mas acho que Eleanor ficou bastante preocupada com o ataque à irmã e talvez se abra mais comigo.

Wardlow hesitou e Jackie podia até ver o sorriso satisfeito dele diante de sua pergunta.

— Francamente, Kaminski! Quem sou eu para proibi-la de conversar com suas vizinhas? Fique à vontade.

— Muito obrigada, parceiro!

Depois de alimentar Daniel e fazê-lo dormir, Jackie ficou observando a casa vizinha. Logo chegaram os carros de polícia e os policiais começaram a examinar o quintal e a cerca dos fundos da casa. Não havia sinal de Emma e ela deduziu que Eleanor a levara para o quarto.

Finalmente os policiais foram embora e, como Daniel já acordara, ela colocou-o na mochila canguru e foi até a casa das irmãs Betker.

— Isso é tudo que consigo me lembrar — declarou Eleanor, meia hora mais tarde. — E já contei toda a história para a polícia.

— Eu sinto muito estar perturbando vocês de novo — disse Jackie, olhando para Daniel, acomodado ao lado dela no sofá, sobre uma ampla almofada.

— Ele é uma criança muito alegre — comentou Eleanor, disposta a mudar de assunto.

— E começou a sorrir para ruim! — Jackie fingiu estar examinando a fralda do filho.

— Poderia me dizer... O que aconteceu com a mão de Emma?

— Com a mão dela? Sobre o que está falando? — perguntou Eleanor, sem entender a pergunta.

— Notei que Emma está com urna das mãos enfaixada. Ela se machucou?

— Emma queimou a mão cora o vapor da chaleira, enquanto estava fazendo chocolate quente.

— A voz de Eleanor ficou subitamente dura. — Porque quer saber?

— A esta altura dos acontecimentos — Jackie forçou-se a encarar a vizinha, estou interessada em qualquer pessoa com a mão direita encaixada..

— Por quê?

— Quem matou Mike Weitzel disparou à queima-roupa e provavelmente está com marcas e queimaduras de pólvora na mão direita.

Ela esperava uma cena de raiva da parte de Eleanor Betker, não a gargalhada sincera de alguém que estava realmente se divertindo com aquela sugestão.

— Pelo amor de Deus, investigadora Kaminski! Acredita mesmo que a pobre Emma seria capaz de dirigir um carro até o outro lado da cidade para matar aquele homenzarrão em sua própria cozinha?

Evidentemente a idéia era tão grotesca para Eleanor que ela continuou a rir por algum tempo. Então, controlando-se com esforço, secou os olhos e encarou Jackie.

— Eu sinto muito, mas estou um pouco histérica. Acho que foi o susto desta tarde... Fiquei realmente apavorada com o perigo que Emma correu. Entretanto, a idéia de que ela...

Eleanor parou de falar, agora mais preocupada e tensa.

— Alguém matou Mike Weitzel e agora Emma foi ameaçada

— insistiu Jackie. — Estou tentando descobrir por que motivo ela correria perigo.

— Acha mesmo que minha irmã está correndo perigo, investigadora?

— Sem dúvida. E também acho que os dois casos tem uma estreita relação com a morte de Maggie Birk.

Jackie percebeu que, à menção de Maggie, Eleanor começou a apertar as mãos.

— Eu acho — prosseguiu ela, impiedosamente, — que Emma deve saber alguma coisa sobre o assassinato de Maggie e é por isso que está correndo perigo. Na verdade, Mike Weitzel morreu por causa de algo que ele sabia.

— Depois de todos esses anos... Eu ainda pensava...

— Eleanor mordeu os lábios, perturbada.

— O que você pensava?

— Maggie desapareceu... — O rosto de Eleanor revelava uma dor muito intensa. — Alban encontrou um bilhete dela, dizendo que precisava ir embora. Ele me mostrou o bilhete.

— E você reconheceu a letra de Maggie?

— Sim. Maggie tinha uma letra muito característica, apertada demais e difícil de decifrar.

Jackie balançou a cabeça, num gesto de concordância. Passara uma semana lutando para decifrar as páginas do diário.

— Mas eu sabia que ela estava morta — murmurou Eleanor, com os olhos fixos na janela e lutando para não chorar. — Eu tinha certeza, senti que ela não existia mais...

— Como pôde sentir algo assim?

— Eu a amava muito — respondeu ela, com uma dignidade comovente. — Maggie foi o amor de minha vida. Nunca houve nenhuma outra, nem antes nem depois. E, quando ela deixou este mundo, senti um enorme vazio no meu coração.

— Mas... Maggie não era...

— Lésbica? — Eleanor deu um sorriso amargo. — E essa a palavra que não tem coragem de pronunciar, investigadora? Não se preocupe e fale, eu não me ofendo.

— Ela era?

— Nunca tive certeza sobre a sexualidade de Maggie. Ela não passava de uma criança infeliz, maltratada e vítima de violências de todo o tipo, inclusive sexuais, mas reagia a qualquer gesto de afeição como um cãozinho amoroso. Se alguém cuidasse dela, se lhe desse segurança emocional, unia boa educação...

— Maggie estava apaixonada por Mike Weitzel — declarou Jackie.

— Estava apaixonada pelo amor.

— A expressão de Eleanor ficou sombria. — E acabou se dando muito mal, concorda? Aquele conquistador barato era egoísta demais para se preocupar com qualquer garota e muito menos com a pobre Maggie.

— Quando vim à sua casa, pela primeira vez, para lhe perguntar se sabia de quem poderia ser o esqueleto encontrado no meu quintal e lhe descrevi Maggie *Birk*, você disse que não conhecia ninguém que se parecesse com essa pessoa. — Jackie observava a vizinha com extrema atenção. — Por que mentiu para mim, Eleanor?

— Em parte, porque eu não me conformava a aceitar que isso pudesse ser

verdade. — Ela limpou as lágrimas que escorriam pelo seu rosto. — Apesar de minha intuição dizer o contrário, queria acreditar que Maggie realmente fugira da casa de Alban para levar uma vida melhor em algum outro lugar. Seria triste demais, para mim, saber que ela estava tão perto durante todos estes anos, esquecida e enterrada no fundo de uma cova.

— Você disse que essa era uma parte de sua mentira. Mas, desde o início, desconfiou de que poderia ter sido algo grave como um crime, não é?

Eleanor balançou a cabeça num gesto afirmativo, mas não abriu a boca.

— Por que não contou para a polícia? Por que não fez uma queixa, dizendo que ela desaparecera misteriosamente?

— Eu tive medo...

— Do quê? — insistiu Jackie, percebendo que Eleanor acabaria revelando algo se fosse pressionada naquele momento de emoção intensa.

— Eu tinha medo que Emma tivesse alguma responsabilidade na morte de Maggie.

— Mas como pôde pensar algo tão absurdo?

— Eu sabia que Alban pretendia se mudar daqui e queria levar Maggie com eles. Não pude suportar a idéia de que não a veria mais e comecei a falar em recebê-la aqui em casa. Era preciso acostumar Emma com essa possibilidade, compreende? Minha irmã sabia que eu amava aquela garota e estava muito enciumada, a ponto de se tornar mesquinha e maldosa. Dizia a todo instante que desejava a morte de Maggie Birk. Naquela época, ela havia começado a ficar mais instável e a ter crises de raiva...

Jackie esperava que Eleanor prosseguisse, com o caderno de anotações aberto sobre os joelhos.

— Naquela noite, a noite em que Maggie desapareceu, Emma levantou-se duas horas depois de ter ido para a cama e eu ouvi os passos dela se dirigindo para o quintal. Minha irmã sempre teve dificuldade para dormir e costumava ficar andando pela casa quando vinha a insônia. Geralmente, ela sentava-se no balanço do terraço e passava algum tempo olhando para o céu, para depois voltar para a cama. Naquela noite ela ficou lá fora tanto tempo que comecei a me preocupar com sua segurança e fui procurá-la.

— E onde a encontrou?

— Emma estava agachada no fundo do terraço, com os chinelos cobertos de lama e...

Eleanor engoliu em seco e respirou fundo antes de prosseguir. Jackie esperava sem dizer nada.

— E a camisola dela estava toda manchada de sangue. Emma parecia histérica. Ficou repetindo que uma mulher fora assassinada e murmurava algo sobre um bebê, algo que eu não conseguia compreender.

— O que você fez?

— Troquei a roupa dela, dei-lhe um sedativo e a coloquei na cama. Antes que ela adormecesse, eu lhe disse para jamais mencionar a ninguém o que fizera ou vira naquela noite. Na verdade, depois disso minha irmã nunca mais foi a mesma, nunca mais agiu como uma pessoa normal. Algo se rompeu em sua mente que sempre foi muito frágil, desde que ela era menina. No dia seguinte, Alban me disse que Maggie havia partido e me mostrou o bilhete.

— Então você nunca tentou perguntar a Emma o que ela tinha visto naquela noite?

— Quando criei coragem de perguntar, ela não se lembrava de nada. Até hoje, Emma tem momentos de nervosismo, mas nunca se recorda de alguma coisa concreta. Diz algumas frases incoerentes, relacionadas com aquela noite e depois se cala. Talvez, se eu a tivesse interrogado logo após o fato...

— Por que não o fez?

— Acho que eu não queria saber a verdade. — Eleanor encarou Jackie com um olhar de desespero. — Será que você me entende?

— Sim, acho que entendo —murmurou Jackie, com pena daquela mulher prisioneira do medo.

— E não tem idéia de quem possa ter sido o bebê que morreu naquela noite?

— Não tenho a menor idéia. Houve uma verdadeira epidemia de bebês ilegítimos neste bairro, naquela época. Até o dia em que você me contou que havia também o esqueleto de um recém-nascido, achei que Emma tinha inventado essa parte da história.

— Mas você realmente acreditou que sua irmã, tão frágil, tivesse decapitado Maggie Birk e depois desmembrado-a, usando um machado?

Eleanor ficou pálida e cravou as mãos nos braços da poltrona.

— Foi... Assim que ela morreu?

Jackie percebeu, tarde demais, que esses detalhes a respeito da morte de Maggie Birk nunca tinham sido revelados.

— Sinto muito, Eleanor — murmurou ela. — Foi um crime particularmente hediondo...

— Oh, Maggie... — Chorando, Eleanor se inclinou para a frente. — Minha doce Maggie...

Levantando-se, Jackie aproximou-se da vizinha e colocou uma mão em seu ombro.

— Eleanor...

Com muito esforço, Eleanor tentou se controlar.

— Não quero assustá-la, mas se Emma estava com a camisola manchada de sangue, é bem provável que tenha sido testemunha do crime cometido naquela noite. Se ela realmente viu o assassino, está correndo perigo, entende?

CAPÍTULO XXIII

Jackie voltou para casa em tempo de preparar o jantar. Deixou a salada quase pronta e colocou a carne com batatas no forno para assar. Então, tentou relaxar brincando com o filho.

Danny continuava espantosamente bem-humorado a despeito do dia agitado que passara. Na verdade, Jackie estava descobrindo que o filho já tinha uma personalidade própria e parecia muito mais sociável e alegre do que o pai e a mãe. Os olhos dele brilhavam e seus braços se agitavam quando avistava outras pessoas.

A cada dia que passava ela descobria uma ternura crescente que nunca julgara possuir e que seu filho estava ajudando a vir à tona.

Paul chegou quando ela despia Danny para dar-lhe o banho.

— Olhe só, querido. O papai chegou. Aproximando-se da bancada da cozinha, Paul beijou o pescoço de Jackie e depois sorriu para o filho.

— Alô, Danny. Como você e a mamãe passaram o dia? O bebê começou a se debater, tentando virar a cabeça a fim de ver de quem era a voz que vinha do alto.

Jackie prendeu a respiração, esperando que acontecesse. Então, o

garotinho conseguiu ver Paul e deu um sorriso radiante.

— Deus do céu! — exclamou. Paul, eufórico. — Danny está rindo para mim.!

— Ele começou a rir ontem. De acordo com os livros, está duas semanas adiantado, sabia? Eu não disse nada porque queria fazer uma surpresa para você.

Paul pegou o filho no colo e ficou cantando para ele, enquanto Jackie verificava o ponto da carne que colocara no forno.

— Temos tempo suficiente para dar banho nele antes de jantarmos. Estou ficando com muita prática...

Os dois deram o banho em Danny juntos. Paul o segurava enquanto Jackie o ensaboava.

— Sabe que eu chego a ficar com lágrimas nos olhos quando olho para Danny? Ele é tão lindo e tão frágil...

— Acho que você está se deixando livre para amar, Jackie

— disse Paul, rindo para ela por cima da cabeça do bebê.

— Oh, fico completamente sem limites quando se trata deste queridinho! Estou tão louca por ele que sou incapaz de ver um palmo adiante do meu nariz! — brincou ela, um tanto envergonhada.

Depois que Danny tomou o banho e mamou Jackie o acomodou no carrinho e serviu o jantar. Enquanto comiam, ela contou a Paul tudo que vinha acontecendo.

— Você já me contou a primeira parte dessa história — disse ele, quando Jackie começou a relatar a descoberta dos ossos, os resultados da autópsia e as primeiras entrevistas com os vizinhos.

— Eu sei, mas preciso seguir uma sequência ou acabo me esquecendo de algum detalhe.

Quando o relato dela alcançou o dia do nascimento de Danny e a descoberta da ameaçadora carta anônima, o rosto de Paul ficou tenso e seus olhos brilharam de raiva.

Ela continuou o relato, até o ponto do ataque a Emma Betker, naquela tarde.

Quando Jackie terminou, os dois permaneceram em silêncio por um longo tempo e com os olhos fixos em seus respectivos pratos. Num gesto automático, Paul tocou a corda do carrinho do filho com a mão calejada.

— E agora? — perguntou ele, sem retirar a mão do carrinho.

— Eu acho que... — Jackie respirou fundo antes de prosseguir.

— Acho que gostaria de ir passar um tempo com você na fazenda. As coisas estão começando a acontecer perto de mais...

Paul não disse nada, mas Jackie percebeu o quanto ele ficou aliviado.

— Escute, Paul... Isso não quer dizer que tudo será assim daqui por diante, entendeu? Não pretendo ficar fugindo de minhas responsabilidades por qualquer motivo. Mas não estou mais envolvida oficialmente nesse caso e não há nada que eu possa fazer se permanecer aqui. Além disso, não sinto medo por mim. Como não posso mandar Danny sem sua única fonte de alimentação nessa época da vida dele, terei de ir junto.

— Você não precisa se justificar, Jackie. Tomou a atitude mais sensata quando decidiu ir para a fazenda. Por que se explicar ou se desculpar?

— Eu detesto essa sensação de estar fugindo... Ou de estar sendo avisada de que devo me afastar — murmurou ela, irritada.

— Seria ainda mais difícil ir embora se as irmãs Betker estivessem por aqui e eu sentisse que elas precisavam da minha proteção. Mas não existe mais essa desculpa para me prender na cidade.

— Elas foram embora?

— Parece que têm uma casa de veraneio em Puget Sound. Eleanor colocou Emma no carro e as duas partiram há cerca de uma tora. Ela estava realmente apavorada.

— E você não achas que nós também devíamos ir embora esta noite?

— Não sinto medo de nada quando você está junto de nós, Paul. O pavor surge na hora em que fico sozinha com Danny. Então, sinto-me muito vulnerável, sabe? Não havia nada nos manuais da polícia que ensinasse a proteger-se de um agressor em potencial, com um bebê nos braços!

— Bem eu terei de ir para a fazenda às cinco da manhã para tirar os búfalos do curral e bombear água para o cercado das vacas e dos bezerros. Acha que consegue reunir tudo e vir comigo?

— Oh, não! E cedo demais. Depois da primeira mamada de Danny, eu o colocarei para dormir e farei as malas. Você poderia vir nos buscar ao redor do meio dia. Já deve ter terminado a maioria das tarefas matinais a essa hora, certo?

— Perfeito. — Ele sorriu bem mais calmo. — Quanto tempo pretende ficar por lá?

— Não sei. Ficarei até Brian resolver este caso. Ele deve passar daqui a pouco para me colocar a par da situação e saber o que eu descobri em minhas conversas com as vizinhas. Pode ser até que ele já tenha descoberto o culpado de todos os crimes. Quem sabe conseguiram uma confissão do assassino? Se for assim, Danny e eu nem precisamos sair de casa.

Enquanto falava, Jackie se deu conta de que Brian realmente poderia ter decifrado o mistério daquelas duas mortes e talvez seu plano de fuga não chegasse a se realizar. Para sua surpresa, não sabia dizer se ficaria feliz ou desapontada por não ter de ir para a fazenda de Paul.

— E o seu gato? — perguntou ele, sem demonstrar nenhuma reação diante das palavras de Jackie. — Não quer levá-lo também?

Jackie olhou ansiosamente para Shadow, que dormia enrodilhado como uma bola de lã.

— Mas os gatos da fazenda não irão atacá-lo? Eles parecem um bando de mafiosos, sabia?

— Parecem mesmo, mas o seu gato também não fica nada atrás. Shadow deve ser bem escolado para sobreviver em qualquer companhia.

Enquanto os dois falavam, o gato começou a se virar no chão e colocou as duas patas debaixo do queixo, como se soubesse que estavam decidindo sua vida.

— Ele é mesmo uma figura — comentou Paul, rindo.

— Não quero perder a confiança de Shadow e é o que acontecerá se eu o abandonar. Custei tanto para conquistá-lo e para conseguir que passasse a morar dentro da minha casa!

— Então, está decidido. Shadow irá conosco.

— Paul levantou-se e começou a tirar a mesa. — Aposto que ele vai adorar umas férias no campo, com muitos ratos para caçar.

— E eu aposto que esse malandro nem sabe o que fazer com um rato.

Naquele instante, soou a campainha. Paul foi atender enquanto Jackie colocava os pratos na máquina de lavar.

— E Brian. Ele disse que prefere ficar na varanda, onde está soprando um vento agradável, enquanto a coloca a par da situação.

— Está bem. — Jackie se encaminhou para a porta, hesitante.

— Eu não estou acostumada a ter uma *baby-sitter*... É muito bom, sabia?

— Vá em frente, Jackie — declarou Paul, recomeçando a tirar a mesa. —

Pode ir cuidar de seu trabalho e me deixe ficar algum tempo a sós com meu filho. Preciso começar a lhe ensinar tudo que sei sobre as mulheres.

— Isso não levará mais do que dez segundos, meu caro! Os dois caíram na gargalhada. Então, Jackie sorriu e aproximou-se dele.

— Muito obrigada, Paul.

— Por quê?

Colocando os braços nos ombros dele, Jackie o beijou demoradamente. Surpreso, ele aprofundou o beijo e ambos sentiram nascer um desejo que muito em breve teria de ser satisfeito.

— Muito obrigada por tudo, querido — murmurou ela, emocionada. — Por tudo que faz para o meu mundo ser mais bonito.

Jackie afastou-se dele rapidamente e correu para fora da sala, antes que Paul tivesse tempo de comentar suas palavras. Apesar de estar de costas, sentiu o olhar dele acompanhando-a até que fechasse a porta.

Wardlow acomodou-se em uma das cadeiras de vime do terraço, tirou a jaqueta e afrouxou a gravata. Finalmente, ele colocou os pés sobre a balaustrada e ficou olhando para céu através dos galhos da árvore.

— Você parece bem relaxado — comentou Jackie, sentando-se na frente dele.

— É muito agradável estar em uma casa pequena, de uma rua sossegada. — Wardlow sorriu para ela.

— Você realmente conseguiu criar o protótipo da vida mansa na típica cidade americana de pequeno porte!

— Sem dúvida. Um tipo de vida que tem mistérios e segredos horríveis escondidos debaixo do verniz da aparência tranqüila.

— Bem, acho que todas as cidades são assim... Até as pequenas.

Ele ficou olhando para os insetos que voavam em torno da luz do terraço, como se a dança daqueles animais minúsculos o fascinasse.

— Falou com Gerald Pinson? — perguntou Jackie, aflita para saber das novas informações a respeito do caso.

— Você estava certa. O sujeito abriu o bico no instante em que o levamos para a sala de interrogatório e ligamos o gravador. Eu e Pringle nem tivemos tempo de brincar de policial simpático e policial carrasco com ele.

Jackie começou a rir ao imaginar o lúgubre Pringle tentando assumir algum papel.

— E o que conseguiram saber? Ele está envolvido no caso de Maggie Birk?

— Não creio. Ele diz que seu envolvimento é apenas periférico e eu acreditei porque Pinson estava apavorado demais para mentir.

— O que havia nos envelopes?

— Pornografia infantil — resmungou Wardlow, enojado.

— Gerald Pinson é decididamente heterossexual. Sente-se muito atraído por mulheres, mas também morre de medo delas. Ele se satisfaz com fotos de meninas nuas, em especial as que foram instruídas para fazer poses provocantes. Prefere as que têm até sete anos.

— E onde Steve Weitzel entra nessa história?

— Aparentemente, Steve Weitzel já era um comerciante esperto desde os anos de sua adolescência. Ele precisava de dinheiro para sustentar alguns maus hábitos pessoais e por isso pagava aos amigos para que fotografassem suas irmãzinhas, a fim de vender as fotos para Pinson.

— Que canalha!

— Um mau-caráter nato, concorda? E a situação fica ainda mais sórdida se pensarmos que um supostamente digno professor de música de uma escola respeitável estava envolvido na trama. Eu desconfio que, além de receber dinheiro para suprir os desvios sexuais de Pinson, Steve ainda ganhava um bom dinheiro fazendo chantagem com os amigos a quem pedia as fotos.

— Hoje em dia os pervertidos já não precisam mais ter tanto trabalho.

Podem conseguir tudo que querem através dos e-mails e da Internet. Também não têm mais necessidade de se envolver em negociações escusas.

— E o nosso maravilhoso mundo novo, minha cara Jackie.

— Então foi isso que Maggie viu em um dos envelopes e ficou tão chocada? Retratos de menininhas nuas?

— Pelo menos, é o que afirma Gerald Pinson. E eu não vejo nenhum motivo para que ele comece a mentir à esta altura do caso. Estava decididamente arrasado.

— Ele matou Maggie?

— Eu duvido. Pinson negou o tempo todo e não conseguimos fazê-lo cair em contradição, nem mesmo quando estava prestes a chorar como uma criança. Ele

jura que sempre acreditou na história da fuga de Maggie e que nunca soube da morte da garota até os ossos serem desenterrados. Também não tem a menor idéia de quem possa ser o bebê enterrado junto com a garota.

— Mesmo assim, aposto que ficou bem feliz quando Maggie desapareceu — comentou Jackie, irritada.

— Principalmente depois que ela viu as fotos.

— E realmente, El não nega que ficou muito aliviado quando ela foi embora desta rua.

— E no caso de Mike Weitzel? Pinson tem algum álibi?

— Ele diz que passou a tarde toda trabalhando no jardim e vários vizinhos *o viram*.. Estamos verificando essa armação.

— Mas é um álibi muito fraco. Só servirá realmente se alguém conseguir saber que horas eram quando o viu. Não leva muito tempo para ir de carro até Indian Canyon, dar um tiro e voltar para cá.

— Pinson é um pervertido e um canalha, mas duvido que seja um assassino. Não tem estômago para isso.

— Tem mais alguma novidade, Brian?

— Fizemos a checagem de rotina sobre a vida pregressa de Weitzel e das pessoas ligadas a ele. Ainda não encontramos nada que possa se configurar como uma motivação para o crime.

— Wardlow esticou mais as pernas e suspirou, nitidamente exausto. — Também estamos tentando descobrir algo sobre os antecedentes de Maggie Birk, mas não conseguimos nada, até agora. O sobrenome dela é comum demais e ninguém comunicou seu desaparecimento em nenhuma das delegacias da região norte..

— E, pelo jeito, não vão encontrar nenhum registro de queixa. Acho que a mãe de Maggie provavelmente ficou bastante aliviada quando ela desapareceu e deve ter passado o resto da vida acreditando que a garota conseguiu encontrar uma vida melhor. Pelo menos, rezou para que isso acontecesse.

Jackie estremeceu subitamente tensa.

— Oh, meu Deus! A pobre mulher pode estar até hoje imaginando onde estará a filha! Maggie tinha a mesma idade de Mike e a mãe dela talvez seja até mais jovem do que Dolly!

Ela ficou em silêncio, com o olhar perdido nas folhas do enorme cedro. Wardlow percebeu a angústia de Jackie e procurou forçá-la a se concentrar no

trabalho.

— Qual é a sua opinião sobre o ataque sofrido por sua vizinha hoje de tarde, Kaminski? Não pode ter sido Pinsom porque ele estava sendo interrogado quando tudo aconteceu.

— Os seus policiais não encontraram nenhuma pista?

— Claire tirou algumas fotos de uma marca de pé junto da cerca por onde se supõe que o atacante fugiu, mas bastante esmaecida. E uma mulher que mora a duas quadras da viela nos fundos de sua casa estava saindo para passear com o cachorro e viu um vulto vestido de preto andando depressa, mas essa pessoa estava meio oculta pelas árvores da rua. Ela achou muito estranho alguém vestido dessa forma em um dia tão quente.

— E isso aconteceu na hora do ataque a Emma?

— perguntou Jackie, sentindo o interesse renascer.

— Mais ou menos na mesma hora.

Jackie reclinou-se na cadeira e ficou olhando para os insetos em volta da luz.

— Ainda bem que alguém viu esse vulto! Isso quer dizer que Emma não imaginou o ataque. Eu nunca consegui entender bem aquelas duas, sabe? Parece um caso de *follie à deux*.

— Dá para você falar em língua de gente, Kaminski?

— *Follie à deux* é um conceito muito interessante que aprendi no curso de psicologia da polícia. Ocorre quando duas pessoas acreditam na mesma insanidade e uma reforça a loucura da outra.

Ela revelou a Wardlow a paixão de Eleanor por Maggie Birk e o temor, que guardou consigo mesma por mais de trinta anos, de que a irmã tivesse assassinado a garota.

— Ela mulher acreditou em uma barbaridade dessas durante tantos anos e nunca disse uma única palavra a ninguém?

— Eleanor seria capaz de morrer para proteger a irmã.

— Embora existam duas testemunhas, Eleanor e a mulher com o cachorro, continuo um tanto céptico a respeito desse estranho ataque. Você acha mesmo que as irmãs Betker fizeram as malas e deram o fora daqui?

— Eu as vi partir, Brian. A casa está às escuras e...

— E elas podem ter voltado sem que você notasse. Podem estar sentadas na sala, sem acender nenhuma luz, esperando até que você baixe a guarda. Não acha melhor eu ir verificar a casa delas?

Jackie esfregou os traços, num gesto que traía seu nervosismo.

— Se elas realmente estiverem escondidas na casa, ninguém irá atender a porta, concorda? E você não tem um motivo para entrar sem um mandato de busca. Tenho certeza de que foram embora, Brian.

— Pois eu ficaria bem mais tranquilo se você não estivesse aqui, sozinha com o bebê.

— Vou para a fazenda de Paul, amanhã. Ele irá bem cedo para dar conta das tarefas matinais e volta para nos buscar. Eu e Danny ficaremos com ele até você resolver este caso.

— Bem, essa é a melhor notícia que você poderia me dar, Jackie. — Wardlow segurou a mão dela, apertando-a carinhosamente.

— Não sabe como me sinto feliz por ouvir isso.

Depois de alguns minutos em silêncio, ele olhou para Jackie, com uma expressão inesperadamente tímida.

— Consegui superar aquela idiotice sobre a qual lhe falei Jackie.

— Que idiotice, parceiro? — Ela sorriu para Wardlow.

— Você está sempre falando alguma bobagem.

— Sobre estar com medo de me casar. De uma hora para a outra, percebi o quanto amo Chris e Gordie e como minha vida ficaria vazia sem eles. Então, cheguei à conclusão de que perder aquela mulher maravilhosa seria muito mais assustador do que me casar com ela! A partir de então, perdi completamente o pavor de assumir um compromisso.

— Fico feliz por você, Brian. — Cedendo a um impulso, Jackie o abraçou. — Paul e eu adoraremos dançar na festa do seu casamento.

— Eu agradeço e... Espero logo dançar no seu.

O abraço de Jackie se transformou em um empurrão bem-humorado.

— Você é mesmo um irlandês teimoso, sabe? Nunca perde uma chance de me provocar.

— Nunca mesmo, parceira. — Levantando-se da cadeira, ele apanhou a jaqueta e voltou a apertar o nó da gravata.

- Ah, Kaminski... E de quem era aquele bebê?
- Droga, Brian! Eu ainda não tenho a menor idéia! Mas andei pensando...
- O que?
- Não sei bem e acho que é uma idéia muito louca, mas... Maggie escreveu no diário-que acabara de ver algo tão terrível que não conseguia sequer descrever a cena. Afirmou que "eles" estavam fazendo essa coisa horrível e logo viriam buscá-la. Eu pensei...
- Em algum ritual satânico? — exclamou Brian, vislumbrando uma solução para aquele caso difícil de ser resolvido. — Sacrifício de recém-nascidos e coisas desse tipo?
- Poderia ser algo assim, não acha? Maggie foi assassinada de uma forma excessivamente brutal. Esse tipo de envolvimento levaria uma pessoa a voltar a matar para impedir que descobrissem que ela participava de rituais macabros... Mesmo trinta anos depois de tudo ter acontecido.
- Vou checar os rituais desse tipo que ocorreram em nossa região. Enquanto isso estamos procurando pistas que nos levem a descobrir mais sobre a clínica em que Alban Cernak trabalhava. Já que seu amigo Karl Widmer está pesquisando notícias antigas a esse respeito, pedirei que verifique também alguma ocorrência de satanismo.
- Obrigada. — Ela o acompanhou até o portão. — Descobriu alguma coisa a respeito de Carrie e Bob Turnbull?
- São cidadãos respeitáveis, verdadeiros pilares da sociedade e se dedicam a todo tipo de caridade social. Bob Turnbull ficou milionário por esforço próprio, tornou-se um grande sucesso profissional e fez um excelente casamento.
- Mas você falou com eles? Sabe onde estavam na hora em que Mike Weitzel foi assassinado ou se tinham alguma ligação com ele?
- Não conversei pessoalmente com os dois, mas se deseja que eu faça isso... Irei procurá-los amanhã cedo.
- Eu gostaria que fosse e... Brian?
- Sim?
- Ainda continuo com a sensação de que estou me esquecendo de algo vital. Vi algo nos últimos dias que representa a chave de todo este mistério, mas não me lembro do que possa ser. E como se a informação estivesse em minha mente, só que não consigo fazê-la vir à tona.
- Você já havia me dito isso, Jackie. — Ele observou o rosto dela com

atenção. —E quando tem essas intuições, sempre está certa.

— Eu sei. Bem, vou continuar tentando. Acabarei por me lembrar, mais cedo ou mais tarde.

— Espero ansiosamente saber o que você vai lembrar, garota.

Forçando-se a sorrir para disfarçar o quanto se sentia angustiada por não lembrar, Jackie o viu entrar no carro.

Subitamente, sentiu os cabelos em sua nuca se arrepiarem. Tinha uma sensação muito forte de que estava sendo observada por alguém que se escondera entre os arbustos da cerca para ouvir sua conversa com Brian. A noite plácida de verão parecia mais densa, pulsando de maldade e recendendo a perigo.

Normalmente, Jackie teria se enfurecido e ignorado esse tipo de sensação, tornando-a ainda mais determinada a enfrentar e vencer a pessoa que a fazia sentir-se dessa forma.

Mas agora havia o bebê, a coisa mais preciosa que já tivera na vida, e ela foi envolvida por uma onda de pânico. Seu único desejo era carregá-lo no colo e fugir dali, indo para algum lugar seguro onde nada o ameaçaria.

Ela forçou-se a ficar mais alguns minutos no jardim, embora se sentisse extremamente vulnerável sem sua arma.

Finalmente, ela entrou em casa. Paul estava deitado no sofá, com o filho aninhado em seu peito largo. A cabecinha de Danny se encaixara em baixo do queixo do pai e ambos dormiam tranqüilamente.

No instante em que Jackie fechou a porta, deixou do lado de fora os temores e as imagens de perigo que a haviam atemorizado. Dentro de casa, havia calor humano e total segurança.

CAPÍTULO XXIV

Jackie acordou depois que Paul saiu. Depois de amamentar Danny e colocá-lo de novo no carrinho, onde ele adormeceu quase imediatamente, voltou para a cama. Incapaz de voltar a dormir, começou a pensar em tudo que teria de levar

para a fazenda.

Às sete horas, ela já não conseguia mais ficar na cama. Cheia de energia e disposição, levantou-se e foi preparar o café. Quando estava começando a pegar as malas e a separar o equipamento que precisaria levar, ouviu o gato miando do lado de fora da casa e foi abrir a porta.

— Não acha um absurdo, Shadow? — Ela olhou para o gato que se acomodara em seu lugar predileto, ao lado do fogão. — Veja só quanta coisa se precisa para um bebê tão pequenino. Paul e eu sobreviveríamos perto de seis meses na selva com metade desses suprimentos.

O gato começou a lamber languidamente a pata, esfregando-a depois nos bigodes. Jackie o observava, sorrindo, e sentiu que a tensão dos últimos dias começava a se evaporar. Mal podia esperar pelo momento em que Paul retornaria a fim de levá-los para a fazenda. Então, trancaria a porta da casa e só retornaria quando aquele lugar se tornasse novamente seguro.

Ao ouvir a campainha, Jackie voltou a ficar tensa. Mas, quando avistou Lola Bridges parada no terraço, suspirou aliviada. Era a primeira vez que via a sempre convencional corretora de imóveis com roupas esportivas. Em vez dos terninhos formais, ela estava usando uma calça jeans velha e muito larga, uma malha grossa e luvas de jardinagem.

— Oi, Lola — disse Jackie, abrindo a porta.

— Como vai, Jackie? — Ela notou que suas roupas velhas estavam chamando a atenção e se explicou. — Desculpe a minha aparência de mulher do campo, mas eu estou ajudando meu pai a plantar umas roseiras.

— Você sabe que eu adoro algumas pessoas do campo — brincou Jackie, rindo. — A que devo essa visita inesperada?

— Meu pai disse que lhe emprestou um saco de fertilizante, quando você fez seu canteiro de petúnias. Como agora ele vai plantar algumas roseiras, achou que...

— Oh! Como eu pude me esquecer! — exclamou Jackie, batendo a mão na testa. — Entre, por favor.

Vou pegar o saco para *você*, Lola. Está no terraço dos fundos.

Lola seguiu-a para dentro de casa e ficou acariciando o gato, enquanto Jackie ia até o terraço, onde guardara o saco de fertilizante.

Ao voltar, ela viu Lola examinando a bagagem e os equipamentos do bebê que já colocara junto da porta da cozinha.

- Danny e eu vamos passar alguns dias com Paul, na fazenda
- explicou Jackie. — E esse pingo de gente precisa de uma tonelada de suprimentos. Aceita um chá, Lola? Eu ia mesmo fazer para mim...
- Ah, eu adoraria! — Lola largou o corpo pesado em uma das cadeiras. — Meu pai está ocupado, retirando a cera dos caules de suas preciosas roseiras, portanto tenho algum tempo livre.
- Cera? — perguntou Jackie, colocando água na chaleira.
- É uma espécie de camada protetora, que costuma ser usada quando as roseiras são enviadas pelo correio. Mas eu não entendo nada de jardinagem e estou repetindo o que ouvi.
- Pois eu também não entendo muito — Jackie escolheu um chá. — E tudo que sei, aprendi com seu pai.
- Ela já havia colocado o chá no bule, quando ouviu um choro.
- Ora bolas! — exclamou ela, olhando para o relógio.
- Ainda não é a hora da mamada, portanto deve ser uma fralda bem suja!
- Deus me livre — comentou Lola, fazendo uma careta de nojo. — Ainda bem que é você quem vai cuidar disso!
- Você poderia colocar a água quente no bule, logo que começar a ferver, Lola? — Jackie sorriu, se encaminhando para a porta.
- Vou cuidar de Danny e volto num minuto.
- Não tenha pressa — respondeu Lola, rindo.
- Cuidarei do chá e ficarei conversando com o gato. Meu pai e eu quase não o vemos, ultimamente. Acho que ele gosta mais de você.
- Jackie saiu rapidamente da cozinha a fim de evitar uma discussão a respeito da lealdade de Shadow. Quando pegou Danny no colo, viu que o choro fora mesmo ocasionado por fraldas sujas.
- Você fez uma bela porcaria, mocinho — reclamou ela, brincando, enquanto retirava o macacão de Danny.
- Agora a mamãe tem mais roupa para lavar, justamente na hora em que precisa terminar de fazer as malas.

Com gestos eficientes, levou-o até o banheiro, a fim de lhe dar um banho rápido. Ao passar pela escada, decidiu avisar Lola.

— Vou demorar um pouco mais do que imaginava, Lola. Vá tomando o chá que logo estarei aí em baixo com você.

A chaleira já não estava mais apitando, portanto Lola devia estar fazendo o chá. Jackie não esperou que ela respondesse e entrou no banheiro para lavar Danny.

Depois de terminar toda a toailete do bebê e acomodá-lo novamente no carrinho, Jackie voltou para a cozinha, onde Lola a esperava, já rio frito da primeira xícara de chá.

— Desculpe a demora. — Jackie sentou-se na cadeira era frente à Lola. — Você nem imagina a sujeira que ele fez!

— Prefiro nem imaginar, minha cara, Fraldas sujas não fazem, definitivamente, o meu estilo.

Jackie ainda nem tomara o primeiro gole do chá, quando ouviu novamente a um som semelhante a um choro.

— O que é isso?

— Será que o bebê está chorando de novo? — perguntou Lola, horrorizada.
— Mas que trabalhadeira ele dá!

— Não é Danny. Eu o deixei dormindo no carrinho.

— Jackie procurou localizar o som.

— E parece que vem do porão, não acha?

— Realmente, não tenho idéia de onde vem o barulho. Será que é o gato? Ele saiu da cozinha quando eu estava colocando a água quente no bule.

Levantando-se, Jackie foi até a porta da escada do porão e a entreabriu.

— Shadow? Você está aí em baixo, bichaninho? Desta vez, ela ouviu um miado forte e desesperado. Aflita, desceu as escadas correndo, seguida por Lola.

O gato tinha ficado preso em uma corda feita de arame grosso que pendia de um dos pilares de metal que sustentavam o piso da sala. O animal se debatia desesperado, tentando escapar.

— O que você conseguiu fazer, gato bobo?

Jackie ajoelhou-se ao lado dele, para ajudá-lo a se libertar, mas a luz do porão era muito fraca e sentiu dificuldade para ver por onde começaria.

A corda parecia feita de uma trama de vários fios de arame e formara uma espécie de laço, envolvendo o tronco do gato, e que ficava mais apertado a cada movimento dele.

Lola ajoelhou-se também, do outro lado do pilar de metal, tentando ajudar, mas o animal estava desesperado e tentada arranhá-las. Após alguns instantes, as

duas estavam com as mãos presas em um emaranhado de arame, dificultando seus movimentos.

Shadow continuava a miar, parecendo tão desesperado de dor, que Jackie começou a ficar nervosa. O pobre animal estava sofrendo e não conseguia fazer nada para ajudá-lo! Então, ela sentiu o arame envolver um de seus pulsos e depois o outro. Perplexa, olhou para as mãos, sem entender o que acontecera.

Lola retirou um alicate do bolso traseiro da calça e cortou o arame que prendia o gato e Shadow saltou para a escada, desaparecendo com a rapidez de um raio.

Jackie levantou-se, percebendo que estava de frente para o pilar de metal, com as mãos presas em um par de algemas do tipo que a polícia usa para criminosos de alta periculosidade.

— Lola? — Ela estava completamente desorientada.

— O que está acontecendo?

Com toda a calma, Lola retirou as grossas luvas de jardinagem e as colocou no bolso da calça. Então, Jackie viu as queimaduras na palma direita da corretora. Por alguns instantes, permaneceu com o olhar fixo naquelas mãos fortes, sem conseguir organizar as informações em sua mente.

Subitamente, seus olhos pousaram sobre o anel de ouro no dedo mínimo da mão esquerda de Lola Bridges.

Durante alguns instantes, que pareceram longos como horas, Jackie permaneceu em pé, algemada ao pilar, olhando para o anel. Era esse o detalhe, a chave de todo o mistério, a pista que sua mente guardara, até ser tarde demais. Lola estava usando-o desde a primeira vez em que se encontraram, mas era apenas um entre os outros muitos que adornavam suas mãos gordas. Talvez por esse motivo, ela não tivesse prestado mais atenção no exotismo de seu desenho, tão diferente dos demais.

O anel era composto por quatro cobras, que se entrelaçavam, formando uma faixa larga. Os olhos das cobras eram pequenos rubis.

— Oh, Jesus! — murmurou ela, num fio de voz.

Lola recuou um pouco, olhando para Jackie com uma expressão de intensa maldade.

— Solte minhas algemas, Lola — ordenou Jackie, procurando manter a voz calma e persuasiva, — Não importa o que esteja acontecendo, sei que você não

quer arrumar um problema sério para complicar sua vida. Abra-as e iremos lá para cima, tomar um chá e conversar sobre o assunto.

Em silêncio, Lola a fitava, com um sorriso de profundo desprezo. Jackie ficou chocada com a crueldade dos olhos daquela mulher.

— Esse anel pertencia a Lenny Cernak — disse Jackie, tentando apontá-lo, com as mãos algemadas. — Você deve tê-lo conhecido.

— Claro que sim — retrucou Lola, com um sorriso ainda mais maldoso. — Sempre o conheci.

Jackie sentiu o início de uma onda de pânico, mas forçou-se a abafá-la. Precisava manter a calma e convencer Lola a soltá-la. Danny estava dormindo em seu carrinho, no andar de cima.

— E como o conheceu?

Lola sentou-se num degrau da escada e encarou Jackie. Então, sem desviar os olhos dela, enfiou a mão no bolso e retirou um pequeno revólver prateado.

Jackie olhou para a arma, fascinada, sabendo que Mike Weitzel fora morto com aquele 357. Parecia tão pequeno e inofensivo, quase um brinquedo! Mas as balas que disparava eram longas e letais.

— Eu poderia matar você agora — resmungou Lola, acariciando o revólver.

Mordendo o lábio, Jackie tentou ver melhor a expressão dela, mas a luz do porão era muito fraca.

— Você não quer me matar, Lola. Vamos conversar sobre o que está acontecendo. Por acaso Lenny Cernak ainda mora neste bairro?

— Minha nossa! Como você é burra! E eu achei que era uma policial esperta e capaz de decifrar mistérios... mas não passa de uma idiota digna de dó!

— Então me diga o que foi que eu não percebi — pediu Jackie, querendo fazê-la falar mais. — Conte-me o que você sabe e eu ignoro.

— Meu pai sempre foi uma pessoa muito religiosa — declarou Lola, após um silêncio demorado e carregado de tensão.

— Mas isso você não ignora, certo?

Jackie assentiu com a cabeça, pensando na Bíblia de John

Caldwell, gasta pelo uso contínuo, e nos trechos das escrituras sagradas emolduradas nas paredes da casa dele.

— Sim, eu sei que ele é muito religioso.

Se John estivesse no jardim de sua casa, cuidando das novas roseiras, talvez a ouvisse gritos, mas temia a reação de Lola, caso ela tentasse chamar a atenção de alguém. Afinal, a outra estava com um revólver nas mãos e o usara muito recentemente. A chance de menor risco era permanecer quieta e tentar mantê-la falando, para ganhar tempo.

— Depois que minha mãe nos abandonou, — prosseguiu Lola, num tom de voz monótono e desprovido de emoção, — meu pai se sentiu atraído por mim. Eu tinha apenas doze anos, mas já começando a ficar com um corpo de mulher. E ele não conseguia tirar as mãos de mim.

— Ele a violentou? — perguntou Jackie, incapaz de acreditar nas palavras de Lola. — Seu pai?

— Ele não parece capaz disso, não é mesmo? Pois foi o que aconteceu! Então quase morreu de arrependimento. Sentiu-se tão detestável que queria cortar as duas mãos. A solução que encontrou foi certificar-se de que aquilo nunca mais voltaria a acontecer.

Um terrível suspeita começava a se formar na mente de Jackie.

— E o que ele fez para não tocá-la mais, Lola?

— Eu sempre tinha sido muito moleque e, depois do que aconteceu, ele passou a encorajar esse meu lado masculino. Passou a me comprar roupas de menino, trocou meu nome e me tratava como se eu não fosse uma garota.

Tudo estava ficando dolorosamente claro para Jackie e muito mais sórdido e bizarro do que ela jamais teria imaginado.

— Ele mudou seu nome — repetiu Jackie. — Passou a chamá-la de Lenny.

— Essa tática funcionou durante algum tempo. — Lola continuava a falar no mesmo tom sem emoção. — Acho que, por um ou dois *anos*, nós acreditamos que eu era Lenny e ele não chegou nem jeito de mim. Enquanto todos pensassem que eu era um garoto, meu pai não se sentia tentado a transar comigo. Então, tudo mudou.

Jackie lembrou-se do diário de Maggie, onde a garota escrevia que Lenny estava ficando a cada dia mais gordo.

Subitamente, ela compreendeu tudo.

— O bebê era de seu pai? — perguntou ela, incapaz de imaginar John Caldwell, carola e tímido, fazendo sexo com a filha, ainda muito menina.

Lola deu uma gargalhada amarga.

— Oh, não! Ele nunca teve coragem de ir até as últimas conseqüências, embora ambos soubéssemos o quanto ele desejava me possuir de verdade. — Ela olhou para a arma em suas mãos. — Aconteceu num terreno baldio nos arrabaldes da cidade. Três garotos me perseguiram e começaram a bater em mim. Então, descobriram que eu não era um menino como pensavam. Os três me usaram. Dois meses depois descobri que estava grávida. Foi pavoroso... Saber que aquela coisa imunda estava crescendo dentro de mim!

— Por que você não fez um aborto? Afinal, seu pai trabalhava numa clínica.

— Eu lhe disse que ele era religioso demais ou já se esqueceu? Meu pai considera o aborto um pecado. Naquela época, me disse que o bebê era um presente de Deus e tínhamos de criá-lo com amor. Só não podíamos deixar que as pessoas ficassem sabendo que era meu filho.

— E que plano ele pretendia seguir para manter esse segredo?

— Encontrou Maggie e a trouxe para casa, dizendo para todo mundo que precisávamos de uma empregada.

— Mas por quê? Como Maggie seria parte da solução do seu problema?

— Céus! Você é mesmo muito burro! Meu pai sabia que não poderíamos continuar em Spokane se eu tivesse o bebê, mas ele adorava a clínica e não queria sair desta cidade. As pessoas acreditavam que ele era um médico de verdade, sem saber que não passava de um mero ajudante de ambulância com poucas horas de treinamento especializado.

— Então qual era o plano?

— Perto da data do nascimento do bebê, meu pai tiraria dois meses de licença na clínica, sob o pretexto de fazer mais um curso de especialização. Nós iríamos para Portland, levando Maggie conosco. Então, ele a mandaria embora, dando-lhe dinheiro suficiente para voltar a Salt Lake City ou qualquer outro lugar que lhe aprovesse. Faria pessoalmente o parto e, depois de dois meses, voltaríamos a Spokane.

Ao voltar, ele contaria a todos que o bebê era de Maggie, mas a garota decidira terminar os estudos e o deixara conosco até se formar, quando viria buscá-lo.

— Então era por isso que ele precisava de Maggie desde o começo — murmurou Jackie, horrorizada. — Para fingir que o bebê era dela...

— Exatamente.

— E você continuaria disfarçada de garoto, sendo chamada de Lenny?

— Só por mais algum tempo, segundo meu pai. Chegaria o dia em que eu iria para uma faculdade e ninguém jamais saberia o que havíamos feito.

— Mas... Todo esse plano era uma loucura!

— Claro que era. — Lola parecia estar falando sobre a vida de alguma outra pessoa e não da sua. — Agora vejo claramente que era absurdo. Mas meu pai queria tanto aquele bebê que não se importava com quantas mentiras teria de contar. Simplesmente não podia suportar a idéia de que alguém soubesse o que ele fizera com uma filha ainda menina a ponto de forçá-la a fingir que era um menino. Uma mentira puxa a outra e assim por diante.

— O que aconteceu de errado?

— Entrei em trabalho de parto um mês antes da data prevista. Eu estava em meu quarto no porão, tendo o bebê com a ajuda do meu pai. Aquela coisa medonha estava começando a sair de dentro do meu corpo quando Maggie apareceu na porta. Ela tinha vindo trazer a cesta de roupa suja e nos viu.

Jackie tentou imaginar o choque da mãe Maggie ao ver o "garoto", que sempre conhecera como Lenny, dando à luz com a ajuda de Alban Cernak que devia estar coberto de sangue...

Não era de se espantar que a pobre menina acreditasse estar vivendo um pesadelo! Ou que tivesse voltado correndo para o quarto, tremendo de medo e esperando que "eles" viessem buscá-la a qualquer momento.

— Quem a matou? — perguntou Jackie, com a voz muito calma.

— Eu! Logo que o bebê nasceu, mandei meu pai subir até o quarto dela. Ele a obrigou a escrever um bilhete, dizendo que tinha de ir embora. Então, a trouxe para o porão. Maggie não parava de tremer e gritar, por isso ele precisou dar-lhe uma pancada a fim de que parasse de fazer barulho, pois não podíamos alarmar os vizinhos.

Ela caiu e eu comecei a dar golpes com o machado...

— Logo depois de ter dado à luz? — Jackie mal podia acreditar que isso fosse possível.

— Eu estava tomada pela loucura. A dor tinha sido muito forte e havia um ódio imenso dentro de mim... Por tudo e por todos. Sentia ódio do meu pai por ter me obrigado a suportar suas exigências sexuais, por ter me forçado a me disfarçar de menino, por não ter permitido que eu fizesse um aborto. Também odiava os malditos que haviam me engravidado e Maggie por ter visto tudo e arruinado nossos planos. Continuei golpeando-a com o machado... Como se colocasse para fora toda a minha raiva enquanto a destruía. Até hoje me lembro

do prazer que senti.

— Você a cortou em muitos pedaços — disse Jackie, olhando para a mulher de meia-idade que se sentara no degrau da escada.

— E então, sufoquei o bebê — continuou Lola, no tom de voz claro de quem está fazendo um relato banal. — Foi tão mais fácil! Meu pai tentou me impedir, mas eu estava completamente fora de mim, berrando de dor e coberta de sangue. Coloquei a mão sobre a boca e o nariz dele e só tirei quando morreu.

— Realmente arrancou um dos dedos do seu filho?

— Torci o dedinho dele porque queria ter uma prova de que tudo aquilo acontecera. Guardei-o num vidro com álcool e a coisa foi ficando murcha até se parecer com uma garra de galinha. Ainda o tenho...

Jackie respirou fundo, tentando combater as náuseas provocadas pelo relato de Lola.

— E o que aconteceu depois? — perguntou Jackie, sabendo que Lola pretendia matá-la ou não estaria lhe contando tudo.

Se ao menos conseguisse mantê-la falando até Paul chegar, para salvar Danny!

"Durma, meu querido", murmurava Jackie para si mesma. "Por favor, não acorde e comece a chorar! Lola não pode se lembrar que você está aí em cima!"

— Meu pai colocou os pedaços de Maggie em uma lona, junto com o bebê, e levou o pacote para o quintal. Então, voltou para pegar a enxada. Aquela maluca da Emma Betker estava vagando pelo quintal da casa dela e viu o que havia dentro da nossa trouxa improvisada. Nós observávamos tudo de dentro de casa. Eu decidi que iria matá-la também, mas ele não deixou.

Disse que Eleanor jamais acreditaria nas palavras da irmã, pois os corpos já teriam sido enterrados.

— Mas Emma estava com a camisola manchada de sangue!

— É mesmo? — Lola pareceu ligeiramente interessada nessa informação. — Nós não sabíamos disso ou eu a teria matado. Por que Eleanor nunca falou nada a esse respeito?

— Ela temia que a irmã tivesse matado Maggie, num ataque de ciúme.

— Aquela mulher é sapatão! Bruxa horrorosa! — Lola deu uma gargalhada e levantou-se, subindo mais dois degraus.

— Tinha mesmo de se sentir culpada depois de ter feito tudo para levar Maggie para a cama.

— Por quanto tempo você e seu pai ainda continuaram morando aqui?

— Esperamos apenas umas duas semanas para ir embora, porque uma partida súbita poderia despertar suspeitas. Então, mudamos de cidade. Meu pai não queria, de maneira alguma, deixar seu trabalho na clínica, mas eu não suportava mais permanecer em Spokane. Forcei-o a dar o fora daqui.

Jackie tentou olhar, disfarçadamente para o relógio, a fim de saber se faltava muito tempo para a chegada de Paul.

— E por que seu pai voltou para cá? — Ela estremeceu ao perceber que sua voz estava ficando nitidamente desesperada.

Eu não ligaria se tivesse de matar mais um bebê... Dizia a mensagem sinistra de Lola.

— Ele ficou simplesmente obcecado pelo que havíamos feito. Vivia com medo de que alguém fizesse um buraco no quintal e descobrisse os corpos e, por isso, queria voltar a fim de bancar a sentinela! Tentei convencê-lo do contrário, mas ele não me ouviu... Pela primeira vez na vida.

— Se voltou com esse intuito, porque não se mudou para a mesma casa?

— Não estava disponível. Havia um casal muito idoso morando aqui, mas a casa ao lado estava à venda. Meu pai assumiu um nome diferente, arrumou outro emprego, raspou a barba, cortou os cabelos e passou a usar mangas longas para que não vissem suas tatuagens. Eu estava na faculdade, nessa época, e ninguém o reconheceu.

Lola recomeçou a subir as escadas.

— Espere! — gritou Jackie. — Por que você matou Mike Weitzel?

Ela já estava no alto da escada e sua voz chegava até Jackie, vinda das sombras.

— Aquele idiota me reconheceu. No dia em que veio falar com você e eu cheguei, lembra-se? Pressenti que ele sabia quem eu fora no passado. Nunca ligara os fatos antes, mas você forçou-o a lembrar-se daquela época por causa da maldita Maggie e foi fácil como somar dois mais dois! Eu precisava impedi-lo de contar a verdade, não acha?

Jackie lembrou-se do tom quase atemorizado de Mike ao telefone, lhe dizendo que tinha algo fantástico demais para contar. Não era de se espantar que não quisesse discutir o assunto a não ser pessoalmente!

— Agora, cale a boca, porque tenho muito que fazer — declarou Lola, num tom de mesquinha quase infantil.

— Mas quando você...

— Cale a boca! — Lola inclinou-se a fim de avistar Jackie, bem abaixo dela, no porão. — Tentei avisá-la para não comprar esta casa. Sempre que algum proprietário decidia vendê-la, meu pai dava um jeito para que eu fosse a corretora encarregada de fazer o negócio. Consegui afastar um bom número de compradores, mas você é teimosa demais. Merece o que vai lhe acontecer.

Jackie começou a lutar, sem nenhum sucesso, tentando tirar as mãos de dentro das algemas, até sentir que os pulsos estavam em carne viva.

Prendendo a respiração, ouviu os passos de Lola na cozinha, no terraço dos fundos e depois fora da casa. Jackie suspirou, aliviada. Aquela mulher monstruosa não tinha ido para o andar de cima. Daniel continuava seguro em seu carrinho!

Então, ouviu um carro se afastando da casa. Tão logo deixou de escutar o som do motor, começou a gritar, pedindo socorro.

Ela não sabia até onde sua voz alcançaria vinda do fundo do porão. As irmãs Betker não estavam em casa e *Dolly* devia estar sozinha, mergulhada em sua dor, do outro lado da via.

— Socorro! Alguém venha me ajudar! Socorro!

Sua única esperança era John Caldwell, ou melhor, Alban Cernak. Mas ele sabia de tudo que estava acontecendo. Completamente dominado pela filha, provavelmente continuava no jardim, cuidando das roseiras e ignorando seus gritos.

Jackie concentrou-se, tentando descobrir por que Lola deixara que ela e Daniel continuassem vivos.

Talvez, como aquela mulher pretendia se matar, sua culpa.

Jackie concentrou-se, deixara que ela e Daniel tantos outros criminosos, depois de ter confessado

De qualquer forma, Paul logo estaria de volta e os salvaria. Bastava manter a calma e esperar uma ou duas horas, no máximo.

Então, ela sentiu o cheiro da fumaça e logo viu a primeira chama, no alto da escada.

— Fogo! Socorro! Oh, meu Deus... Danny!

Gritando e soluçando, Jackie se jogava ao encontro do pilar, tentando soltar-se, até que seus ombros já não tinham mais forças e o sangue escorria de

seus pulsos.

O fogo descia a escada como uma serpente rubra e o porão se encheu de fumaça.

CAPÍTULO XXV

Paul já realizara uma boa parte do trabalho de todas as manhãs e só precisava levar os búfalos para o pasto, antes de poder voltar à cidade a fim de buscar Jackie Danny.

Forçar aqueles animais a saírem do curral era sempre perigoso, principalmente naquela época do ano. Eles ficavam mais pesados, mais briguentos e imprevisíveis.

Com uma mão sobre o mourão da cerca, Paul manjava o chicote a fim de impedir que qualquer um deles chegasse mais perto dele, enquanto se dirigiam para a saída.

Subitamente, pensou em Jackie. Tinha a sensação de que ela estava bem próxima e o chamava.

Paul sorriu, olhando para o relógio. Dentro de uma ou duas horas no máximo, iria buscá-la. Por alguns dias, talvez algumas semanas, se tivesse sorte, ele teria toda sua família reunida em sua casa. Nunca se sentira tão otimista quanto agora, desde que conhecera a mulher difícil e ciosa de sua independência.

Sabia, é claro, que Jackie viria passar alguns dias na fazenda porque temia pela segurança do filho. Tão logo passasse o perigo, ela sentiria vontade de voltar para a cidade. Mas, felizmente, confiara nele e o amor que sentia pelo filho a forçara a ser mais sensata.

Talvez Jackie acabasse por achar que a vida no campo seria muito melhor para Danny...

Novamente ele teve a sensação de que Jackie o chamava.

Começou a sentir náuseas, como acontecia quando tinha aquelas visões paranormais que tanto odiava.

— Jackie? — disse ele, em voz alta. — Você está bem?

O vento da planície levou suas palavras para longe, mas ele foi envolvido por uma onda de terror, como se asas negras batessem, freneticamente, dentro de sua mente. Teve uma sensação de aprisionamento, de medo, de estar um lugar subterrâneo e de uma escuridão sufocante.

Pulsos doloridos, sangue e luta respiração ofegante, fumaça.

E a voz de Jackie, desesperada, chamando por ele.

Ele largou tudo e correu para a caminhonete.

Quando Paul entrou na rua da casa de Jackie, já havia se passado meia hora e ele mal controlava a náusea crescente. Estava molhado de suor, a ponto de suas mãos deslizarem na direção.

A rua parecia um retrato de calma quase idílica à luz do sol da manhã. As duas casas vizinhas à de Jackie pareciam desertas. John Caldwell não estava cuidando do jardim, como sempre fazia, nem as irmãs Betker andavam pelo quintal.

Não havia ninguém correndo na rua, não se via sinais de pânico. Paul começou a se sentir mais aliviado, quando avistou as chamas através da janela da cozinha. Naquele instante, ouviu as sirenes dos bombeiros.

Ele saltou do carro e correu para a porta dos fundos. Tinha que chegar ao porão, onde seu instinto dizia que encontraria Jackie.

A cozinha estava completamente tomada pela fumaça e Paul arrancou uma cortina para lhe servir de máscara, antes de começar a descer a escada.

O ar estava menos enfumaçado na parte inferior da casa, mas o escuro o forçou a perder instantes preciosos até descobrir onde estava Jackie.

Então ele a avistou junto de um dos pilares de sustentação, com os pulsos ensangüentados e os ombros se movendo, convulsivamente, por causa dos soluços.

— Jackie!

Ela ergueu o rosto manchado de fuligem e lágrimas.

— Vá pegar o bebê! Ele está no quarto...

Paul hesitou por uma fração de segundo, dividido e desesperado.

Ele olhou para cima, transtornado pela angústia de não poder salvar os dois, e depois aproximou-se de Jackie.

As algemas eram de aço, portanto seria impossível cortá-las com qualquer tipo de alicate. A única solução seria serrá-las, mas não tinha essa ferramenta no carro e já não havia muito tempo.

Nos filmes, o mocinho pega um machado e, com um golpe certo, consegue cortar a corrente que as une, mas isso só acontece no cinema!

Subitamente inspirado, ele retirou um alicate do cinto de ferramentas

leves que sempre carregava consigo e começou a forçar o mecanismo que prendia o pilar ao teto do porão.

— Prepare-se para correr, Jackie! Quando eu soltar este pilar, o teto da sala vai cair sobre as nossas cabeças.

— O bebê! Danny... — gritou ela, sentindo que não teria forças para correr.
— Deixe-me aqui e vá tirá-lo do quarto!

Paul ignorou as palavras dela e continuou forçando a chapa de metal que prendia o pilar ao teto. Finalmente, sentiu que a peça estava completamente solta e, tomando impulso jogou-se contra o pilar.

Na terceira tentativa, certo de que não agüentaria mais a dor, o pilar veio abaixo. Paul o puxou, liberando as algemas e, agarrando Jackie, correu para o andar de cima. Os dois estavam entrando na cozinha quando ouviram o estrondo do piso da sala de visitas desabando.

Ele cambaleou, atravessando a cozinha em chamas, e chegou ao quintal, carregando Jackie. Os dois caíram sobre a grama, exaustos.

Atrás deles, a casa estava sendo consumida pelo fogo labaredas se projetaram para fora de todas as janelas e alcançavam o teto. Bois caminhões de bombeiros, mais algumas viaturas da polícia estavam parando e os homens desciam dos carros, correndo e gritando.

— Meu filho está lá dentro — gritou Jackie, lutando para ficar de pé. O rosto estava coberto de fuligem e as mãos, ainda presas nas algemas, estava cobertas de sangue.

— Danny!

Paul já a deixara e corria na direção da casa. Chegou até a porta da frente, onde foi detido por dois bombeiros corpulentos que não pretendiam deixá-lo passar.

Enlouquecido, ele derrubou os dois homens, como se fossem crianças delicadas, mas acabou sendo dominado quando mais outros dois se uniram para barrar-lhe o caminho.

— Você não pode entrar lá, cara — disse um dos bombeiros, sofrendo ao ver o desespero do homem que se debatia, enquanto lágrimas escorriam por seu rosto negro de fuligem.

— Aquilo virou um inferno, não pode entrar lá!

Incapaz de acreditar no que estava acontecendo, Jackie caiu de joelhos na

grama, vendo Paul lutar com os bombeiros. Finalmente ela entendeu e encostou a cabeça no chão, tomada por uma angústia tão intensa que seu coração quase parou de bater.

— Danny — murmurou ela, com o rosto enfiado entre as lâminas ásperas da grama e as mãos crispadas na terra.

— Danny, Danny... Meu filho...

Ela tinha uma noção vaga de várias coisas acontecendo.

Paul voltou, sentando-se na grama ao seu lado. Ele a abraçou, soluçando.

Um dos bombeiros se aproximou, carregando uma ferramenta brilhante, e cortou a corrente entre as algemas, como se fosse um simples barbante. Ela continuava com as duas pulseiras de aço em torno dos pulsos, que estavam em carne viva, mas não sentia dor alguma.

Toda a sua consciência estava concentrada na angústia brutal que tomara conta de seu ser.

Wardlow e Michelson surgiram no meio das nuvens de fumaça e se aproximaram deles. Ela viu que Brian e Paul conversaram por alguns segundos. Sabia que os dois estavam falando sobre o bebê, porque Paul colocara as mãos sobre os ouvidos dela para que não ouvisse.

— Jackie?

— Wardlow chegou bem perto dela.

— Quem fez isso, querida? Sabem quem a algemou e pôs fogo na casa?

— Foi Lola — murmurou ela, balançando o corpo para frente e para trás, numa postura de desespero absoluto.

— Da casa ao lado... Foi ela quem matou todos.

Wardlow e Michelson desapareceram. Jackie voltou a se refugiar nos braços de Paul.

A casa fora totalmente tomada pelas chamas.

Portas e janelas se contorciam, assumindo formas fantásticas, relevos negros contra o fundo rubro e brilhante do fogo, até que desapareciam, uma a uma.

— Não olhe querida — murmurou Paul, tentando evitar que ela virasse a cabeça.

— Por favor, não olhe.

Jackie empurrou as mãos dele e olhou para a casa, sem chorar. Sabia que

logo viriam as lágrimas e talvez nunca mais parassem de escorrer de seus olhos, enquanto a dor a consumisse. Mas a angústia jamais desapareceria.

Sem dúvida, as mães morriam quando perdiam um filho, pois ninguém sobrevive a uma dor tão terrível.

Subitamente, ela sentiu que Paul ficou muito tenso. Ele levantou-se da grama, erguendo-a também e, sem soltá-la, passou a olhar para algo à distância.

— Meu Deus... Oh, meu Deus!

Muito lentamente, Jackie virou-se, olhando na mesma direção. Avistou Wardlow, que surgia no meio da fumaça, vindo da casa vizinha. Ele carregava algo e seu rosto sardento estava molhado de lágrimas.

Jackie caminhou trôpega, na direção de seu parceiro de trabalho, sem coragem de acreditar. Brian lhe entregou o pequeno embrulho e, ao abrir o cobertor, ela viu o rosto do filho. O bebê estava furioso, chorando a altos brados,

— Danny... É você... É mesmo você?

Finalmente as lágrimas vieram copiosas e intermináveis, caindo sobre o cobertor que envolvia Danny.

— Aquele velho que mora *na* casa ao lado estava, com o bebê

— explicou Wardlow, ainda comum ar desorientado.

— andava, de um lado para o outro da sala, tentando acalmar Danny, que berrava sem parar. O velhote me pareceu meio caduco, mas cuidou bem do seu filho. Ele não parava de dizer... "eu entrei lá e o peguei logo que ela foi embora". Wardlow parou de falar, olhando para Jackie, à espera de alguma reação.

— Ele também repetia que não conseguiu impedi-la de fazer o que tinha de ser feito, mas não a deixaria matar mais uma criança inocente.

Jackie continuava a soluçar, agarrada ao filho. Finalmente, sentou-se na grama, acalmando Danny, com as lágrimas sempre deslizando por seu rosto.

Logo se espalhou a notícia de que o bebê escapara e os bombeiros olhavam para mãe e filho, agora com um sorriso de intensa alegria em seus rostos negros.

— Fique junto de nós, Paul — murmurou Jackie, chamando-a para perto dela e de Danny. — E não nos deixe nunca mais...

Ele abraçou os dois e Jackie se sentiu novamente viva, protegida por um círculo de amor que a defenderia de todos os perigos. Naquele instante, soube que nunca tivera tanto amor nem fora tão abençoada em toda a sua vida.

Com um estrondo, a casa veio abaixo, numa chuva de faíscas. O ar ficou mais quente ao redor dos dois, que se curvaram, formando um escudo para proteger o filho.

EPÍLOGO

Jackie parou junto da janela e ficou admirando o esplendor do jardim naquele dia glorioso de outono. Havia uma profusão de flores em todos os canteiros e a grama estava tão bem tratada que parecia artificial. O sol brilhava intenso, acentuando o colorido das folhas em todos os seus tons de vermelho, laranja, cobre e amarelo.

A beleza do jardim a fez lembrar-se de John Caldwell. Será que ele ainda conseguia apreciar um dia tão lindo? Seu antigo vizinho fora enviado para uma casa de detenção destinada a pessoas idosas que esperam por um julgamento, enquanto se determina se estão mentalmente sãos. Ele aguardava o laudo psicológico para saber se tinha condições de ser julgado por sua cumplicidade no assassinato de Maggie Birk e de seu neto recém-nascido.

Wardlow fora entrevistar o velho John algumas vezes e contara a Jackie que ele continuava desorientado e vago, placidamente sentado em um banco do jardim, observando o trabalho dos jardineiros.

—Ele nunca voltará para casa — revelara Brian a Jackie. — Vai ficar velho e morrer em uma instituição desse tipo. *Mas*, se quer saber, acho que não se importará nem um pouco com isso. Estava sendo consumido pelo remorso durante os últimos trinta anos e agora sente que encostou a paz, pois está pagando sua dívida com a sociedade.

Jackie afastou-se da janela e examinou suas unhas.

Tinha conseguido lascar o esmalte de uma delas, mas pouco se importou com aquele detalhe secundário. As marcas em seus pulsos estavam quase desaparecendo, porém ainda a faziam pensar em Lola Bridges.

Embora a julgasse completamente louca, Jackie recebera a notícia de que os psiquiatras a haviam considerado sã e, portanto logo seria julgada. Pesavam contra ela três processos por homicídio e dois por tentativa de assassinato.

Jackie passara por uma terapia diária, mas ainda não conseguia pensar naquele dia, há dois meses, em que julgara ter perdido Daniel.

Inquieta, ela voltou para junto da janela. Quase todos os seus amigos já haviam chegado. Wardlow e Chris estavam de mãos dadas, como o casal apaixonado e ainda em lua-de-mel que realmente eram Karl Widmer, seu velho amigo do jornal de Spokane, estava parado no canto do pátio, atraente e comunicativo, conversando com Leigh Mellon, a linda irmã de Adrienne, cujo filho, ainda pequeno, brincava com Alex no gramado.

Até Lew Michelson viera acompanhado pela esposa, tímida e delicada.

Jackie voltou até o espelho, a fim de se admirar mais alguns instantes. Ela nunca ligara muito para roupas, mas a túnica longa de seda creme, em estilo chinês, parecia realçar sua silhueta esguia e acentuar seus traços exóticos.

— Você está linda! — exclamou Adrienne, que entrara silenciosamente no quarto.

— Linda demais...

Sempre elegante, a requintada Adrienne recuperara parte de sua pose.

— Você está bem? — perguntou Jackie, preocupada.

— Ora! Eu é que deveria estar lhe fazendo essa pergunta! Mas fique tranqüila, querida. Sinto-me muito bem.

— Tem certeza?

— Absoluta. Acho que finalmente o remédio está começando a fazer efeito. As nuvens negras estão se afastando e a vida começa a fazer sentido de novo. A cada dia que passa, sinto-me melhor.

— Oh, Rennie, fico tão feliz por ouvir isso!

Impulsivamente, Jackie abraçou a amiga e as duas ficaram unidas por um longo tempo.

— Ei, Kaminski — murmurou Adrienne, comovida.

— Chega de sentimentalismo ou você vai amassar a túnica. Como está se sentindo neste momento crucial?

— Para minha grande surpresa, estou me sentindo bem demais — confessou Jackie, com um sorriso embaraçado.

— Sempre achei que, se eu chegasse a este ponto, abriria caminho a tiros para fugir, mas estou muito calma.

— Não foi uma ótima idéia usar a casa de minha mãe para a cerimônia? Precisa ver as flores... Como estão lindas!

Você vai ter um casamento digno de uma princesa.

— Princesa dos arrabaldes — murmurou Jackie, rindo. Então, olhou para a amiga, preocupada. — Como minha família está se comportando, Rennie?

— Às mil maravilhas! Joey e Carmelo estão ensinando a Harlan o melhor jeito de acabar com aquele ruído no motor da Mercedes dele. Os dois gostam de se vestir bem na moda, não?

— E minha avó? Já está bêbada?

— Francamente, Jackie! Sua avó está bebendo apenas refrigerantes e sucos... Enquanto conversa com minha mãe.

Jackie não conseguia imaginar a sua avó, desbocada e de língua afiada, mantendo uma conversa com a sofisticada e elegante Barbara Mellon.

— Deus me ajude! — exclamou ela, ansiosa.

— Sobre o que as duas poderiam conversar?

— Sobre receitas de tricô, minha cara. Na última vez que passei perto delas, estavam passando de mangas raglan para pompons— Adrienne segurou a mão da amiga.

— Parede se preocupar, sim? Tudo vai sair maravilhosamente bem.

— E onde está Danny?

— Você logo vai ver...

Jackie olhou novamente para o relógio. Faltavam apenas cinco minutos.

— Você está realmente certa do que quer, quer-ida?

—Perguntou Adrienne. — Não tem mais dúvidas nem temores? Passou tantos anos resistindo que...

— Eu descobri que foi uma imaturidade minha sentir tanto medo de assumir um compromisso, Rennie. Naquele momento doloroso, quando achei que meu mundo tinha desabado, caí em mim... O meu filho...

Engasgada Jackie parou de falar por um instante, mas logo se recuperou.

— Às vezes, quando se acredita que tudo está perdido, é o momento de compreender que a vida não pode ser governada pelo medo da perda. A vida é muito curta e frágil. Quero celebrar todas as coisas boas que tenho e não perder meu tempo, sofrendo por coisas que poderão acontecer.

— Graças a Deus! — murmurou Adrienne, aliviada.

— E você pretende vir da fazenda todos os dias para trabalhar? Isso não dificultará sua vida?

— São apenas quarenta quilômetros. Será o tempo suficiente para eu organizar meus pensamentos antes de começar o trabalho.

— Mas você se preocupava tanto com a impossibilidade de morar no campo e continuar trabalhando.

— Acho que era apenas uma desculpa para não encarar a realidade, Rennie. Paul vai colocar um trailer onde ficará a babá que cuidará de Danny, enquanto eu estiver trabalhando. Vai ser ótimo, sabe? Todas as noites voltarão para casa onde me esperam um jantar quentinho e um filho lindo.

— E Paul — acrescentou Adrienne.

— E Paul, é claro! — exclamou Jackie, sentindo que seu amor por aquele homem continuava a crescer.

Subitamente a porta se abriu.

— Estão prontas? — perguntou Harlan, sorrindo. Jackie ajeitou nervosamente a gola da túnica.

— Vamos — disse Adrienne, rindo. — Você está perfeita. Aqui está o seu buquê e, quando o jogar, mire bem na direção de Leigh, entendeu? Gostei do jornalista com quem ela está conversando e... Quem sabe...

Colocando a mão no braço de Harlan, Jackie encaminhou-se para a enorme escadaria. Enquanto descia, avistou Alex, que carregava Danny e passou a andar atrás dela, junto com Adrienne.

O pequeno cortejo atravessou o imenso vestíbulo e cruzou a porta que se abria para o jardim. Jackie ouviu os acordes do órgão e viu as dezenas de rostos cheios de expectativa que esperavam sua chegada.

Ela vislumbrou o sorriso aberto de Wardlow e o olhar protetor de Lew Michelson, seus primos Joey e Carmelo, fascinados com o luxo do ambiente, o rosto enrugado da avó, sério e sem um único sorriso para a neta. Logo adiante avistou Leigh Mellon, com o filhinho, e Karl Widmer.

Por toda parte haviam rostos conhecidos de seus companheiros da polícia. Alice, a secretária do departamento e Ginny, a recepcionista, choravam como duas crianças.

E, finalmente, no final daquele caminho tão longo, estava Paul. Mais alto do que a maioria dos homens e com os cabelos loiros brilhando ao sol como ouro líquido, ele sorriu ao vê-la, caminhando em sua direção.

Aquele sorriso amado envolveu-a como um abraço cheio de amor e força.

Feliz como nunca estivera em toda a sua vida, Jackie também sorriu e

caminhou mais depressa para pegar a mão que Paul lhe estendia.